

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - ICHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA PPGSCA

ALEXANDRE MARCO ARAÚJO CHAVES

**CARNAVALIZAÇÃO NO FUTEBOL: “espaços e tempos de liberação
social nas manifestações das torcidas manauenses de futebol”.**

Manaus
2018

ALEXANDRE MARCO ARAÚJO CHAVES

CARNAVALIZAÇÃO NO FUTEBOL: “espaços e tempos de liberação social nas manifestações das torcidas manauenses de futebol”.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Doutor.

Linha de pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais

Orientadora: Prof.^a Doutora Artemis de Araújo Soares.

Manaus

2018

(Ficha Catalográfica elaborada conforme os dados fornecidos pelo autor. Bibliotecária: Carla Cristina Pereira de Sousa dos Santos CRB 803 AM.)

C512c Chaves, Alexandre Marco Araújo
Carnavalização do futebol: “espaços e tempos de liberação social nas manifestações das torcidas manauense de futebol” / Alexandre Marco Araújo Chaves. – Manaus, 2018.

243f.: il.; 30 cm.

Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) –
Universidade Federal do Amazonas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Artemis de Araújo Soares.

1. Futebol. 2. Torcedores. 3. Carnavalização. I. Soares, Artemis de Araújo. II. Universidade Federal do Amazonas

CDU:316:796 (811.3) (043.3)

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Doutora Artêmis de Araújo Soares – Presidente

Universidade Federal do Amazonas

Prof^a. Doutora Marilene Correia da Silva Freitas - Membro

Universidade Federal do Amazonas

Prof^a. Doutora Iraildes Caldas Torres - Membro

Universidade Federal do Amazonas

Prof. Doutor Afonso Celso Brandão Nina -Membro

Universidade Federal do Amazonas

Prof. Doutor Celso Augusto Torres do Nascimento -Membro

Universidade Federal do Amazonas

Data da defesa: 12.12.2018

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua infinita bondade e amor que tem sido derramado abundantemente em minha vida desde o meu nascimento.

A minha Mãe do céu Maria a quem aprendi a amar e sentir sua proteção materna.

A minha mãe Irene a quem devo praticamente tudo, e por sempre me incentivar a estudar e ter me ensinado que esse era o caminho.

A meu pai Oswaldo de quem herdei o amor ao futebol, e por ter me mostrado que é possível tirar grandes lições das coisas mais simples.

Aos meus irmãos Claudia e Junior pelo amor incondicional demonstrado em todos os momentos. Em especial a minha irmã Claudia, maior amiga que tenho nessa vida e que muito me ajuda em todos os âmbitos da minha existência.

A minha pequena família, minha esposa Úrsula amor da minha vida e parceira de todas as horas, meus filhos Caleb, Ian e Francisco os quais muitas vezes não dei a atenção que deveria por estar empenhado no desenvolvimento desse trabalho. Vocês são minha inspiração, razão de viver e minha paz.

A minha querida orientadora Profa. Dr^a. Artêmis de Araújo Soares, por ter me ajudado, me cobrado e incentivado sempre, por ter acreditado em meu potencial de pesquisador apesar de todas as minhas atribuições profissionais e familiares. Não tenho palavras para expressar minha gratidão.

A professora Dr^a. Iraíldes Caldas que em suas arguições em minha defesa de mestrado sugeriu a construção conceitual sobre a carnavalização tornando esse instante a gênese de toda minha caminhada de doutoramento. Muito obrigado por toda atenção generosa dispensada sempre que precisei de suas contribuições em minha pesquisa de Mestrado e na construção de minha tese doutoral.

Ao professor Dr. Afonso Celso Brandão Nina pelas contribuições durante toda a minha jornada acadêmica que começou nas aulas da Faculdade de Educação Física, depois como

orientador de minha especialização. Agradeço de forma especial por todas suas contribuições inestimáveis no mestrado e agora no Doutorado.

Aos meus poucos e valiosos amigos de verdade.

Ao Pedro Máximo, amigo de longa data que incentivou a trazer para academia o tema futebol e muito me ajudou desde o início da caminhada acadêmica. Suas contribuições críticas foram muito importantes para o desenvolvimento desta tese.

Ao Centro Educacional La Salle Manaus por ter me dado a oportunidade de trabalhar com ensino da Educação Física e do Desporto voleibol, em especial ao coordenador Claudomir Vasconcelos por seus incentivos para meu desenvolvimento profissional e acadêmico.

As minhas queridas atletas da equipe de voleibol do Centro Educacional La Salle que me impulsionam diariamente na busca da excelência profissional, em especial a minha querida atleta Rochely que se tornou uma filha do coração muito querida.

A Secretaria Municipal de Educação de Manaus, que através do Programa Qualifica permitiu meu licenciamento remunerado para realizar com um pouco mais de tranquilidade esse período de doutoramento.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse ao término de minha caminhada no doutorado.

“Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se não tivesse amor eu nada seria. Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e toda ciência, ainda que tivesse toda fé a ponto de transportar montanhas, se não tivesse amor eu nada teria”.
–Coríntios 13.

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a Carnavalização no Futebol, espaços e tempos de liberação social nas manifestações das torcidas manauenses de futebol. Elegemos como objetivo geral e norteador do desenvolvimento de presente tese, demonstrar a existência das formas de liberação carnavalizadas expressas nas manifestações culturais do torcedor manauense de futebol. Em termos metodológicos este estudo é ancorado na perspectiva da fenomenologia. Por essas razões, nossa pesquisa caracterizou-se como um estudo do tipo etnográfico com uma abordagem de cunho qualitativo e teve um caráter interdisciplinar, uma vez que abrangeu várias áreas do conhecimento tais como a Antropologia, Sociologia, Educação Física e os Esportes. Como instrumento de coleta de dados foram utilizados formulários e fizeram parte de nossa pesquisa 234 torcedores de times de futebol profissional e 187 torcedores de times amadores. Além da utilização de formulários, em nosso estudo também recorreremos ao diário de campo. Como lócus de nossa pesquisa elegemos o grande estádio que sediou a Copa do Mundo de 2014 em Manaus a Arena da Amazônia, e os outros dois estádios palco dos jogos do campeonato amazonense de futebol 2018 e o recém-inaugurado estádio Carlos Zamith. Além desses locais, nossa pesquisa também privilegiou os espaços da Praça do Caranguejo no Conjunto Eldorado, localizado na zona centro-oeste de Manaus, consolidado como um local de grande ajuntamento de torcida. Os resultados de nossa pesquisa demonstraram que carnavalização seja ela de forma ampla ou parcial, se faz presente nas práticas torcedoras, caracterizadas principalmente pela tendência ao relaxamento das formalidades e tensões que presidem o relacionamento social cotidiano exercendo uma significativa função psicossocial na vida dos mesmos. Constatamos ainda que carnavalização dos torcedores manauenses apresenta elementos miméticos, catárticos e as relações sociais entre os agentes que assistem as partidas de futebol, nos bares ou nos estádios, adquirem uma especificidade fundamentada na “liberalização” inerente ao período de carnaval.

Palavras-chaves: Futebol; Torcedores; Carnavalização.

ABSTRACT

This research had as its theme the Carnivalization in Football, spaces and times of social liberation in the manifestations of the soccer fans of Manaus. We chose as general objective and guiding the development of this thesis, to demonstrate the existence of carnivalized forms of liberation expressed in the cultural manifestations of the soccer fan. In methodological terms this study is anchored in the perspective of phenomenology. For these reasons, our research was characterized as a study of the ethnographic type with a qualitative approach and had an interdisciplinary character, since it covered several areas of knowledge such as Anthropology, Sociology, Physical Education and Sports. As a data collection instrument, a form was used and 234 fans of professional football teams and 187 fans of amateur teams were part of our survey. In addition to the use of forms, in our study we also used the field diary. As a locus of our research we chose the great stadium that hosted the 2014 World Cup in Manaus the Arena of the Amazon, and the other two stadium stages of the games of the Amazonian football championship 2018 and newly opened stadium Carlos Zamith. In addition to these places, our research also favored the spaces of Praca do Caranguejo in the Eldorado Complex, located in the central-western zone of Manaus, consolidated as a place of great crowd of fans. The results of our research have demonstrated that carnivalization is widespread or partial, as it is present in the fanning practices, characterized mainly by the tendency to relax the formalities and tensions that dominate the daily social relationship, exerting a significant psychosocial function in their lives. We also found that carnivalization of the manauense fans presents mimetic, cathartic elements and the social relations between the agents who watch football matches, in bars or at stadiums, acquire a specificity based on the "liberalization" inherent to the carnival period.

Keywords: Football; Fans; Carnivalization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS

Gráfico 01 – Time do Coração. Amador. Fonte: pesquisa de campo/ 2017.....	39
Gráfico 02 – Time do Coração. Profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	52
Gráfico 03 – tempo gasto com o futebol por semana. Profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	57
Gráfico 04 – tempo gasto com o futebol por semana. Peladão. Fonte: pesquisa de campo/ 2017.....	58
Gráfico 05 – Classificação do futebol a partir da definição de jogo. Profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	64
Gráfico 06 – Classificação do futebol a partir da definição de jogo. Peladão. Fonte: pesquisa de campo/ 2017.....	65
Gráfico 07 – Comportamento ritualístico e religioso na hora de torcer. Profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	92
Gráfico 08 – Comportamento ritualístico e religioso na hora de torcer. Peladão. Fonte: pesquisa de campo/ 2017.....	92
Gráfico 09 – Fatores para escolha do seu time amador de preferência. Peladão. Fonte: pesquisa de campo/ 2017.....	116
Gráfico 10 – Estado Civil. Profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	143
Gráfico 11 – Estado Civil. Profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	144
Gráfico 12 – Sexo. Torcedores de futebol Profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	144
Gráfico 13 – Sexo. Torcedores de futebol amador. Fonte: pesquisa de campo/ 2017...	145
Gráfico 14 – Faixa etária. Torcedores de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	147
Gráfico 15 – Faixa etária. Torcedores de futebol amador. Fonte: pesquisa de campo/ 2017.....	147
Gráfico 16 – Renda mensal. Torcedores de futebol Profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	148
Gráfico 17 – Renda mensal. Torcedores de futebol amador. Fonte: pesquisa de campo/ 2017.....	149

Gráfico 18 – Zona da cidade. Torcedores de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	150
Gráfico 19 – Zona da cidade. Torcedores de futebol amador. Fonte: pesquisa de campo/ 2017.....	150
Gráfico 20 – Nível de escolaridade. Torcedores de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	151
Gráfico 21 – Nível de escolaridade. Torcedores de futebol amador. Fonte: pesquisa de campo/ 2017.....	151
Gráfico 22 – Associação de futebol ao carnaval. Torcedores de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	154
Gráfico 23 – Associação de futebol ao carnaval. Torcedores de futebol amador. Fonte: pesquisa de campo/ 2017.....	154
Gráfico 24 – Sentimento de igualdade. Torcedores de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	160
Gráfico 25 – Sentimento de igualdade. Torcedores do Peladão. Fonte: pesquisa de campo/ 2017.....	161
Gráfico 26 – Importância do Futebol na sua vida. Profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	184
Gráfico 27 – Importância do Futebol na sua vida. – Peladão. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	185
Gráfico 28 – Onde costuma assistir as partidas de futebol do seu time de coração. Torcedores de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	186
Gráfico 29 – Costuma presenciar cenas de violência no futebol. Torcedores de time de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	199
Gráfico 30 – Costuma presenciar cenas de violência no futebol. Torcedores de time de futebol amador. Fonte: pesquisa de campo/ 2017.....	199
Gráfico 31 – Durante uma partida de futebol você se sente livre para se expressar. Torcedores de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	213
Gráfico 32 – Durante uma partida de futebol você se sente livre para se expressar. Torcedores do Peladão profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2017.....	214
Gráfico 33 – No momento do gol como se comporta? Torcedores de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.....	215

Gráfico 34 – No momento do gol como se comporta? Torcedores de futebol amador.
 Fonte: pesquisa de campo/ 2017.....216

FOTOS

Foto 1 – Torcida organizada <i>apaixonaça</i> . Fonte: site oficial do Nacional Futebol Club...	23
Foto 2 - Manaós Athletic Club – Bicampeão amazonense de futebol 1914/1915- Acervo Amazon Film.....	28
Foto 3 – Torcedores do Manaus Futebol Clube. Fonte: Site da Federação Amazonense de Futebol.....	31
Foto 4 – Torcedores do Penarol. Atlético Clube. Fonte: assessoria de Imprensa do Clube.....	32
Foto 5 – Arena da Amazônia semifinal da Copa Verde 2018. Fonte: Mauro Melo/SEJEL.....	33
Foto 6 – Abertura do campeonato amazonense de peladas/ Peladão. Fonte: site do Jornal A Crítica 09.2017.....	37
Foto 7 - Amigos da Cidade Nova, Campeão da categoria Principal do Peladão 2017 Fonte: Jornal A crítica. 17.02.2018.....	38
Foto 8 - “Peladão a bordo 2017. Fonte: Jornal A crítica. 23.10.2017.....	41
Foto 9 - Festa do título do campeonato amazonense 2018. Fonte: Site da Federação Amazonense de Futebol.....	142
Foto 10- Praça do Caranguejo- Conjunto Eldorado/P.10. Fonte: Pesquisa de Campo 2018.....	143
Foto 11- 3 Torcedoras presentes no jogo do Manaus Futebol Clube em 08.07.2018. Fonte: Site da Federação Amazonense de Futebol.....	146
Foto 12 - Batucada torcida organizada Império Alvinegro. Fonte: pesquisa de campo 2018.....	156
Foto 13 - Batucada torcida organizada Apaixonaça. Fonte: pesquisa de campo 2018.	170
Foto 14 - Briga de torcedores no intervalo do jogo Flamengo e Vasco do dia 21.01.2015. Fonte: Site Globo esporte.com/Am.....	195

FIGURAS

Figura 1- Símbolos das equipes participantes do campeonato amazonense de futebol profissional 2018.....	30
Figura 2 – Círculo mágico de Huizinga segundo Adams (2009).....	59
Figura 3 – Torcedor do Rio Negro enfurecido – Charge Liminha.....	204
Figura 4 – Torcedor do Nacional entristecido – Charge Liminha	206
Figura 5 – Torcedor do Manaus comemorando um gol – charge Liminha / 2018.....	210

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Capítulo I - Futebol como jogo, cultura e fenômeno social brasileiro.	23
1.1 História de um futebol cheio de “estórias”.....	25
1.2 Tipologia torcedora e pertencimento clubístico	41
1.3 Futebol como Jogo, Cultura e fenômeno social brasileiro.....	55
Capítulo II - Práticas rituais, identidades e socialidades nos torcedores futebol profissional e amador do Amazonas	72
2.1 Práticas rituais, algumas concepções.....	74
2.2 Ritual no futebol e o futebol de Rituais.....	87
2.3 Sociabilidades e os elementos identitários no Futebol	107
Capítulo III - Carnavalização e Expressões Carnavalizadas dos Torcedores Manauenses de Futebol	126
3.1 Carnavalização, a segunda via do povo.....	128
3.2 Carnavalização no Futebol.....	140
3.3 Carnavalização no Futebol: um momento limiar para os torcedores.....	157
Capítulo IV - Gol, o orgasmo do futebol	170
4.1 Práxis de Lazer, prelúdios de um Clímax.....	172
4.1.2 O ato de torcer por uma equipe de futebol, uma paixão fonte de lazer, prazer e de sofrimento também como todas as paixões que se prezem!.....	180
4.2 Violência no futebol, o estraga prazeres.....	191
4.3 Gol, o orgasmo coletivo no futebol.....	202
Algumas considerações de uma “segunda-feira de cinzas” pós-jogo	217
REFERÊNCIAS	223
ANEXOS	234

Introdução

O futebol como forma de expressão da sociedade brasileira, tornou-se um meio do cidadão nacional entrar em contato suas emoções mais profundas, tais como paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, resignação e coragem. Assim, o futebol não pode ser considerado algo que limita sua existência a si mesmo. Ele é um fenômeno presente no cotidiano de diversos grupos sociais com muitas páginas de jornal, horas de programação da TV, assunto nas praças, botequins e até no trabalho.

Consideramos o futebol, e mais especificamente o ato de torcer, como um campo de observação particularmente rico, principalmente no Brasil, pois é um elemento essencial na estruturação de uma identidade local, regional e nacional. As possíveis articulações e análises sobre este tema podem contemplar diversos âmbitos da vida social e fornecer elementos valiosos para o entendimento da relação entre o indivíduo e a nação tupiniquim. Para além das questões meramente esportivas, o futebol tem que ser entendido como fato social, como algo socialmente construído, que existe fora das consciências individuais de cada um, mas que se impõe como uma força imperativa capaz de penetrar no cotidiano de nossas vidas, influenciando nossos hábitos e costumes.

Esse influxo do futebol carregado de simbolismos e sua capacidade aguda em revelar paixões que habitam o coração do brasileiro, somado ao envolvimento afetivo do autor da tese com esse fenômeno, foram determinantes para a escolha e desenvolvimento da presente proposição doutoral.

Sempre esteve presente em nosso cotidiano a cultura do futebol. As emoções mais viscerais que em primeiro lugar nos vêm à mente são as do futebol. Os jogos à que assistimos na infância moram em lugares que variam do obscuro aos mais luminosos da memória. Sentir o coração parar de aflição segundos antes de uma cobrança de pênalti e poder vivenciar uma alegria indescritível na hora de um gol são imagens que nos atravessaram a infância e configuraram a vida. Os principais momentos de diálogo e proximidade paternal se estabeleceram nas idas aos estádios e assistindo os jogos pela televisão. Foi propriamente dele que herdamos a paixão e a devoção futebolística.

A ligação com o futebol, porém vem ainda de mais longe, do ventre de nossa mãe. Tendo nascido no dia 23 de junho de 1970, dois dias após a final da Copa do Mundo de Futebol, realizada no México onde a seleção brasileira sagrou-se tricampeã mundial, nos foi dado o nome de dois jogadores do time coração de nosso pai, o Fluminense Futebol

Clube, que faziam parte da seleção brasileira que disputava esse torneio mundial. Conta ela de uma promessa feita por ele na presença de todos, que caso tivéssemos nascido no dia da final e o Brasil sendo campeão, teríamos sido batizado com o nome “gol do Brasil”. Ainda bem que nascimento se deu dois dias após a data da final dessa competição.

Nossa trajetória na tentativa de interpretar o futebol e suas representações para os torcedores amazonenses teve início no mestrado onde fizemos um estudo denominado “Paixões e cores da torcida baré: significados sociais do ato de torcer por uma equipe de futebol profissional em Manaus”. Ao término de nossa pesquisa, um campo ainda mais vasto para investigações sociológicas e antropológicas se apresentou. Isso se deu por termos percebido e estudado o futebol como seguimento da cultura, como uma possível síntese dinâmica da estrutura social maior e, portanto, uma via de acesso privilegiada para investigação sociológica acerca das forças sócio históricas dominantes na realidade brasileira.

Além disso, com as práticas de campo realizadas nessa primeira imersão acadêmica que fizemos junto aos torcedores de futebol, atestamos que esse fenômeno pode vir a ser um meio muito eficaz para compreensão da lógica interna da rede de relações que forma a vida dos manauenses. Decifrando aspectos simbólicos de sua linguagem, podemos assegurar que o futebol é também um sistema de pensamentos, que transcende e pode integrar as classes sociais, sendo até mesmo uma via de comunicação entre elas. Porém o futebol não está apenas em um plano simbólico, ele é um dos princípios reais e concretos da organização social brasileira.

Ao finalizar nossa dissertação de mestrado em 2013, verificamos que o ato de torcer por uma equipe de futebol profissional se faz presente de forma muito intensa na vida dos torcedores locais e que apesar da maioria dos sujeitos entrevistados torcerem por times de outros Estados, o ato de torcer exerce uma relevante atribuição coletiva na vida dos manauenses. Tal constatação, baseou-se na presença de elementos miméticos, catárticos e socializantes que são os principais atrativos dessa prática. (CHAVES, 2013)

Por essas razões, em 2015 ingressamos no doutorado com a intenção de dar prosseguimento aos estudos sobre os fenômenos relacionados ao futebol e demonstrar que existe uma dinâmica carnalizante presente nas práticas torcedoras dos manauenses e qual a significância social na vida dos torcedores manauenses de futebol profissional e amador. Após nossas pesquisas iniciais percebemos que ideia factual da prática torcedora como espaço mimético, catártico e socializante dialoga com a concepção bakhtiniana de

carnavalização. Em sua análise das festas populares do contexto rabelaisiano, em que o homem medieval se libertava momentaneamente da *seriedade* do “mundo real” outorgada pelo Estado e pela Igreja, Bakhtin menciona os jogos como um desses espaços carnavalizados que, ao lado das manifestações festivas, libertavam o homem dos “trilhos da vida comum”, criando uma espécie de “vida em miniatura” (BAKHTIN, 2008, p. 204).

Foi a partir do pressuposto de que o ato de torcer abarca características miméticas, catárticas e socializantes, e até mesmo por meio delas, que vislumbramos a possibilidade de que as práticas torcedoras poderiam proporcionar, nos tempos e espaços relacionados a uma partida de futebol, uma dinâmica de carnavalização de acordo com a construção teórica de Mikhail Bakhtin (2008). Iniciamos então, nossa trajetória movidos pela impressão de que as práticas torcedoras apresentavam um espírito carnavalizante, seja ele de forma ampla ou especificamente alguns aspectos do mesmo, caracterizando-se fundamentalmente pela tendência ao relaxamento das formalidades, tensões, hierarquizações que presidem o relacionamento social cotidiano.

De antemão, sabíamos que a demonstração do fenômeno de carnavalização presente nas práticas torcedoras necessitaria de uma análise nos níveis cultural, sociológico e psicossocial o que consistiu em uma imersão aprofundada em literaturas pertinentes ao tema, para nos dar subsídios na tentativa de compreender o funcionamento dos grupos sociais dos torcedores em suas manifestações carnavalizantes e suas determinações individuais e coletivas.

Elegemos como objetivo geral e norteador do desenvolvimento de presente tese, demonstrar a existência das formas de liberação carnavalizadas expressas nas manifestações culturais do torcedor manauense de futebol. Em termos metodológicos este estudo foi ancorado na perspectiva da fenomenologia e teve um caráter interdisciplinar com uma abordagem de cunho qualitativo, uma vez que abrangeu várias áreas do conhecimento tais como a Antropologia, Sociologia, Educação Física e os Esportes. Por essas razões, nossa pesquisa caracterizou-se como um estudo do tipo etnográfico, ou, como defende André (2007), uma adaptação da etnografia. O autor defende que quando a pesquisa de campo utiliza algumas técnicas características da etnografia e se busca fazer aquilo que Geertz (1989) chamou de “descrição densa”, o método deve ser considerado como etnográfico.

O formulário foi o instrumento entendido como qualificado e mais apropriado para esta pesquisa. Uma especificidade de nosso formulário foi que o participante da

pesquisa era convidado sempre a justificar suas escolhas, o que foi feito pela grande maioria dos pesquisados. Além da utilização de formulários, em nossa pesquisa também recorremos ao diário de campo e as anotações realizadas nesse instrumento, sejam elas referentes à pesquisa ou a processos de intervenção, foram fundamentais em todo o processo de coleta e análise de informações, pois continham descrições de fenômenos sociais, explicações levantadas sobre os mesmos e o acompanhamento da totalidade da situações de campo.

Fizeram parte de nossa pesquisa 234 torcedores de times de futebol profissional e 187 torcedores de times amadores. Nosso único critério para a participação da pesquisa foi que os participantes tivessem idade de 18 anos e não necessitassem da anuência dos pais para sua participação na pesquisa. Os locais onde foram realizados nossa pesquisa de campo foram os lugares de realização dos jogos do campeonato Amazonense de futebol 2018, os estádios da Colina, o recém-inaugurado estádio Carlos Zamith e o estádio que sediou a Copa do Mundo 2014 aqui em Manaus, a Arena da Amazônia. Além desses locais, nossa pesquisa também se realizou na Praça do Caranguejo no Conjunto Eldorado.

Nossa escolha pela praça do Caranguejo no conjunto Eldorado como um lócus simbólico central para observar as práticas carnalizantes torcedoras, foi motivado por ser esse um ambiente tradicionalmente de grande aglomeração de torcedores vindos de todas as zonas da cidade de Manaus para assistirem aos jogos de futebol do campeonato brasileiro da série A, nos grande telões espalhados pela praça, nos dias de quartas, quintas, sábados e domingos. Verificou-se que esses espaços coletivos dos bares foram fundamentais para se compreender e verificar a socialidade esportiva continuada e mobilizadora de representações que defendemos em nossa tese.

Diferente de nossa vivência nos estádios que por suas grandes extensões às vezes não conseguíamos ouvir muitos diálogos entre os torcedores, nos bares podíamos acompanhar mais de perto a existência do *ethos* torcedor. O futebol ganhava ali uma dimensão falada específica, sem os constrangimentos impostos pelo processo civilizatório, ou pelas injunções éticas do politicamente correto.

Nos estádios, por sua vez, as falas se tornavam gritos e os gritos viravam cantos. Acontecia ali a perda da invisibilidade, o torcedor não estava só nunca, a solidão não existia, tudo era compartilhado emocionalmente, vitórias, derrotas, alegrias e dores.

Foi nesses espaços topofílicos anteriormente mencionados que abordávamos os torcedores, nunca no momento do jogo, sempre antes ou depois. Durante o preenchimento

dos formulários a maioria dos torcedores estabelecia um diálogo acerca das respostas que davam ou mesmo para além das informações solicitadas. Estes diálogos permitiam chegar às informações que não eram acessíveis na objetividade do formulário nem nas opções de justificação de respostas.

Muitas conversas sobre o futebol surgiam. A grande maioria queria saber por qual time torcíamos e nos ofereciam cerveja, algumas vezes tomamos alguns goles e o trabalho de campo nem parecia trabalho. Nesses momentos, constatamos que a vivência com os torcedores poderia trazer ricos elementos que não seriam apreendidos na aplicação dos questionários e nem com as entrevistas. Com isso surgiu a opção por utilizarmos o diário de campo que já mencionamos. Ele complementou os dados, registrando o contexto em que os mesmos foram obtidos.

As práticas de campo entre os torcedores de futebol amador ocorreram entre os meses de outubro de 2017 a fevereiro de 2018, nos campos dos bairros onde eram realizadas as partidas das fases eliminatórias. Também fizemos uma coleta de dados significativa no dia 17 de fevereiro de 2018, quando se realizaram as finais do campeonato amazonense de peladas que ocorreu na Arena da Amazônia. No que se refere aos torcedores de futebol profissional a coleta de campo ocorreu de fevereiro a setembro de 2018. Salientamos aqui que a decisão de incluir como objeto de pesquisa os torcedores de futebol amador, o peladão, foi motivado por verificar a grande representatividade do futebol amador em nossa cidade, que já foram objeto de vários estudos, e ainda por este conter algumas singularidades tais como o fato de cada time ter sua rainha, a proximidade comunitária, entre outras coisas que o diferem do futebol profissional.

Para decodificar os discursos dos sujeitos entrevistados e extrair deles a essência do fenômeno, utilizamos a análise do discurso com base em Lefebvre (2005), que a define como sendo a reconstrução, a partir das respostas individuais, de um discurso-síntese que expresse uma representação social, ou seja, um discurso coletivo.

Vale ressaltar que a fase do tratamento do material nos levou a teorização sobre os dados, produzindo o confronto entre a abordagem teórica anterior e o que a investigação de campo aportou de singular como contribuição. Ressaltamos ainda que a análise dos dados foi para nós um processo extremamente complexo que envolveu retrocessos entre dados concretos e conceitos abstratos, entre raciocínio indutivo e dedutivo, entre descrição e interpretação.

A tese está estruturada em quatro capítulos. No capítulo inaugural situamos historicamente o futebol e contextualizamos vários aspectos de sua inserção no Brasil e no Amazonas. Além disso, discutimos o futebol como fenômeno social brasileiro, em suas dimensões culturais e enquanto um jogo repleto de perspectivas simbólicas e literais

No segundo capítulo, inicialmente apresentamos algumas perspectivas teóricas acerca do ritual como um sistema semiológico em sua natureza funcionalista, simbolista, estruturalista e em seguida demonstramos que futebol é um relevante ritual da sociedade contemporânea. Encerramos esse capítulo discorrendo sobre os processos de identificação e socialidade no futebol profissional e amador na cidade de Manaus.

No terceiro capítulo, a partir construção teórica do historiador e filólogo russo Mikhail Bakhtin, em sua obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, apresentamos os fundamentos da carnavalização e demonstramos a existência desse fenômeno nas práticas torcedoras dos manauenses nos espaços e tempos relacionados a uma partida de futebol. Evidenciamos ainda que dinâmica carnalizante é um momento limiar que exerce um papel social bastante significativo na vida social em uma expressiva parcela de manauenses.

Considerando o ato de torcer em suas perspectivas emocionais, como atividade de lazer e como prática mimética e de catarse, apresentamos no capítulo final de nossa tese a percepção do torcedor sobre o ápice da partida de futebol: o momento do gol e todos seus possíveis desdobramentos. Também neste capítulo abordamos a temática da violência por ser um fenômeno presente em praticamente todos os grupos sociais e por suas ocorrências significativas no seio das torcidas.

Ressaltamos que em cada capítulo estabelecemos uma matriz epistemológica e a partir dela apresentamos os resultados de campo. Salientamos ainda que no transcórre da presente tese apresentamos 34 gráficos e extratos das percepções de 43 torcedores a fim de estabelecer o máximo de proximidade entre as teorias que serviram como arcabouço teórico de nossa tese e a facticidade do campo.

Por fim, entendemos que a pertinência social e as contribuições que este estudo comporta para as áreas da sociologia, antropologia, Educação Física e os Esportes entre outras, está relacionado as demonstrações de que para os torcedores o futebol é um jogo fascinante que tem a capacidade de subverter e expandir a lógica dos comportamentos comuns e rotineiros. O esporte mais popular do mundo possui propriedades simbólicas que nos auxilia no trato de uma diversidade de emoções e sentimentos que muitas vezes

são negligenciados no cotidiano rotineiro. Por isso e para além das percepções superficiais o futebol é uma fonte acessível de prazer para milhares de manauenses. Por isso faz-se necessário sempre compreender e investigar a função do riso e da brincadeira na vida social em geral.

É nossa pretensão que o espírito leve e carnalizante que inspirou e conduziu o desenvolvimento da presente tese alcance a todos os leitores.

CAPÍTULO I

1 – Futebol como jogo, cultura e fenômeno social brasileiro.

Uma vez por semana o torcedor sai da sua casa e vai para a sua outra casa. Agita sua bandeira, faz chover serpentinas e papel picado. A cidade desaparece e a rotina é esquecida. Só o jogo importa. Por mais que ele possa acompanhar a partida pela televisão, ele prefere estar lá, onde pode ver em carne e osso os seus “anjos” a duelar contra os “demônios” da equipe rival. O torcedor agita seu lenço, engole saliva, leva às mãos ao rosto, “come” o boné, canta e sussurra maldições. De repente a garganta se rompe em um grito e o torcedor salta como se fosse uma pulga, a abraçar o desconhecido ao seu lado que também compartilha aquele momento. Com milhares de torcedores juntos, ele ali divide as afirmações de que a sua equipe é a melhor, de que o árbitro está vendido e a de que os rivais são batoteiros (Galeano, 2010, p. 7).



Foto 1 – Torcida organizada *Apaixonaça*. Fonte: site oficial do Nacional Futebol Club

Para tentar demonstrar o que o futebol significa para seus torcedores, devemos levar em consideração as contribuições de diversas correntes teóricas e compreender que esse fato social contém uma gama de significados, que estão para além das interpretações simplistas que não consideram horizonte histórico cultural, onde se situam os discursos e as condutas desse torcedor apaixonado por futebol.

Por estas razões, o capítulo inaugural desta tese de doutoramento buscou situar historicamente o futebol e contextualizar vários aspectos de sua inserção no Brasil e no

Amazonas. Além disso, é nossa intenção apresentar o futebol em suas dimensões culturais, como um jogo repleto de perspectivas simbólicas e literais e enquanto fenômeno social brasileiro.

1.1 História de um futebol cheio de “estórias”.

O Futebol, como outros esportes modernos, tem origens nos jogos tradicionais europeus e contém elementos culturais próprios da sociedade local e foram desenvolvidos numa filosofia racionalista, própria dos últimos séculos (Rocha Ferreira, 1998, 2002). Mas há quem compare os jogos tradicionais com pelota com o que hoje conhecemos por Futebol moderno, reivindicando suas origens na China e nas Américas.

O Futebol Moderno sob a forma que conhecemos nasceu nas escolas públicas britânicas, ou mais especificamente na Rúgbi School em 1845 (DUNNING, 1997). Seu surgimento, porém, não foi obra de um acaso, pois, de acordo com Bourdieu (1983), o esporte nasceu primeiramente para ocupar o tempo dos jovens a um baixo custo, enquadrando-os em todas as suas horas escolares. Uma vez estabelecido nas escolas, o futebol alcançou o interesse e o gosto das classes trabalhadoras, estendendo-se às fábricas inglesas. Daí para o mundo sua difusão ocorreu facilmente, dado o poder que os ingleses mantinham em inúmeras colônias espalhadas pelo mundo.

A história oficial da origem do futebol no Brasil relata que o paulistano do Brás, Charles Miller, é o responsável direto pela introdução da instituição do futebol. Nascido em 1874, filho de ingleses e escoceses, aos nove anos de idade foi estudar na Inglaterra. Retornou ao Brasil em 1894 trazendo em sua bagagem duas bolas da marca inglesa Shoot, dois uniformes completos, uma bomba de ar, uma agulha e um pequeno livro contendo as regras básicas para jogar – tais como haviam sido definidas poucos anos antes pela Federação Inglesa de Futebol – além das experiências que teve como jogador de futebol nas escolas inglesas pelas quais passou (NOGUEIRA, 2000).

Essa história considerada oficial não está completa e tampouco é a única versão. É certo que a Charles Miller é atribuída a responsabilidade direta pela introdução do futebol no país, ao menos no que concerne às versões oficializadas e institucionalizadas deste esporte. No entanto, existem outras versões que nos falam, por exemplo, da influência que os povos indígenas tiveram no esporte. Murad (1996) defende que é pouco conhecido o fato de que esses mesmos povos influenciaram sobremaneira o mais legítimo esporte bretão exatamente no instrumento que é o principal objeto de toda a disputa – a

bola. Pode-se praticar o futebol em quaisquer condições climáticas, geográficas e espaciais e com qualquer quantidade de pessoas, mas nunca sem a bola:

“Há... uma contribuição ainda mais positiva do menino ameríndio aos jogos infantis e esportes europeus: a bola de borracha por ele usada num jogo de cabeçada. Este jogo brincavam-no os índios com uma bola, provavelmente revestida de caucho, que aos primeiros europeus pareceu de um pau muito leve; rebatiam-na com as costas, às vezes deitando-se de borco para fazê-lo.” (MURAD, 1996, p. 92).

Podemos constatar que são inúmeras as versões sobre a chegada do futebol no Brasil. Além da versão oficial, existem outras que apresentam de um desenvolvimento marginal do futebol nas grandes cidades e que nos fornecem concepções alternativas sobre qual teria sido realmente o primeiro jogo de futebol realizado em terras brasileiras. Histórias que não podem ser minimamente negligenciadas devido ao seu caráter explicativo da influência que o futebol exerce na cultura e das próprias transformações que ele sofreu ao longo de pouco mais de cem anos em terras brasileiras.

O que há de concreto nas histórias sobre o início da prática futebolística são as incontáveis controvérsias, tendo como resultado uma falta de consenso. Mesmo porque, em se tratando de futebol, o consenso é algo difícil de acontecer, já que as discussões, as controvérsias e as jocosidades funcionam como um combustível da importância que o futebol possui para o brasileiro.

No que diz respeito ao Amazonas, sabe-se que o que o início da trajetória do futebol é também bastante antiga, porém os registros documentais de sua presença em terras barés são raros e escassos. Um dos últimos historiadores que o nosso Estado teve e que possuía um grande acervo sobre a presença do futebol pros lados de cá foi Carlos Zamith. Veio dele e do fruto de nossas conversas em tempo idos, muitas das informações e relatos sobre a biografia do futebol amazonense.

Entre 1890 e 1914, *Manáos* conheceu um período de auge econômico, social e urbanístico em função do *boom* da Borracha. De pequena vila transformou-se em poucos anos na “Paris dos Trópicos”, dotada de monumentos e palácios, rede de esgotos, paralelepípedos nas suas principais vias, do belíssimo Teatro Amazonas, de uma intensa vida cultural e artística, pontes, mercado, um moderno porto flutuante etc. (FIGUEIREDO, 2001).

As companhias e comerciantes ingleses foram os agentes que realizaram a conexão entre o sistema extrativista amazônico de borracha e os mercados industriais

mundiais, particularmente o da indústria automobilística, em franca ascensão. Os ingleses que se estabeleceram em Manaus foram os principais financiadores do processo de urbanização da cidade. (FIGUEIREDO, 2001).

Segundo Zamith (2008) as primeiras manifestações do futebol no Amazonas ocorreram no antigo campo do Luso, onde hoje está localizado o Ginásio Renné Monteiro, circunvizinho à Ponte dos Bilhares na Avenida Constantino Nery. Ali ocorriam partidas disputadas entre os ingleses que residiam em Manaus.

Normando (2007) afirma que a afluência do público manauense em número cada vez maior para os locais de jogo sinalizou claramente que para manter um mínimo controle sobre o futebol era necessário organizar-se. Logo, essas partidas descompromissadas foram sendo substituídas por embates mais bem organizados. Cronistas passaram a discutir as regras e as táticas de jogos, chegando mesmo a ensinar, em suas colunas, técnicas de manuseio da bola. Formaram-se times que tentaram a manutenção do status diferenciado através de uniformes, bandeiras e elencos selecionados.

O autor anteriormente mencionado relata que num primeiro momento, procurou-se evitar a entrada de nacionais nas equipes. O Racing Club, por exemplo, vangloriava-se de ter apenas ingleses em seu elenco. Estabeleceu-se que a temporada de futebol iria de março a julho de cada ano, o que garantiria jogos disputados com clima mais ameno e, ao mesmo tempo, permitiria que os atletas participassem de outras modalidades esportivas nos demais meses, preservando, dessa forma, o espírito indômito do *sportsmen*.

Toda essa movimentação favoreceu para que em 1914 fosse criada a Liga Amazonense de Futebol, entidade que já iniciou um campeonato com duas divisões e 13 clubes, sendo seis na primeira e sete na segunda (NORMANDO, 2007).

O primeiro campeonato oficial de futebol no Amazonas aconteceu em 1914, quando o *Manaus Athletic Club*, formado essencialmente por jogadores ingleses, sagrou-se campeão, tendo o fato se repetido em 1915. Com a derrocada do Ciclo da Borracha, os ingleses retornaram ao seu país de origem, deixando como herança obras arquitetônicas importantes, certos costumes e algumas formas de expressão cultural como o futebol, já então consagrado na vida social e esportiva dos manauenses (ZAMITH, 2008).



Foto 2 - Manaós Athletic Club – Bicampeão amazonense de futebol 1914/1915- Acervo Amazon Film.

No Amazonas, Zamith (2008) assinala que as práticas torcedoras barés tiveram como palco inicial o Parque amazonense localizado no bairro Nossa Senhora das Graças, antigo Beco do Macedo, na Zona Centro-Sul. Segundo o autor, o Parque Amazonense surgiu em 1906, no governo do então coronel Antônio Constantino Nery e do prefeito de Manaus, o coronel Adolpho Guilherme de M. Lisboa, que através da Lei da Intendência autorizou que aquela terra, no antigo bairro Mocó, fosse concedida a um cidadão e que ali se construísse um hipódromo.

Em 1912, o hipódromo foi fechado e, em 1918, através de uma doação de um Dispensário Maçônico, foi construído um estádio de futebol, que passou a receber jogos do Campeonato Amazonense. O primeiro clássico no Parque foi entre Rio Negro e Nacional, no dia 13 de julho de 1918, com o placar de 1 a 1.

Em Manaus, durante muito tempo o Rio Negro e o Nacional foram os protagonistas da maior rivalidade futebolística da cidade.

O Atlético Rio Negro Clube foi fundado em 13 de novembro de 1913 tem como principal apelido a alcunha de "Barriga Preta", em alusão ao seu uniforme principal, que tem a camisa branca com uma faixa horizontal preta. Tendo como sua mascote um galo o Rio Negro é o clube com ata de fundação, mais antigo em atividade do Estado, sendo reconhecido como uma das principais forças históricas do futebol amazonense e um dos mais tradicionais da região norte. Seu fundador foi o jovem Schinda Uchôa que teve a ideia e insistiu com os companheiros para que criassem um clube. O nome do clube no início tinha a grafia "Athletic Rio Negro Club" o que remetia a muitos clubes de origem inglesa na cidade, depois a grafia foi aportuguesada para "Atlético Rio Negro Clube". O nome do clube é uma homenagem clara ao rio do qual Manaus está situada a margem

esquerda: o Rio Negro. O que torna o Rio Negro um dos poucos clubes profissionais, senão o único que tem em seu nome uma homenagem a algo que de fato é regional. O que o torna de longe o clube mais ligado a imagem da cidade (ZAMITH, 2008).

O Nacional Futebol Clube Foi fundado em 13 de janeiro de 1913. O clube nasceu de uma cisão de outra agremiação da época o Manaus Sporting Club. A cisão fora motivada por desentendimento entre o presidente do Manaus Sporting, Dr. Edgard de Melo Freitas e o capitão da equipe Manuel Fernandes da Silva, quando em reunião da diretoria discutia-se determinado artigo do Estatuto do Clube. A oposição encontrou apoio entre muitos de seus companheiros de equipe, da qual faziam parte, entre outros, o Sr. José Marçal dos Anjos, de tradicional família Manauara, que em solidariedade o acompanharam na saída do Manaus Sporting. Assim em uma casa familiar na Rua 7 de Setembro, centro antigo de Manaus, nascia o "Eleven" Nacional, com um grupo de jogadores totalmente de origem brasileira. O que motivou o nome "Nacional", apesar da palavra estrangeira "Eleven" que em português significa "Onze", foi a totalidade de jogadores brasileiros que jogavam no clube, numa época em que o futebol em Manaus era quase que exclusividade dos ingleses que já haviam fundado clubes como Manaus Athletic Club. Ou seja, o nome "Eleven Nacional" era um homônimo ao time de onze jogadores de origem brasileira (ZAMITH, 2008).

A rivalidade entre Rio Negro e Nacional era forte: quem tivesse a ousadia de passar diante da torcida rival levava um "banho de urina" ou uma "pedrada de laranja", ou qualquer coisa do tipo como escorões, bandeiradas e ameaças.

Mas, em todo o histórico desse clássico não houve um registro de agressões mais fortes ou de brigas generalizadas. O caso mais sério foi a de uma decisão onde os torcedores nacionalinos invadiram o campo, tomaram e quebraram a taça que estava nas mãos do elenco e dos dirigentes rionegrinos e a polícia precisou intervir para evitar confrontos e brigas de proporções maiores (ZAMITH, 2008)

O futebol amazonense ainda possui outros clássicos como o Pai-Filho, protagonizado pelo Fast e pelo Nacional, onde o filho (Fast Clube) enfrenta o pai (Nacional). O clássico recebe esta denominação pelo Fast ter sido fundado por dissidentes do Nacional. Este clássico ganhou grande atenção após o afastamento do Rio Negro na década de 70. O Galo Preto, disputado pelos vizinhos São Raimundo e Sul América. Segundo Zamith (2008) essa disputa leva esse nome pelos famosos rituais de macumba que eram feitos antes dos confrontos.

A partir da década de 80 com o início da participação dos times do interior do Estado no campeonato amazonense de futebol outras rivalidades surgiram. O Penarol de Itacoatiara e o Princesa do Solimões de Manacapuru rivalizaram-se entre si e contra os times da capital. Vale ressaltar que o time de Manacapuru tem se tornado uma das maiores forças do futebol profissional amazonense, sendo campeão nos anos em 2013 e 2014 e sendo vice-campeão em 2015 e 2016. Outro fato que merece destaque é a conquista do campeonato amazonense de futebol de 2017 e 2018 pelo Manaus Futebol Clube, time que tem apenas quatro anos de fundação.

O campeonato amazonense de futebol profissional 2018, onde realizamos parte de nossa pesquisa de campo junto aos torcedores, teve seu início no dia 20 de janeiro com a participação de 8 equipes: Atlético Rio Negro Club, Nacional Futebol Clube, Nacional Fast Clube, Penarol Atlético Clube, Manaus Futebol Clube, Princesa do Solimões Esporte Clube, Centro de Desenvolvimento Comunitário Manicoré e São Raimundo Esporte Clube.



Figura 1- Símbolos das equipes participantes do campeonato amazonense de futebol profissional 2018.

Das 8 equipes que participam da competição, 5 são da capital amazonense (Nacional, Rio Negro, Fast, São Raimundo e Manaus) e 3 de de outros municípios (Penarol de Itacoatiara, Princesa do Solimões de Manacapuru e CDC de Manicoré).

A partida inaugural foi entre as equipes do Nacional Futebol Clube e Manaus Futebol Clube e teve um público de 657 pagantes, sendo em sua grande maioria torcedores do Nacional Futebol Clube que tiveram que a primeira derrota de seu time por 1x0. Em razão de nossa pesquisa de campo, acompanhamos todos os jogos do campeonato amazonense realizados em Manaus (com exceção daqueles onde os horários coincidem) e alguns no município Manacapuru (103 quilômetros distante Manaus) e 1 no município de Itacoatiara (270 quilômetros de Manaus). A Competição foi finalizada no dia 07 de abril e teve como campeão novamente o time Manaus Futebol Clube que venceu

o time do Nacional Fast Clube por 4x0. O jogo final da competição aconteceu na Arena da Amazônia e teve um público de 1.101 pessoas, Renda: R\$ 9.010. As equipes rebaixadas para a segunda divisão amazonenses foram o São Raimundo Esporte Clube e o Centro de Desenvolvimento Comunitário Manicoré.

Com o título, o Manaus terá calendário cheio para a temporada 2019. Além do estadual, o time está garantido na Série D do Brasileiro, Copa do Brasil e fase de grupos da Copa Verde. Já o Fast, mesmo com o vice, também está na quarta divisão e Copa do Brasil. A fórmula de disputa do Amazonense Série A de 2018 agradou ao público e tem dado mais presença aos jogos da competição quase duplicando o número de presentes aos estádios do campeonato amazonense de 2017 que teve como média público 357 pessoas. Em 2018 essa média passou para 812 pagantes.



Foto 3 – Torcedores do Manaus Futebol Clube. Fonte: Site da Federação Amazonense de Futebol.

Destacamos aqui que essa média de público subiu consideravelmente quando os jogos aconteciam no interior do Estado. Os cinco maiores públicos dos jogos do campeonato amazonense que foram acima de 1.000 pagantes, aconteceram longe da capital amazonense, sendo quatro desses jogos no estádio Floro Mendonça em Itacoatiara e um no estádio Bacurauzão no município de Manicoré.



Foto 4 – Torcedores do Penarol. Atlético Clube. Fonte: assessoria de Imprensa do Clube.

Na final do primeiro turno, em uma partida realizada no Município de Itacoatiara, entre os Times do Penarol Atlético Clube e Nacional Fast Clube, o público presente foi de 3.386 pagantes, sendo o maior público registrado no campeonato Amazonense de 2018.

Apesar desse aumento de público em 2018, ainda é um número pequeno comparado a alguns campeonatos estaduais, como o Baiano, por exemplo, que teve uma média de público de 4.137 torcedores. As causas dessa baixa presença de público nos estádios do Amazonas, não significa que o torcedor amazonense não goste de futebol, mas se deve principalmente ao fato dos nossos clubes de futebol estarem há muito tempo sem disputar as competições nacionais futebolísticas de maior relevância no cenário nacional. Para se confirmar o que estamos afirmando, em nossa pesquisa de campo realizada no dia 11/04 na Arena da Amazônia no jogo da semifinal da Copa Verde 2018, havia mais de 20.000 pessoas presentes prestigiando as equipes do Manaus Futebol Clube do Amazonas e equipe do Paysandu do estado do Pará. Sabe-se que a equipe do Manaus Futebol Clube, por ter apenas 5 anos de existência, ainda tem um número muito pequeno de torcedores em nosso Estado, mesmo assim os amazonenses prestigiaram essa partida por ser uma competição nacional de destaque.



Foto 5 – Arena da Amazônia semifinal da Copa Verde 2018. Fonte: Mauro Melo/SEJEL.

Para fazermos nossa coleta de campo, também acompanhamos muitos jogos da série D (quarta divisão) do campeonato brasileiro da qual participaram as equipes do Nacional Futebol Clube que foi eliminado na segunda fase da competição, e o Manaus Futebol Clube que quase conseguiu subir para série C do campeonato brasileiro perdendo sua classificação nas cobranças de pênaltis, com um público de mais de 8 mil torcedores no estádio da Colina localizado na zona centro-oeste de Manaus.

Uma vez que nossa proposta de tese abrangeria como objeto de estudo as manifestações carnavalizadas de torcedores de futebol profissional e amador, iremos apresentar uma diferenciação entre estas modalidades.

1.1.1 Futebol amador e profissional: convergências e divergências.

Nossa concepção de futebol amador tem base em Pimenta (2006), que faz uma distinção entre o esporte profissional e amador. Para este autor o atleta amador não é aquele que não obtém nenhum benefício econômico com sua prática esportiva, mas aquele que não tem um contrato formal com alguma instituição esportiva. O amador pode praticar o futebol por puro prazer ou mesmo em busca de reconhecimento simbólico e até financeiro, mas não tem vínculo profissional com nenhum clube.

O autor anteriormente mencionado defende ainda que o atleta amador não é aquele que não obtém nenhum benefício econômico com sua prática esportiva, mas aquele que não tem um contrato formal com alguma instituição esportiva. O amador pode praticar o

futebol por puro prazer ou mesmo em busca de reconhecimento simbólico e até financeiro, mas não tem vínculo profissional com nenhum clube.

“Entendemos, portanto, por futebol amador todas as formas de futebol que não são mediadas por contratos de remuneração formais, que se enquadrem na lógica profissional, com instituições esportivas, tais como clubes. Desta forma, com esta categoria, pretendemos abranger desde as manifestações mais livres da matriz bricolada – na lei, prática desportiva não-formal – até aquelas da matriz comunitária que se aproximam estreitamente ao futebol profissional – nos termos legais, desporto de rendimento não profissional. Apesar da possibilidade de existência de contrato (não remunerado) com clubes ou de remuneração por parte de empresas.” (PIMETA 2006, pg. 19).

A própria palavra “amador” por sua etimologia, remete a uma atividade feita por amor, por prazer, sem um compromisso maior do que o próprio comprometimento. Este termo, assim, contempla nossa leitura acerca da pós-modernidade. Precisamos, contudo, realizar uma distinção fundamental entre o “futebol amador” e o “amadorismo”.

Amadorismo, contrário ao profissionalismo, não se refere às relações de trabalho e de comprometimento (simbólico) no universo futebolístico, mas a um ethos futebolístico específico, que tem sua origem e encontrou sua mais intensa manifestação quando da época da difusão mundial do futebol e sua implementação no Brasil. O amadorismo está ligado a uma concepção de futebol (e esporte em geral) como prática de lazer restrita à aristocracia. No círculo elitizado eram valorizadas as qualidades educativas, de moldador de caráter, de formador de coragem e virilidade, enfim, de um produtor de valores e saúde. Isto pode ser observado nas palavras de Bourdieu (1983):

“A constituição de um campo das práticas esportivas se acompanhada da elaboração de uma filosofia política do esporte. Dimensão de uma filosofia aristocrática, a teoria do amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade artística, porém mais conveniente do que a arte para a afirmação das virtudes viris dos futuros líderes: o esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de “formar o caráter” e inculcar a vontade de vencer (“will to win”), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras é o fair play, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço.” (BOURDIEU, 1983, p. 140-141).

Chiquetto (2014) em sua tese de doutorado realizou uma etnografia sobre as práticas futebolísticas na cidade Manaus fazendo um levantamento aprofundado dos

aspectos históricos e socioculturais do Peladão relacionando-o ao processo habitacional da cidade. Campos (2009) também em sua Tese de Doutorado propôs uma geografia do Futebol amador amazonense através da inter-relação de espacialidade e sociabilidade. Iremos apresentar a seguir algumas informações relacionadas ao Peladão tendo como fonte de referências os referidos estudos, além de outras fontes que iremos citar pontualmente.

A terminologia “pelada” é muito utilizada no país, quase sempre significando uma referência ao futebol amador, ora aparecendo como sinônimo desse, ora como uma forma de criticar uma partida de futebol profissional considerada de baixo nível técnico. O termo também pode reportar-se, porém, a uma determinada forma de prática do futebol marcada pela ludicidade, espontaneidade e modificação das regras.

Uma das características que uma “pelada” normalmente possui é a espontaneidade na organização dos jogos e o caráter eminentemente lúdico dessa prática. Assim, existem grupos de “pelada” que se formam uma única vez e seu tempo de duração equivale ao tempo do jogo alguns grupos que se formam perto de campos de areia (como os da Praia da Ponta Negra, por exemplo), ou mesmo grupos de crianças que se encontram ocasionalmente em parques ou praças formando times que se dissolvem logo após o fim do jogo; e existem grupos formados por amigos ou vizinhos de um mesmo bairro ou localidade que, entretanto, se reúnem regularmente para “jogar uma pelada”.

O campeonato de peladas do Amazonas, também chamado de Peladão, se enquadra na concepção da Matriz Bricolada de Damo (2007). Foi criado em 1973 pelo jornalista Messias Sampaio, que em sua primeira edição contou com a participação de 178 times que jogavam aos sábados e domingos. Foram utilizados nessa primeira edição cerca de 80 campos espalhados pela cidade de Manaus. Por conta da falta de estrutura dos campos, era comum que os próprios jogadores fizessem alguns arranjos para que as partidas se realizassem.

Em 1974, ocorreu o primeiro desfile de abertura do Peladão que contou pela primeira vez com as rainhas dos diferentes times. A Avenida Eduardo Ribeiro, localizada no centro de Manaus, foi o palco do desfile, que teve milhares de participantes, dentre os representantes das equipes e o público participante.

Messias Sampaio conta que teve a ideia de criar um campeonato de peladas quando esteve no Estado do rio de Janeiro em visita ao seu irmão. Lá ele viu um torneio de praia com cerca de 40 times, que o fez recordar dos campeonatos de futebol de várzea

que participava quando criança no bairro General Osório, na Cidade de Manaus. Cabe aqui ressaltar que o jornalista Messias Sampaio foi coordenador do Peladão desde a sua criação até meados da década de 1980.

No final dos anos 90, Arnaldo Santos que fora diretor de Marketing da Coca-Cola por mais de 20 Anos e era atual presidente da Vila Olímpica de Manaus, assumiu a coordenação geral do Peladão inserindo na competição uma maior organização administrativa e funcional melhorando e aumentando a credibilidade do Peladão. Arnaldo Santos, entre muitas funções exercidas, é um dos maiores locutores esportivos da Cidade de Manaus e permanece na coordenação do campeonato de peladas até o presente momento.

O Peladão não mantém nenhum vínculo com a Federação Amazonense de Futebol (FAF), sendo organizado em Manaus pela Rede Calderaro de Comunicação, detentora da afiliada da Rede Record, jornal de maior circulação do estado – A Crítica –, além de outros produtos de comunicação. No entanto, apesar de toda organização do torneio estar em Manaus, o Peladão se estende ao interior do estado, a cada município que se interesse em participar. Estes organizam seus torneios nos moldes estabelecidos pelo regulamento do Peladão e se reportam à organização geral.

O torneio de futebol é dividido em 4 categorias: a Categoria Principal, masculina adulta (a partir dos 15 anos), chamada também de Peladão ou Aberto; o Peladinho, disputado por meninos de 12 a 14 anos; o Master, com atletas a partir de 40 anos; o Feminino, com atletas a partir dos 15 anos; Segundo seus organizadores, o Peladão tem por finalidade “a integração social do povo, através do esporte, incentivando o potencial técnico, destacando a raça e a beleza da juventude amazonense”. Tal finalidade dá uma pequena dimensão dos aspectos simbólicos e sociais para além dos aspectos meramente esportivos.

O número de equipes varia anualmente, mas sempre se mantém em um patamar bastante elevado, sendo que o número total de equipes inscritas, desde 1998, nunca foi inferior a 500. No Peladão 2017 tivemos os seguintes números: categoria Principal, com 475 times inscritos; categoria Master 156 times; categoria Peladinho (Infantil) 43 times; categoria Feminino 33 times. O total de atletas somando todas as categorias foi de 15.560 atletas. Foram realizados até a realização das finais 2.002 jogos. Na categoria principal o campeão foi a equipe amigos da Cidade Nova que venceu o Unidos da Alvorado nas cobranças de pênaltis por 17 a 16. Na categoria Peladinho o campeão foi a equipe do

Guerreirinhos que venceu o Núcleo Oficial de Futebol da Colina por 3 x0. No Peladão feminino as garotas do Apolo venceram a equipe do Salcomp por 1x0. Já na categoria Master os campeões foram os atletas do Zona Norte que bateram a equipe da Feira da Banana por 2x0.



Foto 6 – Abertura do campeonato amazonense de peladas/ Peladão. Fonte: site do Jornal A Crítica 09.2017.

Segundo o coordenador administrativo do Peladão Sidniz Pereira da Silva Filho, o número de equipes inscritas oscila, mas nunca fica abaixo de 700. O mesmo ocorre com o público da abertura e do encerramento do evento que varia entre 5.000 e 30.000 espectadores, números expressivos, sobretudo, se comparados com aqueles do futebol profissional amazonense.

Além de remeter à amizade ou relações de parentesco, os nomes dos times também deixam transparecer diversos tipos de territorialidades, sendo um importante referencial simbólico para as estruturas identitárias (futebolísticas) não apenas no decorrer do campeonato, mas na vida cotidiana pós-moderna.

Muitos times têm nomes que remetem aos bairros, reforçando o orgulho de pertença por parte das comunidades locais e criando/consolidando territorialidades proxêmicas, que chamam atenção ao convívio diário, à vida cotidiana dos bairros que se tornam, verdadeiramente, comunidades em torno da prática social do futebol. Alguns exemplos são Atlético Clube Nova Esperança, Unidos da Raiz FC, Unidos do Coroadó, Unidos da Alvorada.



Foto 7 Amigos da Cidade Nova, Campeão da categoria Principal do Peladão 2017 Fonte: Jornal A crítica. 17.02.2018

Outros times possuem nomes de empresas (Unidos da Sharp Caloi, Semp Toshiba, 3B, Unidos da Moto Honda); instituições públicas (Semulsp, ASA – Agremiação dos Sargentos da Amazônia, Guarda Civil Metropolitana,); alguns nomes de times remetem a clubes profissionais nacionais (Flamengo do Japiim, Cruzeiro do Mauzinho, São Paulo do Monte Pascoal). Alguns ainda aludem a clubes internacionais (Real Madrid do São Francisco, Milan de Petrópolis, Chelsea Football Club Amazonas). Existem também os nomes de time bem-humorados (Pegadores, Golpe Baixo – Atecubanos, Os Caça Barcas, Amigos do Felipe do tabuleiro, etc..).

Para ilustrar essa diversidade de nomes, suas questões comunitárias e identitárias, em nossa pesquisa de campo junto a 187 torcedores do peladão, iremos apresentar um gráfico demonstrativo sobre a preferência do torcedor de futebol amador levantado em 2017. Ressaltamos que esses dados estão bastante influenciados pela campanha das equipes no referido ano, pois a coleta de dados foi realizada nas etapas finais dessa competição e grande parte das equipes participantes não participaram dessas etapas por terem sido eliminadas em fases anteriores.

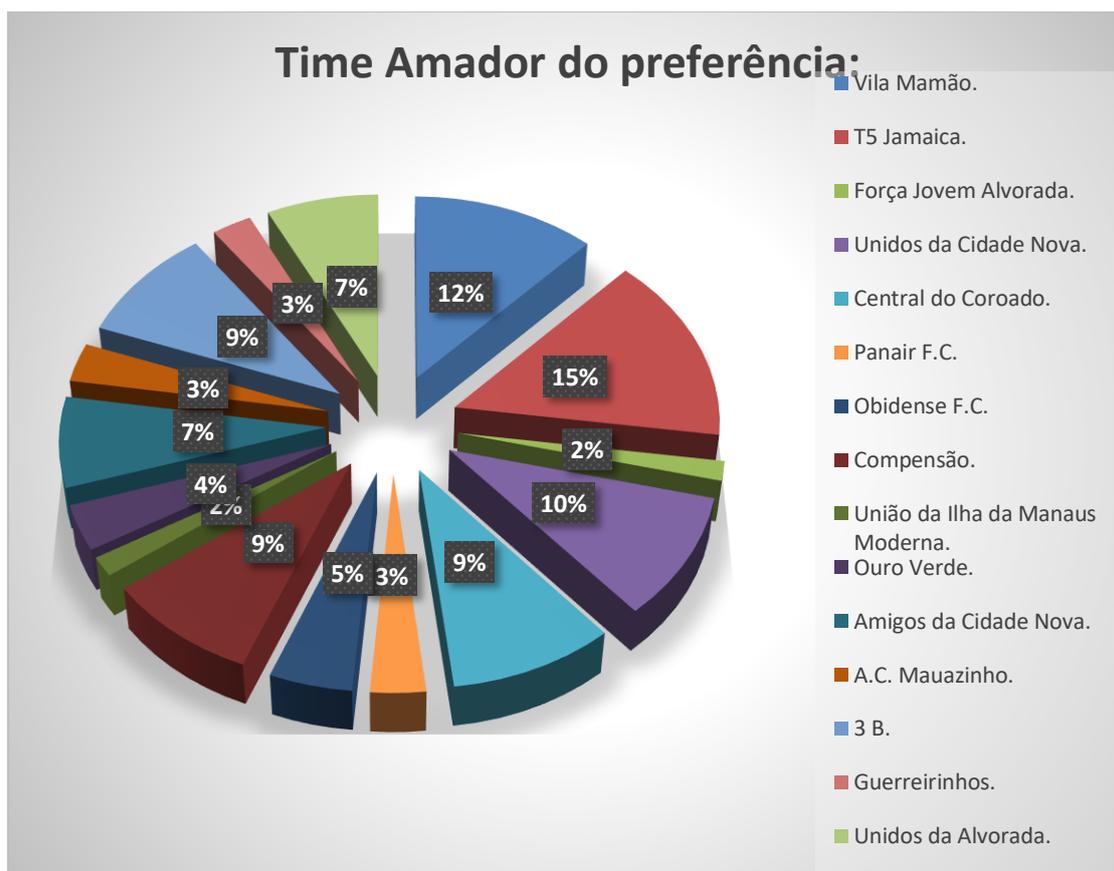


Gráfico 01 – Time do Coração. Amador. Fonte: pesquisa de campo/ 2017.

Não apenas os nomes diferenciam os times uns dos outros. A capacidade de investimento e, conseqüentemente, as possibilidades de conquistar o Peladão também propiciam uma diversidade de objetivos. Há um predomínio das relações calcadas na afetuosidade entre os times e os jogadores que os compõe. Estes jogam para se divertir, almejando vencer a competição, mas se contentando com o prazer de estar juntos.

Existe, porém, uma minoria de times que apresentam uma organização semiprofissional. Apesar de não poder estabelecer contratos de remuneração com os jogadores, tais equipes lançam mão de seus patrocinadores e pagam por fora salários e prêmios para os seus melhores jogadores. Mas a maioria dos times do Peladão é patrocinada pelas famílias, pelos amigos do bairro. Tem gente que faz vaquinha para comprar o equipamento. No fundo, existe uma criatividade para o atleta participar do torneio.

Sob o ponto de vista da organização, a dimensão institucional não apenas se afasta do futebol profissional por sua não-vinculação com a FAF, mas também por não adotarem as regras oficiais. A inexistência de impedimento, a possível realização de 11 substituições na partida, bem como o lateral podendo ser cobrado com os pés, são alguns exemplos que demonstram de que maneira que este afastamento institucional com o

futebol profissional produz um fato futebolístico bastante diverso do padrão profissional. Tais modificações, além de facilitarem a massificação do jogo, são instrumentos de uma busca de uma estruturação identitária futebolística típica do Peladão.

Outro aspecto singular dessa modalidade e que merece destaque é o concurso que elege a Rainha do Peladão, um dos objetivos da competição. Cada time da Categoria Principal deve inscrever uma candidata a Rainha. No ano de 2017 participaram da disputa 475 candidatas.

Na abertura, é realizado um desfile que não apenas a primeira fase do concurso de beleza, mas também serve para credenciar a participação dos times no torneio de futebol. Se a candidata não desfilar, a equipe não tem direito de disputar a Categoria Principal. Este primeiro desfile recebe atenção especial da organização e do público, demonstrando a celebração da ética da estética. Vale ressaltar que após diversos processos eliminatórios 12 candidatas finalistas participam “Peladão A Bordo - O Reality”, da TV A Crítica, a patrocinadora máster do evento. A vencedora do concurso, ganha um carro 0 km, bem como o capital simbólico de ter vencido um dos principais e o mais popular concurso de beleza do Amazonas. Além disso, as rainhas podem beneficiar os times, pois ao se classificarem para as fases finais do concurso de beleza, elas fazem com que os times que representam, caso estejam eliminados, voltem a disputar o título do Peladão, em uma repescagem chamada Paralelo das Rainhas.



Foto 8 “Peladão a bordo 2017. Fonte: Jornal A crítica. 23.10.2017

Como podemos perceber após essa breve contextualização do Peladão, esse é um evento que mobiliza muitos segmentos da sociedade, desde empresas que patrocinam o

evento, a micros e macro empresa que apoiam os times, de campos de terra batida aos estádios com campo gramado para a competição dos jogos, famílias e amigos que vão prestigiar os jogadores, grande número de arbitragem (cada time inscrito precisa indicar dois árbitros) e a própria população que vai assistir os jogos, ou vender alimentos e bebidas.

O Peladão é assim, segundo as palavras de Arnaldo Santos, uma “Cidade em movimento”, por conta do grande número de pessoas, que de modo direto ou indireto, participam do evento. Tamanha grandiosidade faz do peladão um dos principais eventos esportivos na cidade de Manaus, e seu caráter popular, festivo, democrático e afetivo torna-o singular muito esperado por uma grande parte da população manauense.

Apesar de concordamos com a representatividade e importância festiva do peladão na vida social de muitos amazonenses, sabemos que hoje o campeonato amazonense de peladas sofreu inúmeras transformações que foram influenciadas pela atual situação política, econômica e de segurança que vive nosso país e especificamente, nosso Estado. Em nossa pesquisa de campo, muitos entrevistados citaram a participação de traficantes na formação e manutenção das equipes participantes do peladão que é nada mais é que um reflexo da inserção do tráfico de drogas nas comunidades.

O Futebol, como iremos frisar em vários contextos de nossa tese, não é um mundo à parte, um universo paralelo que fica isento das influências dos mais diversos grupos sociais que existem em nossa sociedade, mas é influenciado e influencia as dinâmicas vigentes numa simbiose muitas vezes conflitante.

1.2 - Tipologia torcedora e pertencimento clubístico.

O futebol é um esporte com especificidades próprias que suplantam seu caráter meramente desportivo. É uma paixão nacional, rica de significados simbólicos que transcendem para a sua compreensão as quatro linhas do campo. Constitui-se em um universo extremamente amplo e complexo de relações sociais. O gosto do brasileiro pelo futebol compreende boa parte da formação da nação brasileira que incorporou esse esporte como um elemento de identidade e expressão de sua cultura. Um dos principais aspectos deste universo de relações é o ato de torcer e todas as representações que estão aí presentes.

As torcidas de futebol existem provavelmente desde a origem dessa modalidade esportiva. Por essa razão pode-se afirmar que desde suas origens o futebol se fez

acompanhar de uma prática torcedora. A história documentada de práticas torcedoras, porém, é bastante escassa. Não faz muito tempo que alguns historiadores têm voltado seus esforços nesta direção. A maior parte dos trabalhos vai localizar o surgimento das torcidas no mesmo momento do aparecimento do futebol moderno do século XIX, na Inglaterra.

A história do torcedor brasileiro é bastante longa. Rodrigues Filho (1964) afirma que ela se iniciou em 1900 na implementação do esporte no país. Nesta época o esporte não tinha muita popularidade, mas foi crescendo ao longo dos anos. A história que o autor narra refere-se, principalmente, ao futebol do Estado do Rio de Janeiro.

Os torcedores masculinos e femininos iam aos jogos muito bem vestidos: eles de paletó e elas com os trajes sociais da época. O autor citado ressalta que alguns torcedores traziam uma fitinha com as cores do clube amarrada na lapela do chapéu de palha. O futebol brasileiro era marcado pelo ferrenho elitismo: era um esporte para ricos, jogado e visto apenas pelas classes altas e as mulheres estavam sempre presentes aos jogos e eram numerosas e exaltadas.

Pimenta (1997) afirma que a torcida é, naquele momento, um lugar de encontro das elites vinculadas aos clubes sociais/esportivos e, além disso, um espaço de exibição e de distinção social: vestindo finas roupas – à moda da época – os torcedores e torcedoras desfilavam e transformavam em espaço de socialização das elites, um local destinado, em princípio, simplesmente para a expectativa de um evento esportivo.

Uma vez que os sujeitos dessa pesquisa estão distribuídos em torcedores organizados e torcedores comuns, faz-se necessário um esclarecimento mais detalhado sobre os torcedores e o modo de torcer.

Para Turtelli (2002) existem três categorias de torcedores: na primeira categoria estão “os que vão ver jogar”: espectadores “que gostam de futebol e que vão aos estádios para assistir a uma partida que, de antemão, promete ser um bom espetáculo”, ou seja, não costumam se envolver emocionalmente com o time além do contexto dos jogos enquanto eles se desenrolam e, tão logo ele acabe o sujeito passa a ter outras preocupações e o futebol pouco ou nada influencia no seu cotidiano. O autor ressalta que o futebol, para eles, é visto como um passatempo, uma atividade de lazer. Ainda que possam sentir alguma tristeza ou euforia quanto ao resultado das partidas, são sentimentos passageiros.

Na segunda categoria também apontada por Panzeri (1967), encontram-se os que vão ao estádio “ver ganhar”. O time para o qual torcem pode jogar muito mal, porém, se

ganhar, já basta. A eles não importa a qualidade do espetáculo, mas sim o resultado. E se o resultado for o contrário do que esperam, sofrerão, poderão ficar muitos dias amargurados em consequência da derrota. Na verdade, em suas mentes, não é a equipe que perdeu, mas eles mesmos. O autor os classifica como “doentes” ou “fanáticos” uma vez que sofrem verdadeiramente.

O futebol perderia grande parte de sua motivação e popularidade se não tivesse o suporte desses “doentes”, pois são eles que, ao levarem para o campo de disputa suas incontroladas paixões, angústias e alegrias, atuam sobre o ânimo dos jogadores.

Sobrinho (2005) assinala que no contexto da sociedade brasileira contemporânea, os “fanáticos” podem ser divididos em dois tipos: os comuns e os organizados. Ambos têm como motivação a paixão ou o amor pelo clube. Porém, tais sentimentos se tornam apenas um pano de fundo para diferentes modos de expressão e comportamentos.

Com uma tipologia parecida, Reis (1998) afirma que existem dois tipos de torcedores: os organizados e os independentes. Esses últimos são aqueles que demonstram predileção por um determinado clube sem se importar se vão ou não vão aos estádios acompanhar os jogos, se cantam, xingam ou apenas assistem e, ainda, demonstram suas tendências clubísticas vestindo a camisa de seus times, sem depender de uma organização estrutural para isso.

Para Turtelli (2002), os “fanáticos” comuns são aqueles que se autoproclamam torcedores de um time, envolvem-se de um modo mais aprofundado com o futebol do que os “que vão ver jogar”. O autor ressalta que, geralmente, são bastante interessados pelo que acontece no campo e acompanham os fatos relativos à vida do clube também fora dos gramados. Muitos podem ser até sócios, porém, não se envolvem diretamente nas questões administrativas da agremiação. Também não costumam assistir a todos os jogos no estádio e, raramente, acompanham os times quando estes atuam em localidades distantes. Os sentimentos desses torcedores estão vinculados exclusivamente ao clube.

Reis (1998) assinala que outra diferença do torcedor *comum* em relação ao *organizado* é que ele pode torcer só ou acompanhado, isso não faz diferença, o importante é ver seu time jogar. Já o fanático que se associa a um grupo específico só vê sentido em ir ao estádio junto com os demais componentes da torcida. Para ele, pode ser mais ou tão importante estar ao lado dos seus do que presenciar a partida em si.

Para o torcedor fanático, seja ele comum ou organizado, o futebol ocupa um espaço de grande relevância em sua vida. E por causa do futebol é capaz de deixar de lado

outros compromissos sociais, podendo inclusive agir de forma violenta pelas cores de seu clube. Enfim, tem o comportamento determinado em função do futebol. A vitória ou a derrota de sua equipe é que determinará seu humor.

Holanda (2014) apresenta um novo grupo de torcedores denominado de “movimentos”, que são grupos recém-fundados. Trata-se, em alguns casos, de dissidentes das torcidas organizadas tradicionais. Em sua maioria, são compostos por jovens frequentadores de estádios, insatisfeitos com os padrões de conduta adotados pelas Torcidas Jovens ao longo do tempo. Surgidos em fins dos anos 2000, eles passaram a preconizar a exaltação exclusiva ao clube, em detrimento dos cânticos autorreferidos às torcidas.

Conforme sintetiza a antropóloga Rosana da Câmara Teixeira (2010):

“Os novos movimentos de torcedores, resultado da reunião de amigos, alguns inclusive ex-integrantes de torcidas organizadas, identificam entre seus objetivos: unir a massa torcedora (sem subdivisões), incentivar o time (“cantar é obrigatório, não importa o placar”; “paixão é participação”), a valorização do torcedor como “patrimônio” (cuja integridade física deve ser preservada) e o “fazer festa”, traduzida no incentivo através dos cânticos, na afirmação da identidade clubística, em detrimento da paixão pela torcida, recusando segmentações, além do repúdio à violência.” (TEIXEIRA, 2010 p. 5).

Holanda (2014) explica que entre os seguidores dos principais clubes do Rio de Janeiro, os “movimentos” surgiram com as seguintes denominações: Movimento Popular Legião Tricolor (Fluminense), Loucos pelo Botafogo (Botafogo), Guerreiros do Almirante (Vasco da Gama) e Urubuzada (Flamengo). Do ponto de vista de suas práticas e representações, os “movimentos” procuram ser a antítese das torcidas jovens. Em termos retóricos, rechaçam a violência; em termos organizacionais, recusam a burocratização; em termos visuais, não usam faixa ou camisa alusivas ao grupo; em termos rítmicos, adotam os cânticos e os instrumentos argentinos; em termos clubísticos, apoiam de modo ininterrupto e integral o time, sem a admissão de vaias ou protestos.

Teixeira (2010) assinala que as diferenças sócio-sonoras entre movimentos e torcidas jovens podem ser assim definidas:

Se os cânticos são estratégicos na manifestação no estádio, os conteúdos se pretendem distintos: para os movimentos populares e as novas torcidas, o incentivo ao clube deve ser a tônica, enquanto que, para as organizadas, a provocação, a

rivalidade entre torcidas e a incitação ao confronto são elementos recorrentes (TEIXEIRA. 2010 p. 6).

Fizeram parte de nossa pesquisa de campo torcedores “comuns” de futebol profissional e torcedores do futebol amador (Peladão). Uma vez que nossa proposta de tese é demonstrar a existência de um processo de carnavalização nas práticas torcedoras, de futebol profissional e amador, iremos apresentar alguns aspectos que são peculiares do torcedor de futebol amador, especificamente daqueles que torcem e se fazem presente nos jogos do campeonato amazonense de peladas. Entende-se por carnavalização uma expressividade carnavalesca que se faz presente em muitas manifestações de nossa cultura, dentre as quais o ato de torcer por uma equipe de futebol.

A torcida do futebol amador se aproxima bastante do modelo das torcidas de clubes profissionais, entretanto, podemos destacar como ponto de diferenciação entre esses dois tipos de torcedores a proximidade proporcionada pelas relações interpessoais entre jogadores, torcedores e diretores dos times e na confraternização envolvendo comunidade e jogadores. Apesar de muitos estarem mais familiarizados as vivências do futebol profissional, com suas imensas torcidas, organizadas ou não, ressaltamos a existência e a relevância de um outro universo de práticas torcedoras no futebol amador muito relevantes socialmente para algumas comunidades e Bairros na cidade de Manaus. Entretanto, se pensarmos no significado que essa prática esportiva assume na vida de milhares de homens poderemos também compreender o que significa torcer para um time de amador. O que separa os dois tipos de torcedores, dos clubes profissionais e dos times amadores, não é a paixão, nem o gosto estético pelo futebol, mas uma outra forma de torcer e interagir com os jogadores.

Os torcedores de futebol amador participam ativamente, de forma semelhante à participação dos torcedores de futebol profissional, também gritam e xingam, mas com uma diferença significativa: eles falam diretamente com os jogadores. Muito em função dos locais onde são realizadas as partidas do campeonato amazonense de peladas: campos de barro, muitas vezes sem arquibancada, alguns com arquibancada bem próximas, campos de areia e etc. Muitos dos torcedores de futebol amador que acompanham suas equipes não são anônimos, eles se conhecem e são reconhecidos pelos jogadores, podem até ser vizinhos ou colegas de trabalho e de bar. Essa proximidade permite que torcedores interajam jocosamente com os "peladeiros", com os técnicos e diretores durante a duração da partida.

Mas não há só brincadeiras por parte dos torcedores, há aqueles que orientam e cobram do time, tal qual é feito nos estádios com os times profissionais, com a imensa diferença de que no futebol amador os jogadores escutam os torcedores e algumas vezes até respondem, ora concordando, ora discordando. Há aqueles que copiam o modelo de torcida organizada dos times profissionais, como a torcida do T5 Jamaica do bairro compensa, zona centro Oeste de Manaus, atual campeão do Peladão e que levou uma série de torcedores uniformizados para final da competição que aconteceu no dia 28 de janeiro de 2017 na Arena da Amazônia.

Antes do início das partidas alguns jogadores e torcedores conversam entre si, seja antes de entrarem em campo, seja através dos alambrados, muitos comentários jocosos são ditos de abas as partes, outros conversam sobre trabalho e sobre amigos em comum. Muitos torcedores e jogadores possuem uma relação que é anterior ao futebol amador. Assim, os xingamentos normalmente não provocam reações dos jogadores, pois tanto torcedores quanto jogadores sabem o limite entre o que pode ser dito e o que é proibido nas suas relações (Bourdieu, 2004). Mas isso não impede que ocorram os excessos que podem gerar confusões e violência. Expressões como “Vai pra casa, pé inchado!”, “deixa de ser geladeira!”, “tá drogado, é?!”, “solta a porra da bola delegado”, “não deixa esse veado fazer graça na tua frente não, dá logo uma pernada”, são as expressões ditas para jogadores do seu time, que algumas vezes respondem aos torcedores “e tu? Que não joga nada!”, “vá se f.!”). Entretanto, mesmo quando o jogo é tenso, os xingamentos são ditos quase sempre acompanhados de um sorriso ou mesmo de uma gargalhada. Entretanto, os xingamentos e as provocações debochadas somente podem ocorrer entre “amigos”. Se ocorrer entre torcedores com jogadores de outras equipes, se não houver uma relação afetual entre os envolvidos na “brincadeira”, facilmente poderá acontecer um conflito de violências verbais e até físicas.

A maioria dos torcedores presentes nos campos de peladas são de homens, mas as mulheres também se fazem presentes, principalmente nos campos dos bairros de onde fazem parte as equipes; há também um grande número de crianças e pré-adolescentes. A presença de tantas pessoas mobiliza o comércio informal tanto nas “arquibancadas”, quanto nas proximidades do campo. Para a maioria dos presentes, os jogos do futebol amador se configuram como uma opção de lazer viável e acessível do bairro, além dos bares locais.

O envolvimento entre torcedores e time começa antes mesmo do jogo, quando muitos torcedores ficam no ambiente de jogo conversando e “dando várias dicas de como ganhar do adversário”, há uma identificação entre time e comunidade, fazendo com que o torcedor se sinta representado por aquele grupo de jogadores. Várias equipes têm o nome do bairro onde estão localizados ou seus nomes estão relacionados algum grupo específico de uma comunidade do bairro: Vila Mamão, Central do Coroado, Unidos do parque Dez, Unidos da Alvorada, Grêmio Unidos da Glória, União da Ilha da Feira da Manaus Moderna e etc.

Quanto maior o envolvimento dos torcedores com o time, maior será a participação nas comemorações ou nas lamentações após as partidas. Ressalte-se que a resenha após cada jogo é tão esperada quanto à própria partida. A “resenha” (papo sobre o se fez e o que não se fez durante a partida) reforça os laços entre jogadores, torcedores e, principalmente, encerra discussões que ocorrem durante as partidas, o xingamento se transforma em piadas, afinal as brigas são percebidas como “coisa de jogo”, e a resenha é um dos momentos onde se restabelece as relações de afeto e de amizade. Assim, a “resenha” fortalece as relações interpessoais, a solidariedade e a amizade, não somente entre jogadores, mas também entre torcedores, diretores e jogadores.

A partir de Holanda (2014), iremos apresentar as designações utilizadas em vários países para os torcedores de futebol, inclusive no Brasil. Vale ressaltar que estas designações estão sempre relacionadas à forma como são vividas as práticas torcedoras e os estados emocionais dos mesmos, que apresentam singularidades e sutilezas muito específicas, integrando-se, por vezes, ao estoque e ao repertório de “lendas locais”.

No final do século XIX, a Inglaterra consagraria dois termos específicos para fazer menção ao espectador de futebol: *fan*, abreviação de *fanatic*, palavra de raiz religiosa ligada, por um lado, à ideia de devoção e doação e, por outro, à de exaltação e idolatria; e *supporter*, derivação de *to support*, verbo que implica defender, apoiar, incentivar.

Na Itália, a palavra originária vem da medicina, *tifosi* ou *tifoso* que designa aquele que está acometido por uma febre (tifo). O termo remete à imagem do estado febril de quem é contagiado por uma enfermidade incontrolável ou de quem vê alterada a normalidade de sua conduta em virtude da elevação térmica do corpo, decorrente da excitação e do transtorno emocional a que está sujeito um indivíduo no ápice de uma partida de futebol.

Nos países de língua hispânica, segundo Conde (2005), em especial Espanha, Argentina e Uruguai, utilizariam a partir dos anos de 1950 o vocativo *hinchas* para designar o adepto do futebol, em substituição a palavras até então correntes como aficionados, fanáticos e simpatizantes.

A tradução correspondia ao verbo inchar, que suscita a ideia de uma transformação similar a uma bola de futebol quando inflada por uma bomba de gás. Por analogia, o termo foi pensado como uma compressão corporal associada à oscilação dos estados de ânimo daquele que assiste ao jogo, ora a retrair-se com a condição adversa de uma derrota, ora a insuflar-se com a condição favorável de uma vitória.

Holanda (2014) ressalta que a invenção da palavra torcedor em língua portuguesa também está relacionada às sensações vividas no futebol.

Em Portugal, segundo o autor, seria empregada a palavra adepto, “aquele que se ajoelha em respeito quase religioso por seu time.

O tom anedótico de suas origens no Brasil era atribuído à autoria do beletrista Coelho Neto. Esse escritor notabilizou-se, nas primeiras décadas do século XX, no Rio de Janeiro, por seu pendor entusiástico pelo Fluminense Football Club, do qual foi diretor e pelo qual chegava a entrar em campo para reclamar do juiz, interpelando-o com bengala em riste, quando via seu clube lesado.

A palavra torcedor, oriunda do verbo torcer, era consignada pelos cronistas com base em uma observação pitoresca feita nos dias de jogo: em meio aos lances de indefinição e expectativa anteriores ao arremate de um gol, lenços eram torcidos e contorcidos na arquibancada por parte do público feminino presente que, conhecido pela contenção e pela moderação verbal, contrastantes com os gritos, os berros e os impropérios mais permissivos ao público masculino, exprimia de maneira sutil seu sofrimento com as tensões emanadas da partida.

Rodrigues Filho (1964) assinala que no futebol no Rio de Janeiro da década de 1910, os jogadores distraíam-se cercados de moças, cada uma querendo namorar um deles. No dia seguinte, elas estariam na arquibancada, mordendo lencinhos de renda, soltando gritinhos, torcendo pela vitória do Flamengo.

O autor ressalta que os lenços antecederam também à introdução das bandeiras como mecanismos de sinalização e de saudação dos torcedores aos jogadores em campo.

Para se compreender a paixão do torcedor por seu time de preferência é necessário entender quais representações trazem consigo tal ato e o que representa para o torcedor

seu clube de preferência. Esta preferência iremos chamar de Clubismo ou pertencimento clubista.

O termo “Pertencimento clubístico”, segundo Damo (2007) foi um neologismo criado para explicar a identidade própria do futebol de espetáculo, aplicável também a outras modalidades esportivas, tais como *rugby* e o basquete.

O autor afirma que o amor aos clubes é a mola propulsora dos esportes coletivos, especialmente do futebol. Ainda que tenhamos torcedores não-praticantes, é raro encontrar praticantes que não tenham seu clube do coração.

Diferentemente dos simpatizantes, os torcedores seguem um clube durante toda a sua vida, estendem as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além deles, e por vezes assumem atitudes consideradas irracionais.

Ainda que a fase não esteja boa ou que a equipe caia de rendimento, o torcedor não muda de time. Sofre com ele, acreditando em dias de sucesso, tornando-se ainda mais fanático. No Brasil, essa fidelidade vem desde o dia do nascimento, quando o garoto recebe um nome, uma religião e um time de futebol para o qual vai torcer a vida toda. Fidelidade que muitas vezes está expressa na porta do quarto da maternidade, quando os pais penduram um par de chuteiras e um uniforme em miniatura, representando o time de futebol da família.

Ao longo da infância, há um contínuo processo de inculcação de valores e hábitos positivos sobre o time da família e negativos em relação às equipes adversárias. Assim se aprende no nosso país a torcer por uma determinada equipe de futebol, diferentemente das equipes de voleibol ou basquetebol que, como representantes de empresas, mudam de nome a cada temporada.

Franco Júnior (2007) afirma que devemos considerar o futebol como um fenômeno à parte dos outros esportes, sobretudo no que se refere à sua capacidade de produzir um universo simbólico próprio, uma dinâmica de relações e significações peculiares.

Damo (2007) ressalta que como a escolha do clube do coração não é feita ao sabor das contingências, uma vez realizada não pode ser alterada facilmente, cabendo ao torcedor arcar com o ônus da sua opção. Trocar de clube, "virar a casaca", é uma falta gravíssima, podendo gerar suspeitas sobre a hombridade do sujeito.

Franco Junior (2007) afirma que o clubismo no futebol preserva aquilo que o torna um fenômeno sociocultural tão fascinante e presente na vida cotidiana das pessoas: sua

dimensão afetiva. O autor ressalta que a identidade torcedora do futebol profissional não é abalada pela lógica econômica, uma vez que apesar de o torcedor passar a consumir mais produtos de seu clube (camisas, ingressos, programas televisivos, páginas na internet), sua fidelidade, seu sentimento de pertença e a sua paixão não podem ser vendidos nem comprados.

O sentimento de pertença é um dos ingredientes principais da espetacularidade futebolística, tal como o sentimento de pertencer a uma coletividade que o transcende, como é próprio da esfera religiosa (DURKHEIM, 1996).

Para Franco Júnior (2007) as sociedades ocidentais – devido ao tecnicismo, à individualização e à abstração dos grupos (Estados nacionais, megalópoles, multinacionais) – promoveram um sentimento de isolamento entre as pessoas, que somente pode ser afastado por novos agrupamentos, pelo “estar junto afetivo”.

O futebol possibilita esta reaproximação das pessoas, formando comunidades nas quais elas se auto representam e se sentem parte verdadeiramente de um grupo através de emoções compartilhadas. O futebol contribui para a preservação de uma lógica de agrupamento arcaica, que foi solapada pela modernidade – acompanhada pela industrialização, pela democracia e pelo conceito de cidadania.

Costa (1999) defende também que o futebol cria um sentimento de proximidade e conhecimento não apenas entre as pessoas de um dado país que torcem pelo seu time, como entre outros torcedores de localidades espalhadas pelo planeta. E essas são, em conjunto com a imprevisibilidade de uma partida, algumas das razões que fazem com que o futebol atraia multidões de seguidores em quase todo o planeta.

Para Franco Júnior (2007), os clubes de futebol simbolizam um pertencimento social com características específicas, demandando dos torcedores uma lealdade por toda a vida (Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer...). Muitas vezes, os locutores esportivos se referem à torcida de um clube como “nação” (“nação colorada”, “nação rubro-negra”, etc., de acordo com as cores do clube), ressaltando este sentido de “comunidade reunida” em torno do pertencimento afetivo a um grupo, a um sentimento coletivo compartilhado pelo “time do coração”. Cabe destacar que apenas uma ínfima parte dos torcedores de um “time” tem um vínculo formal com o “clube na qualidade de sócio”. A preferência por um time é muito mais uma questão afetiva (frequentemente mediada na infância por relações familiares) do que uma relação institucional entre um clube e seus sócios.

Verificamos em nosso estudo de mestrado (CHAVES 2013) que foi a semente embrionária desta proposta de tese, que é grande a influência das relações interpessoais familiares na escolha do time de preferência. Minicucci (2001) afirma que nas relações humanas, as influências interpessoais desenvolvem-se como um processo que envolvem componentes como os modos de ser, de pensar, de sentir, de agir e de mudança de comportamento, sendo mais perceptíveis estas influências nas relações mais primárias entre pais e filhos

Damo (2007) afirma que a escolha por um time é indissociável das redes de sociabilidade próximas ao indivíduo, tais como família, vizinhos e amigos. Não por acaso se diz que os clubes são do coração, o *topos* corporal no qual se representam as emoções, e os distintivos dos clubes estão fixados do lado esquerdo do peito. A rede de sociabilidade responsável pela socialização primária e, portanto, pela inculcação de certas sensibilidades emocionais e tem papel fundamental na iniciação clubísticas do torcedor. A importância de se ter um clube para torcer pode ser dimensionada pela precocidade da escolha e pela sua extensão

Concordando com autor anteriormente mencionado, Da Matta (1994) reitera que a “escolha” do clube do coração é realizada desde muito cedo, ocasião a partir da qual o indivíduo torna-se pessoa, passando a fazer parte de um mundo mais amplo que a casa e a família, o que lhe permite se definir e exercitar como parte de uma totalidade, vivida na rua, em pleno domínio público.

Verificamos também em nossas práticas de campo a existência de famílias de torcedores cujo “pertencimento” a mesma agremiação remonta três e até quatro gerações, assemelhando-se a uma casta. Outros, geralmente lembram com detalhes o momento em que se tornaram flamenguistas, vascaínos ou rionegrinos. Quando se trata da escolha ter sido influenciada pelo namorado/namorada, marido/esposa, esse convencimento foi travado na esfera das emoções e o “sim” normalmente é ritualizado: por ocasião de um presente, de um autógrafo e da ida ao estádio.

A passagem de indivíduo a torcedor no espectro do clubismo representa uma modalidade de conversão: “(...) antes de ser uma escolha, a adesão a um clube é um constrangimento.” (DAMO, 2007, p. 56).

O futebol profissional amazonense já teve seus momentos de maior popularidade junto aos torcedores: todo manauense tinha seu “time do coração”, isto é, as pessoas tinham uma relação afetiva mais acentuada com os clubes de futebol local. Porém, a partir

de meados da década de 80, verificou-se um acentuado distanciamento dos torcedores em relação aos clubes de futebol manauenses. A realidade que se constata no momento é a de clubes com poucos sócios, estádios com pequenos públicos e um grande desconhecimento dos mais jovens sobre as cores dos times de futebol locais. Um fato que agrava tal situação é o atual enquadramento dos clubes de futebol manauenses a série D, considerada o “porão” do futebol. Na atualidade, o futebol profissional brasileiro está organizado em quatro divisões: séries A, B, C e D, sendo que esta última está reservada aos clubes de menor expressão no futebol nacional.

Em nossa pesquisa de campo, constatou-se que realmente ocorreu um distanciamento entre o torcedor manauense local e os clubes de futebol profissionais de nosso Estado. No item 4 de nosso roteiro de pesquisa perguntamos dos torcedores amazonenses qual o seu time do coração e tivemos a seguinte resposta representada no gráfico abaixo:

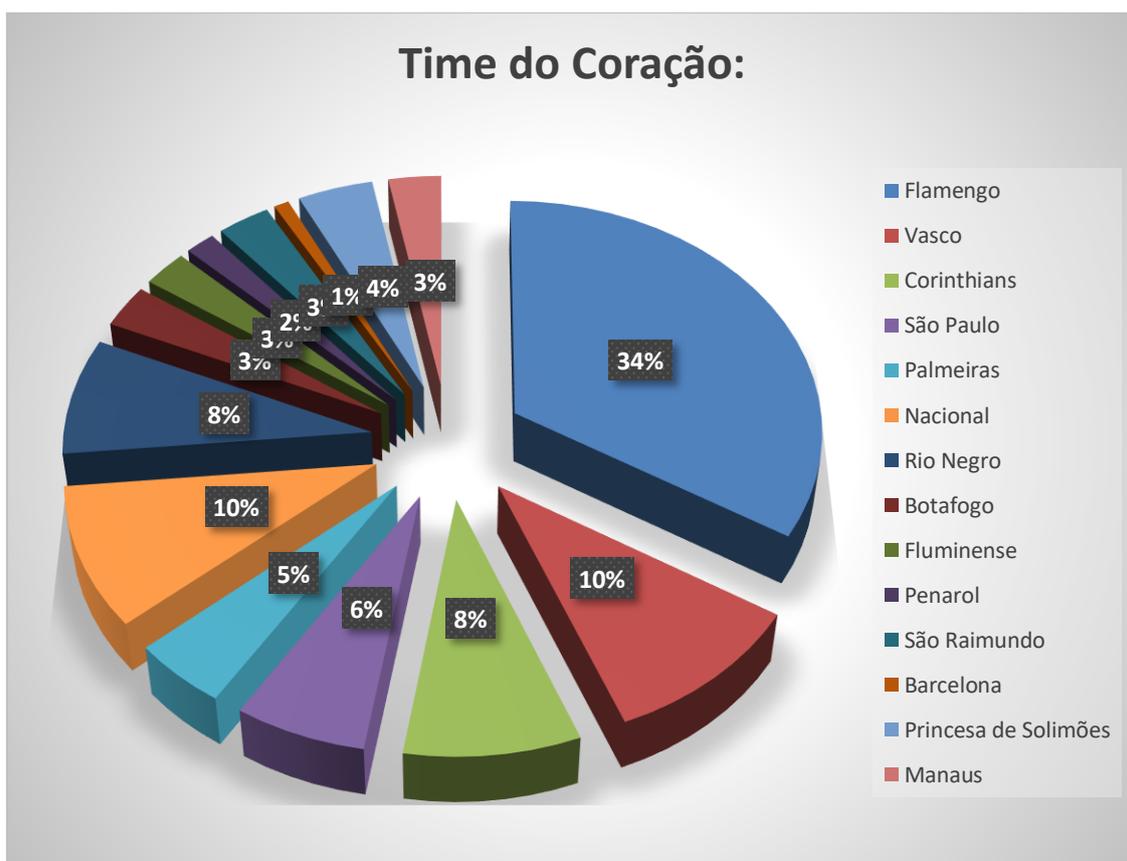


Gráfico 02 – Time do Coração. Profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.

Diversos fatores corroboraram para essa situação, sendo os principais a má gestão dos clubes locais e da Federação Amazonense de futebol, a não participação dos times locais nas principais competições nacionais e a influência dos meios de comunicação.

No que se refere aos meios de comunicação, os fomentadores deste distanciamento seriam a força da representatividade da imprensa do Sul e no Sudeste em detrimento da imprensa local. Porém há que se ressaltar que os últimos campeonatos amazonenses de futebol uma rede de televisão local transmitiu os jogos, entretanto, os níveis de audiência foram prejudicados pela concorrência direta com a transmissão de outros jogos pela rede de televisão que detêm a hegemonia de audiência no Amazonas e no Brasil inteiro.

Sobre essa realidade e apresentando um possível caminho de compreensão sobre a mesma, Damo (2007) afirma que a divulgação dos meios de comunicação em alta escala sobre os clubes do eixo Rio-São Paulo está diretamente relacionada com o poderio econômico das regiões onde estes clubes estão inseridos. O autor resalta ainda que as preferências clubísticas, assim como outras dinâmicas culturais não ficam alheias às influências econômicas e aos seus desdobramentos.

Outro motivo apontado como fator de distanciamento entre os torcedores de futebol e os clubes profissionais locais e encontrado em nosso estudo de mestrado (CHAVES, 2013) é a má gestão dos clubes locais e da Federação Amazonense de futebol. Os resultados alcançados pelos clubes amazonenses de futebol na gestão atual da FAF e que já dura mais de 20 anos, são realmente pouco expressivos. Com exceção do tricampeonato da Copa Norte (1999/2000/2001), competição da qual participavam os principais times da região norte, e o vice-campeonato da série C do campeonato brasileiro de 1999, o futebol amazonense não alcançou nenhum outro título de expressão nacional.

Porém, a má gestão como causadora do distanciamento do torcedor de futebol e os clubes locais não se refere apenas Federação Amazonense de Futebol, estando também relacionada aos clubes de futebol profissional de nosso Estado. Nos últimos anos milhões e milhões de reais foram investidos no futebol amazonense sem, contudo, os torcedores e nem o desporto de uma maneira geral terem obtido algum tipo de resultado prático com esse investimento público.

Outro possível motivo apontado para o distanciamento do torcedor manauense dos clubes de futebol local é a falta de identificação com os elementos culturais locais. Porém apesar de ter sido uma percepção dos torcedores pesquisados não deve ser analisada sem criticidade. A existência de uma identidade cultural esportiva, que para eles não está relacionada e nem se opõe ao fato de serem manauenses. Segundo Hall (1977) a identidade cultural, seja ela de qualquer natureza ou a identidade cultural esportiva como

no caso específico de nosso estudo, é fator condicionante da relação indivíduo-sociedade, pois é através dela que o indivíduo se adapta e reconhece um ambiente como seu. Dessa forma, sem a identidade cultural seria impossível que as pessoas se encaixassem em uma sociedade com características próprias.

Outro motivo destacado na referida pesquisa (CHAVES, 2013) para o distanciamento dos torcedores manauenses e os clubes de futebol locais é a não participação desses clubes nas principais competições nacionais. Damo (2007) afirma que o torcedor segue clubes locais, mas se nenhum deles participa da elite do futebol, o torcedor escolhe um clube de outra praça. O importante é fazer uma escolha, visto que é necessário engajar-se para sentir em plenitude as emoções clubísticas, assim como quem não tem galo em Bali pode apostar nos galos dos outros (GEERTZ, 1989).

A paixão por times de outros estados ou países está presente na vida de muitos manauenses e foi evidenciada no decorrer de nossa pesquisa de campo nos anos de 2017 e 2018. Existem, porém, muitos torcedores que torcem por times locais, expressando uma paixão semelhante aos torcedores que torcem pelos times de “fora”.

Enquanto sistema simbólico, o ato de torcer define redes de relacionamento e identidades sociais, apenas deslocando o objeto-alvo, seja ele local, nacional ou mundial (global), em função de algumas variáveis destacadas na análise do discurso dos torcedores.

O futebol é um esporte de grande popularidade mundial de processo histórico recheado de diversidades culturais, étnicas e de lutas de classes. Esse caminho apresentado no presente capítulo, não foi um processo paralelo que ocorreu distante da totalidade dos grupos sociais que compõe a sociedade, mas ocorreu de forma simultânea aos muitos outros processos históricos. O crescimento das cidades forçou a convivência de diversos grupos sociais que passaram a lutar por espaços físicos e simbólicos num dinamismo onde diversos grupos influenciavam a prática do futebol e eram influenciados por ela.

Os times de futebol foram criados em torno de grupos sociais e passaram a representá-los. Ao incorporar simbolicamente valores culturais, os times de futebol começaram a conquistar simpatizantes que se identificam com estes significados agregados em torno do fenômeno: os torcedores.

A história das torcidas apresentadas também neste capítulo evidencia sua função no universo de relações do futebol. Elas surgem com a simplicidade característica de um

agrupamento ocasional e volátil de pessoas que estavam reunidas num campo de futebol apreciando e torcendo por um dos times vencerem a disputa. Aos poucos outros objetivos vão surgindo com o tempo e a própria torcida começa a adquirir ares de organização, cada vez mais complexa, até se configurar como um grupo sólido em que ela mesma passa a ser o objetivo dos seus membros. É o caso das torcidas organizadas.

1.3 - Futebol como Jogo, Cultura e fenômeno social brasileiro.

Huizinga (2005) defende que é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve, sendo o jogo a forma elementar de todas as principais manifestações do espírito humano. Por isso a sua intenção não era definir o lugar do jogo entre todas as outras manifestações culturais, mas sim determinar até que ponto a própria cultura possui um caráter lúdico, já que o princípio lúdico puro é o elemento criador da humanidade, pois é pelo compartilhar de regras e limites que a humanidade se humaniza e do qual a cultura pode resultar. O objetivo de seu estudo mais desenvolvido foi procurar integrar o conceito de jogo no de cultura.

Sendo assim, jogo é tomado como fenômeno cultural e não biológico e é estudado também numa perspectiva histórica, não somente restrita ao sentido científico. Segundo Huizinga, o jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana. Mesmo em suas formas mais simples, ao nível animal, o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico, ele “é uma função significante, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa ‘em jogo’ que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação” (HUIZINGA, 2005, p.5).

Muito embora as teorias sobre o jogo de Huizinga (2005) tenham sido elaboradas tendo como premissa o jogador que realiza as ações de determinado jogo, e no caso específico de nossa tese é do jogo de futebol que falamos, entendemos que o torcedor de futebol, apesar de não realizar as ações técnicas relacionadas ao jogo, é parte integrante quando se insere no universo futebolístico e se deixa absorver inteiramente por sua paixão. É nessa fascinação e intensidade que reside a essência e a característica principal do universo lúdico do jogo, tornando-nos mais do que seres racionais, sendo também seres irracionais, pois apresenta comportamentos e atitudes que normalmente não costuma apresentar pois ultrapassam as esferas lógicas e de congruências. Este universo

lúdico habita um campo imaterial, pois reconhecer o jogo é reconhecer o espírito que, mesmo no mundo animal, ultrapassa os limites da realidade física.

Huizinga (2005) assinala que o jogo possui algumas características formais fundamentais que aqui apresentamos resumidamente:

“Uma atividade livre, conscientemente tomada como "não - séria" e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes.” (HUIZINGA, 2005, p.14).

O jogo é uma atividade voluntária e livre, que pode deixar de ser jogo, podendo ser uma imitação forçada, se sujeito a ordens. Os torcedores torcem por seus clubes numa partida de futebol porque gostam de torcer por seus clubes, por exemplo, e é isso que constitui sua liberdade, porque nunca se constitui uma tarefa, esta atividade é sempre praticada nas "horas de ócio". Está ligada a noções de obrigação e dever apenas quando constitui uma função cultural reconhecida, como no ritual e no culto.

Huizinga (2005) assinala que “mesmo depois de o jogo ter chegado ao fim, ele permanece como uma criação nova do espírito, um tesouro a ser conservado pela memória. É transmitido, toma-se tradição.”. Por isso existe uma tendência das comunidades de jogadores geralmente tornarem-se permanentes, mesmo depois de acabado o jogo, embora isso não implique na fundação de um clube. O mesmo é válido para os torcedores comuns e os de torcidas organizadas, que vivenciam a “sensação de estar ‘separadamente juntos’, numa situação excepcional, de partilhar algo importante, afastando-se do resto do mundo e recusando as normas habituais, conservando sua magia para além da duração de cada jogo” (HUIZINGA, 2005, p.13).

No caso específico do jogo de futebol, mesmo depois de passado o tempo de jogo ele provoca inúmeras repercussões nos torcedores e faz com que haja uma demanda de tempo significativa no acompanhamento das notícias relacionadas ao que aconteceu na partida, reportagens e etc.

Para saber realmente se essa nossa percepção está de acordo com a realidade das práticas torcedoras e de acordo com as teorias de Huizinga (2005), em nossa pesquisa de campo perguntamos sobre o tempo gasto com o futebol semanalmente seja assistindo

partidas, programas esportivos, debatendo com amigos, entre outras coisas, que é o item 7 de nosso roteiro de entrevista:

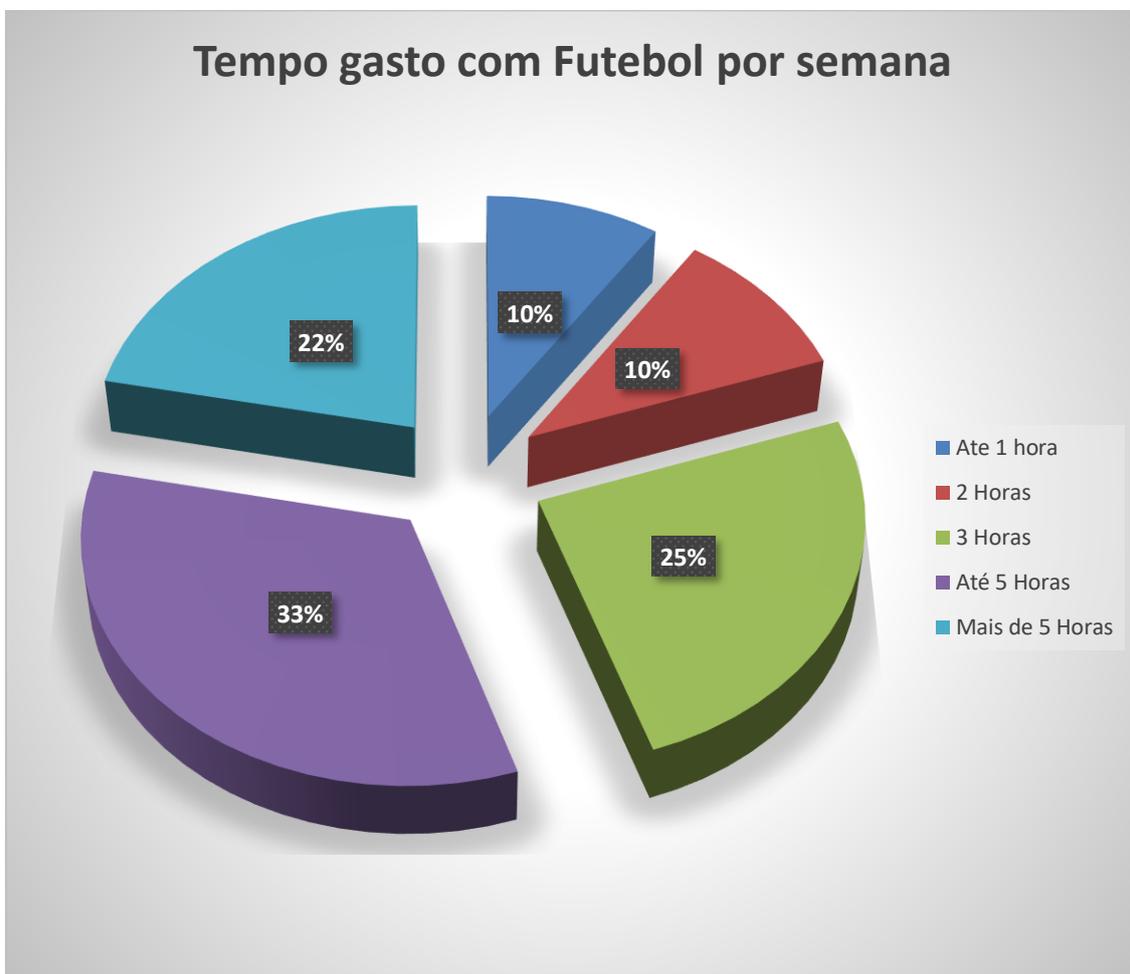


Gráfico 03 – tempo gasto com o futebol por semana. Profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.

Quando fizemos essa mesma pergunta para os torcedores Peladão resultados semelhantes demonstraram que é significativo o tempo gasto com o futebol mesmo após o término dos jogos:

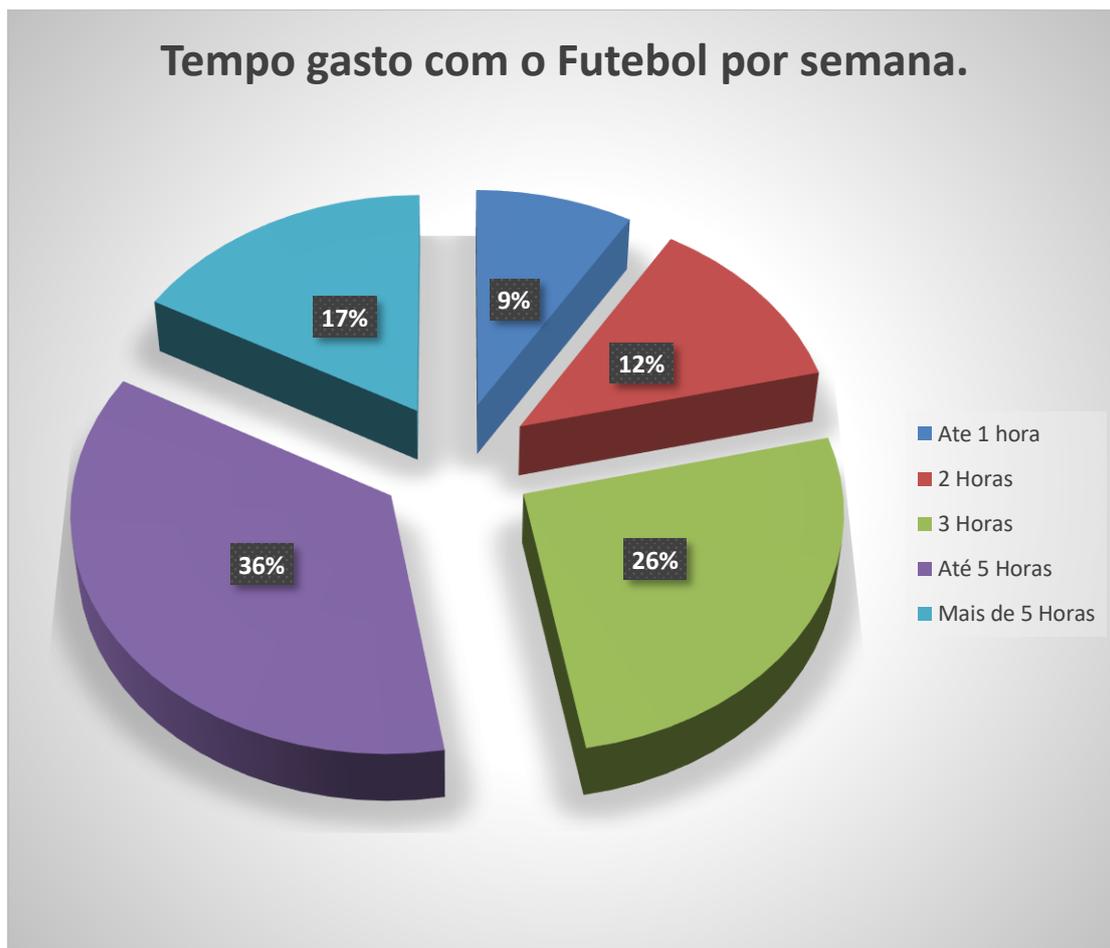


Gráfico 04 – tempo gasto com o futebol por semana. Peladão. Fonte: pesquisa de campo/ 2017.

Por ser uma atividade dentro de certos limites de tempo e de espaço, ou seja, temporária e isolada, que tem finalidade autônoma e se realiza tendo em vista uma satisfação que consiste nessa própria realização, o jogo se apresenta como um “intervalo” na vida cotidiana, situado fora do mecanismo de satisfação imediata das necessidades. Todavia, ele se torna, por exemplo, na vida dos torcedores apaixonados por futebol, para quem ele transcende para além das quatro linhas, um acompanhamento, complemento e até uma parte integrante da vida em geral, pois ele “ornamenta a vida, ampliando-a e, essa medida, torna-se uma necessidade tanto para o indivíduo, como função vital, quanto para a sociedade, devido ao sentido que encerra [...] em resumo, como função cultural” (HUIZINGA, 2005, p.10-11).

Essa ideia é percebida em um trecho da entrevista dos torcedores de futebol profissional 49 e 57:

“Depois que acaba o jogo do meu time eu vou atrás das coisas que estão falando nos programas esportivos, os debates, quero ver os gols, o que o lesão do técnico está falando, essas coisas.

Minha mulher fica é brava com isso, mas ela já me conhece, por isso temos duas televisões em casa, uma é minha e do meu futebol, a outra é dela das crianças. Kkkk” (Torcedor 49, 38 anos. / Pesquisa de campo 2018).

“Tem várias coisas que a gente não consegue ver durante a partida, tem muita gente falando e ainda tem a cerveja. Quando volto para casa gosto de ver tudo, agora se meu time perde eu não quero ver é nada. Digo pra mulher que não vou mais ver programa esportivos, mas aí passam alguns dias e lá vai o leso aqui procurar em tudo quanto é canal notícias do mengão”. (Torcedor 57, 41 anos/ Pesquisa de campo 2018).

No caso do futebol, o qual possui os elementos de repetição e alternância, os torcedores desenvolvem conjuntamente relações sociais, em que as experiências vivenciadas pelo compartilhamento de emoções vividas no momento do jogo tornam-se acontecimentos que serão eternizados e apropriados nas diversas vezes que o torcedor assiste e revê imagens simbólicas relacionadas a partida presenciada ou não.

A função do jogo para Huizinga (2005), e a sua aproximação com aquilo que verificamos ser a realidade fenomenológica de partida de futebol pode ser estabelecida por duas vertentes fundamentais que é a luta por alguma coisa ou a representação de alguma coisa. Podemos verificar prontamente que o jogo possui significado e gera experiências para aqueles que estão imersos em sua realidade.

Tendo como pressupostos as abstrações sobre jogo anteriormente mencionadas, Huizinga (2005) apresenta o conceito de “círculo mágico”, onde revela que quando se participa de algum tipo de atividade de jogo e de lazer, entra-se nesse círculo deixando para trás os problemas, preocupações e aflições do cotidiano, faz-se uma imersão em um outro universo. O autor defende que o caráter especial e excepcional de um jogo é ilustrado de maneira flagrante pelo ar de mistério em que frequentemente se envolve. Dentro do círculo mágico, as leis e costumes da vida quotidiana perdem validade.

Apesar de ser um espaço diferente do cotidiano, as ações realizadas dentro do círculo mágico representam/significam algo para aqueles que participaram desta experiência. Para entendermos visualmente a noção de círculo mágico proposta por Huizinga, podemos recorrer ao autor Adams (2009) que usa o seguinte exemplo para demonstrar esta ideia:

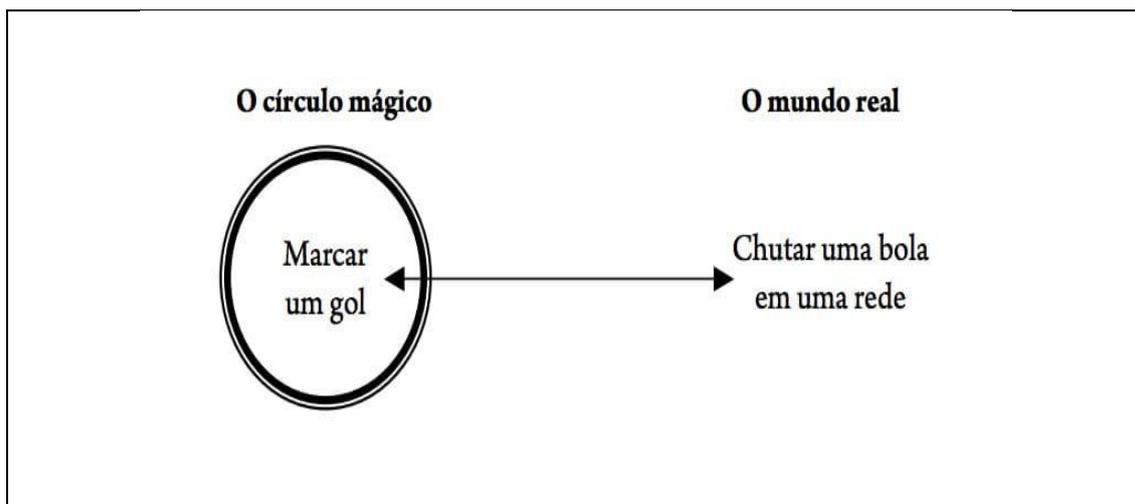


Figura 2 – Círculo mágico de Huizinga segundo Adams (2009)

A representação de Adams (2009) sobre o círculo mágico de Huizinga representada na imagem anterior nos indica que os que episódios do “mundo real” possuem uma série de significações especiais dentro do círculo mágico.

Queremos destacar aqui que as propriedades que Huizinga (2000) defende sobre o hiato na vida cotidiana das pessoas que o jogo possibilita, permitindo uma imersão lúdica em um espaço de tempo e local diferenciados da rotina diária, está em consonância com o cerne principal de nossa tese, que é o espírito carnalizante que toma conta dos torcedores ao assistirem uma partida de futebol.

Roger Caillois foi outro autor que se dedicou ao estudo dos jogos nas suas relações com a cultura, propondo uma classificação dos jogos com base em Huizinga. Para Caillois (2001) o jogo pode ser definido numa das suas mais correntes acepções e, também, das mais próximas do seu verdadeiro significado. O termo “jogo” designa não somente a atividade específica que o nomeia, mas também a totalidade das imagens, símbolos ou instrumentos necessários a essa mesma atividade ou ao funcionamento de um conjunto complexo. O jogo deve ser compreendido como uma atividade livre, separada, incerta, improdutiva, governada por regras e fictícia.

O jogo traz consigo aspectos da vida diária como, por exemplo, competições, jogos de sorte, problemas desafiadores que precisam de força, de raciocínio, entre outros.

Caillois (2001, p. 31) classifica os jogos pelo tipo predominante em cada um deles: da competição (agôn), da sorte (álea), do disfarce (mimicry) e da vertigem (ilinx). Vale lembrar que Huizinga ocupou-se apenas do agôn. Essas classificações se combinam entre si para aumentar as possibilidades de jogos, não devendo ser entendidas apenas de forma isolada.

O autor referido argumenta que agôn é um conjunto de jogos que surgem para os jogadores competirem. As condições são impostas ao jogador pelo jogo e vencerá quem tiver os melhores atributos (rapidez, agilidade, força, inteligência, memória, concentração, etc.). Estes jogos criam condições ditas ideais para uma competição entre/com adversários, onde apenas um indivíduo ou um grupo será o vencedor/campeão. Dessa forma, podemos considerar o esporte moderno como uma proporção hiperbolizada da dimensão agonística do jogo, ou seja, a agôn de forma socializada torna-se o esporte, pois é o jogo que permite o acesso ao esporte pelo prazer de competir que é uma manifestação lúdica.

Além dos limites temporais e espaciais, todo jogo é organizado a partir de regras que possibilitam o aparecimento da ordem em meio à desordem harmônica. Essas regras podem ser explícitas, implícitas, flexíveis ou rígidas, porém são fixas, obrigatórias e respeitadas por todos os jogadores.

Para os torcedores existe a mesma dimensão agonística, pois estão envolvidos como os jogadores na competição, incentivando-os durante a partida e também competindo nas arquibancadas para produzir o melhor e mais bonito espetáculo com maior número de torcedores, mosaicos, cânticos e outras expressões, principalmente durante os clássicos, além das relações jocosas no cotidiano, onde cada torcedor ressalta os grandes feitos do seu clube numa comparação inalcançável pelo seu rival, fazem piadas nas vitórias e derrotas ou quando os clubes caem ou acessam uma divisão de um campeonato, e realizam provocações durante as partidas, em suma, a relação com o clube opositor é o jogo da sociabilidade ligado ao futebol.

Já no *álea*, Caillois (2001) considera que nessa classe do jogo o que importa para o jogador é a sorte e o acaso (o jogo de roleta, de dados, cartas, etc.). O jogador aceita as regras do jogo e assume os riscos, crendo que terá lucros através do jogo. Esta dimensão pode ser relacionada ao torcedor de futebol, pois apesar de acompanharem a partida do seu clube torcendo por sua vitória, seja contra um adversário “teoricamente” mais forte ou mais fraco, a partida de futebol é repleta de imprevisibilidade onde podem acontecer eventos totalmente aleatórios que pode definir o resultado da partida; o pênalti no último minuto, a expulsão do melhor jogador da equipe adversária, o frango do goleiro do outro time, uma chuva torrencial que cai inesperadamente e etc. Parece que são nesses momentos que a sorte é decisiva:

“Contrariamente ao agôn, a álea nega o trabalho, a paciência, a habilidade e a qualificação; elimina o valor profissional, a regularidade, o treino. Acaba por abolir num ápice os resultados acumulados. É uma desgraça total ou então uma graça absoluta. Proporciona ao jogador com sorte muitíssimo mais do que ele poderia encontrar numa vida de trabalho, disciplina e fadiga... Supõe da parte do jogador uma atitude exatamente oposta àquela das provas no agôn.” (CALLOIS, 2001, p. 37).

Sobre essa possibilidade assim se manifestam os torcedores 114 e 234 de futebol profissional:

“A p. do meu time passa o jogo todo pressionando, chuta bola na trave, o goleiro deles faz milagres e a bola não entre. Aí os caras chutam uma bola no gol e pronto é gol. É muito azar pqp.”. (Torcedor 114, 62 anos/ Pesquisa de campo 2018).

“Hoje não era nosso dia. O Manaus dominou a partida, pressão total nesses maranhenses comedores de arroz, a gente consegue ganhar a partida e vai decidir nos pênaltis, os caras perderam 3 pênaltis. Nosso futebol só pode estar amaldiçoado mesmo, tínhamos tudo pra subir pra série C, mas a sorte não ajudou”. (Torcedor 234, 48 anos/ Pesquisa de campo 2018).

Toda a dinâmica aleatória que está presente em uma partida de futebol gera tensão em seus torcedores, por conseguinte, incerteza, imprevisibilidade, pois enquanto a partida acontece ocorrem inúmeras mudanças, alternâncias, sucessões e associações. Ou seja, ele é todo movimento, propiciando em meio ao acaso um ambiente instável, totalmente propício aos mais diferentes tipos de apegos religiosos em seus torcedores. Sobre isso iremos discutir mais densamente no segundo capítulo de nossa tese de doutoramento.

A *mimicry* consiste em uma ilusão que é criada pelo jogo e pode ser entendida como “um jogo de interpretação, pois qualquer jogo supõe a aceitação temporária ou de uma ilusão ou, pelo menos, de um universo fechado, convencional e sob alguns aspectos, imaginário” (CALLOIS, 2001, p. 39). Na *mimicry*, o jogador assume um personagem e vive essa vida de maneira imaginária, permitindo que o jogador acredite que “está” em um mundo diferente do dele, porque na *mimicry* as regras e tudo o que acontece no decorrer do jogo está nas mãos do próprio jogador, que poderá utilizar a criatividade com total liberdade de imaginação durante o jogo, não podendo alterar aquelas regras fixas que existem em todos os tipos de jogos.

Neste caso, os torcedores se entregam à partida de futebol vivendo naquele momento uma batalha imaginária que terá um desfecho de vitória ou derrota,

reproduzindo e interpretando a partir do ato de torcer uma imitação do jogo fora das quatro linhas, falando como a jogada deveria ser feita ou atacando e defendendo com seu clube ou chutando ou cabeceando. E podemos ir além quando nos referimos às crianças e os jovens que se imaginam jogadores de futebol durante suas brincadeiras ou “peladas”, tentando imitar o estilo e forma de jogar de seu ídolo. Nessa batalha imaginária o torcedor sente-se vencedor ou derrotado, dependendo exclusivamente do resultado da partida. Quando seu time é vitorioso o torcedor “ganha a semana”, mas quando perde. Podemos perceber essa batalha imaginária na fala dos jovens torcedores 129 e 116:

“O jogo de futebol pra mim é ter raiva. Esse meu time é muito ruim, perde quase todos os jogos, não sei como esses caras ganham pra jogar bola, esse tal Yago picachu joga muito pior que eu. Faz eu me sentir um derrotado essa merda de time, pior que não dá pra mudar isso dentro de mim, passo semana ouvindo os caras curtindo com a minha cara, mas no domingo já estou aqui de novo vendo essa porcaria, espero que hoje ele ganhe, ai minha semana é outra e vou frescar com a cara de todo mundo.”(Torcedor 129, 22 anos./ Pesquisa de campo 2018).

“Dessa merda de jogo depende minha semana cara, minha reclama que quando Nacional perde eu fico mal-humorado e dando patada no vento. É assim mesmo, a gente vem pra pro estádio, faz a maior festa pro Nacional, canta, faz barulho e a porra desse time ainda perde? Mas hoje vai ser diferente, o Rio Negro é freguês e a festa vai ser da apaixonada.” (Torcedor 116, 19 anos. / Pesquisa de campo 2018)

O termo *ilinx*, em grego, significa "torvelinho de água", do qual deriva também a palavra “vertigem”. A sensação de vertigem sempre foi buscada pelos homens, e Caillois refere-se às crianças que se divertem girando, rapidamente, o próprio corpo até perder o equilíbrio. A *ilinx* produz no indivíduo uma sensação de instabilidade provocada por algumas ações produzidas pelo jogo que desequilibram os órgãos sensórios do corpo do jogador. Podemos dizer, no caso do futebol, que o torcedor está imerso numa reação à necessidade de experimentar temporariamente uma instabilidade e desequilíbrio da percepção e da consciência, ou seja, numa tentativa de provocar sensações internas numa partida de uma final de um campeonato ou num clássico contra seu rival ou numa partida para não cair de divisão, que podem ser expressas no gol feito, quase sofrido ou sofrido. Sobre essa vertigem experimentada durante o jogo assim se expressam os torcedores 21,170 e 73:

“Professor isso aqui é muito louco, tem hora que acho que vou bater as botas, pra torcer pelo Rio Negro tinha que se exigir

salubridade pois toda hora a gente ta no sufoco. Veja esse jogo que vai começar daqui a pouco, se a gente ganhar classifica pra semifinais, se perder pode ser rebaixado, já pensou nisso? Mas eu venho assim mesmo, kkk”. (Torcedor 21, 53 anos. / Pesquisa de campo 2018).

“A gente estava bem demais ano passado, fomos campeões com aquele time merda, mas esse ano está difícil. Todos jogadores que prestavam foram embora, só ficou porcaria, desse jeito vamos acabar caindo. Mas quem torce pelo Corinthians sabe bem dessa agonia. rsrs.” (Torcedor 170, 34 anos. / Pesquisa de Campo 2018).

“Nem sempre eu saio feliz aqui do estádio, na verdade na maioria das vezes eu não saio. Mas tem alguns momentos que valem a pena, aquele gol chorado que demora pra sair e sai, aquele pênalti defendido pelo nosso goleiro, isso não tem preço e se você quer saber como eu me comporto nessa hora é só ter paciência e observar caso Naça marque um gol...” (Torcedor 73, 37 anos. / Pesquisa de campo 2018).

Ressaltamos aqui que no capítulo 4 iremos nos deter sobre momento vertiginoso decorrente da hora do gol e de seus possíveis desdobramentos.

As teorias de Huizinga (2000) e Caillois (2001) sobre o jogo se complementam e se diferem em determinados aspectos. Numa tentativa de relacionar as teorias sobre o jogo desenvolvidas por e com as práticas torcedoras manauenses, elaboramos em nosso roteiro de entrevista no item 7 um questionamento sobre como o torcedor de futebol profissional e do Peladão classificaria o futebol a partir da definição de Jogo:

Como você classificaria o futebol a partir da definição de Jogo?

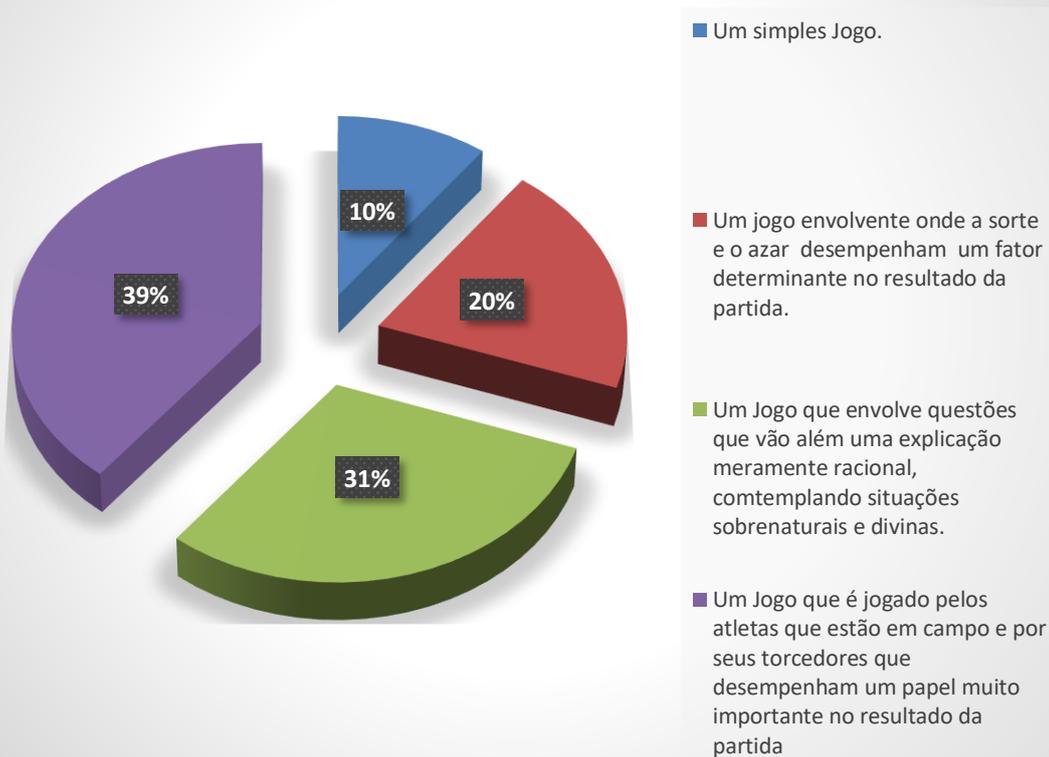


Gráfico 05 – Classificação do futebol a partir da definição de jogo. Profissional. Fonte: pesquisa de campo/2018.

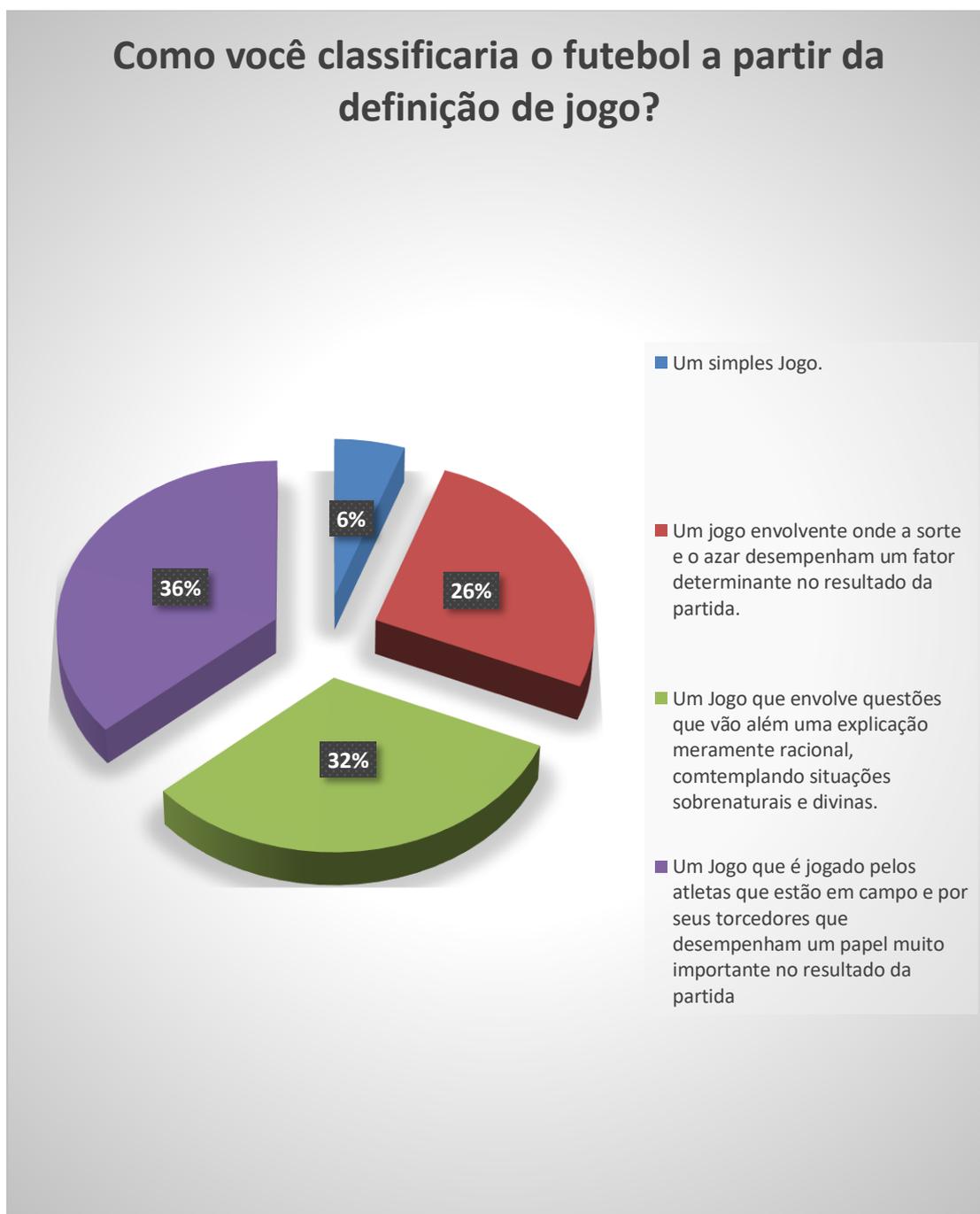


Gráfico 06 – Classificação do futebol a partir da definição de jogo. Peladão. Fonte: pesquisa de campo/2017.

Apesar de pequenas variações percentuais tanto os torcedores de futebol profissional como os torcedores de futebol amador consideram o jogo de uma forma muito mais abrangente do que um simples jogo. Todos os princípios teóricos defendidos por Caillois (2001) e Huizinga (2000) foram ressaltados nas respostas dos torcedores. Verificamos ainda que a maior quantidade de resposta se refere à crença que o torcedor tem de que desempenham um papel muito importante no resultado da partida e por isso seu envolvimento emocional durante o jogo é extremo. Os torcedores sofrem com a

partida, eles gritam e xingam, reproduzem os cânticos da torcida como uma catarse, em suma, se comportam na maioria das vezes de maneira diferente do seu cotidiano, se entregando a tal ponto a uma partida de futebol a poder sofrer infartos e chegar ao óbito, como já aconteceu em diversos casos com alguns torcedores apaixonados, seja no estádio, na TV ou no rádio.

Uma vez que a prática dos torcedores manauenses de futebol corresponde a uma manifestação expressa da cultura de determinado grupo social, torna-se relevante definirmos o conceito de cultura sobre o qual estará alicerçada a sua compreensão.

Contraopondo-se a um conceito extenso e vasto de cultura, Geertz (1989) elege uma definição mais exata e tangível, concordando com Max Weber quando diz que o homem é um animal amarrado a teias de significados tecidas por ele, sendo as formas culturais essas teias.

O conceito geertziano de cultura então é um conceito ligado aos significados presentes nas práticas humanas que as tornam inteligíveis para o próprio grupo social, daí o porquê de Geertz utilizar o termo semiótico para caracterizar seu conceito. Para o autor as manifestações culturais representam o “livro vivo” que contém o registro simbólico das práticas sociais vigentes em uma dada sociedade.

Bento (2010) defende que cultura é aquilo que o homem criou para com ela se criar e fazer Homem. Para esse autor está asserção é simples de entender: no código genético não vêm ideais, noções, princípios, valores, habilidades e equipamentos similares; essas “coisas” resultam da aprendizagem e do contágio cultural. Um outro aspecto importante defendido por Bento (2010) a cultura é o diálogo do indivíduo com o seu tempo, um diálogo enquadrado e mediado por artefatos e técnicas familiares da ética e da estética. Ela é o produto da convergência da tradição coletiva com a criação do talento individual. Resgata e aviva os valores do passado; aponta e imagina-lhes futuros.

Nesse sentido, Mauss (2003) contribui para uma visão integradora entre corpo e cultura por meio do conceito de “fato social total”. Este conceito abarca as dimensões sociológicas, econômicas, jurídicas, religiosas, psicológicas e fisiológicas do homem na realização de uma determinada prática social.

Bourdieu (2003) assinala que os diferentes grupos sociais se unem em torno de um interesse comum, uma força externa, no presente caso a cultura esportiva no âmbito das torcidas dos clubes de futebol, com o interesse de impor uma visão do mundo social.

O espaço social é uma realidade invisível que não podemos mostrar nem tocar e que organiza as práticas e as representações dos agentes ou grupos, os quais são distribuídos no espaço conforme sua posição social caracterizada de acordo com dois princípios de diferenciação: o capital econômico e o capital cultural, que juntos formam o capital global. As diferenças percebidas pelos torcedores de futebol em relação aos times de sua preferência estariam, dessa forma, associadas a posições diferentes, a hierarquias diferentes, transformando-se numa verdadeira linguagem de sistemas simbólicos constituída de signos distintivos.

Ainda segundo Bourdieu (1989), o espaço social e o espaço simbólico devem ser identificados de modo a definir os princípios fundamentais de diferenciação cultural e econômica, e, sobretudo os princípios de distinção (*habitus*). O conceito de *habitus* compreende o conjunto das práticas e costumes relacionados aos valores estéticos, fisiológicos e intelectuais de uma sociedade.

Para o autor, representa um *modus operandi*, ou seja, uma metodologia de atuação social condicionada a conhecimentos e ao capital cultural socialmente adquirido. Claramente, o *modus operandi* pode ser definido como sendo um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (*habitus*) que indicam uma disposição incorporada, quase postural, que pode ser aferida nas manifestações das torcidas de futebol. *Habitus* são produtos das posições sociais, das hierarquias sociais. São diferentes e diferenciadores, na medida em que são encarados de forma diferente pelos agentes. Dessa maneira, o conceito de *habitus* representa uma chave interessante para se compreender as representações sociais manifestadas no ato de torcer por determinado time de futebol. E não somente as manifestações sociais, mas também a paixão ou admiração por determinado time de futebol são aprendidas/ensinadas pelos/aos sujeitos que se inserem nesse espaço de subjetividade:

(...) para cada novo recém-chegado, o universo das práticas e dos espetáculos esportivos apresenta-se como um conjunto de escolhas previamente determinadas e de possibilidades objetivamente instituídas - tradições, regras, valores, equipamentos, técnicas, símbolos - que recebem sua significação social do sistema constituído por elas e que ficam devendo, em cada momento, uma parcela de suas propriedades à história (BOURDIEU 2007: 197).

É o que podemos perceber na fala do torcedor de futebol profissional 89:

“Professor, sou filho de um nacionalino, meu pai me levava para o estádio para ver os jogos do Nacional no tempo que o Amazonas tinha futebol, então eu amo isso. Infelizmente meu filho não me acompanha porque a p. desse futebol não ajuda. Futebol está dentro de mim, o amor pela porcaria do Nacional está dentro de mim, vou morrer assim”. (Torcedor 89, 46 anos. / Pesquisa de campo 2018).

Para Elias (1997) “habitus” significa a “segunda natureza” ou “saber social incorporado” e que esse conceito gera um equilíbrio entre continuidade e mudança. Também ressalta que o “habitus” nacional de um povo não está relacionado com a genética, e sim vinculado ao processo particular de formação do Estado a que foi submetido.

Ao conceito de *habitus* enquanto *modus operandi* e critério de distinção social pode-se associar o antropológico de *ethos*, conforme enunciado por Geertz (1989), compreendendo os aspectos morais e estéticos de uma dada cultura, ao passo que seus aspectos cognitivos e existenciais são designados pelo termo “visão de mundo”. A “visão de mundo” torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como uma imagem de um verdadeiro estado de coisas, do qual o tipo de vida é a expressão autêntica.

Nesse sentido, no interior de cada cultura, se considerarmos as manifestações clubísticas como expressões culturais de uma sociedade complexa, operaria um *habitus* associado a um *ethos* próprio confirmado por uma determinada visão de mundo.

Esse conjunto de imagens representa um “reconhecimento” do mundo exterior mesclado entre a nossa subjetividade e os valores da cultura do grupo social a que pertencemos. Assim, passamos a apresentar e a compartilhar ou socializar o reconhecimento do que se percebe do mundo. O resultado é o que chamamos de representação social.

O termo representação social foi bastante utilizado por Serge Moscovici (2005; 1978; 1963) para designar a elaboração de um objeto social pela comunidade. Para esse autor, as representações, sustentadas pelas influências sociais, constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nos ligamos uns aos outros.

O conceito de representação social, segundo Moscovici (2005; 1978; 1963) corresponde a um conteúdo mental estruturado, isto é, cognitivo, avaliativo, efetivo e simbólico, sobre um fenômeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social,

tais como os times de futebol, suas torcidas e os elementos materiais e simbólicos a ele ligados.

Com uma abordagem diferenciada, o antropólogo Roberto DaMatta, desenvolveu seu trabalho científico procurando entender os elementos culturais que constituem o Brasil. Nesta perspectiva, o futebol exerce um lugar de destaque, a quem o autor atribui um alto grau de positividade, vinculado ao seu caráter de experiência e de produtor de unidade e identidade nacionais, o que pouco se pode observar em outras esferas da vida nacional.

Essa mesma visão também é compartilhada por Helal (1997), ao afirmar que o futebol no Brasil pode ser visto como um poderoso instrumento de integração social e que através do mesmo, a sociedade brasileira experimenta um sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar e gerar a paixão em milhões de pessoas.

DaMatta (1990) propõe uma sociologia que busca entender a sociedade brasileira” pelo avesso”, ou seja, através de temáticas esquecidas, pelo menos até o final dos anos 1970, pela sociologia “oficial”. Dessa forma, algumas expressões da cultura popular, tais como o carnaval, o futebol, o jogo do bicho, as festas populares e as paradas militares expõem uma forma de ser do Brasil.

Nossa tese de doutoramento se construiu a partir da premissa sociológica da representatividade do futebol para a sociedade brasileira, por esta razão nos referimos e nos apoiamos nas teorias e abordagens de Roberto DaMatta que privilegiou para o entendimento do Brasil eventos que são considerados “pouco sérios”, “descartáveis” ou “secundários” pelas elites brasileiras, inclusive as intelectuais e/ou de tradição progressista. Isso não significava, porém, ignorar as relações dos universos da política da economia, da arte e da universidade, mas de entendê-las no paradoxo e na negatividade, por meio dessas outras manifestações, que parecem, à primeira vista, ser sua antítese.

Concordando com essa premissa acima referida, Vaz (2005) afirma que a sociedade brasileira se constitui em uma combinação de paradoxos que escapariam a um modelo de coerência, o que a faz optar por certas características sociais em detrimento das outras.

Para DaMatta (1997) a sociedade brasileira combina aspectos absolutamente modernos com outros de tradição colonial, características que valem para vida pública (na rua), mas que são contraditórios com o âmbito privado. O autor emprega, apoiado na

tradição estruturalista – representada por Max Gluckman, Vitor Turner, Clifford Geertz e Claude Lévi-Strauss -, a categoria de drama social. O drama é uma estrutura que simultaneamente revela e esconde (DaMATTA, 1982).

A análise do autor opõe-se a ideia do utilitarismo dos fenômenos sociais, em particular aplicada ao fenômeno futebol. Ele não concorda que o esporte deva necessariamente ser uma decorrência prática de outras atividades laborais e utilitárias, mas uma atividade cuja expressão estética deva ser considerada em primeiro plano.

O futebol não seria, portanto, um espaço de utilitarismo político, mas trata-se de uma esfera que, se não está alheia, mantém-se de alguma forma independente das relações políticas mais imediatas, configurando-se em espaço de identidade e unificação nacional, levantando à autoestima, configurada em boas lembranças de indivíduos e de grupos.

HELAL (1997, p. 25) destaca que, “O futebol no Brasil pode ser visto como um poderoso instrumento de integração social. Através do futebol, a sociedade brasileira experimenta um sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar a gerar paixões em milhões de pessoas”.

Alguns eventos culturais são capazes de identificar os povos. No caso brasileiro, o futebol e o carnaval são vistos como elementos de brasilidade e autoimagem do povo. Vogel (1982) indaga como o jogo de futebol pode ser tão brasileiro, sem ter nascido aqui?

DaMatta (1998) afirma que, apesar de o futebol ser um esporte vindo do “estrangeiro”, adquiriu no Brasil uma série de novos significados, num processo que ele chama de aculturação positiva. O futebol seria no Brasil um jogo, ou ainda, um esporte vivido como jogo, relacionado a outras esferas que não apenas àquelas que se realizam no campo.

No Brasil, o futebol adquiriu um estilo próprio de ser jogado, no qual são reconhecidos o modo de ser do brasileiro, caracterizando-se pela ambiguidade do malandro, figura simbólica em nosso imaginário social, que circula entre as portas da legalidade e da ilegalidade; a do claro e do oculto; a do implícito e a do explícito”, e cuja força estaria relacionada também ao fato de que no Brasil se joga a versão *soccer* do futebol. O futebol brasileiro, em oposição ao praticado na Europa, caracteriza-se por ter “jogo de cintura”, por “dobrar sem quebrar”, dissimular, improvisar e sair com elegância de situações em princípio adversas, geralmente movendo o corpo e criando um jogo esteticamente valorizado.

Vaz (2005) ressalta que como metáfora da vida cotidiana, o futebol expressaria, então, uma forma de ser brasileira, uma vez que é preciso muita malandragem para poder lidar com uma sociedade altamente modernizada de um lado, mas que convive de outro lado com características patriarcais e relações clientelistas. A malandragem, nesse sentido, pode ser uma característica altamente positiva e necessária, que exprime nossa subjetividade para lidar com a objetividade social.

É nosso entender que o ato de torcer é uma expressão cultural latente da sociedade brasileira, pois nossa cultura não mora só em museus, bibliotecas, livrarias e salas de orquestra. Ela também se encontra nas festas e romarias, nas missas e procissões, nas feiras e confraternizações, nos estádios e nos sentimentos de alegria, angústia, choro, drama, dor e tristeza que nele afloram, nas identificações, expressões e estados de forma que nele se revelam.

Finalizamos este capítulo, citando Toledo (2000) que afirma que quando dois times de futebol entram em campo, não são apenas alguns jogadores que lutarão desesperadamente durante alguns minutos para tentar passar, o maior número de vezes possível, uma bola por dentro de um de dois retângulos colocados em extremidades opostas do campo. Quem entra em campo são as cores, a tradição, a história, o jeito de ser de um grupo, ou mesmo de uma classe social, representadas através da simbologia das camisas envergadas pelos atletas. Para os torcedores, quem ganha ou perde não são os jogadores (*eles*), mas eles mesmos torcedores (*nós*). E isso vale para os torcedores de times profissionais, comuns e os organizados, torcedores do futebol amador, aqui em Manaus ou em qualquer parte do planeta onde se assista a um jogo de futebol.

CAPÍTULO II

2. – Práticas rituais, identidades e socialidades nos torcedores futebol profissional e amador do Amazonas.

Não sei se Deus é brasileiro. Mas sei que foi o Brasil que fez do Futebol uma arte divina, executada por deuses humanos, de carne e osso, irmanados no cultivo de uma estética da curva e da sinuosidade (...). Realmente o Futebol que o Brasil inventou e difundiu pelo mundo é muito mais que um Desporto. É uma religião de malícias e dribles, um jogo de sensualidade e gozo dos sentidos, para encanto dos olhos, incêndio das paixões e arrebatção das almas (BENTO, 2006, p 141.)

Apesar de ser considerado para muitos um espetáculo, o jogo de futebol não se desenvolve, como no teatro ou concerto, segundo um roteiro pré-estabelecido. Muito pelo contrário, o decurso do mesmo está sempre sujeito a espontaneidade e à incerteza encenando, de certa forma, uma batalha entre dois extremos geradores de tensões, excitações e paixões.

Assim, o futebol proporciona muitas vezes a experiência daquilo que não é vivenciado no dia-a-dia (ou que se procura evitar): o desequilíbrio, as incertezas, a insegurança dos momentos seguintes. Um universo próprio de expectativa e excitação, no qual “o lado imponderável e descontrolado da vida, toma a frente dos acontecimentos” (DAMATTA, 2006, p.25). O futebol proporciona uma vivência onde entramos em conflito não por necessidade, mas voluntariamente. Por nossa própria vontade, encenamos mimeticamente uma disputa uns contra os outros, sempre na esperança de vencer, e, conseqüentemente, sempre ameaçados pela possibilidade iminente do fracasso. Esse é o paradoxo apaixonante que o futebol proporciona aos seus torcedores.

Toda essa imprevisibilidade e esse acentuado envolvimento emocional que norteia uma partida de Futebol suscita uma série de comportamentos e atitudes ritualísticas e religiosas nos torcedores, motivando-nos a considerar em nossa tese, e especificamente no presente capítulo, o futebol como um ritual da sociedade contemporânea e ousamos afirmar que para seus torcedores o desenrolar de uma partida apresenta aspectos de uma grande cerimônia religiosa.

Por entendermos do mesmo modo que o futebol transcende sua qualidade esportiva, criando relações sociais, estruturações identitárias, bem como um forte universo simbólico, e por verificar que todos esses aspectos se relacionam com as questões rituais e que são fundamentais no desenvolvimento de nossa proposta de tese

sobre as dinâmicas de Carnavalização nas práticas torcedoras, o presente capítulo também irá discorrer sobre os processos de identificação e socialidade no futebol profissional e amador na cidade de Manaus.

2.1 – Práticas rituais, algumas concepções.

A prática dos rituais ocorre desde os primórdios. Sua importância reside no seu desenvolvimento e imposição silenciosa aos participantes, em sociedades simples ou complexas. Sua aceitação e repetição é uma demonstração da própria necessidade de sua existência, sendo que a polissêmica significação desses eventos pode ser explicada pelas características, necessidades e evolução de cada sociedade. Definir ritual não é uma tarefa fácil, pois o termo tem assumido diferentes sentidos de acordo com os contextos em que é empregado. Do ponto de vista semântico podemos dizer que ritual é o conjunto de práticas consagradas por tradições, costumes ou normas, que devem ser observadas de forma invariável em determinadas cerimônias. É um processo continuado de atividades organizadas cuja prática está relacionada a ritos, que envolvem cultos, doutrinas e seitas, encontrados não só na vida religiosa, mas em todas as esferas culturais. Os rituais são constituídos de gestos simbólicos repetitivos, carregados de intencionalidade. Podem ser religiosos e não-religiosos, e estão presentes nos mais diversos grupos sociais.

Mas, para além da semântica, a existência das dificuldades em apresentar uma definição de ritual se dá em consequência de duas razões. A primeira vem da própria utilização ambígua deste conceito. Por vezes o termo ritual é utilizado para designar uma cerimônia, uma festa, um espetáculo, um costume, etc. Uma segunda razão prende-se com o fato de a temática relativa ao ritual ter sido estudada por diversos autores que elaboraram diferentes teorias de análise e que propõem por isso explicações muito diversas para os fenômenos rituais. Contudo, as diversas possibilidades de conceituar ritual não parecem divergir tanto entre si, mas apresentam várias dimensões do mesmo processo.

Tendo como base os estudos de Segalen (2002), iremos apresentar de forma resumida ideias centrais de ritual das perspectivas funcionalista, simbolista, estruturalista. A primeira analisa o ritual segundo as necessidades humanas e sociais que este satisfaz. Sob uma perspectiva funcionalista, ritual pode então ser definido como um conjunto de crenças e práticas que permitem a determinado grupo enfrentar os grandes problemas da vida humana. Numa perspectiva simbolista o ritual pode ser entendido como um código de comunicação de tipo linguístico implicando mesmo o conhecimento e a aceitação, por

parte dos participantes do mesmo, das regras do referido código. Os rituais servem assim para comunicar informação. Tal comunicação é essencialmente expressiva e simbólica podendo ser efetuada por palavras, gestos, vestimentas, etc. Próxima desta abordagem está a perspectiva estruturalista desenvolvida por Lévi-Strauss. Segundo esta, o ritual pode ser entendido como um sistema de homologias, oposições e inversões, participante na organização do significado da realidade percebida.

Assim, o ritual apresenta-se como um sistema semiológico ou código articulador de signos, ou seja, uma linguagem. A perspectiva pragmática procura tratar as ações rituais, não como um código de comunicação, mas sim como uma forma de este "fazer qualquer coisa". (SEGALLEN, 2002). Esta perspectiva, baseia-se na ideia de que a prática de um ritual produz determinados efeitos.

As perspectivas teóricas acerca do ritual correspondem diferentes significados e dimensões do ritual. Esta variedade de significados parece estar também associada à própria raiz etimológica do termo rito. Este termo apresenta-se de certa forma como uma expressão classificatória de determinadas práticas que são denominados ritos. Esta palavra provém do termo latino ritos que, por sua vez, designa um culto ou cerimónia religiosa e ainda, numa perspectiva mais abrangente, um uso ou um costume. A palavra latina *ritus* designa ainda as técnicas de comunicação com o divino. É possível assim constatar que a raiz etimológica do termo rito remete o mesmo para uma ligação ao religioso, ao sagrado, ao sobrenatural, ao divino, etc.

O ritual então é entendido como um sistema codificado de práticas, sob certas condições de lugar e tempo, que possuem um sentido e valor simbólico para os seus atores e testemunhas e que implicam certa relação com o sagrado, Esta ligação com o sagrado é também admitida por Durkheim (1978) que defende que os ritos nascem nos grupos e suas funções são fazer emergir, manter ou recriar certas ideias atreladas à religião desses mesmos grupos. O rito, então, não é uma celebração fechada no tempo e no espaço, antes, porém, transcende as delimitações físicas dos locais onde acontecem. Durkheim (2008) assinala que os rituais retratam ocasiões de extrema consistência social, intensificando-se quando o número de participantes aumenta. Os rituais são vistos como modos de ação determinados, como movimento, diferenciando-se de outras práticas morais apenas pela natureza especial do objeto a que se dirige (Durkheim, 2008: 69).

É baseado em uma perspectiva de densidade social que os rituais funcionariam como elementos precursores da vida social, construídos, a partir do compartilhamento de

sentimentos, emoções e símbolos, os fatores motivacionais das interações sociais, gerando sentimento de pertença à sociedade como um todo. Um pouco mais a frente iremos nos ater especificamente nos aspectos rituais do futebol, porém esse compartilhamento emocional assinalado por Durkheim (2008) é facilmente observado entre os torcedores e sua importância social é verificada cotidianamente em diversos momentos da vida dos mesmos.

Apesar de ter sua gênese a partir de Durkheim, Collins (2004) apresenta alguns aspectos diferenciados em relação a sua formulação teórica acerca dos Rituais. Para ele o ritual deve ser visto como a principal forma de ação situacional e como ponto de partida analítico iniciador de uma microsociologia radical. A tese da interação ritual seria o pressuposto teórico capaz promover uma via de afluência entre as relações sociais em seu funcionamento microsociológico, tornando dessa forma uma chave fundamental para o entendimento das instâncias macrosociológicas, a partir das motivações, dos porquês das ações sociais. Collins (2004) assinala que os rituais são a situação estrutural, a morfologia social da qual derivam as emoções, comportamentos, motivações que impulsionam as ações dos indivíduos.

O conceito de situação é o grande diferencial entre Durkheim (2008) e Collins (2004), pois para o primeiro os rituais são geradores de pertença à sociedade como um todo e para o segundo esses sentidos são locais, construídos, mantidos e destruídos na esfera das interações face-a-face, no aqui e agora da vida cotidiana.

Collins (2004) atribui uma perspectiva bastante peculiar da ideia de ritual distanciando-se do entendimento do ritual como forma de perceber a estrutura social, como aparato formal de manutenção da ordem ou de manifestação da cultura e de seus valores. Ao invés, Collins afirma que a abordagem microsociológica não percebe o ritual como algo estático, nem como mero reflexo da macroestrutura, e sim como algo inserido na fluidez das correntes de interação ritual. Afirmando que a situação é um ponto de partida analítico para a explicação, ele coloca o desafio de explicar que aquilo que geralmente parece ser uma cultura global fixa é na verdade um fluxo situacionalmente gerado de regras e sentidos imputados (COLLINS, 2004:6-8).

No que se refere ao processo Ritual, Collins (1992) retoma dois expedientes inter-relacionados e indicados por Durkheim (2004) e os amplia. Primeiramente, pelo compartilhamento de sentimentos e de signos que quando são expressos provocam uma harmonia entre os indivíduos e conscientes de sua unidade moral. posteriormente esses

movimentos compartilhados são evidenciados e tornam os indivíduos atentos uns para os outros, fazendo a mesma coisa, pensando a mesma coisa (emoção compartilhada). “É a ação em conjunto que permite a um grupo sentir-se como grupo” (Collins, 1992:43). Isso é importante, pois torna os rituais mais densos e provocando assim um aumento de energia emocional, fazendo-os habilitadores morais não só do ponto de vista das ideias, mas também das expressões corporais visíveis.

Esse compartilhamento de signos, de energia emocional citados por Collins (1992) é um dos principais aspectos das práticas torcedores e que fazem com esse fenômeno seja tão relevante na vida de tantos brasileiros. Verificamos isso em nosso estudo de mestrado (CHAVES 2013) no qual entrevistamos os torcedores sobre os significados de alguns símbolos relacionados ao seu time de preferência (cor da camisa, mascote, escudo, bandeira e hino) e encontramos as seguintes respostas:

Cor da camisa: *Sangue / Prosperidade e Alegria / Harmonia / segunda Pele / Manto Sagrado*

Escudo: *Identidade / Coração / Minha história/ Digno de todo Respeito*

Mascote: *Força / Raça / Alegria / Perseverança /*

Bandeira: *Manto Sagrado / Segunda Pele / Identidade*

Hino: *Motivação para Viver / Exemplo de Vida / Batalhas / Sentimento Inexplicável*

Segundo as categorias formuladas a partir das respostas dos torcedores, tanto dos organizados quanto os comuns, percebemos que além de representar a qualidade da paixão pelo time, os símbolos devem servir como modelo de identificação para o torcedor, sendo expressos como parte indissociável da vida do mesmo. Nesse contexto o torcedor procura identificar-se com as qualidades construídas simbolicamente inerentes ao símbolo escolhido.

Os torcedores, então, têm por símbolos objetos que lhes significam bravura, coragem, heroísmo, força, imponência, etc.; Características humanas e animais sempre exaltadas em quase todos os discursos românticos e liberais, principalmente aqueles relativos às batalhas, às conquistas, à sobrevivência e à justiça. Valores altamente exaltados por nossa cultura, mas raramente concretizados. Caracteres que os torcedores desejam associados a eles próprios e aos seus times. Eles querem ver seus jogadores em campo, lutando para vencer a batalha.

Vale ressaltar que o símbolo de maior significação para os torcedores pesquisados é a camisa. Além da paixão pelo time, a camisa revela o afeto pelo grupo, e as vezes é

revestida de um caráter sacralizado. Toledo (1996) afirma que ela demarca diferenças, delimita espaços, reitera identidades, solidariedades e oposições. Sua eficácia consiste no uso pelas ruas, trajetos até os estádios, nos barés, nos momentos de jogo e muito depois deles.

Os símbolos anteriormente mencionados são dramatizados pelos torcedores destacando diferentes formas de manifestações coletivas presentes nos locais onde se reúnem para verem o jogo de futebol. Sobre os símbolos, Eliade (1991) explica que o pensamento simbólico é consubstancial ao ser humano e antecede a linguagem e a razão discursiva. O autor assinala que o termo “símbolo” se refere a tudo aquilo que, de maneira generalizada ou análoga, representa alguma coisa ou alguém. Portanto, os símbolos indicam uma realidade sensível que possui um significado transcendente. Eles são capazes de revelar aspectos da realidade humana por meio de significados específicos, preenchendo determinada função. Em uma partida de futebol, os símbolos estão presentes a partir do momento em que os torcedores conseguem se comunicar com uma linguagem única e subjetiva.

Sobre esses aspectos, Simões e Conceição (2004) afirmam que o futebol é preenchido por conteúdos simbólicos associados à esfera ritualística, capazes de mobilizar emoções peculiares no universo do espetáculo esportivo. Dessa forma, os símbolos do futebol possivelmente estão associados às questões de pertencimento ao grupo por meio dos uniformes, cores, mascotes, brasão, bandeiras, enfeites, entres outros elementos que manipulam o imaginário dos integrantes de um mesmo clube. Ao mesmo tempo, os gestos e expressões faciais, também presentes no campo esportivo, podem indicar mensagens simbólicas de alegria pelo gol marcado ou pela vitória da partida, raiva pela derrota, entre outras emoções que falaremos especificamente na seção 4 de nossa tese.

Apesar de não falar especificamente do Futebol, Collins (2004) afirma que nos rituais a efervescência coletiva é momentânea, mas tem efeitos mais prolongados quando se materializam em sentimentos de solidariedade grupal, símbolos ou objetos sagrados, em energia emocional individual. Dessa forma defendemos que uma partida de futebol pode durar no imaginário de seus torcedores por dias, meses, anos, e até mesmo até o fim de sua existência. Todo torcedor tem aquela partida que não esquece, onde tudo parecia perdido e no final deu tudo certo, onde ele sentiu a imensa alegria da vitória ou até mesmo

a dor extrema da derrota inesperado, jogos que nunca saem da lembrança dos torcedores visceralmente apaixonados por seu time do coração.

Surgem assim os emblemas de grupos e marcadores sociais, visto que para Collins (2004), os símbolos são essenciais no prolongamento da energia emocional para longe dos momentos ritualísticos mais densos. O surgimento desses emblemas deve-se ao fato de não é fácil explicar para nós mesmo os fortes sentimentos em relação a entidades abstratas, sendo necessário, então, conectar essa realidade complexa a objetos concretos.

Retomando as preposições teóricas acerca do ritual, Radcliffe Brown (1973) defende que as práticas ritualísticas permitem tocar na sensibilidade, pelo fato de serem a expressão simbólica do sentimento. Essa subjetividade afetiva tenta se materializar nas práticas corporais experienciadas pelos indivíduos nos momentos ritualísticos. O autor salienta que os valores sociais são transmitidos por tradição, inclusive nos rituais onde adentra aos corpos, devido sua ligação simbólica. No ritual, cada indivíduo tem uma ação simbólica intimamente relacionada com os outros participantes facilitando assim o agrupamento de pessoas que compartilham dos mesmos valores evidenciados nos ritos.

Leach (1966) assinala que é nos rituais que se perpetuam os conhecimentos de uma tradição cultural. Durante um ritual podemos ter tanto a transmissão de valores que legitimam a ordem social, portanto, a estrutura, como também os elementos da antiestrutura, conforme indica Turner (1957). Para que isto ocorra é necessário um período liminar, onde o símbolo se apresenta em seu estado de maior condensação. Sobre os conceitos de liminaridade e sua possível aplicabilidade na prática torcedora, mas adiante iremos discutir, especificamente no capítulo 3 de nossa tese de doutoramento.

Erving Goffman (2011) alargou as possibilidades de aplicação do conceito de ritual para situações cotidianas, mostrando como este é encontrado em diferentes graus no reino secular, tanto quanto nos mundos sagrados e oficiais. Segundo Collins, a obra de Goffman busca mostrar os rituais cotidianos que permeiam a sociedade moderna, em uma perspectiva dos rituais como performances que não são apenas consequências sociais, mas como eventos geradores e constituintes da sociedade.

Na conceituação do que são, na prática, os rituais, Goffman (2011) chama atenção para alguns materiais comportamentais que considera definitivos, como “as olhadelas, gestos, posicionamentos e enunciados verbais que as pessoas continuamente inserem na situação, intencionalmente ou não” (GOFFMAN ,2011:9). Esses elementos, que acontecem de forma mais intensa na co-presença (mas estão de alguma forma presentes

em interações virtuais) são importantes porque indicam a existência de orientação e envolvimento mútuo dos participantes da interação.

“Eu utilizo o termo ritual porque essa atividade, por mais informal e secular que seja, representa uma forma pela qual o indivíduo precisa proteger e projetar as implicações simbólicas de seus atos enquanto estiver na presença imediata de um objeto que tenha um valor especial para ele.” (GOFFMAN, 2011:60). É importante pontuar que um dos méritos de Goffman foi o de encontrar rituais cotidianos sobre os quais não temos consciência, rituais que permeiam cada aspecto dos nossos encontros sociais (COLLINS, 2009:189).

Segalen (2002) destaca dois elementos no ritual, um de ordem quantitativa e outro de ordem qualitativa: quanto mais pessoas estão presentes nos rituais, mais intenso será o ritual; por outro lado, os rituais também elevam a qualidade dos contatos: ao fazerem os mesmo gestos, entoarem as mesmas canções, as pessoas voltam a atenção para a mesma coisa. Elas passam a não só estar reunidas, como passam a ter consciência do grupo ao seu redor e certas ideias e objetos passam a significar o grupo, tornando-se seus símbolos, adquirindo um significado sagrado. Goffman (2011) assinala que também os indivíduos se tornam sagrados e essa sacralização pode ser observada através dos rituais de interação, dos ritos cerimoniais dirigidos para e pelos os próprios atores:

Por isso é importante ver que o eu [*self*] é, em parte, uma coisa cerimonial, um objeto sagrado que precisa ser tratado com o cuidado ritual apropriado e que por sua vez precisa ser apresentado aos outros sob a luz apropriada. Enquanto um meio através do qual este eu é estabelecido, o indivíduo age com porte apropriado enquanto está em contato com os outros e é tratado pelos outros com deferência (GOFFMAN, 2011:91).

É necessário que o indivíduo mantenha a conexão entre o tempo e o espaço, por isso os ritos e rituais subsistem e destinam-se a unir as ações realizadas em épocas diferentes, num mesmo espaço ou em espaços recriados, garantindo assim a manutenção e materialização do ritual. Uma vez fixada à simbologia de um ritual, sua eficácia dependerá da repetição minuciosa do rito. Essa forma de expressão existe em todas as sociedades, independentemente de seu grau ou escala de valores.

Com relação à circunscrição de um tempo e um espaço ritual, podemos pensar numa ampla variedade de modelos e identificar dois extremos, dentro dos múltiplos exemplos de rituais.

Um primeiro modelo pode ser representado pelos chamados “ritos de passagem”, descritos por Genep (2011) e tão comuns nas sociedades tradicionais, em que o tempo e espaço rituais podem ser facilmente circunscritos. Neste tipo de ritual, um jovem, por exemplo, a partir de certa idade, é encaminhado para um local estipulado onde ficará recluso durante um determinado tempo. Durante este “tempo ritual”, ele não terá contato com qualquer membro de sua comunidade e participará de certo número de atividades rituais determinadas pelas convenções de sua cultura. O jovem entra no local de reclusão como “criança” e sai como “adulto”, isto é, ele e sua comunidade consideravam-no e o tratavam como criança, mas depois do ritual, ele e sua comunidade consideram-no e o tratam como adulto, podendo ocorrer também uma mudança de nome dentro desta nova identidade.

Machado (2005) defende que podemos pensar, também em relação à questão da circunscrição do tempo e espaço rituais, num tipo de ritual representado pelo modelo de interação da vida cotidiana. O autor assinala que no contato “face a face”, nós seguimos certos “scripts”, estabelecemos, às vezes, procedimentos repetitivos ou seguimos determinadas regras de interação. Este script, além de nos oferecer segurança, pois já esperamos determinadas reações das pessoas com as quais interagimos, foi “escrito” por códigos previamente aprendidos, que permitem nossa comunicação e a interpretação simbólica dos comportamentos. Estes códigos culturais, em parte previamente determinados, representam também um “jogo” de legitimidade dos papéis sociais que representamos.

Os rituais do cotidiano, das interações “face a face”, inicialmente, foram descritos por Goffman (2011) através da expressão “rituais de interação”, em que o termo “face” aparece como “a imagem da pessoa delineada em termos de atributos sociais aprovados”. Neste tipo de ritual, o tempo e o espaço não podem ser bem circunscritos, da mesma forma que no primeiro tipo (“ritos de passagem”), de características temporais e espaciais mais bem delineadas. Ocorre nesses tipos representados pelos “rituais de interação”, descritos por Goffman, uma dificuldade de se determinar quando e onde o ritual começa e termina.

Uma outra perspectiva conceitual de ritual é desenvolvida por Schechner (2012) que defende comportamento ritual humano está ligado a uma manutenção da memória coletiva e individual dos membros de um grupo. Ele ressalta que “Rituais são memórias em ação, codificadas em ações” (SCHECHNER 2012, p. 49). Quando Schechner define ritual como “memórias em ação” ele traz as implicações de uma memória viva, ou seja, que não está somente nas lembranças ou no plano das ideias, mas está no corpo, nos objetos e nos símbolos ou códigos utilizados ao longo do ato ritual.

Outro ponto abordado pelo autor como relevante em relação ao ritual é o fato de que estes são utilizados como meio para lidar com situações difíceis, com os desequilíbrios sociais e pessoais. Neste sentido Schechner também ressalta que os rituais “transformam pessoas, permanente ou temporariamente.” (SCHECHNER, 2012, p.50).

Partindo deste pressuposto, o autor traz a noção de “transporte e transformação”. Schechner (2011) afirma que durante o momento liminar do ritual e aqui se apropria tanto da noção inicial de fase liminar apresentada por Van Gennep (2011) quando do desenvolvimento deste conceito elaborado por Turner (1974), onde o indivíduo é transportado da sua realidade cotidiana para o espaço-tempo ritual onde pode ou não sofrer uma transformação. Schechner (2012) elabora que quando em situações de ritual e/ou performance os indivíduos assumem o atributo liminar e estando nesta situação de margem eles são ao mesmo tempo o “não eu” – que é diretamente a negação de si – e o “não eu” – que através da dupla negativa se reassume consigo mesmo. Partindo desta personalidade binária e dependendo da relação do indivíduo com o ato ritual – se é o xamã que executa ou um iniciado que aspira novo status social, por exemplo – ocorre a transformação onde o indivíduo assume uma nova personalidade.

O ritual, para Schechner (2012), transgride a vida comum, cotidiana. Ainda que estabelecido normativamente dentro das práticas cotidianas de diversos grupos sociais, o ritual em si vai além dos limites estabelecidos para a vida diária. O ato ritual não é como o hábito, não é um ato repetido apenas por necessidade, apesar de ser realmente complexa a delimitação precisa de quais substratos da vida cotidiana podem ser considerados meramente hábitos e o que de fato é ritual, como faz questão de destacar Schechner (2012). As situações podem se confundir, pois alguns atos cotidianos, como levantar pela manhã, podem tornar-se rituais ou manter-se meramente hábitos dependendo da forma como são executados e encarados pelo indivíduo que os realiza.

Dentro da própria definição de ritual Schechner (2012) acrescenta a diferenciação entre rituais sagrados e seculares. Os rituais sagrados são aqueles desenvolvidos sob uma esfera de religiosidade. Os rituais seculares estão associados aos substratos ditos profanos, ou seja, a política, a vida cotidiana, a economia, as artes. Porém esta separação, como destaca o autor, não pode ser assim tão cartesiana. Nas sociedades pré-letradas, existem culturas onde não se separa arte, política e religião, onde tudo são manifestações do sagrado inerente ao homem.

Schechner (2012) defende que o conceito de ritual pode ser sistematizado como uma manifestação, humana ou não, que pode ser de um grau mais simples ou mais elaborado. Em suas manifestações humanas, o ritual pode ser entendido como secular ou sagrado, mas apresenta-se sempre de maneira transgressora da realidade cotidiana e como manifestação da memória individual e/ou coletiva. O momento liminar do ritual constitui-se em um transporte e apresenta um potencial de transformação dos indivíduos envolvidos, este potencial é representado pelo atributo do “não eu”.

A análise ritual está sempre relacionada à ação social e à comunicação. Estas buscam estabelecer a forma estrutural de realização de um rito. Neste processo é possível observar a maneira como os indivíduos classificam o mundo e constroem a realidade em que vivem. Nessa realidade, inserem-se as instituições, que nada mais são do que os meios em que o homem propaga a sua existência e projeta a sua forma de existir. E nesse poder de uniformização e de padronização, as instituições servem para estabelecer uma ligação entre o passado e o presente.

Corroborando com a interpretação acima mencionada, Rivière (1996) defende o ritual como um fato social, no qual a realização de um ato ritualístico busca ser o fato para as pessoas estarem juntas. Para o autor o rito busca renovar ou refazer a identidade, a personalidade do grupo e da sociedade. Nos grupos sociais, sempre existem os participantes e os excluídos, porém os símbolos ritualísticos como o canto, a música, o vestuário, são vistos como uma linguagem específica que serve para afirmar a identidade coletiva que identifica uma cultura própria e reafirma a estrutura social, mesmo com as desigualdades existentes. Os rituais são as sínteses dos valores em evidência numa determinada cultura, e que vão sendo transferidos de geração a geração.

Mas porque os rituais permanecem através dos tempos atravessando as transformações e as novas estruturações da sociedade?

Os rituais fazem parte do universo simbólico na organização das sociedades humanas, portanto da sua expressão cultural. Vilhena (2005) assinala que sendo o rito expressão e síntese do ethos cultural de um povo, portanto expressão de sua vida há de se salientar que, como ação, é vida acontecendo, processando-se, sendo significada, interpretada, coordenada, criada. O rito é vida criando vida, pois que no caos, na indeterminação, na falta de horizontes e sentido não sobrevivemos. É, portanto, atividade, trabalho, obra que opera, transforma, cria, significa.

As razões da conservação dos ritos e rituais segundo Leach (1978), é que “o primitivo e o moderno são iguais. Não apenas pensamos de forma similar. Embora haja diferenças entre sociedades, existe um repertório básico de ações que partilhamos. Somos semelhantes e diferentes ao mesmo tempo”. Neste lançar de olhares que o autor faz, sobre a aplicação da estrutura ritual na análise dos fenômenos sociais, o desafio reside não somente na observação e interpretação dos rituais e suas manifestações, mas vai além. Encontra-se no cerne do que expressam as representações coletivas que chegaram até nós por meio de várias gerações. É a palavra, o sentido, o gesto, a narrativa e todos os símbolos e signos presentes nos mesmos.

Da Matta (1986) explica que alguns aspectos triviais da vida social são transformados em símbolos que evidenciam uma dada realidade sociocultural. Para ele, é necessário entender os ritos e rituais como um momento da vida das sociedades profundamente ligadas às formas culturais e suas manifestações, por meio da língua e dos símbolos. Assim, pode-se dizer que os rituais estão presentes no cotidiano da vida em sociedade. O interesse centra-se na questão de como os valores são transmitidos para as gerações seguintes. Para tanto, é importante verificar como os valores são expressos nos símbolos, nas histórias, nos mitos e nos rituais.

Para Peirano (2003) o ritual precisa ter uma definição operativa que se fundamenta sobre as seguintes bases e com a seguinte orientação:

- Primeiro deve-se evitar uma definição rígida e absoluta. A compreensão do que é um ritual não pode ser antecipada. Ela precisa ser etnográfica, isto é, apreendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que ele observa. Esta postura deriva da noção de que a antropologia sempre deu (ou teve como intenção dar) razão e voz aos nativos, levando em consideração a perspectiva de um “outro” diferente, de grupos que não pensam e agem como nós. A autora afirma que em todas as sociedades, existem eventos que são considerados especiais. Na nossa, por exemplo, uma formatura, um casamento,

uma campanha eleitoral, a posse de um presidente da república, e até mesmo um jogo final da Copa do Mundo como eventos especiais e não-cotidianos. Quando assim vistos, eles são potencialmente “rituais”. O pesquisador deve, portanto, desenvolver a capacidade de apreender o que os nativos estão indicando como sendo único, excepcional, crítico, diferente;

- Segundo, Peirano (2003) sugere que a natureza dos eventos rituais não está em questão: eles podem ser profanos, religiosos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados. Uma vez aceito que todos os eventos mencionados no item anterior (formatura, eleição, jogo de futebol) podem ser analisados como rituais, não interessa seu conteúdo explícito — interessa, sim, que eles tenham uma forma específica (um certo grau de convencionalidade, de redundância, que combinem palavras e outras ações etc.);

- Terceiro, uma vez estabelecida que a definição é etnográfica, então um ritual não se caracteriza pela ausência de uma aparente racionalidade ou pela falta de uma relação instrumental entre meios e fins. Estes são critérios da nossa sociedade e só podem confundir a percepção se os consideramos uma medida universal. Afinal, somos nós que nos acreditamos mais racionais, mais espontâneos, mais pragmáticos. Assim sendo, definições antecipadas — de ritual ou, aliás, de qualquer outro fenômeno — só tendem ao empobrecimento se não coincidem com nossos valores explícitos;

- Quarto, partindo do princípio de que uma sociedade possui um repertório relativamente definido (embora flexível), compartilhado e público de categorias, classificações, formas, valores etc., o que se encontra no ritual também está presente no dia-a-dia — e vice-versa. Consideramos o ritual um fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo. Peirano (2003) enfatiza que ao invés de nos fixarmos nos critérios (ocidentais) de racionalidade, procuraremos seguir critérios de criatividade e eficácia. Rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais;

- Finalmente, como vivemos em sociedade, tudo aquilo que fazemos tem um elemento comunicativo implícito. Ao nos vestirmos de determinada forma ao assumirmos determinadas maneiras à mesa, ao escolhermos determinados lugares para frequentar, estamos comunicando preferências, status, opções. Da mesma forma, falar também é uma forma de agir, como qualquer outro tipo de fenômeno: falar e fazer têm, cada um, sua própria eficácia e propósito, mas ambos são ações sociais.

Com base nestes cinco pontos operativos acima referidos Peirano (2003) adota uma definição de ritual formulada por Stanley Tambiah e faz uma série de considerações e exemplificações:

“O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo].” (PEIRANO, 2003.P. 7)

A partir dos conceitos e perspectivas apresentadas acerca do ritual pelos mais diversos autores até aqui referidos, iremos demonstrar adentrar a presença dos elementos ritualísticos presentes no cotidiano da sociedade em seus mais diversos grupos, principalmente nas práticas torcedores e sua relação com as dinâmicas de carnavalização defendidas na presente tese.

2.2- Ritual no futebol e o futebol de Rituais.

Em diferentes ocasiões o ser humano serve-se da linguagem ritualística para administrar situações limites, celebrar a vida, a alegria, a vitória e legitimar sua posição no grupo social do qual faz parte. Nessa linguagem os símbolos substituem as limitadas palavras. O ritual pode propiciar ao indivíduo adentrar na profundidade do seu sentimento e realizar a experiência do sagrado.

A raiz sobrenatural e a presença do sagrado constituem as ideias principais das concepções teóricas acerca do ritual, e é nossa intenção demonstrar, a presença desses aspectos em uma partida de futebol em seus praticantes e seus torcedores.

Evidentemente que a classificação do jogo de futebol como sendo um ritual é uma questão polêmica e que pode gerar debates importantes. Se por um lado alguns podem considerar esta classificação aceitável e verdadeira, alguns podem negar de forma determinada tal possibilidade de classificação. Não é nossa intenção determinar nem uma

coisa nem outra, mais apresentar a pertinência para a reflexão acerca do futebol como um espaço ritual para aqueles que o vivenciam em toda sua plenitude.

Assinalamos também que segundo capítulo de nossa tese não é primeira tentativa de apresentar o futebol como Ritual, Daniel Seabra e Joana Rodrigues em seu texto “O Futebol como Ritual” de 1998, procuraram refletir, a partir de uma análise conceitual, a possibilidade de conceber o Futebol como prática ritual. Em 2005, Murilo d'Almeida Machado em sua tese de doutoramento “O Êxtase no Futebol, A comunicação ritual e suas experiências sensoriais”, propôs a ocorrência de comunicação ritual que ocorre nos estádios de futebol, tendo como foco a observação do processo de ação indutor das experiências rituais dos torcedores, em particular as experiências do êxtase. Luiz Henrique Toledo também defende em sua Tese de doutoramento “Lógicas no Futebol, Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional de 2000”, que é grande a dimensão simbólica tocada pelo ritual do futebol sobre o cotidiano dos brasileiros. José Ronaldo Mendonça Fassheber é outro autor que apresenta uma associação das práticas rituais perceptíveis dos Kaingang e o jogo em sua tese de doutoramento denominada “Etno-Desporto Indígena”, contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang. Existem ainda outros estudos que defendem o futebol como Ritual e que iremos cita-los pontualmente. Salientamos ainda que, muitos dos conceitos apresentados nos estudos acima mencionados, tornaram-se o arcabouço teórico do presente capítulo.

Começando o nosso propósito de demonstrar a presença do ritual em uma partida de futebol e todo universo da qual ela faz parte, apoiamo-nos em Durkheim (1996) que propõe que os jogos têm sua origem nas representações do ritual religioso e que o próprio culto é uma espécie de ritual de recreação. Para esse autor, “as representações rituais põem em evidência um importante elemento da religião: o elemento recreativo e o estético”. O ritual então carrega consigo o aspecto recreativo cujas representações para Durkheim (1996, p. 414) “estranhas a todo fim utilitário, fazem homens esquecerem o mundo real, transpondo-os a um outro em que sua imaginação está mais à vontade.

Os rituais distraem. Tem inclusive o aspecto exterior de uma recreação: “os assistentes riem e se divertem abertamente.” Mas religião não é o jogo, embora possamos considerar ambos como fatos sociais. Lévi-Strauss (1997, p. 46) também percebe as relações e as diferenças entre jogo e rito: “todo jogo se define pelo conjunto de suas regras, que tornam possível um número praticamente ilimitado de partidas; mas o rito, que também se ‘joga’, parece-se mais com uma partida privilegiada, retida entre todas as

possíveis, pois apenas ela resulta em um certo equilíbrio entre dois campos”. segundo ele, as diferenças entre jogo e rito são estruturais. Ele analisa alguns rituais fúnebres para tecer estas relações:

O jogo aparece [...] como *disjuntivo*: ele resulta na criação de uma divisão diferencial entre os jogadores individuais ou das equipes, que nada indicaria, previamente, como desiguais. Entretanto, no fim da partida, eles se distinguirão em ganhadores e perdedores. De maneira simétrica e inversa, o ritual é *conjuntivo*, pois institui uma união (pode se dizer aqui, uma comunhão) ou, de qualquer modo, uma relação orgânica entre dois grupos (que, no limite, confundem-se um com a personagem do oficiante, o outro com a coletividade dos fiéis) dissociados no início. No caso do jogo, a simetria é pré-ordenada; ela é estrutural, pois decorre do princípio de que as regras são as mesmas para os dois campos. Já a assimetria é engendradora: decorre inevitavelmente da contingência dos fatos, dependam estes da intenção, do acaso ou do talento. No caso do ritual, ocorre o inverso: coloca-se uma assimetria preconcebida e postulada entre profano e sagrado, fiéis e oficiantes, mortos e vivos, iniciados e não-iniciados etc., e o ‘jogo’ consiste em fazer passarem todos os participantes para o lado da parte vencedora, através de fatos cuja natureza e ordenação têm um caráter verdadeiramente estrutural (LÉVI-STRAUSS, 1997, p. 48).

Para Durkheim (1996, p. 416) a relação entre rito e recreação ocorre apenas em seus elementos constitutivos onde a vida religiosa concede espaços e tempos às atividades recreativas: “a religião não seria o que é se não concedesse um lugar às livres manifestações do pensamento e da atividade, ao jogo, à arte, a tudo o que diverte o espírito fatigado com o que há de sujeição excessiva no trabalho cotidiano: as próprias causas que a fizeram existir fazem disso uma necessidade”. É o que vemos com clareza no desabafo do torcedor de futebol profissional 99 e 30:

“Eu fico muito puto quando alguém diz pra mim como eu posso passar tanto tempo vendo futebol. Eu trabalho no comércio feito um condenado até sábado sempre com a grana contada, não como fazer quase nada pra me divertir e ainda tem gente que fica me criticando por assistir futebol direto? Eu ia ficar era doido se não tivesse meu mengo, eu gosto, tomo minha cerveja com os colegas, não faço mal pra ninguém, não fresco com a mulher nem com meus filhos, mas isso é a minha diversão.” (Torcedor 99, 53 anos. / Pesquisa de campo 2018)

“A semana pra mim tem dois dias especiais. Quarta e domingo, ou quinta e sábado. Trabalho no comércio no centro, às vezes até às 20:00, e não ganho lá essas coisas. Meu lazer é ir pra casa da minha namorada e ver meu futebol. Não preciso gastar muito, me divirto pra c... e volto pra casa de boa. Nem a porcaria do Busão que demora uma eternidade me tira do sério.

Preciso disso cara, tenho outras diversões, mas nada como assistir meu mengo jogar. Minha namorada me acompanha em todos os jogos, do que posso reclamar?”. (Torcedor 30, 19 anos. / Pesquisa de campo 2018).

Apesar desses paradoxos anteriormente mencionados, defendemos ser possível encontrar em uma partida de futebol dimensões e características de um ritual que se assemelha aos rituais religiosos. Talvez por isso as metáforas religiosas sejam muito abundantes no discurso dos torcedores e analistas do futebol.

Com uma análise análoga Augé (1991) afirma que pela primeira vez na história da humanidade, milhões de indivíduos assistem a horas e dias fixos, no estádio ou pela televisão, a uma celebração de um ritual. Por sua vez, Morris (1981) destaca que "a semelhança de uma assembleia religiosa, o jogo de futebol não só junta um vasto grupo de pessoas em multidão visível como também as associa a uma crença comum e extremamente firme: já não a crença numa divindade, mas a crença numa equipe." (Morris, 1981: 23.)

Seabra (1998) adverte que o futebol parece assim assumir-se atualmente como uma nova religião de um povo que se reúne numa catedral onde seus torcedores experimentam um sentimento de êxtase fora do tempo profano e quotidiano. Os grandes jogos de futebol realizam-se de fato num quadro espacial bem definido que é o estádio de futebol. Este é por vezes denominado de santuário, catedral, inferno, etc. A grama onde o jogo se pratica é muitas vezes denominada "grama sagrada”.

Bento 2013 também faz essa analogia considerando os estádios de futebol como as catedrais da atualidade:

“Hoje se constrói outro tipo de catedrais: estádios de futebol e centros comerciais. Os estádios dão, pois, notícia de um tempo diferente do das catedrais. Melhor dizendo, são as novas catedrais desta época. São um monumento e templo erigidos a uma outra divindade, à celebração do homem de carne e osso que procura alargar a faixa estreita da vida. Neles entra em cena uma nova expressão da transcendência, não mais pela via da mímica e imolação da vida, mas pelo transbordar da taça em que ela é bebida. Não é o homem novo que finalmente se vê despontar; é só a renovação incessante da liturgia sempre inconclusa de o fabricar.” (BENTO, 2013 pag. 26

Morris (1981) defende que o estádio de futebol é muitas vezes entendido como um lugar fechado só acessível para aqueles que querem participar no culto. Entendido desta forma, as portas de um estádio de futebol representam um limite entre dois mundos.

Para se ter acesso ao seu interior (entendido como local de culto), será necessário a apresentação de cartão identificativo de pertença à coletividade e/ou um bilhete de ingresso. O acesso ao interior do estádio de futebol compromete qualquer indivíduo a aceitar as regras que vigoram no "local de culto". O processo de entrada num estádio de futebol em dia de jogo pode assim ser entendido como um ritual de entrada que proporciona a passagem de uma situação social a outra, pois no interior da "catedral" todos comungam da mesma adoração e são, indistintamente, fieis seguidores.

Outro aspecto assinalado por Seabra (1998) é que se pode estabelecer uma analogia entre a relação jogadores/torcedores de futebol e a relação santos/fiéis. Durante uma partida de futebol os fiéis espectadores manifestam a sua efervescência emocional através de uma rigorosa codificação gestual e vocal. Os espectadores reconhecem, tal como num ritual litúrgico, os momentos em que deverão levantar-se, aplaudir, cantar, agitar as bandeiras, lançar fumos, protestar, etc.

Todos estes comportamentos desenrolam-se ao durante uma partida de futebol ao ritmo de uma liturgia que não tem nada de metafórico. Dentro do lugar de culto que é o estádio, milhares de fiéis vivem um mesmo sentimento de efervescência e crença expresso por gestos e cânticos que parecem criar condições de transcendência e percepção sensível do sagrado. Na verdade, das arquibancadas dos estádios ecoam "canções em uníssono que, a despeito das palavras muitas vezes obscenas, soam aos ouvidos de toda a gente como hinos entoados por meninos do coro como em uma igreja em seus momentos litúrgicos. Na verdade, algumas dessas canções são mesmo hinos colhidos diretamente nos livros de música religiosa." (Morris, 1981: 23). Foi exatamente essa situação que aconteceu na decisão do campeonato carioca entre Vasco e Fluminense, realizada no Rio de Janeiro no dia 26 de outubro de 1980, com um estádio do Maracanã lotado e presenciada por nós via transmissão televisa. A partida estava se caminhando para ser decidida nos pênaltis, o jogo estava empatado em 1 x 1. João Paulo II tinha vindo ao Rio de Janeiro alguns meses antes, e a torcida começou a cantar o mesmo hino da quais muitos brasileiros cantaram para o Papa na sua visita ao Brasil:

“A benção, João de Deus, nosso povo te abraça, tu vens em missão de paz, sê bem-vindo, e abençoa este povo que te ama.”

O Fluminense acabou vencendo o Vasco na disputa de pênaltis, por 4 x 1. O goleiro Paulo Goulart defendeu as cobranças dos vascaínos Dudu e Orlando Lelé, e o Fluminense acabou ficando com o título. A partir de então, essa música acabou sendo uma espécie de "talismã" para a torcida tricolor, que sempre canta quando sabe o que o Fluminense precisa do resultado. Mesmo com apenas 10 anos de idade, esse dia inesquecível nunca mais saiu de nossa memória, tornando-se uma das melhores lembranças de nossa existência. João Paulo II foi homenageado pelo Fluminense como um dos seus padroeiros, em 2010.

Em nossas práticas de campo buscamos verificar efetivamente a presença dos aspectos rituais nas práticas torcedoras locais de futebol, pois apesar de entendermos que todas as construções teóricas acerca das práticas rituais até aqui utilizadas serem relevantes e pertinentes, fez-se necessário o seu cruzamento com a realidade do torcedor manauense de futebol. Para esse propósito em nosso roteiro de entrevista no item 19, indagamos sobre a existência ou não, de comportamentos supersticiosos e ritualísticos no momento do jogo:

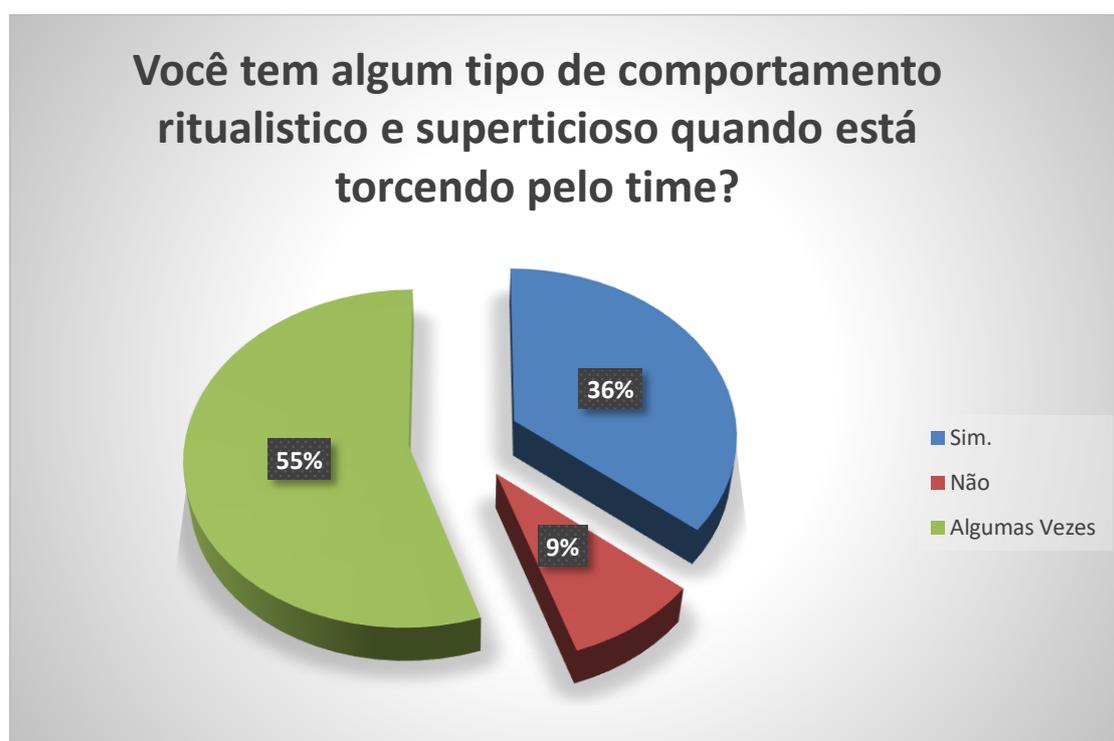


Gráfico 07 – Comportamento ritualístico e religioso na hora de torcer. Profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.

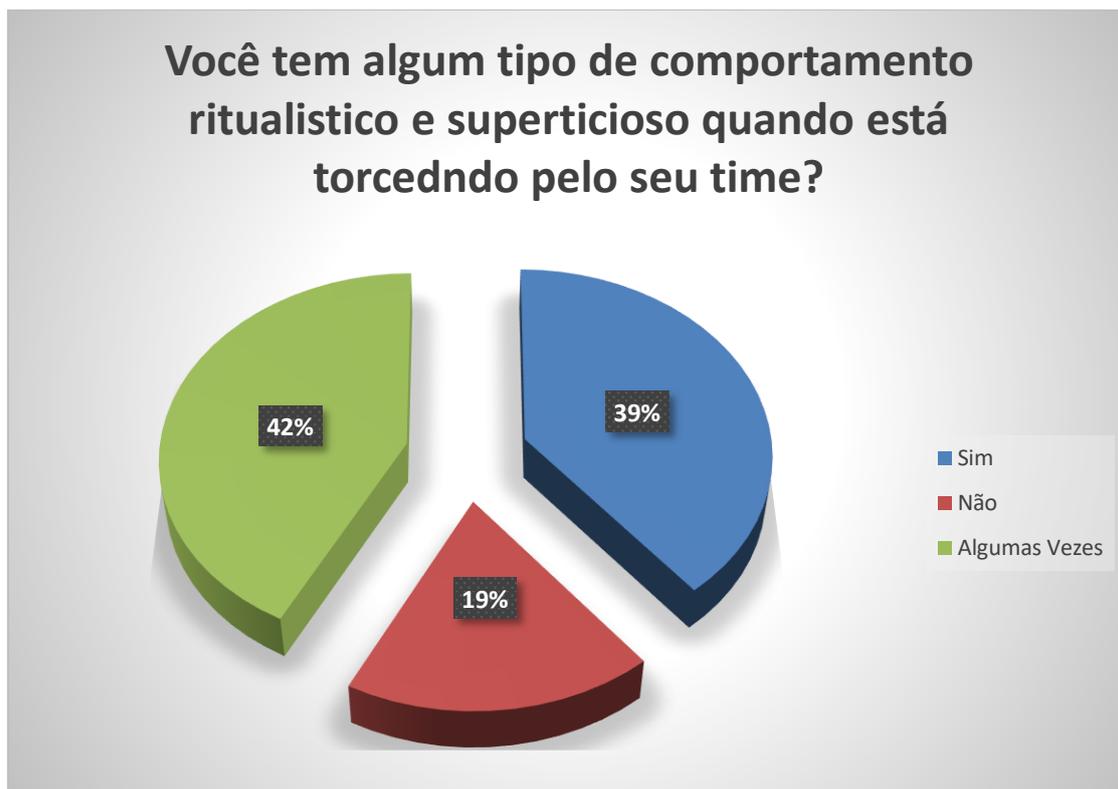


Gráfico 08 – Comportamento ritualístico e religioso na hora de torcer. Peladão. Fonte: pesquisa de campo/2017.

Os resultados dessa indagação revelaram que um percentual bem elevado de torcedores tem um comportamento supersticioso quando está torcendo por sua equipe de futebol do coração. Verificamos isso loco também quando observamos algumas práticas gestuais que se relacionavam diretamente com questões religiosas: se benzer muitas vezes, olhar para o céu em momentos de aflição durante a partida como a suplicar pela ajuda do alto e beijar sua medalha ou cruz de seu cordão. Uma demonstração que observamos e que foi bastante significativa para demonstrar essa relação foi vermos que alguns torcedores seguravam na mão um terço e pareciam fazer as orações pertinentes a essa devoção. Acreditamos que muitos outros processos simbólicos ocorrem internamente nos indivíduos torcedores e que são de difícil visualização e percepção, mas que ocupam um espaço considerável no cotidiano desse expressivo número de amazonenses.

Também em nossa prática de campo perguntamos sobre quais seriam esses comportamentos rituais e supersticiosos durante a partida assinalados no item 19 de nosso roteiro de campo e nos deparamos com a seguinte classe de palavras:

Uso da mesma peça do vestuário ou adereços relacionados ao seu time - Camisa / Cueca / Calça / Lenço / Pulseiras/ Medalhas com símbolo do time / Bandana /

Comportamentos religiosos - *Fazer o sinal da cruz / Olhar para o céu / Fazer orações e súplicas a Deus / Rezar o segurar o terço / Segurar medalha do seu santo preferido/*

Local da sorte onde assiste aos jogos - *No bar com os amigos / Com os amigos em casa / Sozinho em casa / Em casa com a família / Em um local específico do Estádio*

Comportamento corporal - *Levantar da cama com o pé direito / Fazer figa / Bater na Madeira*

Evidentemente que muitos desses comportamentos também estão presentes em outras esferas da vida e tem relação com a forma que o homem vê e interpreta a realidade dentro de seu universo empírico, imaterial e simbólico. Como o mundo do futebol não é um mundo à parte, mas influência e é influenciado por todas as dinâmicas sociais existentes, esses comportamentos rituais e supersticiosos perpassam e se fazem presentes em todas as paragens humanas, incluindo aí o universo futebolístico.

Ainda sobre o questionamento que fizemos em nossa pesquisa de campo sobre comportamentos ritualísticos e supersticiosos, queríamos saber também se o torcedor acreditava que esses comportamentos podiam influenciar no resultado da partida. O torcedor de futebol profissional 118 em um trecho de sua entrevista relatou assim sua percepção:

“Camarada eu sempre uso a mesma camisa do Flamengo, está velhinha já, mas ela dá sorte. Não fico nessa de ficar comprando camisa do meu time toda hora não. Muda o patrocinador e tenho que comprar outra? Nada disso, a minha é das antigas, de raiz, vermelha e preta, meu manto sagrado, se não vier com ela corre o risco do meu time perder e não quero ser responsabilizado por isso não.” (Torcedor 118, 46 anos. / Pesquisa de campo 2018).

Essa ideia é reafirmada em um trecho da entrevista do torcedor futebol profissional 91:

“Eu só vejo jogo sozinho no meu quarto, não quero ninguém perto de mim que dá azar. Uma vez fui assistir na casa de um amigo meu azarado e meu time perdeu. Isso nunca mais. Tem gente que tem energia negativa. Futebol pra mim é so eu e meu time na televisão.” (Torcedor 91, 49 anos / Pesquisa de campo 2018).

Corroborando com essa visão do caráter ritualístico e religioso do Futebol, mas com outra perspectiva, Boof (2014) defende que no futebol como na religião, tendo como referência a católica, existem os onze apóstolos (Judas não conta) que são os onze

jogadores, enviados para representar o país; os santos referenciais como Pelé, Garrincha, Beckenbauer e outros; existe outrossim um Papa que é o presidente da Fifa, dotado de poderes quase infalíveis. Vem cercado de cardeais que constituem a comissão técnica responsável pelo evento. Seguem os arcebispos e bispos que são os coordenadores nacionais da Copa. Em seguida aparece a casta sacerdotal dos treinadores, estes portadores de especial poder sacramental de colocar, confirmar e tirar jogadores. Depois emergem os diáconos que formam o corpo dos juizes, mestres-teólogos da ortodoxia, vale dizer, das regras do jogo e que fazem o trabalho concreto da condução da partida. Por fim vêm os coroinhas, os bandeirinhas que ajudam os diáconos.

Ainda segundo Boof (2014) o desenrolar de uma partida suscita fenômenos que ocorrem também na religião: gritam-se jaculatórias (bordões), chora-se de comoção, fazem-se rezas, promessas divinas, figas e outros símbolos da diversidade religiosa brasileira. Santos fortes, orixás e energias do axé são aí evocados e invocados. Existe até uma Santa Inquisição, o corpo técnico, cuja missão é zelar pela ortodoxia, dirimir conflitos de interpretação e eventualmente processar e punir jogadores. Como nas religiões e igrejas existem ordens e congregações religiosas, assim há as “torcidas organizadas”. Elas têm seus ritos, seus cânticos e sua ética.

Assim, para entender a circulação das emoções no futebol é necessário entender como a paixão pelo futebol se manifesta nas esferas locais, como os torcedores interagem ritualmente na situação de modo que sejam compartilhados sentidos e símbolos carregados de energia emocional.

Apesar de o futebol ser uma paixão para muitos dos habitantes de nosso planeta, as formas de interação, manifestação e os objetos dessa paixão podem variar bastante, de acordo com a realidade de cada lugar. Em nosso Estado é muito comum que um grande número de torcedores se concentre em bares para assistirem os jogos de futebol pela televisão, torcendo por equipes de outros Estados, sobretudo do Rio de Janeiro e São Paulo. Outra particularidade do torcedor manauense é o fato de muitos torcerem por um time local e de um outro Estado ou até mesmo de outro país, pois em nossa pesquisa de campo quando perguntávamos que time você torce muitas vezes nos indagavam se nos referíamos aos times locais ou de “fora”.

É o que verificamos na fala do torcedor de futebol amador 10:

“Parceiro meu time daqui é o galo aqui, mas sou vascaíno de coração, mas como sou do Coroadado sou

Central que o melhor time do peladão. Quero mesmo é torcer e tomar umas.” (Torcedor 10, 38 anos de /Pesquisa de campo 2017).

O torcedor amazonense também frequenta os estádios de futebol, porem em função da pouca participação de nossas equipes em competições nacionais relevantes, a ida aos estádios não são frequentes e ficam reduzidas a momentos pontuais dos jogos do campeonato amazonense de futebol profissional e dos jogos da Série D do campeonato brasileiro no qual as equipes de futebol do Amazonas fazem parte.

É isso que verificamos na fala do torcedor de futebol profissional 41:

“Eu sou louco por futebol, mas depois do nosso fraco campeonato amazonense o que nos resta? Não tem nada, só a série D que a gente nunca ganha. Então eu venho pra cá no Eldorado e junto minhas duas paixões: cerveja e o meu mengão. Kkk.” (Torcedor 41, 47 anos / Pesquisa de campo 2018)

Mas o que nunca muda entre os torcedores, seja aqui do Amazonas, ou de qualquer lugar do planeta são as circulações compartilhadas ritualisticamente pelos torcedores de futebol que são determinadas pelas dinâmicas imprevisíveis de um jogo, com as características de um ritual conforme Collins:

Ritual é um mecanismo de emoção e atenção mutuamente focada produzindo uma realidade momentaneamente compartilhada, e por isso gera solidariedade e símbolos do pertencimento de grupo (COLLINS, 2004)

No que se refere a expressões corporais durante o ritual, não estamos nos referindo a qualquer técnica corporal, mas somente a aquelas em situações performáticas. A performance é a improvisação e a capacidade de criação dos sujeitos durante a realização do ritual. Por isso, extrapola o âmbito da narrativa e seu componente verbal, pois incorpora a experiência vivida (o componente não verbal), que neste caso será o corpo durante a realização do ritual, mais especificamente nos rituais dentro de um contexto futebolístico.

Os movimentos, o canto e a música, os gestos, empregados nas situações rituais presentes nas práticas torcedoras em uma partida de futebol são sempre de natureza simbólica. Para entender a mensagem transmitida nesses rituais, é essencial conhecer os significados dos símbolos e dos signos de seus clubes para os torcedores. Para CHANLAT (1996, p. 43), o universo humano “é um mundo de signos, de imagens, de

metáforas, de emblemas, de símbolos, de mitos e de alegorias. Todo ser humano e toda sociedade humana produziram uma representação do mundo que lhe confere significado”.

Para os torcedores de futebol reificação desses símbolos como emblemas é a experiência do próprio grupo e dos sentimentos compartilhados entre eles quando se reúne, ou seja, da intersubjetividade. Esses objetos tornados sagrados por vezes podem ser percebidos como a realidade que representam, perdendo-se de vista o fato de que eles são apenas um sinal, não têm valor em si (COLLINS, 1992). Apesar disso, podemos ver esses símbolos como elementos que ganham uma autonomia relativa de sua base original, podendo ser apropriados e ressignificados a partir de outros contextos territoriais e populacionais. É o caso dos torcedores amazonenses de futebol que tem uma grande preferência por times do Estado do Rio de Janeiro e São Paulo e se relacionam com os símbolos de seus times mesmo em um centro distante da origem dos mesmos.

Os vários times de futebol podem, então, ser pensados como emblemas/símbolos para os quais as pessoas canalizam parte de suas emoções. Com a reificação dos símbolos, o time torna-se um valor em si, e é capaz agora de gerar novos símbolos que não estão relacionados ao futebol de um modo geral, mas ao próprio clube (embora a vivência do clube continue sendo a vivência do futebol). Collins (1992:43-45) afirma, ainda, que é a permanência desses emblemas que garante uma continuidade para a identidade grupal.

A sociedade é padronizada a partir de símbolos, ou mais precisamente, em relação a símbolos; mas esses símbolos são respeitados apenas na medida em que sejam carregados com sentimentos através da participação em rituais. Sentimentos desagregam-se e desaparecem se não forem periodicamente renovados (COLLINS,2004: 37).

Para exemplificarmos o que foi dito apresentamos alguns símbolos das equipes de futebol que são reificadas em seus torcedores:



Galo do Atlético Rio Negro Clube



Leão do Nacional Futebol Clube



Porco da Sociedade Esportiva Palmeiras



Urubu do Clube Regatas Flamengo

Prosseguindo em nossa perspectiva da presença de dimensões do ritual no futebol, entendemos que o modelo a que se referiu Turner (1974), de um “rito de elevação de status”, pode muito bem ser coerente com o futebol, pois ocorre a agregação à identidade do torcedor de elementos de pertencimento ao coletivo representado pelo Clube de

Futebol e por sua torcida. Neste sentido, a elevação de status, seria apenas porque o coletivo ao qual o sujeito vai se introduzindo possui um status superior ao anterior.

É o que vemos na fala do torcedor de futebol profissional 26:

“Cara aqui no estádio é o meu lugar, meu melhor momento, sou Naça e nada me importa, apesar de que esse time não me ajuda, mas eu me sinto fora de órbita, não penso em mais nada, aqui todo mundo é Naça e nada mais. pena que essa m... só dura 90 minutos. Depois tenho que voltar pra realidade.” (Torcedor 26, 50 anos / Pesquisa de campo 2018).

Apoiando-nos em Turner (1974), verificamos que para o torcedor 12 o momento do jogo é um momento que ultrapassa os limites do tempo e espaço cotidiano e o leva um tempo e espaço circunscrito, uma liminaridade, além disso, ele sai da esfera individual passando a ter um sentimento de pertencimento, mesmo que momentâneo.

Essa liminaridade é diluída em vários rituais dos quais o sujeito participa e, a cada um deles, ocorre uma transição do sujeito para a condição de torcedor, de pertencimento ao seu Clube de Futebol. Após uma sequência de rituais o torcedor vai, paulatinamente, passando a incorporar à sua identidade o “ser” Nacionalino, Rionegrino, Flamenguista etc., ou “ser brasileiro”.

No imaginário do torcedor, seu Clube de Futebol é sempre o melhor, o mais glorioso, suas cores são sempre as mais bonitas e a sua torcida é sempre a mais influente e poderosa e o fato dele pertencer a este coletivo torna-o também superior. É o que pudemos perceber na fala do torcedor de futebol amador 48 que constamos em nossa pesquisa de campo:

“Eu sou Central do Coroado, a gente ganha esse peladão faz tempo, dá uma olhada no Estádio, nossa torcida é a melhor, nós somos os melhores, não discuto isso com ninguém, aqueles eu nem sei quem é. Vamos ganhar mais uma e a festa vai pro Coroado, e haja cerveja pra matar a sede dessa torcida. Aqui quem manda é a torcida do Central.” (Torcedor 48, 32 anos/ Pesquisa de campo 2017)

Concordando com o Torcedor de Futebol amador 48, trazemos a percepção do Torcedor de futebol profissional 99:

“Esse Manaus futebol clube não sei nem de onde saiu, não tem tradição nem história, daqui a pouco essa m... acaba. Eu sou Nacional e isso é time, não dá nem pra discutir, nem pra comparar com essa porcaria aí. Nossa torcida tem nome: sou Nacionalino e esse grupinho são o que? Manauslino? É uma

piada mesmo. kkkk” (Torcedor 35, 57 anos. /Pesquisa de campo 2018).

Ressaltamos aqui que em nossa tese de doutoramento nossa pesquisa de campo está sendo realizada tanto com torcedores de futebol profissional e amador, por isso apresentamos perspectivas dos dois grupos pesquisados.

Outro aspecto que queremos destacar e que é facilmente observado nos torcedores de futebol, no transcorrer de uma partida, é a carga emocional compartilhada repleta de significações simbólicas e de expressões corporais que são comandadas pelo que acontece no gramado onde se desenrola o jogo. Netto (2009) em sua dissertação de Mestrado intitulada “Emoção e Comportamento Corporal dos Espectadores de Futebol Durante o Jogo” tentou compreender quais as emoções sentidas pelo espectador durante uma partida e verificar a relação com variáveis que caracterizam o jogo. Netto (2009) identificou doze comportamentos corporais: “permanecer imóvel”, “saudação romana”, “esbracejar”, “abraçar”, “dançar”, “fazer gestos propositais e frenéticos”, “levar as mãos à cabeça”, “bater palmas”, “saltar com alta elevação e elevado ritmo”, “saltar com baixa elevação e elevado ritmo”, “rodar lenços ao redor da cabeça” e “agitar bandeiras”. Foram identificadas também quatro emoções correspondentes aos comportamentos corporais: ansiedade, alegria, orgulho e irritação/raiva. “Permanecer imóvel” foi o comportamento corporal mais observado.

Vale frisar que todos esses comportamentos descritos por Netto (2009) foram em nossas práticas de campo, tanto nos estádios de futebol como nos bares escolhidos para essas vivências.

Apesar de o torcedor amazonense de futebol profissional não ter muitas possibilidades de realizar suas expressões corporais ritualísticas em um estádio, em função do período curto do campeonato amazonense e da pouca participação em competições nacionais, ele o realiza na frente da televisão, em bares, em sua casa e na casa de seus amigos onde se reúnem para assistir aos jogos de seu time do coração. Já o torcedor de futebol amador se expressa corporalmente nos mais diversos campos futebol espalhados em nossa cidade, onde ocorrem os jogos do campeonato amazonense de Peladas.

O momento do gol representa o clímax de todo o ritual. Contudo, este objetivo nem sempre é fácil. O futebol é estruturalmente um jogo de incerteza, pois não se sabe de antemão o vencedor de qualquer jogo. Esta incerteza é ainda acentuada por outros fatores.

As decisões controversas ou erradas do árbitro, as trajetórias inesperadas da bola, etc. Para essas incertezas os torcedores de futebol recorrem a amuletos e mascotes para dar sorte ao time que torcem. Talvez seja por essas razões que alguns dos amuletos e mascotes são signos de religiões (dos quais a cruz constitui um exemplo). Conforme já mencionamos anteriormente sobre o momento do Gol, iremos dedicar o último capítulo de nossa tese de doutoramento por entendermos que esse momento é a expressão máxima do processo de carnavalização que ocorre entre os torcedores de futebol.

Outro aspecto nessa perspectiva defendida por Machado (2005) são os “espaços rituais” do futebol, onde se desenvolvem as diferentes facetas do ritual realizadas por atores determinados segundo as regras. São formados, concretamente, por territórios.

A palavra “território” representa a área física previamente demarcada do “espaço ritual”; é onde se localizam os respectivos atores de cada “espaço”, onde irão executar o seu papel no ritual. Observa-se que ocorre uma série de restrições à entrada dos atores nos territórios, no sentido de especificar o território de cada ator, que assim participa do ritual somente dentro de seu respectivo “espaço”. Essa restrição à entrada dos atores nos territórios relativos aos “espaços rituais” é muito acentuada no futebol, sendo uma de suas características principais deste ritual.

Ainda de acordo com Machado (2005), dentro do espaço ritual do futebol existem três subcategorias relativas às diferentes facetas do ritual e atores participantes, cujos territórios são relativamente isolados entre si: o “espaço ritual do jogo”, o “espaço ritual dos bastidores” e o “espaço ritual dos torcedores”.

O “espaço ritual do jogo” possui dois territórios que estão na parte gramada do estádio. O primeiro é o chamado território das “quatro linhas”, onde o jogo propriamente dito se desenvolve. É o principal território do principal espaço deste ritual e, conseqüentemente, é o mais restrito. Compreende a área localizada no interior das linhas que compõem os lados do retângulo, que configura o chamado campo de futebol propriamente dito, somada a uma pequena área exterior paralela aos lados maiores do retângulo, esta de uso exclusivo dos auxiliares do árbitro (antigamente chamados de bandeirinhas). Neste território somente podem entrar os jogadores que estão atuando na partida, o árbitro da partida, seus auxiliares e o pessoal da comissão técnica responsável pelo atendimento médico.

O segundo território é formado pela chamada “área técnica”, que compreende desde o banco de reservas, onde ficam os jogadores que não estão atuando e a comissão

técnica, até as linhas que delimitam o local onde o treinador pode ir quando se levanta do banco para dar alguma orientação aos jogadores que estão atuando na partida.

O “espaço ritual dos bastidores” é destinado à imprensa (que faz a cobertura jornalística), ao policiamento (que faz o controle sócio institucional do ritual) e aos dirigentes dos clubes ou confederações envolvidas na partida. Há, neste espaço, também os vendedores que fornecem bebida e comida para os atores do ritual em geral. O espaço dos bastidores tem uma posição intermediária, em termos de restrição, entre o espaço do jogo e o dos torcedores: é de livre acesso aos atores do espaço ritual do jogo, mas não aos torcedores. É formado pelo conjunto de alguns territórios.

O primeiro fica na parte gramada do estádio, começa onde terminam os territórios do espaço do jogo e vai até o alambrado que separa o território do “espaço dos torcedores”. É onde se localiza o policiamento de campo (por todo este território) e a imprensa (restrita à área paralela às linhas de fundo) durante o transcorrer da partida compreende também o território dos vestiários e túneis de acesso (o acesso aos vestiários geralmente é subterrâneo) e o território das cabinas dos dirigentes. Existem, ainda, os territórios ocupados no estádio pelas emissoras e pelos jornalistas esportivos, as cabinas de imprensa, que estão encarregados de transmitir o jogo para fora de seus limites. Os atores do espaço ritual dos bastidores têm também acesso ao espaço dos torcedores. O policiamento e a imprensa podem ocupar, em certas ocasiões, pequenos territórios localizados em meio às arquibancadas e nas imediações do estádio, onde são colocadas câmeras de televisão. Todas as imagens registradas pela mídia, que tomam parte do objeto desta análise foram obtidas sob o ponto de vista dos atores do espaço ritual dos bastidores.

O terceiro é o “espaço ritual dos torcedores”, cujos territórios são os menos restritos desse ritual, de livre acesso aos atores dos outros espaços. A rígida separação física que isola os territórios deste espaço tem como objetivo evitar que os torcedores invadam os outros espaços, especialmente o do jogo. O espaço ritual dos torcedores compreende basicamente três territórios. O primeiro abrange as arquibancadas, as cadeiras numeradas e as cativas; é isolado (no Brasil) do espaço ritual do jogo normalmente por um alambrado ou por um fosso. Este território é normalmente dividido em dois, cada um destinado a alojar uma das duas torcidas adversárias, que são separadas por outro território que pertence ao espaço dos bastidores delimitado por cordões de isolamento resguardado por policiais.

Por último, devemos considerar os territórios alcançados pelas transmissões de rádio e televisão, onde os torcedores têm acesso às imagens do jogo, aos sons do estádio e ao locutor, que descreve os lances que fazem parte da partida.

Sobre esse território alcançado pelas transmissões das partidas de futebol, ressaltamos aqui os bares, que foram os locais onde realizamos nossa pesquisa de campo, e onde muitos torcedores se reúnem para assistir as partidas e torcer por sua equipe do coração. Por não termos nenhuma equipe de futebol profissional de nosso Estado participando da primeira divisão do Campeonato Brasileiro e conseqüentemente não termos a possibilidade de assistirmos as partidas no estádio de futebol nessa competição, esse território nos bares tornou-se um dos principais espaços de reunião dos torcedores antes, durante e após as partidas.

Édison Gastaldo (2005), em seu artigo “O complô da Torcida”: Futebol e Performance Masculina em Bares, apresenta uma descrição bastante precisa das dinâmicas que ocorrem em bares onde são transmitidas partidas de futebol procurando discutir aspectos da interação social entre os torcedores presentes.

Gastaldo (2005) defende que o “campo finito de significação” suscitado pela transmissão de uma partida de futebol no ambiente dos bares é um fenômeno que dura aproximadamente duas horas. O Autor apresenta um quadro que também que é muito próximo do que vimos na praça do Caranguejo no Conjunto Eldorado na Zona centro Sul da cidade Manaus. Pouco antes de começar o jogo, os bares estão em geral com apenas alguns frequentadores e várias mesas vazias. À medida que se aproxima o início do jogo, começam a chegar os torcedores. A dinâmica de organização do espaço também muda durante o jogo. Normalmente, a organização das pessoas no espaço do bar se dá em torno das mesas. Cada conjunto de mesa, cadeiras e pessoas compõe uma unidade interacional mínima nesse contexto, que, conservando relativa autonomia das outras mesas, agrupam pessoas previamente conhecidas, que conversam entre si, voltadas umas para as outras em torno de cada mesa. Durante o jogo, essa lógica de organização do espaço é alterada; os torcedores voltam-se todos para o televisor (para tanto, muitos torcedores dão as costas para suas mesas, tornadas meros “porta-copos”), estabelecendo um “cone” cujo vértice é ocupado pelo aparelho de TV, configurando no ambiente uma “interação focada”, isto é, em que os diferentes participantes em co-presença imediata compartilham um alinhamento coletivo a uma mesma situação.

Ainda sobre esse espaço Toledo (2000) defende a existência de um *Ethos de bar* pois é um local de convívio e interação social que possui uma dinâmica singular com referenciais espaciais *sui generis* da relação simbiótica estabelecida entre a modalidade esportiva em questão e o cotidiano de milhares de indivíduos mobilizados pelas particularidades da sociabilidade de torcedores.

Experenciamos em nossa pesquisa de campo que dentro dessa dinâmica dos bares as conversas ocorrem livremente nas mesas durante o jogo, mas ouve-se nitidamente o som do televisor, e, apesar de ainda haver conversas laterais, evidencia-se uma forma peculiar de enunciação: falam-se frases em voz alta, para o bar, para todos, sem olhar para os interlocutores, em geral a propósito de um fato do jogo impedimento, falta, gol, etc.; ou a uma imagem exibida pela transmissão do evento ou sua narração.

Boa parte dos torcedores manifesta seu pertencimento com roupas ou acessórios em geral camisas do clube, mas também bonés, faixas e outras peças. Existem alguns, vestidos com “roupas normais”, mas que é possível perceber que são torcedores o pela simples observação de sua performance corporal relativa aos fatos do jogo. Percebe-se facilmente o quanto é fácil a socialização entre os presentes, sobretudo os que torcem pela mesma equipe, que logo se tornam “chegados”, conversando sobre inúmeros aspectos da partida e de seu time de coração. Sobre essa escolha em assistir as partidas de seu time de preferência e o e seus significados, assim nos relatou o torcedor de futebol profissional 21:

“Meu time é o flamengo e apesar de ter comprado para assistir os jogos do campeonato brasileiro lá em casa, eu gosto mesmo é de ver jogo aqui no Eldorado no meio da galera. Aqui a gente pode gritar e xingar todo mundo, parece que conheço todo mundo, só da mengão aqui. É muito bacana e a cerveja é muito gelada. Mesmo que eu venha só pra cá, acabo fazendo amizade com outros flamenguistas, com vascaíno nunca... kkkk”
(Torcedor 21, 33 anos/pesquisa de campo 2018)

Outro aspecto importante que deve ser destacado é o “tempo ritual” que representa uma categoria que também designa algo conceitual, abstrato e relativo a cada um dos atores e ao seu papel dentro do ritual.

O “tempo ritual” é diferente do tempo da partida (que é de aproximadamente 90 minutos). Precisamos distinguir os atos rituais dos atores que produzem o ritual dentro do espaço ritual do jogo (jogadores, comissão técnica, dirigentes de Clubes de Futebol etc.),

daqueles que produzem o ritual a partir do espaço ritual dos bastidores (jornalistas, policiais etc.), daqueles para os quais o ritual é produzido (torcedores).

Apesar de muitos torcedores viverem boa parte de seus cotidianos em função do futebol, em particular os chamados torcedores “fanáticos”, que vivem praticamente em função do seu clube, é possível definir um “tempo ritual” em função dos momentos e lugares em que os torcedores efetivamente experimentam as sensações desse ritual, separando-os, metodologicamente, dos momentos e lugares em que eles comentam, analisam e até brigam, em referência às experiências rituais. Ratificando essa assertiva Junior (2007) ressalta que todo torcedor o é em tempo integral, mesmo longe dos estádios, pois torcer pela TV ou pelo rádio, acreditando contribuir para a vitória do seu time e acredita que “torcer supõe alterar a configuração de um evento moldar psiquicamente um fato para adequá-lo ao espaço do desejo” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 311).

Salientamos que tempo do ritual na perspectiva dos torcedores, deve ser considerado como um conjunto de atos circunscritos no tempo e no espaço de um nível lógico distinto aos outros atos realizados na vida cotidiana. Em outras palavras, dentro deste “tempo” e “espaço” rituais dos torcedores, os atos ali cometidos não têm o mesmo nível lógico dos atos da vida cotidiana, pois eles estão ligados ao nível lógico próprio do jogo de futebol.

Faz-se necessário esclarecer que consideramos os atos rituais dos torcedores dos fazem parte de sua vida cotidiana, o “tempo ritual do torcedor” é definido como o intervalo em que perduram os atos que visam à participação efetiva numa determinada partida. Os atos dos torcedores, por exemplo, dentro do percurso que fazem entre a casa e o estádio, ou ao campo onde são realizadas as partidas, considerando as possíveis e comuns paradas nos bares, quando estão indo ou voltando de uma determinada partida, também fazem parte desse tempo ritual. Assim, o ponto de referência do ritual é a partida, a peleja, o jogo em si.

É isso que percebemos retratar o torcedor 146 de futebol profissional:

“Meu domingo é futebol. Espero a hora do jogo ansiosamente, mas não dá pra ficar sozinho nessa. Gosto da resenha e de curtir com a cara dos vascaínos otários, antes do jogo, durante e depois. O F... é quando o Flamengo perde, aí tenho de aguentar a gozação desse rebaixados, e a resenha continua por horas, o rabo é que depois é segunda e a mulher ta p... em casa. Mas eu não faço nada de errado, só tomo umas e torço kkk...”
(Torcedor 146, 29 anos / Pesquisa de campo 2018)

Os rituais são instâncias fundamentais da vida social, na medida em que é neles que os indivíduos adquirem um sentido moral para suas vidas. Os rituais dotam os indivíduos de moralidades que são a base de suas ações e ideias, são os pressupostos que na vida social não costumamos questionar, mas que, acima de tudo, tomamos como um mundo dado. Assim, é através do caráter moral dos rituais que os indivíduos pensam, sentem, valoram e agem no mundo à sua volta.

Assim, para nossa questão de estudo, é fundamental apontar que rituais são fundamentais no estabelecimento da moralidade entre torcedores de futebol na vida cotidiana. Alguns rituais nos aparecem de forma mais clara, mas outros parecem mais difíceis de serem percebidos, posto que são menos evidentes e estão mais naturalizados. Para esclarecer como esse conceito fornece ferramentas interessantes para a compreensão do pertencimento clubístico, apresento a seguir algumas questões cuja análise sob a lógica dos rituais parecem especialmente interessantes.

Com o propósito de finalizar essa discussão sobre rituais no futebol e um futebol de rituais miramos em Durkheim (1978) que afirma que “os rituais são mecanismos que produzem as ideias carregadas de significado social, e o conteúdo dessas ideias reflete a estrutura da sociedade”. As representações coletivas são ideias que lembram ao indivíduo o grupo ao qual está vinculado e a que prestam lealdade. Partículas que se alojam nas mentes dos indivíduos e que têm sua origem nos rituais do grupo e são responsáveis pela manutenção da força moral nos intervalos entre os rituais carregadores de energia emocional. É uma concepção bastante mental, de sociedade como compartilhamento de ideias, de crença. Sendo assim o indivíduo pode ser pensado como aquele que possui cargas morais que ele adquire e recarrega nos mais diversos rituais de interação dos quais participa, a partir dos diferentes níveis de imersão nestes. As motivações para agir são, antes de tudo, energias emocionais morais que impulsionam e ao mesmo tempo habilitam os indivíduos para as interações.

Apesar de termos falado bastante sobre os rituais a nível grupal, não podemos esquecer-nos do conjunto de crenças e práticas que os torcedores realizam individualmente, como por exemplo, certos rituais em dias de jogo; além disso, podemos olhar para a questão de que muitos torcedores interpretam certos fatos como sinais de vitória ou derrota do clube; algumas coincidências, por exemplo, podem ser tomadas como sinais de que o time vai vencer; por outro lado, não realizar com rigor certas ações ou comportamentos pode ser tomado como aquilo que ocasionou a derrota do time: a ação

de uma pessoa, acredita-se, em diferentes graus, pode interferir no desempenho do time. Tome-se como exemplo “magias” como vestir uma determinada roupa, utilizar certo objeto, assistir jogos importantes sempre num mesmo lugar, cruzar os dedos etc.

Sobre esse comportamento ritual assim se expressa o Torcedor de futebol amador 67:

“Antes de sair pra assistir essa final fiquei tentando me lembrar qual foi a blusa que usei ano passado porque deu um azar da p.., fiz tudo diferente, outra camisa, me afastei dos pés frios, e não falei em nenhum momento em perder, fiquei no meio da nossa torcida e que manda no Peladão é Jamaica.. esse ano tinha que ser nosso, pode não ter nada haver, mas ganhamos e vou beber todas parceiro, não vai ter copo cheio lá compensa rrsrs...”. (Torcedor 67, 43 anos/ pesquisa de campo 2017).

O futebol é um exemplo clássico das situações do cotidiano onde não há como controlar o imponderável e o imprevisto, e isso gera uma série de comportamentos em seus torcedores. Aliado a isso não podemos desconsiderar o forte apego que os brasileiros têm à religiosidade e à entidades religiosas construindo assim uma simbiose ritualística que deve ser estudada e observada, que abordamos no início do presente capítulo, pois entendemos que esses aspectos aliados a outros fatores que faz que o espetáculo futebolístico seja um dos fenômenos socioculturais mais atraentes e pulsantes para o povo brasileiro.

Por fim, o futebol leva as representações sociais para outras dimensões como demonstrado, de forma a ritualizar esses signos e representações. O ritual demonstra uma construção de pessoas, por via de símbolos, que motiva sentimentos, estados de consciência. O ritual é uma ação, é o fazer, e com ele age a efervescência, que é o momento no qual a pessoa é distraída de suas ocupações e preocupações diárias, caracterizado por gritos, cânticos, danças, música, movimentos violentos, fazendo truncar o encontro entre o lícito e o ilícito, atuando diretamente na relação de prazer (satisfação) do indivíduo (DURKHEIM, 1996).

Para muitos brasileiros, amazonenses assistir uma partida de futebol do seu time de coração, é uma experiência bastante prazerosa, e que apesar de sua aparente simplicidade estética, proporciona uma importante função social na vida dos mesmos.

2.3 Sociabilidades e os elementos identitários no Futebol

A partir de agora iremos apresentar e relacionar conceitos de socialidade e identidade que são fundamentais para o desenvolvimento de nossa tese e que são bastante

perceptíveis e encarnados nas dinâmicas dos torcedores de futebol profissional e amador. Ouso afirmar, porém que de maneira especial nos torcedores de futebol amador que desenvolvem uma relação afetiva de proximidade geográfica e comunitária com seu time amador de coração. Os referidos conceitos também são representados nas práticas torcedoras dos times de futebol profissional, mas não da forma como acontece nos torcedores de futebol amador conforme iremos demonstrar a seguir.

Para falarmos de socialidade, e mais especificamente da socialidade no Futebol, se faz necessário contextualizar o conceito de pós-modernidade (e, conseqüentemente, de modernidade), que se baseia em Maffesoli (2006), pois os elementos socializantes que iremos apresentar estão diretamente relacionados a esse processo sistêmico que teve vários desdobramentos. Não é nossa pretensão apresentar todas as possibilidades e linhas teóricas acerca da questão da modernidade/pós-modernidade, mas sim apresentar suas implicações para o desenvolvimento de nossa tese e sua relação com o processo de sociabilização e suas implicações na carnavalização dos torcedores amazonenses de Futebol profissional e amador.

Maffesoli (2006) defende que a pós-modernidade representa um processo, que assim como a modernidade, não ocorreu de forma linear e que parece ainda estar em andamento. A fusão do retorno de fenômenos arcaicos com a tecnologia se encontra em estado inicial, apesar de ter penetrado com incrível força todos os setores da sociedade atual; e de que o processo de transição entre a modernidade e a pós-modernidade ainda não está concluído, apesar dos claros sinais da emergência de um novo paradigma, que põe em cheque os três pilares da modernidade – o indivíduo, a história e a razão – que se manifestam a partir de uma homogeneização nacional, institucional e ideológica. Este novo paradigma influencia sobremaneira as diversas formas de organizações e manifestações sociais.

Hall (2005) argumenta que o sujeito moderno foi o propulsor do sistema social da modernidade, e isso resultou em um processo de construção e desconstrução do indivíduo moderno e, inerentemente, da lógica da identidade. Esta última, na pós-modernidade, vem sendo suplantada pela lógica da identificação, de base fundamentalmente grupal e afetual (MAFFESOLI, 2005).

Em nossa tese de doutoramento, as formas de identificação são essenciais no desenvolvimento de nossa proposta, por exercer um papel fundamental no processo de carnavalização entre os torcedores, pois é a partir da construção identitária que ocorre o

agrupamento e as representações sociais facilitadoras das práticas torcedoras carnavalizadas.

As formulações conceituais embrionárias de identidade têm sua localização na filosofia. Esta abstração é empregada para representar algo que é diferente dos demais, porém idêntico a si mesmo. Sobre isso, Habermas (1998) faz a seguinte proposição:

“A auto identificação predicativa que efetua uma pessoa é, em certa medida, condição para que essa pessoa possa ser identificada genericamente e numericamente pelas demais” Assim a identidade é formada dialeticamente entre indivíduo e sociedade sendo mutável em boa medida inconscientemente, num processo que inclui a identificação própria e a identificação reconhecida por outros. (HABERMAS, 1998p. 147)

Identidade passa a ser algo muito mais amplo do que um comportamento. Ela engloba o ser como um todo e em todos os seus momentos. Em cada situação mostramos um ângulo, uma faceta de nossa identidade, ao passo que cada pessoa com as quais nos relacionamos tem uma impressão daquilo que somos. Uma identidade construída a partir das características que os outros reconhecem em nós pode trazer alguns pontos que entrariam em conflito, haja vista que o que cada um apreende de nós também passa pela sua subjetividade. Isso nos mostra que nem todo o trabalho de reposição de uma identidade atinge sua finalidade última de identidade estática, já que, não importando quanto a tenhamos repostos, ela continuará a ser percebida sempre de maneira diferente.

Habermas (1998) sustenta o entendimento que cada ser é responsável pela condução de sua trajetória biográfica e pode construir novas identidades ao longo de sua existência motivado por fragmentações e rupturas que conduzem a uma superação, permitindo um novo reconhecimento nas interações sociais em que faz parte.

Apesar da relevância da construção teórica de Habermas (1998) sobre a construção de novas identidades e sobre as possibilidades dessas se modificarem no decorrer da vida de indivíduo, salientamos aqui que a identidade clubista do torcedor dificilmente se modifica, sendo alterado somente o envolvimento com o seu time de coração. É muito comum ouvir entre os torcedores que ele pode mudar de religião, de esposa ou de marido, trocar de profissão, entre outras coisas, mas jamais ele deixará de torcer por seu time do coração. Existem até hinos de clubes que afirma essa imutabilidade do pertencimento clubístico: “Uma vez Flamengo, sempre Flamengo”; “Salve o Corinthians, o campeão dos campeões, eternamente dentro de nossos corações”; “Tua

torcida estará sempre ao teu lado, sempre fiel, meu clube adorado, tua estrela azul é símbolo de glória, avante Nacional para vitória”, entre outros.

Essa fidelidade identitária é assim retratada pelo torcedor de futebol profissional 83:

“Meu pai era tricolor, aprendi com ele a torcer pelo Fluminense, mesmo com essa merda de time perdendo direito eu não mudo, sofro, choro, mas permaneço fiel. Nós somos diferentes, é uma questão de gosto, alias de bom gosto, coisa que a mulambada não tem”. (Torcedor 83, 30 anos. /Pesquisa de campo 2018).

Ricoeur (1991) amplia a formulação que tenta descrever os aspectos identitários quando afirma a existência de uma dualidade percebida e manifestada como identidade-*idem* (mesmidade, ser idêntico a si e imutável no tempo) e identidade-*ipse* (ipseidade, identidade pessoal e reflexiva, talhada pela alteridade). Para o autor a alteridade é levada ao máximo quando a capacidade de se colocar no lugar do outro evidencia a ipseidade do si mesmo como um outro. Ricoeur (1991) assinala ainda que a alteridade não se deixa pensar sem a ipseidade e é nessa identidade-*ipse* reflexiva que cabe a possibilidade de mudança, diferente da identidade-*idem* que é genética (socialização primária).

Ricoeur (1991) defende que si mesmo (Self) passa por adaptações e transformações ao longo da vida do indivíduo, mas mantém um estilo constante, algo pessoal que ele reconstitui a partir das suas vivências. Esse ato passa, mas eu sou e permaneço daqui por diante um eu que decidi desta ou daquela maneira, [...] enquanto ela [a decisão] é válida para mim, posso voltar a ela muitas vezes. (RICOEUR, 1991).

Para a Sociologia todo e qualquer processo histórico de elaboração identitária é construído. A grande discussão é como se dá esse processo de construção, sua origem, finalidade e peculiaridades, como indica Castells (1999):

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espço. (CASTELLS, 1999p. 23)

Instituições dominantes também podem formar identidades quando os atores sociais as interiorizam, construindo o seu significado com base nessa interiorização.

Castells apresenta, além da individual, a identidade coletiva e diz que a construção social da identidade ocorre por relações de poder entre formas e origens. Uma identidade é considerada por ele como “legitimadora” quando é introduzida por uma instituição dominante visando sua expansão e a racionalização da sua dominação. A identidade “de resistência” é criada por atores desfavorecidos ou desvalorizados, segundo a lógica da dominação, que constroem trincheiras de resistência e sobrevivência para si. A identidade “de projeto” caracteriza-se por ser construída por atores visando uma redefinição das suas posições na sociedade, provocando transformações sociais, como, por exemplo, o feminismo.

A formação da identidade passa por uma gama de sentimentos e decisões racionais e irracionais na escolha dos investimentos pessoais que o sujeito faz para sua identificação. A subjetividade sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. É ela que permite explicar o motivo de um sujeito se apegar a uma identidade peculiar. “As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossa identidade. A subjetividade inclui as dimensões inconscientes do eu, o que implica a existência de contradições.” (RICOEUR, 1991).

Para entendermos como se dá a formação de identidades vamos nos apropriar primeiramente do conceito de multiculturalismo que inicialmente se sustentava sobre uma concepção essencialista de identidade. Nessa concepção essencialista “há uma identidade profunda e autêntica, anterior à política e às negociações.” (RICOEUR, 1991 pg. 36) Os críticos contemporâneos a essa concepção essencialista argumentam que só se pode pensar em identificações quando essas são constituídas no âmbito político. “É a existência de tais políticas que cria essas identidades.” (RICOEUR, 1991 pg. 36) A concepção essencialista cedeu lugar para a concepção pós-estruturalista que descarta qualquer possibilidade de um sujeito individual ou coletivo existir antes da política. Assim, a possibilidade de uma identidade construída por homogeneização na concepção essencialista torna-se inviável na concepção pós-estruturalista que apresenta a ideia de diferença de forma articulada e contextualizada nos espaços que formam as fronteiras culturais. Uma diferença que não expressa herança biológica, geográfica ou cultural, mas é construída por sua própria manifestação, em fluxos de representações das identidades.

O Multiculturalismo pode ser entendido como um conceito empírico em que tradições, valores, práticas, relações e identidades culturais se manifestam dentro de uma mesma comunidade política. Dessa forma, os grupos sociais reivindicam do Estado um

reconhecimento público na forma de materialização dos seus direitos coletivos específicos que não são contemplados por ações gerais desse Estado aos seus cidadãos.

Duas correntes do multiculturalismo podem ser diferenciadas e são denominadas de multiculturalismo liberal e multiculturalismo comunitarista. As duas correntes convergem no ponto da pertença cultural e da preservação dos vínculos entre os indivíduos e seus grupos culturais, ação de preservação esta que deve ser de responsabilidade do Estado. A divergência entre as correntes está no argumento utilizado para a defesa de seus princípios em que os liberais defendem a neutralidade do Estado que não deve interferir normatizando os vínculos de pertença dos indivíduos aos grupos sociais, enquanto que os comunitaristas defendem que a diversidade cultural é um bem público cabendo ao Estado preservá-la e criando vínculos compulsórios de indivíduos a grupos culturais.

O argumento dos comunitaristas é que os valores e reconhecimentos pretendidos são decorrentes do contexto cultural no qual os indivíduos estão enraizados, portanto não há autonomia individual absoluta. A autonomia decorre do processo de autodescobrimento como fruto das disposições culturais assimiladas junto ao grupo de pertença. A constituição do self para os comunitaristas é explicada na medida em que os indivíduos:

[...]são seres sociais cujas identidades são moldadas pelas práticas, relações e narrativas comuns da sociedade em que estão imersos. [...] o self é construído por fins que ele não escolhe, mas que descobre em função de sua existência incorporada em contextos culturais compartilhados. Trata-se, portanto, de buscar desvendar os nexos existentes entre a experiência do reconhecimento [...] e a formação da identidade, apresentando duas formas interligadas do discurso do reconhecimento: a esfera íntima [...] e a esfera pública – e a interpretação de que a identidade se constitui num diálogo aberto. (VIEIRA, p. 39)

Já para os multiculturalistas liberais, os indivíduos utilizam seus repertórios culturais a partir de seus juízos e processos próprios de reflexão, portanto com pleno exercício de autonomia individual. Para os liberais, a pertença cultural promove o bem-estar dos indivíduos ao fornecer escolhas significativas de condução de vida, sendo um espaço primário de identificação, para a auto identificação:

Conseqüentemente, a comunidade política teria a função de proteger e estimular a diversidade cultural e, em alguns casos, reconhecer os direitos de grupos culturais minoritários, para

que os cidadãos possam constituir sua identidade individual e contar com um contexto cultural que empresta razão e sentido a suas escolhas pessoais. (VIEIRA, p. 40)

Hall (2006) assinala ao longo do século XVIII com a emergência da revolução industrial e das mudanças econômicas e políticas as discussões sobre identidade foram alargadas tratando o sujeito não mais individualmente, mas como inserido nestas estruturas. Essa visão mais social do sujeito foi resultado de dois grandes eventos: a biologia darwiniana e a ascensão das ciências sociais. O indivíduo passou a estar em uma posição central nos discursos econômicos e sociais, e os processos mentais começaram a ser objetos de pesquisa da psicologia. A dualidade indivíduo/sociedade passou a ser investigada do ponto de vista sociológico de como essas estruturas estão separadas e ao mesmo tempo conectadas e como o “eu” é apresentado referente ao conflito entre os diferentes papéis sociais que desempenha (HALL, 2006, p.32).

As identidades invocam algo que parece pertencer a um passado histórico, do qual se formam a partir da linguagem, da cultura e da história para explicar não o que se é, mas que se tornou (HALL, 2000). Essa narrativização do eu invoca ao sentido de pertencimento que é construído no imaginário.

A identidade é marcada no jogo da diferença, se baseia na diferenciação com o outro, se é o que é, porque o sujeito não se reconhece como o outro. A construção da identidade utiliza os artifícios históricos, biológicos, culturais, aparatos de poder, fantasias pessoais, crenças religiosas (CASTELLS, 1999).

Com base nesses artifícios a identidade deixa de lado o que não faz parte desses aparatos, por isso a construção da identidade preza pelo que é simbólico e que faz sentido ao grupo, aqueles que não se identificam participam de outros processos.

A identidade é um ponto central para as sociedades. Ela liga os indivíduos ao seu entorno e define seus pares, condiciona os modos de vida e a partir deles se reconstrói. Na pós-modernidade a identidade é pluralizada: não se trata de uma única identidade definindo o indivíduo, mas de múltiplas, redefinindo-o a cada posição que ele assume.

No Brasil, o futebol é apontado como um importante fator de identificação nacional, sobretudo, pois foi capaz de reunir sob a mesma égide a elite e o povo, os símbolos nacionais e os valores populares: “No caso brasileiro, foi indiscutivelmente através do futebol, como já afirmei, que o povo pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional: a bandeira, o hino e as cores nacionais, esses elementos que sempre

foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos” (DAMATTA, 2006, p. 165).

Os elos de identificação entre torcida, time e jogadores são construídos segundo características peculiares, particulares e de caráter subjetivo e vão muito além de uma partida e que algumas vezes são interpretados superficialmente pela ciência, não levando em consideração os impactos sociais e socializantes dessa identificação.

Além de apontar o futebol como um importante elemento identitário, Toledo (2000) o atribui um valor de manifestação cultural que caracteriza e diferencia o Brasil dos demais países, pois este revela o jeito brasileiro: a malícia, a alegria e a ginga. No entanto, não compactua da ideia de que o futebol, como símbolo nacional, produz igualdade ou reduz diferenças, sendo considerado por ele um *símbolo flutuante*:

O futebol pode ser pensado como um *símbolo flutuante* justamente porque não produz este consenso, ao menos não na sua totalidade, mas pode ser vislumbrado como um fenômeno cultural no qual todos articulam, com uma boa dose de especulação, cientificismo, “magia” e emoção, suas teorias e doutrinas, e que, literalmente, investem nas suas falas e saberes determinados valores que, aí sim, talvez produzam identidades em alguns níveis (TOLEDO, 2002, p. 27).

Toledo (1996) defende que a sociabilidade desenvolvida por meio do futebol tanto opõe quanto agrega, tanto quanto separa, estabelece diferenças e semelhanças, cria situações de confraternização e de conflito, que transcendem o perímetro determinado pelas quatro linhas do gramado. Para o autor o ato de torcer revela uma sociabilidade desenvolvida como espaço de negociações, conflitos, improvisos, mesmo tempo em que é território para afirmações identitárias.

Retornando a discussão de uma identidade pluralizada consequência do fenômeno da pós-modernidade, verificamos que ela é uma realidade entre os torcedores manauenses de futebol. Um considerável número dos torcedores participantes de nossa pesquisa relatou ter mais de uma preferência clubística. Alguns torcem por times do futebol profissional local, times amadores, times de outros Estados e até mesmo de outros países. Isso também foi verificado e nossa pesquisa de mestrado (CHAVES, 2013).

Essa identidade esportiva pluralizada do torcedor amazonense de futebol tem diversas causas que já foram motivo de nossos estudos e que não iremos apresentar aqui porque o objetivo de nossa pesquisa agora é outro. Para exemplificar o que estamos falando, recorreremos a um trecho da entrevista do torcedor de futebol profissional 202:

“Eu sou Rio Negro aqui em Manaus, no Rio sou Vasco, meu time no peladão é o Compensão, na *Champions League* sou *Real Madri*. Gosto muito de futebol, de torcer. Quando chega dezembro e acaba o campeonato brasileiro ficou doidinho atrás de qualquer campeonato pra assistir uma partida e acabo me identificando com algum time e começo a torcer de novo”. (Torcedor 72, 26 anos/ Pesquisa de campo 2018).

Constatamos em nossas práticas de campo que muitos torcedores apresentam essa característica de torcer por mais de uma equipe, sendo um “daqui” e outros de “fora”. Existe também um grande número de torcedores que sequer citaram clubes locais como objeto de sua paixão clubística e tendo como seu “único amor” equipes de outros Estados, principalmente do Rio de Janeiro conforme estamos apresentando no desenrolar dessa tese.

O paradigma moderno do *social* – individualista racional e baseado no poder das organizações econômico-políticas – vem sendo substituído pelo paradigma da *socialidade*, baseado em um *ethos* comunitário, no qual o indivíduo se funde em uma massa, uma “alma coletiva”, na qual as atitudes, as identidades e as individualidades se apagam. [...]. Cada um participa deste ‘nós’ global” (MAFFESOLI, 2006, p. 118) portanto, a constituição das massas é, fundamentalmente, baseada na afetualidade e no *ethos* comunitário, uma vez que elas congregam pessoas que se identificam com determinado universo simbólico. Desta forma, as massas não pressupõem nem uma homogeneização da sociedade nem a transformação desta em grupos que recebem, passivamente, mensagens e informações dos meios de comunicação. Ao contrário, as massas são constante e cotidianamente clivadas em tribos, que têm uma base afetual, além de um caráter dinâmico e fundamentalmente simbólico (MAFFESOLI, 2006). Sobre *ethos* comunitário presente entre os torcedores assim fala dos torcedores de futebol amador 102, 75 e 18:

“Eu posso até vir sozinho aqui pro campo torcer pelo T5 Jamaica, mas quando eu chego aqui o negócio muda. Sou nascido e criado na Compensa, conheço uma porrada de gente de lá e logo me enturmo porque a gente está pelo nosso time e pela festa, cara isso é bacana demais, as vezes nem sei quem é o cara que está do meu lado. Rrsrs, mas sei que ele é da Compensa e torce pelo T5, e é isso que importa. Haja birita.” (Torcedor 102, 40 anos. / Pesquisa de campo 2017).

“Não gosto de ver jogo do campeonato amazonense de futebol profissional, os times são de jogadores de fora e quando acaba o campeonato eles se mandam, ninguém mora no Amazonas. Peladão é outra coisa, os times têm sempre gente que mora ou morou no Bairro da Cidade Nova, os caras têm ligação com a gente daqui, e dão o sangue pela nossa comunidade.” (Torcedor 75, 22 anos. / Pesquisa de campo 2017)

“Só acompanho o Unidos do Alvorada com a galera, é isso que da graça no jogo e as barcas que acontecem depois. Nunca vou só, a gente faz cotinha, bota gasolina no carro do colega e vai atrás do time onde ele estiver. Nossa escola de samba do bairro é difícil ganhar, mas nosso time de futebol tá sempre nas cabeças kkk. “(Torcedor 18, 22 anos. / Pesquisa de campo 2017).

Verificamos que esse *ethos* comunitário foi decisivo na escolha do time de futebol amador de sua preferência como demonstra o resultado do item 11 quando perguntamos o que foi determinante na escolha do time amador de sua preferência:

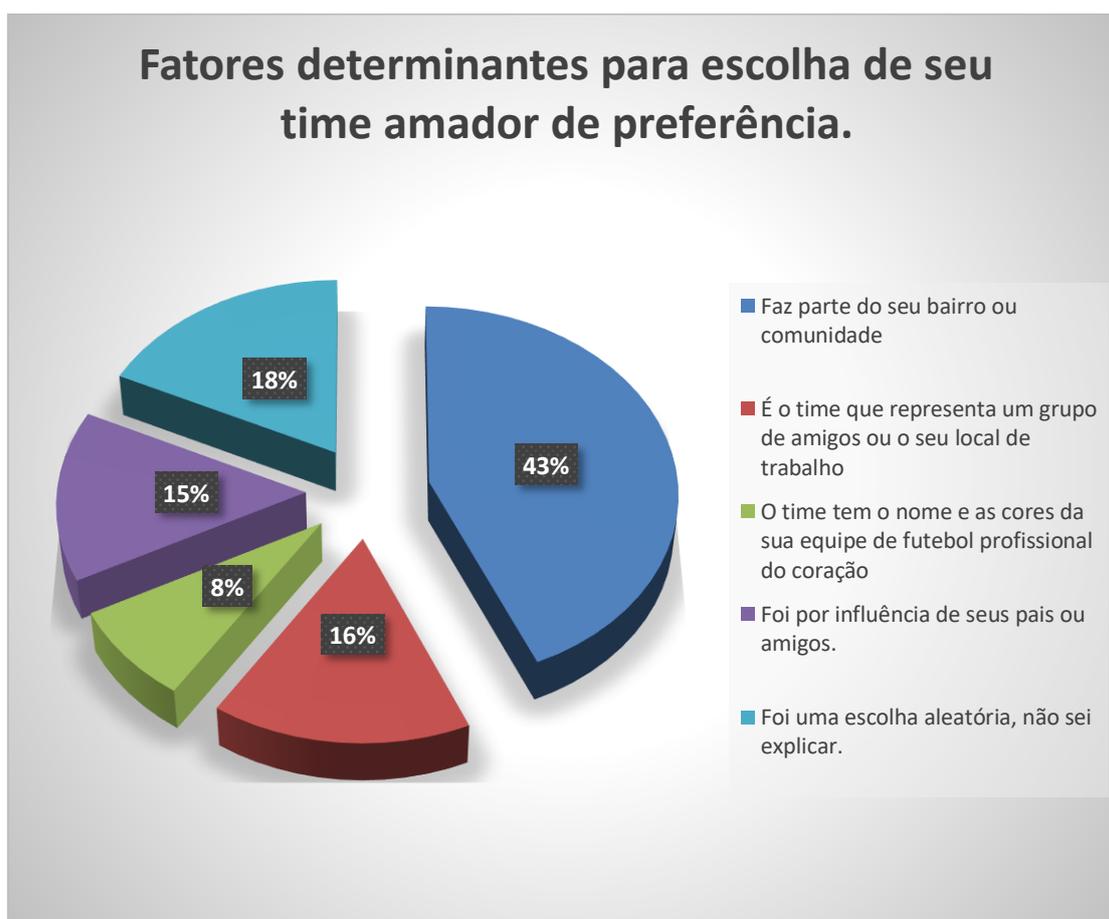


Gráfico 09 – Fatores para escolha do seu time amador de preferência. Peladão. Fonte: pesquisa de campo/2017.

Os dados resultantes do item 11 de nosso roteiro de entrevista demonstram que a escolha pelo time amador de preferência se deu em grande parte, a partir da questão geográfica. Outra informação relevante extraída desse item é que a afetuosidade foi também determinantes para escolha da equipe amadora para torcer, pois muitos torcedores afirmaram que essa escolha foi influenciada pelo time representar um grupo de amigos ou local de trabalho.

No futebol profissional a questão geográfica não é preponderante na escolha do seu time de preferência. Existem hoje em dia poucas localidades que tem uma relação direta entre espaço geográfico e time do coração. Talvez um dos últimos redutos que tenham essa relação sejam os bairros da Gloria e do São Raimundo localizados na zona centro oeste de Manaus, que parecem ainda conservar uma ligação, mesmo que pequena com a equipe do São Raimundo que no ano de 2018 foi rebaixado para a segunda divisão do campeonato profissional de futebol do Amazonas. Na maioria dos casos a paixão clubística está relacionada com a influência de pais, amigos e parentes, sem nenhuma relação com o local onde mora.

A partir dos pressupostos teóricos defendidos por Hall (2005) e por Maffesoli (2006) podemos afirmar que o mesmo sujeito pode participar simultaneamente de diversas tribos, que podem ser esportivas, musicais, de consumo ou construídas por quaisquer outras afinidades simbólicas, como em torno de ídolos, bairros e demais territórios ou territorialidades. Nestas tribos, ao contrário das instituições modernas (família, trabalho, escola, etc.), a *função* é substituída pelo *papel* ou pela multiplicidade de papéis representados e desempenhados. Estes são mutáveis, conforme o tempo e o espaço, contribuindo para a desconstrução do indivíduo (pautado na interioridade) e para a constituição da pessoa (“*persona*”) (voltada à exterioridade, ou seja, à percepção alheia), que, nas aglomerações, deixa de ser sujeito autônomo, mas existe no e pelo grupo, pelo fato de se perder no outro, como aponta Maffesoli (2006, p.27): “em suma, já não há mais autonomia – sou a *minha* própria lei, que prevalece – mas heteronomia: minha lei é o outro”. Esta heteronomia é fundamento do tribalismo pós-moderno (ou neotribalismo), pois, ao mesmo tempo em que cria solidariedade é criado por ela.

A heteronomia, que possui uma estruturação simbólica, é realizada através do compartilhamento de representações sociais, forma de elaboração e comunicação de conhecimentos populares e cotidianos. Como afirma Moscovici (2003, p. 40), elas estão presentes em todas as manifestações da cultura na sociedade: “todas as interações

humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações”. Capazes de influenciar comportamentos, apesar de serem criadas internamente, as representações sociais não têm origem em um indivíduo autônomo e isolado, mas dentro de um contexto social. Uma vez criadas, ganham vida própria, circulam, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto as antigas morrem. A teoria das representações sociais tem sua origem ligada às representações coletivas de Durkheim (1996).

Apesar disto, as representações sociais têm um caráter muito mais dinâmico do que as representações coletivas *durkheimianas*, que se caracterizam por uma classe geral de ideias e crenças estanques (MOSCOVICI, 2001). As representações sociais reproduzem o mundo de forma significativa, pois cada uma delas traz consigo uma imagem e uma significação simbólica. A teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 2003; JODELET, 2001; JOVCHELOVITCH, 2000) fornece fundamentos para se compreender como se constituem tais tribos e como as informações, impressões, pensamentos, visões de mundo e atitudes circulam no seu interior, bem como de que forma as tribos e ou grupos formulam representações sociais uns dos outros.

Além das representações sociais, a afetualidade é elemento fundamental das tribos, conforme afirma Maffesoli (2004b, p. 24): “Tribos religiosas, sexuais, culturais, esportivas, musicais: o número delas é infinito e sua estrutura é idêntica – ajuda mútua, compartilhamento dos sentimentos, ambiente afetivo”. Estes ajuntamentos produzem uma *alma comum*, que permite vivenciar o “prazer da fusão e da confusão” (MAFFESOLI, 2006, p. 110).

Essa afetualidade e essa *alma comum* são facilmente identificadas entre os torcedores de futebol. O ajuntamento dos torcedores nos momentos que acontecem as partidas propicia uma vivência única que não é comum nas atividades ordinárias do homem. Por isso esses são tão importantes socialmente conforme vemos na fala do torcedor 04 de futebol profissional:

“Venho para o Estádio por causa da festa, da onda e pra tocar o f... sozinho não dá, vão pensar que eu sou maluco de ficar gritando por aí. Aqui não, no meio da nossa torcida ninguém tem coragem de falar p... nenhuma, quem vai encarar a torcida da compensa? Nem a polícia mete a cara. kkkk. Mas lá fora é outra coisa...nem lá em casa eu mando ... (Torcedor 04, 29 anos. / Pesquisa de campo 2017)

A busca do prazer a partir da fusão com o grupo, de se ligar ao outro e de sentir-se nele, desestabiliza o indivíduo moderno e toda estrutura mecânica fundada na modernidade. Esta busca pelo prazer e este hedonismo passam a ocupar papel central na configuração da sociedade que se agrupa a partir das emoções, do orgasmo e da imagem, fundando uma ética da estética, como propõe Maffesoli (2005b, p. 12, grifo do autor): “o laço social torna-se emocional. Assim, elabora-se um modo de ser (*ethos*) onde o que é experimentado com outros será primordial. É isso que designarei pela expressão: ‘*ética da estética*’.” Esta ética da estética contamina todas as relações sociais (e espaciais), fazendo com que as tribos busquem se voltar a si, através de uma comunhão, de um narcisismo grupal, a fim de buscar um gozo coletivo (MAFFESOLI, 2005b). Ousamos dizer que o futebol proporciona tudo isso aos seus aficionados, sendo uma de nossas principais nossas proposições que o momento do gol é um gozo coletivo dos torcedores.

A hierarquia não existe na tribo. O que existe são diferentes papéis. Assim, o paradigma da socialidade traz consigo uma tendência de horizontalização das relações, ou seja, a substituição do poder fundamentalmente vertical – pela potência – uma força que move as comunidades efetuais. Numa perspectiva foucaultiana (1998), o poder existe em relação e nunca em posse, o que fez com que alguns de seus seguidores, como Raffestin (1993), afirmassem que toda relação pressupõe poder. Esta generalização, na modernidade, já era perigosa, mas na pós-modernidade é impossível, devido ao paradigma de relações horizontais em que ela se baseia. A teoria de Foucault sobre o poder, entretanto, não está completamente superada. Pelo contrário, ela possibilita compreender a maneira reticular como o poder ainda circula na pós-modernidade, apesar deste, em muitas organizações, estar sendo substituído pela potência.

O futebol no Brasil está carregado de valores sociais que fazem com que este esporte esteja apto a integrar amplas parcelas da sociedade brasileira, via identificação nacional. Isso possibilita aos seus torcedores um nivelamento e uma ausência hierárquica que não é total, mas que se estabelece através da noção de comunidade afetiva entre seus torcedores. Trata-se de um fenômeno social onde uma grande parte da população brasileira, sobretudo masculina, pratique e/ou assista regularmente partidas de futebol. Isto, pois, além de ser um esporte que pode ser praticado (precariamente) com o mínimo de condições materiais, o futebol goza de um tratamento privilegiado por parte dos meios de comunicação de massa, o que faz com que ele seja praticado e assistido em todo país, tornando-se uma das principais manifestações coletivas do país.

Se o indivíduo moderno se apresenta em decadência, uma de suas principais (se não a principal) causas e também consequências é o declínio do poder. Se o poder só existe em relação e se vivemos hoje uma redefinição das relações – a substituição do indivíduo pela massa –, o poder, que se encontrava em “todas as relações”, se vê com cada vez mais dificuldade de circular. Isto porque as instituições que o legitimam também se encontram em declínio, o político se encontra saturado (MAFFESOLI, 2006). Mesmo assim, não acreditamos que o poder não exista mais, mas que gradativamente perde espaço para uma força chamada potência, que tem em sua base um querer-viver que, na socialidade, move as comunidades e que está intimamente conectada a uma série de manifestações sociais.

Enquanto o poder é vertical, extrínseco e fundamentado no (e fundamento do) indivíduo e nas instituições modernas, a potência é horizontal em sua circulação, pois tem caráter intrínseco às comunidades (massas e tribos) pelas quais circula. A potência produz representações sociais, que circulam através de uma *centralidade subterrânea*, ou seja, a maneira pela qual as comunidades afetivas se estruturam, se consolidam e se solidificam em um conjunto autônomo e de dinâmica específica (MAFFESOLI, 2006). Contrariamente ao poder, que tem caráter coercitivo, a potência se manifesta de maneira espontânea.

É na vida cotidiana que se formam as tribos, através do compartilhamento de representações sociais. A partir desta perspectiva, a socialidade ocorre de maneira a celebrar uma alteridade baseada na potência – e uma oportunidade de comunhão passional, orgiástica:

Uma outra chave ou “caráter essencial” do neotribalismo pós-moderno é a dimensão comunitária da socialidade. É importante insistir nisso, tanto é frequente ler, e escutar, que o indivíduo e o individualismo seriam a marca essencial de nosso tempo. Trata-se aí, ainda, de um indício de defasagem da *intelligentsia* em relação à realidade. No caso, ela somente projeta seus próprios valores no conjunto social. Basta ver a importância da moda, do instinto de imitação, das pulsões gregárias de todos os tipos, das múltiplas histerias coletivas, dos agrupamentos musicais, esportivos, religiosos, dos quais tenho frequentemente falado, para se convencer do contrário. (MAFFESOLI, 2006, p. 11-12).

Esta estrutura orgânica gestada na pós-modernidade, baseada na potência, na tribalização, na afetualidade, no arraigamento dinâmico e nas representações sociais é

tanto causa quanto efeito da fragmentação e desgaste da organização institucional, baseada em funções, concentrações e hierarquias (MAFFESOLI, 2006). As instituições pressupõem uma tradição e são historicamente prévias e posteriores aos indivíduos, que se enquadram nestas estruturas (BERGER; LUCKMANN, 1999).

Assim, ao mesmo tempo em que a instituição é o refúgio do indivíduo moderno, pois nela este encontra a estabilidade identitária, ela também exerce uma força que lhe tira a autonomia, o controle da situação, que o aliena. Embora Maffesoli propale a crise das instituições, não acreditamos no final destas, mas na sua redefinição e na sua perda de força na vida cotidiana, apesar de ainda ter um considerável peso nesta.

O que ocorre é que há uma tendência gregária a partir das emoções, dos afetos e dos sentimentos. Desta forma, há um desgaste das relações do *social*, que são fundamentalmente contratuais, racionalizadas e afastadas do cotidiano. Esta nova tendência é acompanhada de novas configurações territoriais, bem como de novas relações entre as comunidades e seus territórios/territorialidades. A questão territorial é fundamental para se compreender as modificações ocorridas na pós-modernidade, porque tal questão pode ser apontada, ao mesmo tempo, como fundamento e manifestação de tais mudanças.

Para se compreender estas mudanças, é preciso retornar à configuração territorial e identitária da modernidade, que tinha no Estado nacional moderno seu porto seguro. A formação do Estado nacional moderno, a partir de uma centralização institucional, empreendeu um processo (ou, pelo menos, tentativas) de homogeneização cultural, política e econômica e estabeleceu limites bem definidos no território de seu domínio. Dentro destes limites, os governos se empenharam para criar identidades nacionais, lançando mão da unificação monetária, militar, do idioma, além de projetos de unificação cultural, a fim de eliminar as diversidades locais.

A construção da identidade na contemporaneidade é caracterizada pela expiração das garantias absolutas. Como se não existissem mais identidades, existindo, sim, posições de sujeito dentro da trama de relações discursivas e históricas. Como se fosse incoerente perseguir uma essência desse sujeito. Assim, o trabalhador e sua identidade são também efeitos dessas operações discursivas, e não essências que preexistam à sua construção. Ele é resultado, não de uma operação de desvinculação em relação ao poder, mas, de uma ocultação do vínculo de sua auto regulação com o poder. Não é mais livre e sim mais governável, na medida em que se autogoverna (FOUCAULT, 1994).

Uns dos aspectos de nossa proposta de tese, é que as práticas torcedoras retratam de forma perceptível, o neotribalismo pós-moderno e as dimensões comunitárias da socialidade, em especial nos torcedores de futebol amador de nosso Estado.

Adentrado em uma discussão que vai além da territorialidade espacial visível e dialogando com a concepção teórica de Maffesoli sobre tribos na pós-modernidade, tendo como arcabouço teórico a construção conceitual de Benedict Anderson (2008) denominada de “comunidades imaginadas”, iremos desenvolver as possíveis contribuições do futebol nas questões identitárias de entre seus torcedores de futebol.

A ideia de “comunidades imaginadas” é desenvolvida por Anderson (2008) no conceito de nação em cuja construção a mídia desempenharia um importante papel, explicitando a necessidade dos homens de vincular fraternidade, poder e tempo de uma forma significativa. Nessa preposição, o capitalismo contribuiria definitivamente para a afirmação do imaginário social, ao possibilitar que as pessoas pudessem pensar sobre si mesmas e se relacionassem entre si pelo sentimento de uma identidade coletiva.

Quando o referido autor elaborou essa teoria, estava pensando na formação de grupos sociais que se ligavam por um sentimento de pertença, fosse religioso, emocional, ideológico, cultural ou político. Embora tivesse como fonte de observação a sociedade britânica, as características que definem “as comunidades imagináveis” podem ser aplicadas em diferentes cenários, caso do ambiente do futebol, já que não há como negar os vínculos e elos de pertença que são criados entre torcedores e equipes, onde se originam instituições e simbolismos.

Anderson (2008,) defende que as culturas nacionais não são formadas apenas por instituições culturais, mas também por esses símbolos e representações, pois, de acordo com o autor, as culturas nacionais nada mais são do que discursos que se apropriam e propõem novos elementos na construção da unidade social, uma forma de construir sentidos que influenciam e organizam as nossas ações e fomentam a concepção que temos de nós mesmos, criando “produtos” modulados que podem ser criados e transpostos de um a outro como os preceitos que cercam a imagem dos torcedores dos mais diversos times de futebol.

No Brasil, as relações de identidade com os clubes de futebol constituem-se em um vínculo tão forte quanto os laços familiares e os religiosos. Com base em Benedict Anderson (2008, p. 30), a percepção aponta que o pensamento é “livre” na escolha entre este ou aquele clube, porém o paradoxo é que essas escolhas não estão tão libertas como

se pressupõem, elas dependem de uma série de fatores como família, amigos e rede sociais. Assim, o futebol transmite seus valores e os clubes arrebanham seus adeptos que, por sua vez, assimilam e criam simbolismos relacionados à identificação com determinado grupo, formando uma comunidade sem espaço físico pré-determinado, mas ligada pelos pensamentos imaginativos de desejos, angústias, alegrias, raiva, solidariedade etc. Tudo que a “nação” criada proporciona.

Embora a palavra nação tenha um simbolismo territorial e traga em sua essência a ideologia política, “as comunidades imaginadas” nada mais são do que o simbolismo de uma nação ideal, como afirma Benedict Anderson (2008, p. 30). No futebol brasileiro, as torcidas das equipes possuem características de nações, sendo frequentemente assim denominadas nas representações populares (Nação Rubra Negra, Nação Corintiana, Nação Rionegrina, entre outras). Neste sentido, em concordância as indicações de Anderson (2008), as torcidas das equipes de futebol são limitadas, pois também existem outras, além das “fronteiras clubísticas”, de bairros, de cidades, de municípios, de Estados, de regiões ou de Nações. Isso é facilmente constatado em nosso Estado, pois apesar de termos forte ligação clubística com times dos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, não necessariamente implica uma ligação com esses Estados onde os clubes mantem suas sedes, mas tão somente com os times de sua preferência. Isto significa que as torcidas de futebol, onde quer que apareçam, serão sempre relacionais, com a identidade do torcedor derivando da definição em relação a um outro.

No sentido literal as torcidas são imaginadas. Um torcedor de futebol não se encontra, ouve ou interage com todos os outros membros da torcida da qual faz parte, nem com os integrantes da equipe de sua preferência, mas imagina-os como pertencendo a uma mesma coletividade, uma mesma comunhão. Por fim, as torcidas são comunidades, pois são concebidas como uma profunda e horizontal camaradagem, apesar das diferenças existentes dentro delas. As torcidas são compostas por indivíduos de diferentes níveis culturais e socioeconômicos, de diferentes regiões, com graus de envolvimento emocional e material diferentes, e assim por diante. No entanto, elas não deixam de serem concebidas como uma unidade ou uma totalidade única em si próprias.

O fato é que essa “nação” sempre estará presente na imaginação, não de forma física, real, mas nos elementos que propiciam a junção de pessoas, ou seja, única e exclusivamente no campo das relações interpessoais. Assim, dentro da identidade do futebol a grande comunidade imaginada muitas outras seriam criadas: as das seleções,

dos clubes e até as das torcidas dentro de torcidas, como é o caso das torcidas organizadas, que são muitas dentro de uma única. É óbvio que a maior identificação é com o clube, porém os laços identitários podem fazer surgir várias comunidades dentro de uma comunidade.

Até um conceito implícito de soberania faz-se presente entre as torcidas, só que de uma forma virtual. Se definirmos soberania como a propriedade de fazer valer um conjunto de “leis” específico dentro de um determinado território, também encontraremos soberania no âmbito das torcidas de futebol. Isso em função da própria virtualidade que são os territórios de cada torcida. De certo, cada torcida possui um código de regras que vigora em tempos específicos e/ou em determinados espaços considerados exclusivos de cada uma. Neste sentido, o virtual território de uma torcida materializa-se, em primeiro lugar, na própria sede do clube ao qual está vinculada, de modo permanente. Em segundo lugar, conforme seja dia de jogo da equipe, em determinados bairros e/ou cidades, que passam a serem considerados zonas exclusivas de uma determinada torcida. Por fim, também em dias de jogos, as torcidas ficam separadas nos estádios, reproduzindo a divisão territorial que o próprio jogo estabelece dentro de campo.

Quando um torcedor fala “eu sou Nacionalino”, faz uma afirmação de identidade muito mais do que uma afirmação sobre sua preferência por determinado clube. Essas declarações carregam consigo uma série de simbolismos, dogmas e trazem em si, fundamentalmente, a necessidade de reconhecimento para a sustentação do seu “eu”. As torcidas de futebol só se tornam possíveis através do reconhecimento do outro, à medida que o “eu” passa a ser visto e não seja mais uma esfera particular.

Todorov (1996) assinala que o homem parte da necessidade de reconhecimento do outro para outorgar ou validar a sua ação, sem tal reconhecimento não se constitui uma relação de interação e a realização da ação se torna inexistente. Existe a necessidade de reconhecimento e identidade faz com que o indivíduo, partindo de seus próprios interesses e da sua necessidade de ser percebido, construa suas relações em grupos sociais para obter nele o reconhecimento da sua existência caso das torcidas. O futebol e todos os contextos que o cercam o são propícios à aglutinação e ao desenvolvimento dessas relações de pertença. Assim, o reconhecimento não é meramente um reconhecimento superficial, mas sim um reconhecimento simbólico, em que mesmo os menos aficionados estampam em si o simbolismo e a relação de vínculo criada com o clube.

O reconhecimento engloba inúmeras possibilidades e diversos aspectos a serem ponderados, pois ele passa pelo crivo daquele que o reconhece e esse, por sua vez, é suscetível a diversas particularidades que irão afetar a condição do reconhecer. Todorov aponta diversos fatores que dão a noção da abrangência do processo de reconhecimento:

Poderíamos para começar, enumerar algumas fontes da diversidade, externas a noção em si. O reconhecimento pode ser Material ou Imaterial, da riqueza ou das honrarias, implicando ou não exercício do poder ser consciente ou inconsciente, acionando mecanismos racionais ou irracionais. (TODOROV, 1996, p. 90).

Será a partir das escolhas, interesses e percepções individuais que se dará a construção de uma densa noção de si, e no reconhecimento de outros com percepções semelhantes que se dará a representação social muito perceptível entre os torcedores de futebol.

O futebol, por inúmeras razões, é um fenômeno social tão difundido no mundo globalizado de hoje, que mesmo aqueles que dizem não gostar desse esporte e se afastam de todo o conteúdo relacionado ao mesmo, acabam se deparando constantemente com a prática e o assunto, visto que são temas comuns de conversas e notícias. Isso aponta que o futebol pode contribuir para uma série de comportamentos e abstrações entre seus torcedores e até mesmo dos não torcedores, em especial nas suas questões identitárias, socializantes e ritualísticas que defendemos até aqui. É possível constatar facilmente que mesmo em pessoas que não gostam e não entendem de futebol possuem opiniões formadas em relação ao jogo, clube, jogadores, as práticas torcedoras mesmo sem dedicar a menor atenção ao jogo, podendo muito bem conversar sobre o assunto e até mesmo se divertir com isso.

O futebol é um esporte, que pode ser um educador que trata a disciplina, a capacitação física e mental para seus praticantes e torcedores, é um duelo de ânimos, intelecto e força física. É o conceito de “homem total” de Marcel Mauss (2013) de que todo corpo é físico (mecânico), psicológico e sociológico. Isso não significa que nele também não existam todas as mazelas que se fazem presente na sociedade como um todo. A violência, a corrupção, a injustiça, desigualdades sociais, tudo isso se faz presente no universo do futebol, pois o a dinâmica social do futebol se faz separada dos demais grupos sociais existentes.

Cada torcedor possui uma identidade própria vinculada a identidade social que é ligada à parte sociológica do ser; o ser é social, ele compartilha o mundo com o próximo, ele apreende as técnicas com o outro, ele se reconhece e se identifica no outro, seja pelo ensino ou pela convivência. Talvez para muitos brasileiros, amazonenses, manauenses, a frase célebre de René Descartes em 1637 bem que poderia ser “torço, logo existo”.

CAPÍTULO III

3 - Carnavalização e Expressões Carnavalizadas dos Torcedores Manauenses de Futebol.

... É um homem maduro, matriculado tendo mulher e filhos, apólices e comenda. Pouco importa! É um carnavalesco... Na vida desse homem, de vida regrada e equilibrada, o Carnaval é um hiato, é uma síncope, é a anulação completa de sua consciência de homem e de chefe de família, é a suspensão absoluta de toda a sua gravidade de negociante e de comendador (apud MATTA, 1977, p. 31).

"Como o carnaval, a carnavalização identifica-se pela inversão de valores, pela subversão cultural, por uma atitude de dessacralização, ou seja, pela apresentação do mundo às avessas" (SOARES: 2000, p. 71-72).

A festa carnavalesca é um traço significativo quase onipresente no imaginário do povo brasileiro, tem uma importância difícil de ser mensurada na vida social dos habitantes da nossa nação e mesmo aqueles que dizem não gostar dessa folia, são afetados por essa semana singular de nosso calendário.

Além do próprio carnaval, como feriado nacional que acontece anualmente em data preestabelecida, são concebidos com certa frequência modos de carnavalização da realidade social que vêm sendo, progressivamente, adotados como legítimos momentos de congregação social. Aqui podemos citar como exemplos os carnavais “fora de época” nas mais diversas cidades e regiões do Brasil, a festa do Boi Bumbá em Parintins, O Festival de música Rock in Rio que aconteceu a primeira vez em 1985, a festa de São João em Junho, Festa do Peão de Barretos, a Oktoberfest que é originária da Alemanha, mas que tem uma enorme expressão em Santa Catarina, Paradas Gays, presentes nas principais cidades do país, funcionando como uma expressão evidente da carnavalização que reivindica direitos para a comunidade LGBT, entre outras manifestações carnavalizadas.

O pressuposto principal e que se tornou a ideia embrionária de nossa tese de doutoramento é que as dinâmicas e manifestações carnavalizadas estão presentes em várias expressões culturais do povo brasileiro tais como a literatura, a música, a dança, no teatro, em toda e qualquer forma de arte e por isso está presente também no futebol, especificamente nas práticas torcedoras dos manauenses.

No decorrer do presente capítulo iremos demonstrar a existência de um processo da carnavalização nas práticas torcedoras dos manauenses nos espaços e tempos relacionados, a uma partida de futebol, e que essa dinâmica carnavalizante exerce um papel social bastante significativo na vida social em uma expressiva parcela de manauenses.

3.1 – Carnavalização, a segunda via do povo.

Tendo como referência inicial os estudos de Katerina Clarck (2004), Michael Holquist (2004) sobre a biografia e as teorias de Mikhail Bakhtin e os realizados Claudiana Soerensen em sua dissertação de mestrado intitulada *O MEZ DA GRIPPE: A BABEL CARNAVALIZADA* (2008) iremos iniciar essa seção apresentando as principais bases teóricas que somadas a outras que já foram aqui apresentadas deram sustentação a nossa tese de doutoramento e nos guiaram no decorrer de nossas práticas de campo.

Mikhail Mikhailovich Bakhtin foi um pensador russo que nasceu em 1895 em uma cidade provincial chamada Orel, e que morreu em 1975, na capital da Rússia, Moscou. Bakhtin pertencia a uma família nobre que valorizava muito a educação, por isso, desde criança, ele e seu irmão Nikolai receberam a melhor educação possível, sendo introduzidos na cultura europeia. (CLARCK, HOLQUIST, 2004)

Para o estudioso russo, o carnaval constituía um conjunto de manifestações da cultura popular medieval e do Renascimento e um princípio, organizado e coerente, de compreensão de mundo. O carnaval, propriamente dito, não é, evidentemente, um fenômeno literário, mas um espetáculo ritualístico que funde ações e gestos elaborando uma linguagem concreto-sensorial simbólica. É essa linguagem bem elaborada, diversificada, una (embora complexa) que exprime a forma sincrética de espetáculo – o carnaval – e transporta-se à literatura e é a essa transposição do carnaval para a linguagem da literatura que chamamos carnavalização da literatura. (BAKHTIN 2008).

Soerensen (2008) assinala que na construção teórica sobre a carnavalização, a linguagem é profunda e comprovadamente concreta e sensível pelo ajuntamento de gentes, o contato físico dos corpos, os quais são providos de sentidos. O sentimento individual é de fazer parte da coletividade, ser membro do grande corpo popular. A unidade coletiva constitui-se pela dissolução das identidades individuais. O corpo individual deixa, até certo ponto, de ser ele mesmo e se une aos demais ao travestir-se por

meio de fantasia e máscara, exigência a todos os corpos individuais para formar um único corpo. Apesar da troca e do pretense abandono individual o povo sente as suas unidade e comunidade concretas, sensíveis, materiais e corporais.

Na concepção de Bakhtin (2008) a carnavalização não é um esquema externo e estático que se sobrepõe a um conteúdo acabado, mas uma forma flexível de visão artística, uma espécie de princípio holístico que permite descobrir o novo e o inédito. O carnaval na concepção do autor é o *locus* privilegiado da inversão, onde os marginalizados apropriam-se do centro simbólico, numa espécie de explosão de alteridade, onde se privilegia o marginal, o periférico, o excludente.

Talvez o aspecto mais importante e revolucionário sobre o carnaval seja seu poder de inversão da ordem. Sem que muitos percebam, esse período é momento no qual as regras sociais vigentes na vida diária são temporariamente interrompidas, neutralizadas ou invertidas. o carnaval configura um período de contraversão de valores ordinários; momento onde tudo é permitido; esquecimento provisório das regras; descaso sobre a estrutura, etiqueta, etc.

O espetáculo carnavalesco – sem atores, sem palco, sem diretor derruba as barreiras hierárquicas, sociais, ideológicas, de idade e de sexo. Representa a liberdade, o extravasamento; é um mundo às avessas no qual se abolem todas as abscissas entre os homens para substituí-las por uma atitude carnavalesca especial: um contato livre e familiar entre os homens.

Leis, proibições e restrições, padrões determinantes do sistema e da ordem cotidiana, isto é, extra carnavalesca, são suspensas durante o carnaval: revoga-se antes de tudo o sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta, etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive a etária) entre os homens. A carnavalização adere a essa visão vasta e popular de carnaval que se opõe ao sério, ao individual, ao medo, à discriminação, ao dogmático. o que se abolia, principalmente, durante o carnaval era a hierarquia. (SOERENSEN, 2008)

O elemento que unifica a diversidade de manifestações carnavalescas e lhes confere a dimensão cósmica é o riso, um riso coletivo que se opõe ao tom sério e à solenidade repressiva da cultura oficial e do poder real e eclesiástico, mas que não se limita a ser negativo e destrutivo, antes projeta o “povo-que-ri” em liberdade fecunda e regeneradora como a própria natureza.

O carnaval se torna uma oportunidade única de revelar os aspectos mais profundos da realidade cotidiana, aqueles que talvez sejam perturbadores demais para se mostrar aberta e frequentemente. Ele perpassa a esfera artística do espetáculo teatral e situa-se nas fronteiras entre a arte e a vida. Na realidade, é a própria vida apresentada como elementos característicos da representação e do jogo teatral vivido como vida real.

O carnaval não era uma forma artística de espetáculo teatral, mas uma forma concreta (embora provisória) da própria vida, que não era simplesmente representada no palco, antes, pelo contrário, vivida enquanto durava o carnaval. Bakhtin (2008) salienta ainda, que durante o carnaval é a própria vida que representa e interpreta (sem cenário, sem palco, sem atores, sem espectadores, ou seja, sem os atributos específicos de todo espetáculo teatral) uma outra forma livre da sua realização.

O carnaval não se distinguia apenas da vida cotidiana socialmente hierarquizada, mas, sobretudo, das festas oficiais. Enquanto estas consagravam a estabilidade, a imutabilidade e permanência das regras que conduziam o mundo em camadas rígidas, o carnaval proclamava a suspensão de valores, normas, tabus religiosos, políticos e morais correntes.

A festa oficial tinha como escopo a consagração da desigualdade ao contrário do carnaval em que a simetria reinava e sobressaía uma forma especial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados cotidianamente pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar. Esse contato livre e familiar era vivido intensamente e constituía uma parte essencial da visão carnavalesca do mundo, contrapondo-se à festa oficial. Enquanto esta apresentava padrões regidos, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. (SOERENSEN, 2008)

A eliminação provisória das relações hierárquicas produziu o aparecimento de uma linguagem carnavalesca típica. As formas e símbolos da linguagem carnavalesca estão embebidos da noção e lirismo da alternância e da renovação, da consciência da alegre relatividade das verdades e das autoridades do poder. A vida era absorvida pela impactante cosmovisão carnavalesca. A influência da concepção carnavalesca do mundo sobre a visão e o pensamento dos homens era radical: obrigava-os a renegar de certo modo a sua condição social (como monge, clérigo ou erudito) e a contemplar o mundo de uma perspectiva cômica e carnavalesca. (BAKHTIN 2008).

O homem da Idade Média participava igualmente de duas vidas, a oficial e a carnavalesca e de dois aspectos do mundo: um piedoso e sério, outro, cômico. Eles coexistiam lado a lado, mas não se confundem, não se misturam. Já a literatura e outros documentos mostram que o homem do Renascimento tinha clara nitidez da grande fronteira histórica que o separava da Idade Média.

A cultura cômica da Idade Média preparou as formas que expressaria a sensação histórica de nova fase, inclusive o Renascimento. Essas formas relacionavam-se com o tempo, o devir, a necessidade de mudança e transformação. Elas destronavam e renovavam o poder dirigente e a verdade oficial. Faziam triunfar o retorno de tempos melhores, da abundância universal e da justiça. A nova consciência histórica se preparava nelas também. (Bakhtin, 1999, p. 85).

Conforme Bakhtin, o carnaval tem múltiplas faces: é ao mesmo tempo textual e contextual. Não é só uma prática social específica, mas também uma espécie de reserva geral e ininterrupta de formas populares e rituais festivos, nos quais, muitas vezes, há aproximação dos contrários, as *mésalliances*: o sagrado e o profano, o oficial e o revés, o hierárquico e o libertário.

Em consonância com essa multiplicidade de aspectos presentes no carnaval Roberto da Matta (1977, p. 22) defende que o carnaval é o “sumário perfeito da visão anticotidiana da vida”. Sua abordagem é específica sobre o carnaval no Brasil, sua imagem e as incorporações dessa imagem pelos próprios brasileiros. Nesse sentido, é como se os brasileiros desejassem sempre enfatizar os aspectos “comunitários” da sua ordem social, e o desdém pelo estrutural. O malandro, em contraste com o “Caxias”; o “jeitinho”, em contraste com a burocracia cotidiana, assim por diante.

DaMatta (1973) assinala que existe uma invenção particular que o Brasil faz do Brasil, e que atravessa o mundo, fundada na ideologia da tranquilidade, da paz social e racial, do sol, das praias das mulheres e do samba. Nessa percepção perde-se de vista, noções tais como a de autoridade e organização social; a estrutura é deixada de lado e os brasileiros priorizam, ao olharem-se no espelho, uma identidade mais livre e indefinida, fácil de ser dissipada e que apresenta poucos contrastes. O carnaval brasileiro é, para Roberto DaMatta, a instituição paradigmática desta visão do Brasil como uma grande *communitas* no sentido expresso por Turner (1974).

Na festa brasileira, são várias as ocorrências do “mundo ao revés”: troca-se o dia pela noite, a vida do bairro pelo centro da cidade, o território do trabalho e da fadiga dá

lugar para o território da dança e do prazer. Trocam-se os papéis sexuais e sociais, homens machistas vestem-se de mulher, adultos usam fraldas e chupetas, cantam “mamãe eu quero mamar”; homens graves fantasiam-se de malandro; negros e brancos fantasiam-se de índios; pobres vestem-se de aristocratas; pessoas da classe média vestem-se de “sujos”; animados foliões cobrem-se com mortalhas.

Da Matta (2013) afirma que todo brasileiro nasce num Brasil que tem Carnaval. Sabemos que o Brasil é Brasil por causa do Carnaval. Dizer isso parece trivial, mas não é. Para o autor se a sociedade pode ser comparada a um teatro, então existem coisas passageiras e dramas permanentes que nos dão a certeza de estar vivendo num mesmo lugar. Mudou o estilo de se vestir, de comer e de morar; as cidades ficaram enormes, chegamos à era dos computadores e dos telefones celulares; trocamos a moeda e o mundo globalizou-se. E o Carnaval continua.

Ele defende que o carnaval tem sido uma das poucas coisas permanentemente nacionais:

“A repetição festiva, como disse Thomas Mann, é a abolição da diferença entre o ser e o ter sido. Todo ano tem Carnaval – e todo ano é o Carnaval que, talvez mais do que qualquer outra instituição nacional, nos certifica da continuidade do Brasil. Apesar de todas as mudanças, inclusive as que ocorreram no próprio Carnaval. Imaginar um Brasil sem Carnaval seria como imaginar uma noite sem lua ou um arroz sem feijão. Existem planos para acabar com tudo no Brasil, menos para proibir o Carnaval” (Roberto Da Matta/ Entrevista Revista Época. 02.2013).

O carnaval congrega, sob o mesmo conceito, inúmeros folguedos de diversas origens, com características exclusivas e datas diferentes (alguns deles destacados na citação de Stam no início da discussão teórica). A reunião de fenômenos heterogêneos, sob o termo carnaval, tem uma razão concreta, pois ao se diluírem dentro do conjunto carnavalesco, as diversas festas populares levaram ao carnaval alguns de seus elementos: ritos, atributos, efígies, máscaras. Mas qual é o elo peculiar desses fenômenos?

O denominador comum de todas as características carnavalescas que compreendem as diferentes festas, é a sua relação essencial com o *tempo alegre*. Por toda parte onde o aspecto livre e popular se conservou, essa relação com o tempo e, conseqüentemente, certa elementos de caráter carnavalesco, sobreviveram. (BAKHTIN, 2008. p, 191)

O tempo jocoso, elemento essencial das festividades, produz o contato familiar o qual promove nova forma de comunicação e da relação íntima ou próxima entre as pessoas. O carnaval é a festa em que se extravasa o riso, é a segunda vida do povo, o tempo alegre; é a festa em que se marcava de alguma forma uma interrupção provisória de todo o sistema oficial, com suas interdições e barreiras hierárquicas. (BAKHTIN, 2008).

O referido autor reafirma a importância do riso na Idade Média e Renascimento colocando-o como principal elemento que distinguia os festejos de carnaval e ritos cômicos das cerimônias oficiais sérias da Igreja e do Estado Feudal. Essa distância, todavia, não existia no primitivo Estado Romano, por exemplo. Desde a cerimônia do triunfo até um funeral, celebrava-se em igual proporção. Este comportamento muda a partir do estabelecimento do regime de classes e de Estado e o caráter cômico representará a sensação popular do mundo. Depois de estabelecido o regime, as formas cômicas algumas mais cedo, outras mais tarde adquirem caráter não oficial e transformam-se, fundamentalmente, em expressão da cultura popular.

Soerensen (2008) explica que os ritos e atos carnavalescos, os quais engendraram o riso como elemento essencial, eram duramente perseguidos pelas instituições e crenças oficiais. De fato, o cristianismo primitivo condenava o riso por considerá-lo emanção do diabo. A festa, o riso, o caráter festivo da vida deveria ser abolido por não manifestarem arrependimento e dor, necessários, na visão cristã primitiva, à expiação dos pecados.

A autora anteriormente mencionada assinala que com o afastamento, ou melhor, com a exclusão do riso dos ritos oficiais houve a necessidade de legalizá-lo e assim mantê-lo sob controle em outra esfera (a não-oficial), dando origem ao confronto formas cômicas versus formas canônicas. Contudo, mesmo com as duas formas conflitantes e uma delas representar a Igreja, havia a associação entre as formas cômicas e as instituições clerical e estatal. O riso, sancionado pela festa, relaciona-se amistosamente com a Igreja e o Estado, por exemplo, na festa dos loucos, festa do asno, Corpus Christi, entre outros ritos carnavalescos.

Absolutamente extraoficial, embora legalizado, o riso medieval possui ligação indissolúvel e ativa com a liberdade – ainda que relativa e de caráter efêmero por manter vínculos diretos com a Igreja e o Estado. O riso, além de ser uma resposta à censura exterior à cultura oficial e séria liberta o indivíduo do censor interior, do medo do sagrado, da interdição autoritária, do passado, do poder, medo ancorado no espírito humano há

milhares de anos. Portanto, o riso da festa popular tem como componente essencial a vitória a qual submete o terror metafísico (do além, das coisas sagradas e da morte) e também os temores históricos, todas as formas de poder infringido pelos soberanos e aristocratas terrestres. O riso liberta de tudo que oprime, principalmente, o medo limitador. (SOERENSEN, 2008).

Clarck (2004) defende que o século XVI é o apogeu da história do riso com a obra de Rabelais, tamanha é a importância destinada ao médico escritor. O riso nesse período tem um profundo valor de concepção de mundo. É a maneira, diferente do sério, porém não menos importante, de expressar um ponto de vista particular e universal sobre o mundo. Através do riso exprime-se uma verdade a respeito do homem, da história, dos problemas universais os quais afligem a humanidade.

Já no século posterior, a autora anteriormente mencionada, assinala que a teoria da cultura cômica, o riso perdeu seu elo essencial com a concepção de mundo, reduz-se ao domínio do particular e do típico. Perde seu colorido histórico; é ainda relacionado ao princípio material e corporal, mas é relegado aos aspectos cotidianos considerados inferiores. Nesse século ocorre a estabilização das monarquias absolutas; a filosofia racionalista de Descartes e a estética do classicismo traços da nova cultura oficial menos dogmática que a cultura da Igreja e do feudalismo, porém, impregnada do tom sério e autoritário, ganham espaço e tornam-se preponderantes. Ainda no século XVII, forjam-se novos conceitos tônicos que a nova classe dominante apresenta como verdades eternas.

É notável a transformação que o riso adquire em seu processo de degradação histórica. Uma forma particular do sério, o sério rigoroso e científico, adquiriu enorme importância na cultura moderna. Esse sério, originalmente, não tem nada de dogmático de unilateral ou prescritivo. Herdando os conceitos do riso medieval ele apresenta a forma de um problema, é autocrítico e inacabado. A partir do Renascimento, porém, uma nova seriedade (em processo de transformação assim como o riso) passa a exercer uma poderosa influência sobre a literatura. (SOERENSEN, 2008)

Lembremos que os cânones modernos são herdeiros da noção clássica de corpo. Da cultura clássica também advém o conceito de sério utilizado desde os medievais, prolongando-se aos modernos, e que entra em vigoroso embate com o riso da Idade Média acentuando as transformações deste. O sério é oficial, autoritário, associa-se à violência, às interdições, às restrições. Há sempre nessa seriedade um elemento de medo e de intimidação e embora esse sério dominasse os ritos oficiais durante o período da Idade

Média, nos diversos folguedos carnavalescos o riso era imperioso e contraria, absolutamente, tal noção, como contrapõe o estudioso de Rabelais: Pelo contrário, o riso supõe que o medo foi dominado. O riso não impõe nenhuma interdição, nenhuma restrição. Jamais o poder, a violência e a autoridade empregam a linguagem do riso. (HOLQUIST, 2004)

O riso na Idade Média visa o mesmo objeto que a seriedade a unidade, o universalismo; mas ele, não faz nenhuma exceção ao estrato superior, ao contrário, dirige-se principalmente contra ele. Além disso, ele não é dirigido contra um caso particular ou uma parte, mas contra o todo, o universal, o total. Constrói seu próprio mundo contra a Igreja oficial e o Estado oficial. O riso é admitido da mesma maneira que o sério.

Já no século XVII o riso passa a referir-se a certos fenômenos parciais e de caráter negativo. O domínio do risível, do cômico é restrito e específico abarcando vícios dos indivíduos e da sociedade; ele é um divertimento, uma punição útil aos seres inferiores e corrompidos, pois o essencial e socialmente importante – a história e homens que a constroem (reis, chefes de exércitos, heróis) não são risíveis. O riso é expurgado das esferas oficiais. O tom sério exclusivo e suas ideologias (ascetismo, crença na sinistra providência, pecado, redenção, sofrimento formas de opressão e intimidação) firmaram-se como únicos a expressar a verdade e o bem; os matizes dessa seriedade são o medo, a veneração, a submissão impostas aos indivíduos do período. (SOERENSEN, 2008)

Dessa forma, o domínio do riso restringe-se cada vez mais, particulariza o uso, o efeito e, conseqüentemente, perde o seu universalismo. Aos poucos ele é dirigido contra uma pessoa isolada. A unidade histórica universal representada pelo total, o todo deixa de ser objeto do riso. Progressivamente, o universalismo cômico de tipo carnavalesco torna-se incompreensível. Quando o tipo não é evidente, começa-se a procurar a individualidade isolada, isto é, uma personagem perfeitamente precisa; nesse momento é introduzida na literatura as personagens planas, caricatas que possam conduzir ao riso individual.

Mesmo particularizado às esferas consideradas inferiores, o riso subsiste, mas modifica-se. Lembra Bakhtin que no grotesco romântico o riso se atenua, e toma a forma de humor, ironia ou sarcasmo. Deixa de ser jocoso e alegre. O aspecto regenerador e positivo do riso reduz-se ao mínimo (BAKHTIN, 2008).

Os ritos e espetáculos organizados à maneira cômica, diferentes das cerimônias oficiais sérias da Igreja e do Estado Feudal, ofereciam uma visão do mundo, do homem

e das relações humanas totalmente diferentes, deliberadamente não oficial, exterior ao Estado e à Igreja embora legalizadas por estas instituições. Os ritos cômicos carnavalescos pareciam ter construído ao lado do mundo oficial, um segundo mundo e uma segunda vida.

Embora ao visar o mesmo objeto, a unidade que a seriedade e tê-la como parte integrante, o riso apresenta diferenças consideráveis em relação a ela. O sério tendia a violentar, a oprimir para agregar e com isso promove exatamente o contrário, acentuando hierarquias e desagregação entre classes.

A seriedade utilizada pelo poder, intimidava, exigia e proibia suscitando terror, subserviência, louvor e benção do povo. Nela o tom oficial era gritante, oprimindo, mentindo, acorrentando, distorcendo. Para Bakhtin (2008) ao contrário do riso, a seriedade estava impregnada interiormente por elementos de medo, de fraqueza, de docilidade, de resignação, de mentira, de hipocrisia ou então de violência, intimidação, ameaças e interdições.

O grande legado conceitual sobre a visão carnavalizada deixado pelo estudioso russo e não deve ser visto de forma absoluta, refere-se a defesa de que o carnaval constituía um conjunto de manifestações da cultura popular medieval e do Renascimento e um princípio, organizado e coerente, de compreensão de mundo. A organização e coerência vêm do riso, do caráter festivo que as diversas formas de manifestações carnavalescas (as festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos especiais, os bufões e tolos, gigantes, anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias, a literatura paródica, vasta e multiforme, entre outros) possuem. A unidade de estilo e a relação com o riso constituem elementos agregadores da cultura carnavalesca.

Para Holquist (2004) a cultura popular do passado esforçou-se sempre, em todas as fases da sua longa evolução, em vencer pelo riso, em desmistificar, traduzir na língua do baixo ‘material e corporal (na sua acepção ambivalente), os pensamentos, imagens e símbolos cruciais das culturas oficiais. O riso significava libertação dos padrões sérios e oficiais, mas é preciso destacar que a liberdade do riso, como qualquer outra liberdade, era evidentemente relativa; seu domínio se alargava ou diminuía alternadamente, mas não foi jamais interdita.

Em um contexto mais especificamente brasileiro, Da Matta (2013) defende que carnavais e carnavalizações servem para legitimar uniões ou entrelaçamentos entre os

diferentes por meio do canto, da música e da dança e, acima de tudo, do riso que dissolve barreiras; ao passo que as festividades da ordem reforçam a autoridade e as diferenças.

“Nos Carnavais, há uma licença para o abuso – para o que ocorre abaixo da cintura –, que acaba ficando normal e até mesmo obrigatório. Nas solenidades, salientam-se as mãos e o que fica no hemisfério superior do corpo. Mas, notem bem, toda desordem é seguida de ordem, e toda ordem de desordem. Por isso, o Carnaval termina nas cinzas da Quarta-Feira, que marcam o início da Quaresma – um tempo que anuncia o suplício de Cristo; e os casamentos e as formaturas (e muitos funerais) terminam em orgias e grandes bebedeiras. Antes da disciplina rígida que manda “abandonar a carne” (*carne levare*), a orgia.” (Da Matta, 2013/ Entrevista Revista Época)

Featherstone (1995) também identifica no fenômeno da carnavalização o rito das inversões e transgressões simbólicas, no qual os pares antinômicos – superior/inferior, sublime/vagabundo, erudito/popular, clássico/grotesco – são desconstruídos e reconstruídos, obedecendo a uma lógica de “um mundo ao avesso”. “O referido autor apoia-se na obra de Bakhtin (2008), para mostrar como o carnaval envolve a celebração do ‘corpo grotesco’, comida farta, embriaguez, promiscuidade sexual num mundo em que a cultura erudita é posta de cabeça para baixo. O corpo grotesco do carnaval é o corpo inferior da impureza, desproporção, imediatez, orifícios, o corpo material que é o oposto do ‘corpo clássico’, belo, simétrico, superior, percebido a distância, o corpo ideal. O corpo grotesco e o carnaval representam a alteridade excluída do processo de formação da identidade e da cultura da classe média” (FEATHERSTONE, 1995)

Assim como o grotesco, o baixo material e corporal e o riso, a máscara constitui-se um importante elemento das festividades carnavalescas. O uso da máscara simboliza uma das características mais marcantes do carnaval porque promove a confusão e dissolução das identidades pessoais e sociais, o triunfo da alteridade durante aquele tempo convencionalmente reservado à transgressão.

Bakhtin (2008) categoriza a máscara como objeto ao qual traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; Esse objeto feito a partir de elementos como papel, pano, madeira, gesso, entre outros, representa ou estiliza uma face, ou parte dela, encobre o rosto e assim, disfarça, dissimula, fornece uma outra identidade ao seu usuário, diluindo o sentido único e relativizando a verdade identitária e por conseguinte, a social.

Roberto da Matta (1977) diz que “as máscaras indicam uma situação informal, onde as pessoas podem realizar aquilo que desejam porque têm escondidas por trás de um disfarce as suas identidades sociais que operam na vida diária.” Esse componente, portanto, remete a uma situação extraordinária, oposta tanto à vida cotidiana, quanto aos rituais opostos, onde o que domina é a formalização.

O sistema de degradações, inversões e travestimentos provoca mudanças na concepção de mundo. A fantasia como elemento obrigatório na festa popular demonstra a especificidade e o caráter dos folguedos carnavalescos. Ao despir-se da real identidade através da máscara escancara-se a relativização do regime hierárquico, instaura-se a liberdade e elimina-se a distância entre as pessoas. Para o autor:

Um dos elementos obrigatórios da festa popular era a *fantasia*, isto é, a *renovação* das vestimentas e da personagem social (...) o elemento da relatividade e de evolução foi enfatizado, em oposição a todas as pretensões de imutabilidade e atemporalidade do regime hierárquico medieval. (BAKHTIN, 2008).

A eliminação das hierarquias faz com que desapareça o corpo individual e suscita no homem a sensação de integrar a coletividade indissolúvel, de ser membro do grande corpo popular. Todas as formas e símbolos da linguagem carnavalesca estão impregnados do lirismo da alternância e da renovação, da consciência da alegre relatividade das verdades e autoridades do poder. A teoria da cultura cômica popular medieval e do Renascimento abrange as formas da praça pública e da festa popular, as formas de ridicularização da verdade e do poder antigos com todo o seu sistema de mascaramentos (disfarces, mascaradas), de permutações hierárquicas (viradas do avesso), de destronamento e rebaixamentos.

A relativização da verdade e do poder dominantes constitui um dos sentidos profundos do riso carnavalesco nas suas múltiplas manifestações; ao ridicularizar tudo o que se arroga de uma condição imutável, transcendente, definitiva, o carnaval celebra a mudança e a renovação do mundo.

Apesar de todo encantamento com as abstrações teóricas defendidas por Bakhtin (2008), sabemos muito bem que a carnavalização não tem a capacidade de superar as mazelas sociais de nosso país que são veladamente mantidos pela ordem, tais como preconceito racial, preconceito de gênero e segregação de classe. O que se verifica é uma celebração das inúmeras possibilidades da estrutura que esta não oferece.

DaMatta (1973) assinala que os desapertos que o carnaval e o espírito carnavalesco preconizam por possibilitarem o aparecimento aberto de comportamentos e fantasias abusivas à moralidade diária, acabam provocando a confiança na ordem. Para o autor a abertura carnavalesca traz à tona toda uma gama de seres marginais que passam por invisíveis no cotidiano, ela chama a atenção para tudo aquilo que deve ser escondido da ordem: “a homossexualidade, o relacionamento ilícito, a ostentação humilhante do luxo e da riqueza, o ridículo de figuras importantes e poderosas e o poder e a graça dos habitantes das fronteiras do nosso mundo social.

O referido autor defende que sob o ponto de vista da antropologia, o carnaval informa o que está velado pela estrutura, o que se encontra marginalizado e, em grande parte, silenciado na vida cotidiana. Anjos e santos são seres da estrutura, são os demônios que dominam o paraíso estabelecido pelo carnaval. Mas estes mesmos não existem sem que a estrutura esteja à vista para por eles ser contraposta. Bakhtin (2008) lembra que nas diabruras dos mistérios da Idade Média, nas visões cômicas, nas lendas paródicas etc., o diabo é um alegre porta-voz ambivalente de opiniões não-oficiais, visto como “a santidade ao avesso”. Estas representações da antiestrutura são a porta para todo um universo múltiplo existente nas margens que, no momento da ruptura, ganha o seu espaço momentaneamente no centro das percepções e interações do grupo. Com o objetivo de chamar a atenção para o estado marginal que evocam, as figuras e tipos representados no carnaval são tipos extrapolados e exagerados para enfatizar tudo aquilo que possuem de “impróprio” para a ordem social estabelecida. Os homens travestidos tomam as ruas, impedem a passagem dos carros, vandalizam o espaço público, e acabam por justificar o não reconhecimento do homossexual e da mulher “de rua” da vida pública brasileira. (DAMATTA, 1973).

Apesar de sabermos de que estrutura se sobrepõe sobre a “vida oficial e a vida não oficial”, é nosso entendimento que esse momento limiar da carnavalização tem a capacidade, pelo menos parcialmente, de fazer a diferença, no sentido de respeito à individualidade, prazeres e desejos de cada um, ao mesmo tempo colocando todos no mesmo patamar de humanidade. Diminuindo as distâncias hierárquicas, mesmo que temporariamente, os corpos realmente se tornam comunitários e os sujeitos podem experimentar sensações de coletividade e igualdade. Nesse peculiar hiato da vida cotidiana se faz presente o *estado holístico*.

A guisa de finalização desse tópico colocamos as palavras de Roberto Da Matta que assim se posiciona defendendo a festa carnavalesca e o espírito carnavalizante:

“O que seria de nossas vidas sem esses significados extrarracionais de viver em sociedade? Essa é a pergunta que levantei em meu livro *Carnavais, malandros e heróis*, publicado em 1979. Nele, eu falava precisamente desse imenso custo para celebrar algo tão vago quanto a alegria e a sensualidade. O contraste com outros festejos nacionais – uma festa em honra de Nossa Senhora de Nazareth ou a Independência do Brasil – é enorme. Num caso, há motivo e lógica; no outro, do Carnaval, há apenas a celebração em estado puro. Ou quase puro, porque o Carnaval promove uma abertura para as camadas populares, para o povo pobre que, nos desfiles de antigamente, era vaiado quando desfilava.” (Da Matta 2013/ Entrevista Revista Época)

3.2 – Carnavalização no Futebol.

Ao apresentarmos os conceitos relativos à carnavalização, não pretendemos em nossa tese “formatar” algumas categorias conceituais a serem aplicadas rigidamente nas ocorrências das práticas torcedoras dos torcedores manauenses de futebol profissional e do Peladão. Lembremos que um dos atributos fundamentais da concepção carnavalizada é a ambivalência e a ambiguidade. Portanto, ao reconstruí-la como uma formulação teórica na qual fundamentamos essa seção, faz-se necessário uma flexibilização metodológica ao confrontá-la com a facticidade empírica.

Por essas razões e apoiando-nos no Bakhtin que afirma o caráter amplo dos termos carnavalesco/carnavalização compreende uma gama enorme de manifestações culturais e populares, é que iremos situar a carnavalização no seio das torcidas de futebol:

Damos ao termo “carnavalesco” uma acepção muito ampla. Enquanto fenômeno perfeitamente determinado, o carnaval sobreviveu até os nossos dias, enquanto que outros elementos das festas populares a eles relacionados por seu caráter e estilo (assim como por sua gênese), desapareceram há muito tempo ou então degeneraram a ponto de serem irreconhecíveis. Conhece-se muito bem a história do carnaval, descrita muitas vezes no decorrer dos séculos. Recentemente, nos séculos XVIII e XIX, o carnaval ainda conservava alguns dos seus trechos particulares de festa popular de forma nítida, embora empobrecida. O carnaval revela-nos o elemento mais antigo da festa popular, e pode-se afirmar sem risco de erro que é o fragmento mais conservado desse mundo tão imenso quanto rico. Isso autoriza-nos a utilizar o adjetivo carnavalesco numa acepção ampliada, designando não apenas as formas do carnaval no sentido estrito e preciso do termo, mas ainda toda vida rica e variada da festa popular no decurso dos séculos e durante a Renascença, através de seus caracteres específicos representados pelo carnaval nos séculos seguintes, quando a

maior parte das outras formas ou havia desaparecido, ou degenerado. (BAKHTIN, 2008, p.189-190)

É evidente que temos que considerar que muitas vezes o que nos deparamos são vestígios fragmentados que caracterizam os processos de carnavalização, que nos remetem ao período estudado por Bakhtin e onde está contextualizada sua obra. O mais relevante quando se trabalha com termos e concepções como estas desenvolvidas pelo autor anteriormente mencionado, é que se deve levar em conta o caráter dialógico das palavras, encarando os termos de forma flexível, e não simplesmente sistematizada como quando se trabalha em uma natureza mais estrutural. Dessa forma, o comportamento carnavalizado por parte dos torcedores no momento de uma partida de futebol, deve ser considerado como um processo de carnavalizante mediante os valores e costumes estabelecidos na sociedade onde está inserido.

Não iremos, portanto, estabelecer uma analogia literal e enrijecida das concepções sobre a carnavalização nos torcedores amazonenses de futebol. O nosso principal intento é a demonstração da presença do espírito carnavalizante com suas múltiplas manifestações nas práticas torcedoras barés. A carnavalização como já vemos é um momento de festa, de liberdade, de extravasamento social e não pode ser colocada em um casulo conceitual, mas ganha vida onde existe vida, onde existe um ser humano disposto a sair dos trilhos que o acorrentam e dentro politicamente correto.

É nossa concepção que o futebol pode proporcionar vivências carnavalizadas para os torcedores locais, as páginas que se seguem irão demonstrar isso.



Foto 9- Festa do título do campeonato amazonense 2018. Fonte: Site da Federação Amazonense de Futebol.

Apesar de já estarmos apresentando gradativamente o entrelaçamento dos dados empíricos de nossa tese de acordo com as matrizes epistemológicas desenvolvidas em cada seção, ainda não apresentamos o perfil dos torcedores manauenses que fizeram parte de nossa pesquisa. Para nós, é bastante relevante o conhecimento por parte do leitor, do universo empírico que nos permitiu confirmar nossos pressupostos de que no âmbito das práticas torcedoras ocorram dinâmicas carnavalizantes relacionadas a uma partida de futebol.

Fizeram parte de nossa pesquisa 234 torcedores de futebol profissional. Nossos locais de coleta de dados junto aos torcedores de futebol profissional aconteceram nos estádios onde aconteciam as partidas do campeonato amazonense de futebol 2018 e nos jogos da Série D do campeonato brasileiro. Também foram coletados dados nos barés da praça do Caranguejo no Conjunto Eldorado na zona Centro-Oeste de Manaus e em alguns bares da Zona Norte e Leste da nossa cidade.



Foto 10- Praça do Caranguejo- Conjunto Eldorado/P.10. Fonte: Pesquisa de Campo 2018.

Também fizeram parte de nossa pesquisa de campo 187 torcedores de futebol amador de nossa cidade. Os locais de coleta de dados foram em campos distribuídos pela cidade, nos períodos finais do campeonato amazonense de peladas de 2016, sobretudo na grande final realizada na Arena da Amazônia na zona Oeste de Manaus. As justificativas para as escolhas dos referidos locais, assim como todos os desdobramentos metodológicos já foram descritos nas páginas introdutórias de nossa tese.

Nosso universo empírico foi assim constituído com relação ao gênero dos participantes da pesquisa:

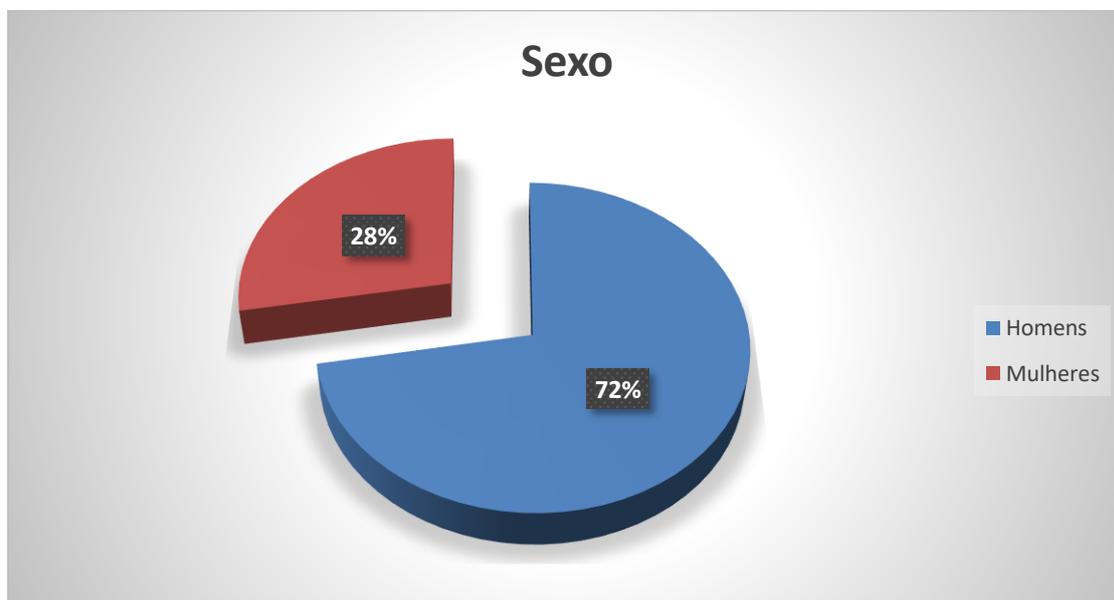


Gráfico 12 – Sexo. Torcedores de futebol Profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.

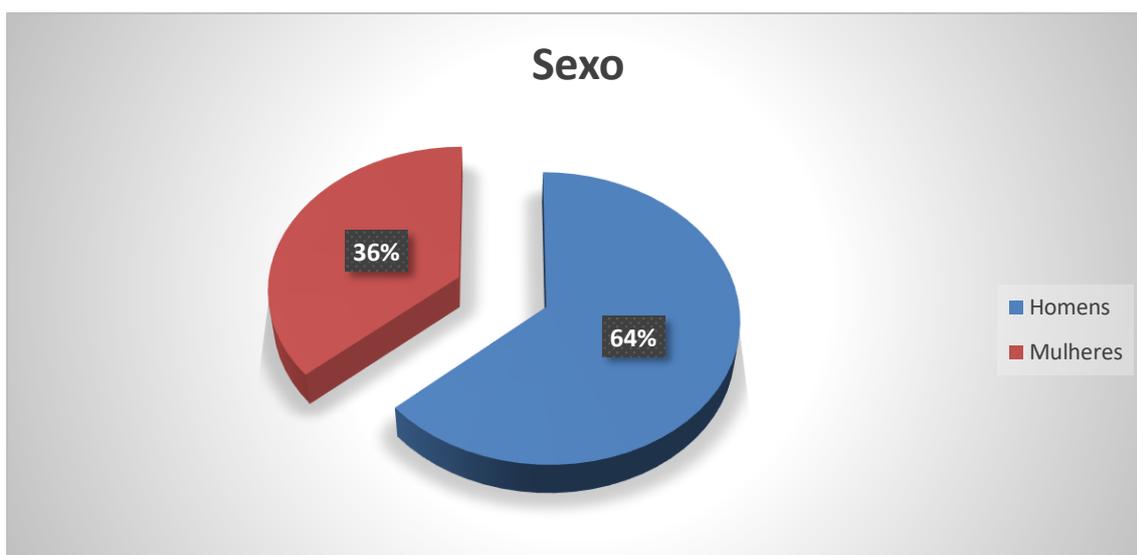


Gráfico 13 – Sexo. Torcedores de futebol amador. Fonte: pesquisa de campo/ 2017.

Os dados mencionados demonstram que, apesar da mulher se fazer cada vez mais presente nas práticas torcedoras, ainda existe uma predominância masculina nesse universo. Corroborando com essa afirmativa (REIS e ESCHER, 2006) ressaltam que o futebol pode ser apontado como uma área de predomínio e dominação masculina.

A presença de mulheres torcedoras nos estádios e em bares é visivelmente menor que a dos homens. Entretanto, é possível uma interpretação diferente destes dados, que não o de simples predomínio masculino. Campos e Silva (2009) afirmam que as mulheres “vêm participando da construção desse espetáculo tornando-o uma das principais

atividades de lazer” da população feminina, ainda que esta incorporação apresente obstáculos e preconceitos.

Se por um lado os estádios e os bares ainda não são espaços ocupados frequentemente pelas mulheres, pode-se perceber que o ato de torcer por um clube não remete à mesma resposta. Lembro aqui o explicitado por Damo (1998, p.13) quando afirma que “a contrapartida da fidelidade clubística é a liberdade com que cada torcedor constrói e vivência seu pertencimento”. As mulheres podem ainda não ser frequentadoras assíduas dos estádios e em bares onde foi realizada nossa pesquisa, contudo constroem e vivenciam seu pertencimento clubístico de distintas maneiras enfrentando as mesmas dificuldades que encontram nos demais seguimentos sociais.

Sobre essas dificuldades encontradas assim se posicionam as torcedoras de futebol profissional 36, 78 e 134:

“Eu aprendi a gostar de futebol acompanhando meu marido que é fanático pelo Vasco. Tinha que ir com ele porque ele sempre ficava porre e não conseguia dirigir aí eu tinha que trazer o carro com medo dele sofrer acidentes. Passei a gostar dessa fuzarca e agora eu mesmo que chamo ele pra gente vir aqui pro Eldorado assistir os jogos. É muito bacana, mais ainda quando o Vasco ganha. Mas quando comento isso com as minhas amigas algumas me olham com cara feia. Tô nem aí, estou com me divertindo com meu marido e pronto” (Torcedora 36, 55 anos. / Pesquisa de campo 2018)

“Venho sempre pra cá assistir meu Flamengo, mas é difícil arrumar companhia para isso. Minhas amigas não gostam muito, estou solteira e quando venho pra cá alguns idiotas pensam que estou atrás de homem, mas não estou. Gosto mesmo é de ver o jogo e sozinha não tem graça. Às vezes me preocupo com a segurança quando estou indo para o carro, mas nunca aconteceu nada graças a Deus. Muitos domingos meus acabam por aqui. Eu amo futebol, puxei ao meu falecido pai”. (Torcedora 78, 30 anos. / Pesquisa de campo 2018).

“Eu sou fanática pelo Nacional, não perco um jogo, meu time estando bem ou mal. Adoro vir pra cá assistir o jogo no meio da torcida. Eu e a minha namorada nos conhecemos no estádio há 3 anos e isso eu devo ao futebol. Mas o preconceito é grande, sou homossexual e gosto de futebol, pra desgosto da minha avó. Mas um dia ainda consigo trazer ela pra ver um jogo comigo aqui ao lado da minha torcida e da minha namorada...kkk”. (Torcedora 134, 37 anos. / Pesquisa de campo 2018).



Foto 10 - 3 Torcedoras presentes no jogo do Manaus Futebol Clube em 08.07.2018. Fonte: Site da Federação Amazonense de Futebol.

Faixa a etária dos participantes de nossa pesquisa:

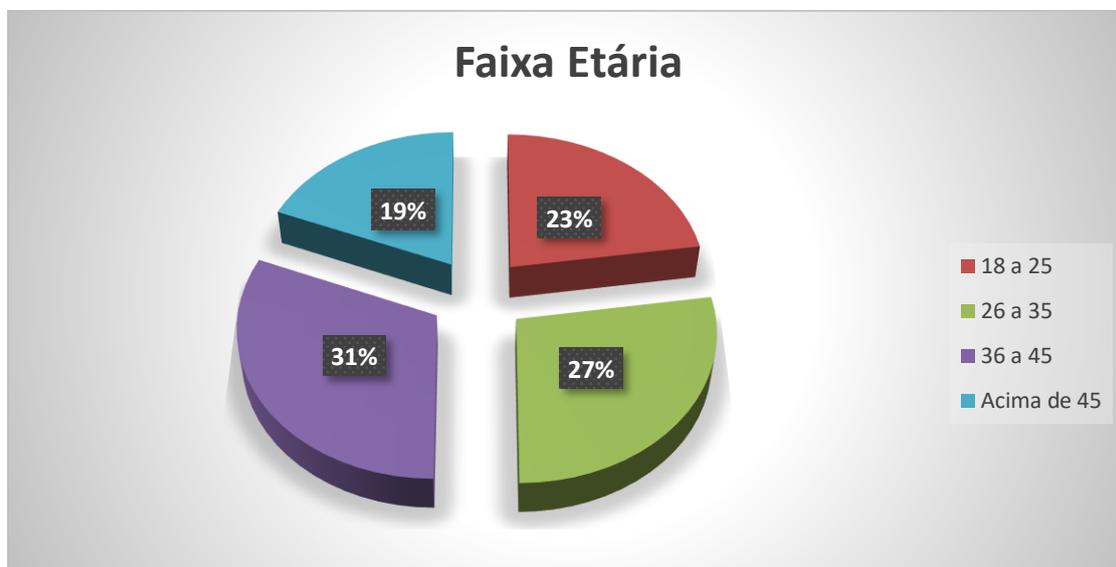


Gráfico 14 – Faixa etária. Torcedores de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018

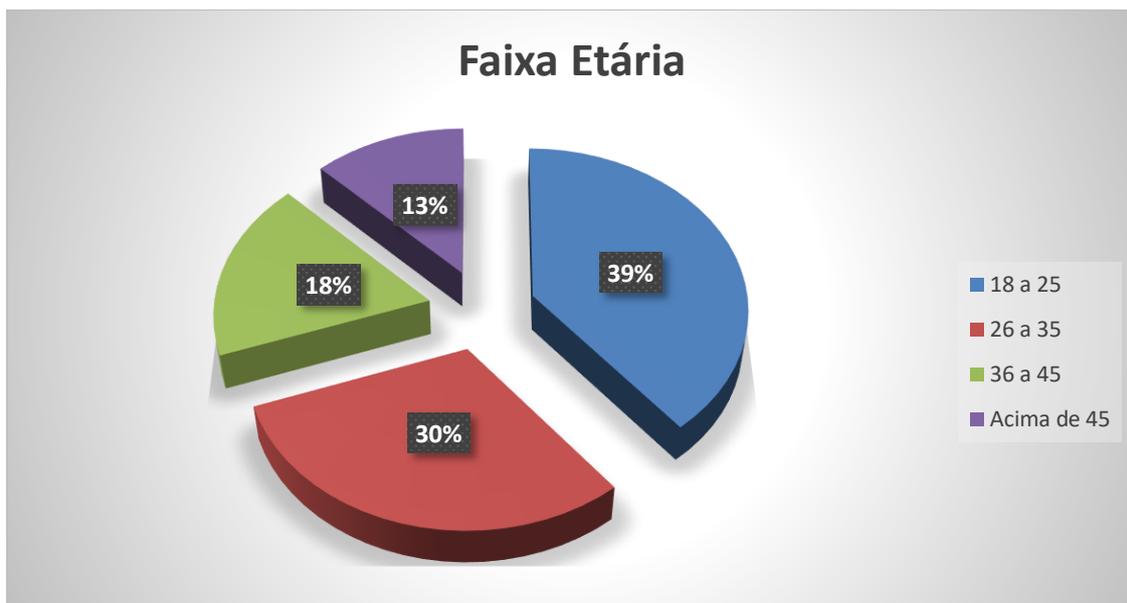


Gráfico 15 – Faixa etária. Torcedores de futebol amador. Fonte: pesquisa de campo/ 2017

No gráfico sobre os torcedores de futebol profissional encontramos uma distribuição bastante homogênea entre as faixas etárias contempladas em nossa pesquisa, o que demonstra que o gosto pelo futebol atinge todas as faixas etárias indistintamente. Ressaltamos que um dos critérios de inclusão para participação em nossa pesquisa de campo, foi que o torcedor tivesse idade maior ou superior a 18 anos. Mas é nossa convicção que mesmo entre os adolescentes e as crianças, a paixão pelo futebol também é bastante presente.

Já no gráfico referente aos torcedores de futebol amador, verificamos uma diminuição acentuada no grupo de torcedores acima de 45 anos de idade, diferente da faixa etária situada entre 18 a 25 anos de idade que aparece em maior número. Tal ocorrência talvez seja explicada pelo enorme apelo que o campeonato amazonense de peladas tenha entre os mais jovens, sejam eles torcedores ou os atletas que participam efetivamente da competição. Sobre isso comenta o coordenador administrativo do peladão Sidniz Pereira da Silva Filho:

“O peladão atinge todas as faixas etárias da sociedade amazonense, mas é entre os mais jovens que o peladão faz mais sucesso. Distribuídos por todas zonas da cidade aparecem equipes com suas rainhas querendo participar da competição. É uma possibilidade de lazer para as camadas sociais mais pobres que tem no fato de jogar futebol uma chance de se destacar e fazer história nas suas comunidades. Por isso eu amo isso aqui, sei que estamos fazendo diferença na vida de muitos jovens e adultos nessa nossa cidade.” (Sidniz Filho, coordenador administrativo do Peladão. / Pesquisa de campo 2017).

Zonas da cidade onde moram os torcedores participantes de nossa pesquisa:

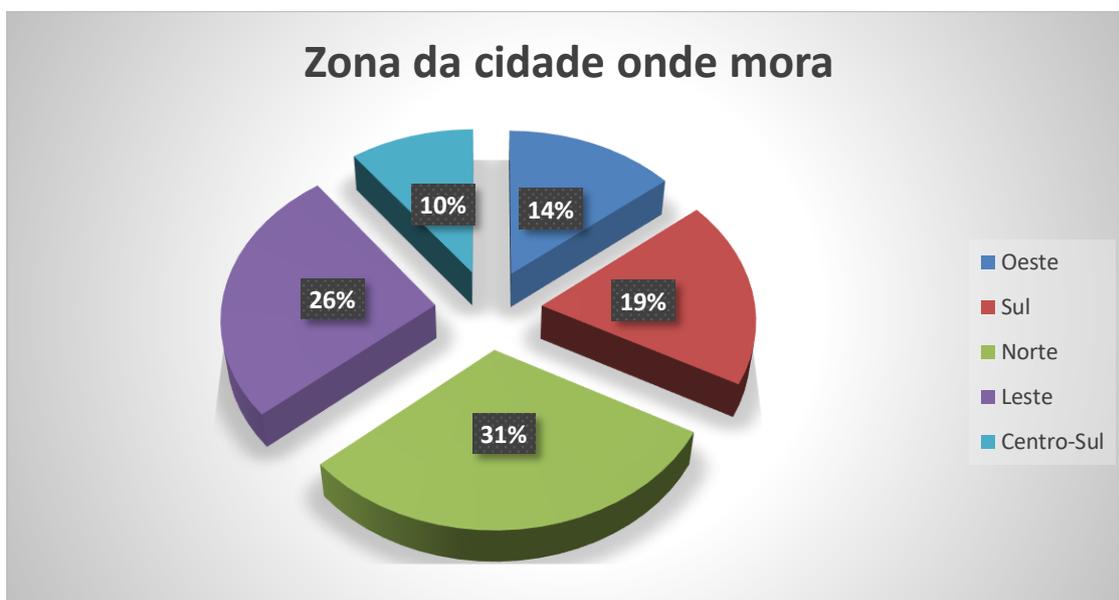


Gráfico 18 – Zona da cidade. Torcedores de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018

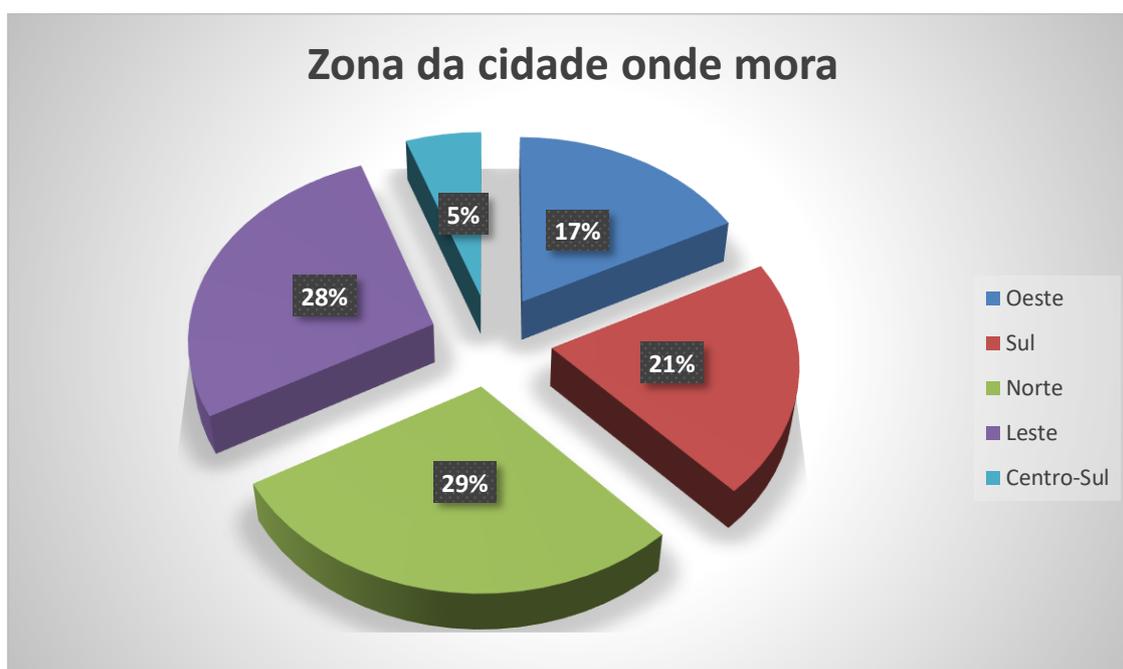


Gráfico 19 – Zona da cidade. Torcedores de futebol amador. Fonte: pesquisa de campo/ 2017

Os resultados referentes às zonas da cidade onde moram os torcedores participantes de nossa pesquisa traduzem a realidade populacional de nossa cidade que possui uma maior densidade de habitantes moradores nas regiões leste e norte da cidade de Manaus. Sobre isso vale registrar que o bairro de Manaus que mais cresce é Cidade Nova conforme a última pesquisa do IBGE publicada no ano de 2017.

Sobre o nível de escolaridade:

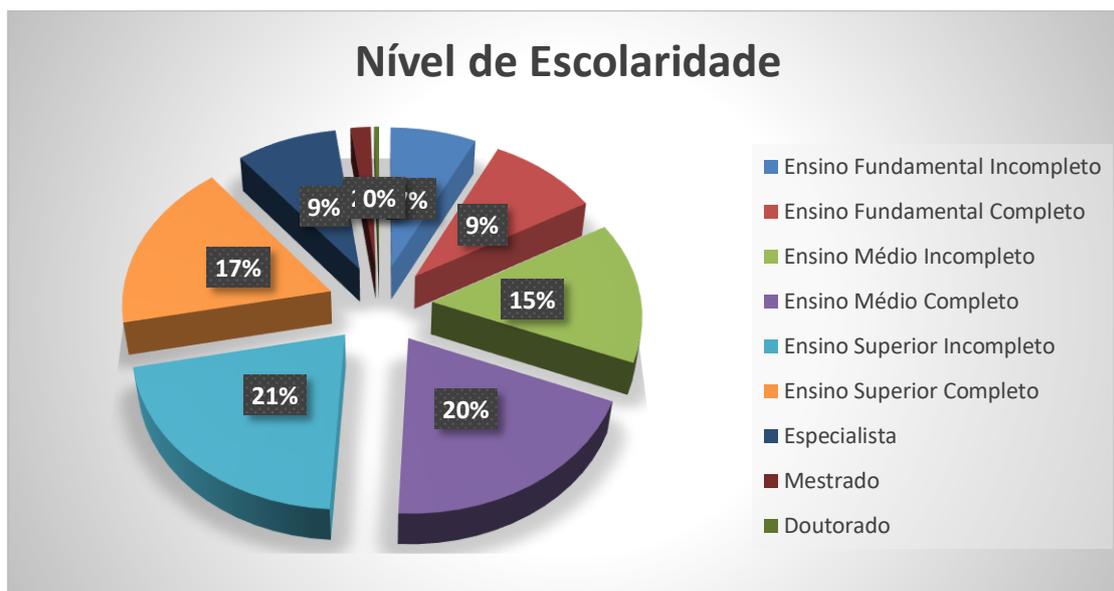


Gráfico 20 – Nível de escolaridade. Torcedores de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018

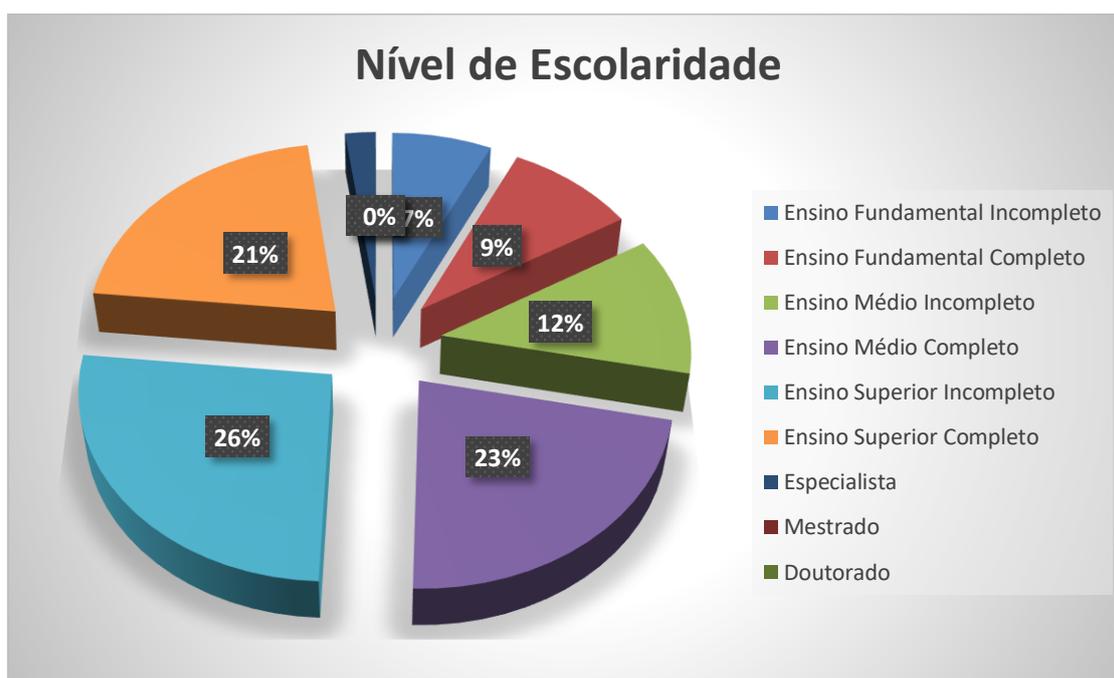


Gráfico 21 – Nível de escolaridade. Torcedores de futebol amador. Fonte: pesquisa de campo/ 2017

Em relação ao nível de escolaridade dos pesquisados, tanto dos que torcem por times profissionais quanto dos que torcem por times amadores, verificou-se que a maior faixa de torcedores está localizada nos segmentos mais escolarizados, entre nível médio completo, superior incompleto e completo até a pós-graduação. Essas informações são relevantes porque o torcedor de futebol em algumas situações é visto pelo senso comum de um modo depreciativo.

Talvez para muitos, aquele que frequenta estádios é, em geral, um indivíduo “pobre” intelectualmente, com atitudes irracionais, de mentalidade provinciana, fala coloquial e totalmente desprovido de um senso estético mais apurado. É possível que essas concepções estejam relacionadas ao fato do futebol ser considerado um esporte de massa e em virtude da simplicidade aparente das práticas torcedoras. Esta, porém não é a realidade que nós constatamos no decorrer do desenvolvimento de nossa tese e principalmente o que presenciamos em nossa vivências de campo. As práticas torcedoras estão repletas de significações simbólicas e carregadas de um envolvimento emocional atrelado à vida milhares de brasileiros.

Em nossa pesquisa de campo travamos dialogo com torcedores de vários níveis de escolaridade, mas nos chamou bastante atenção o que disse o torcedor de futebol profissional 98 que fez questão de ressaltar o seu grau de instrução e como isso não afeta seu gosto pelo futebol:

“Apesar de eu ter o título de mestrado isso não interfere nada a importância do futebol na minha vida e isso não me torna um alienado ignorante. Faço questão de ressaltar isso porque tem muita gente que me critica por perder meu tempo aqui no Eldorado vendo jogo com a galera. Primeiro, subjetividade não se avalia nem se pode colocar juízo de valor. Depois, é muita arrogância pensar que inteligentes só devem gastar seu tempo com ópera e livros. Precisamos também de festa, lazer, brincadeiras e cervejas. A biblioteca é sagrada, nosso trabalho também, tem hora pra tudo, pro meu Flamengo também, isso aqui alivia a vida, alivia tudo, parabéns pela sua pesquisa professor, só não sei se vão te aprovar com essa pesquisa de carnaval e futebol...kkkk” (Torcedor 98, 39 anos/ Pesquisa de campo 2018).

Retomando a nossa construção teórica sobre carnavalização e de sua presença nas práticas torcedoras manauenses, voltamos a Bakhtin (2008) que em sua análise das festas populares do contexto rabelaisiano, em que o homem medieval se libertava momentaneamente da seriedade do “mundo real” outorgada pelo Estado e pela Igreja, menciona os jogos como um desses espaços carnavalizados que, ao lado das manifestações festivas, libertava o homem “dos trilhos da vida comum”.

Uma vida em miniatura desenvolvia-se nos jogos (traduzida na linguagem dos símbolos convencionais), de forma direta. Ao mesmo tempo, o jogo fazia o homem sair dos trilhos da vida comum, liberava-o das suas leis e regras, substituía às convenções correntes outras convenções mais densas, alegres e ligeiras. Isso não vale apenas para as cartas, dados e xadrez, mas igualmente para todos os outros jogos, inclusive para os

esportivos (boliche, pelota) e infantis. (BAKHTIN, 2008, p. 204)

Os jogos podiam então estar repletos de manifestações carnavalizadas, visto que era uma forma encontrada pelos homens de extravasar, ou como prefere Bakhtin, “sair dos trilhos da vida comum”, cheia de regras e leis que os reprendiam. Essa repreensão era destruída à medida que o homem jogava, passando a incluir-se, pelo menos por alguns instantes, em um mundo de regras totalmente diferente daquelas da “vida real”. A partir dessas novas regras, o homem medieval podia ser livre, até mudar de classe social – algo que jamais poderia acontecer na “realidade”.

Apesar do autor precedentemente mencionado não ter falado especificamente do futebol ou de seus torcedores, que é o objeto de estudo do presente trabalho, entendemos que a teoria desenvolvida pelo autor vai de encontro a nossa proposta de tese de doutoramento que investigou como se comportam e se expressam os torcedores e o impacto social dessas múltiplas manifestações.

Com o propósito de evidenciarmos a construção teórica que nos baseamos para a construção de presente capítulo e que defende o fato de os jogos estarem carregados manifestações carnavalizadas e fazer uma analogia no âmbito dos torcedores de futebol, perguntamos no item 9 de nosso questionário de campo se o torcedor associa o futebol ao carnaval. Pedimos também que ele exemplificasse quais os elementos do carnaval que podem ser visualizados nas práticas torcedoras.

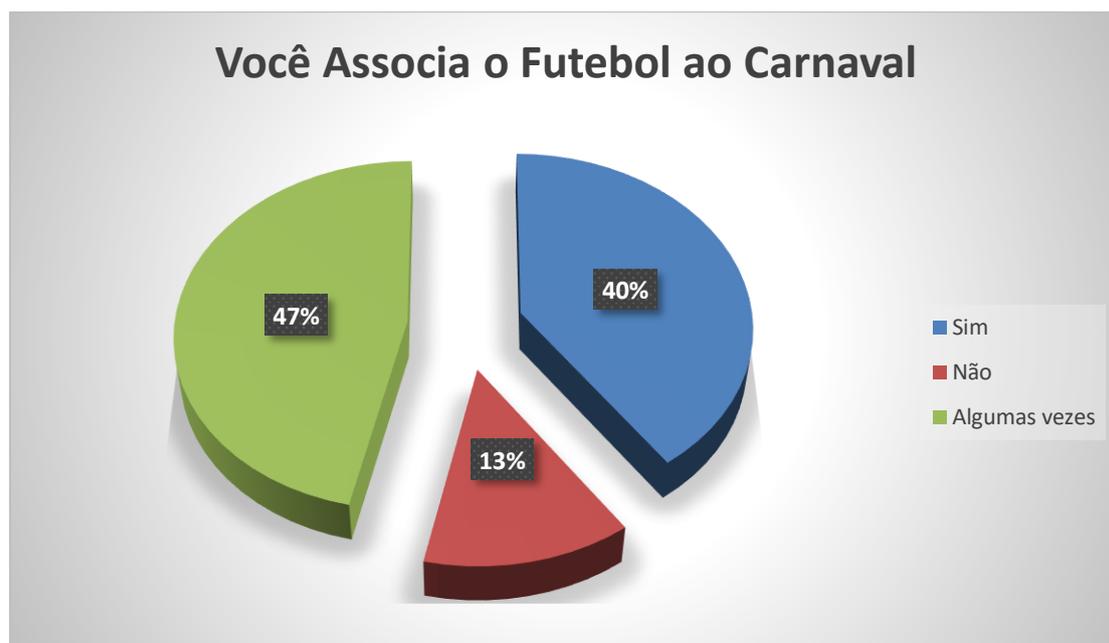


Gráfico 22 – Associação de futebol ao carnaval. Torcedores de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018

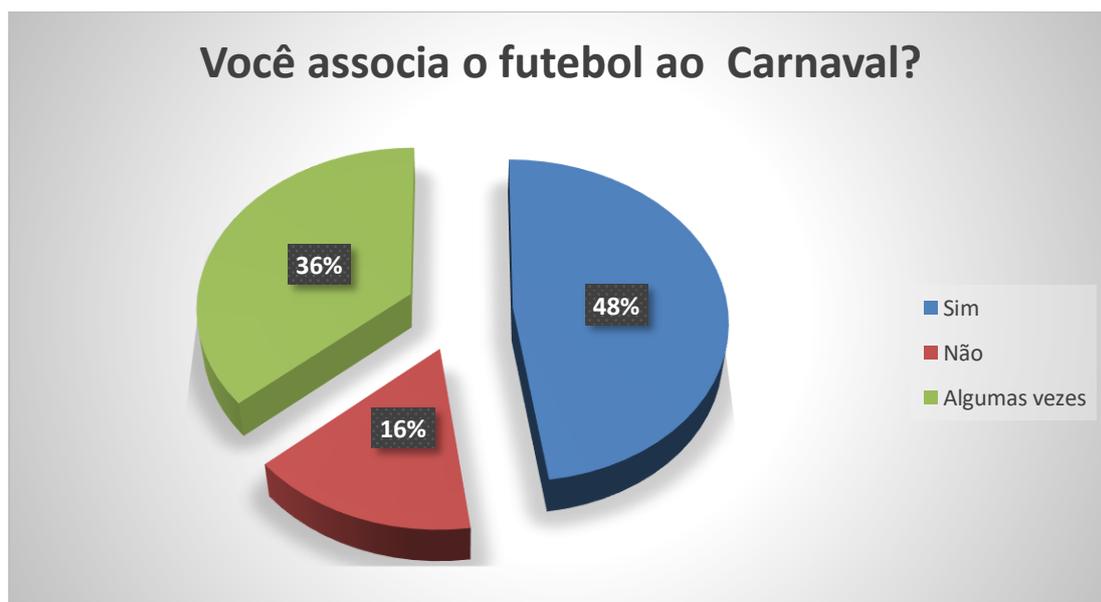


Gráfico 23 – Associação de futebol ao carnaval. Torcedores de futebol amador. Fonte: pesquisa de campo/ 2017

Verificamos que a partir dos resultados que apenas 13% dos torcedores de futebol profissional e 16% dos torcedores do peladão afirmaram não fazer nenhuma relação entre o futebol e carnaval. A grande maioria faz essa associação e dessas assertivas extraímos a seguinte classe de palavras:

Sobre elementos materiais relacionados ao Carnaval e ao Futebol – *Músicas animadas / Cerveja / Cigarro/ Comida / Batucada/ Uso de roupas pouco convencionais/ Uso de pouca roupa.*

Comportamentos presentes no ato de torcer e no Carnaval - *Descontração / Sensação de liberdade / Euforia / Descontrole emocional / Atos de violência.*

Percepções sobre o que o carnaval e o futebol agregam a sua vida – *Festa / Farra / Bagunça / Capacidade de fazer esquecer os problemas do dia a dia / Socialização.*

Essas classes de palavras podem ser observadas nas percepções extraídas de nossa pesquisa de campo dos torcedores de futebol profissional 19, 47 e 100:

“Pra mim o futebol tem de muita coisa do carnaval. Pra começar eu bebo muito. Kkk, depois pra mim é uma tremenda de uma diversão, eu bagunço com a cara dos vascaínos, meus amigos e eles com a minha. Ninguém leva nada a sério, por isso é tão legal, ruim mesmo é a ressaca da segunda, mas já estou acostumado, meu fígado também.”. (Torcedor 19, 39 anos. / Pesquisa de campo 2018)

“Acho que tem haver sim futebol e carnaval. Olha como eu estou aqui, sem camisa, de sandália, falando alto, chamando palavrão e sem me importar com nada. Aqui ninguém liga pra isso, no carnaval é assim mesmo, por isso tem muito amigo

meu que vira veado como esses aqui do meu lado. Kkkk.” (Torcedor 47, 42 anos. / Pesquisa de campo 2018).

“Acho parecido a festa, a música. Olha aí a batucada da Império, a gente não para de tocar e cantar a partida toda. As nossas músicas são de estádio pra incentivar o galo e ofender os outros times, mas tudo de boa. A gente aqui ama o Rio Negro e tem muitos colegas meus que também são da Aparecida no carnaval. Esse ano vai dar, o Lana está no comando, rebaixado a gente não vai ser.” (Torcedor 100, 25 anos. / Pesquisa de campo 2018).

A batucada é o suporte sonoro que sustenta e dita os ritmos específicos na realização das diversas manifestações empreendidas pelo conjunto, nas arquibancadas. Ela jamais para de tocar durante o jogo e isto nos mostra que a torcida não se limita a incentivar ou vaiar o time. A batucada é o coração da torcida. Fica sempre localizada no meio do grupo e seus integrantes muitas vezes ficam de costas para o gramado. São responsáveis pela marcação dos cantos, dos gritos de guerra, dos hinos, dos xingamentos contra o time adversário. Além de tudo isso, é a responsável pela manutenção e sintonia dos movimentos e coreografias, pelo tremular das bandeiras e entusiasmo dos integrantes, exigindo sempre dos torcedores uma postura e uma garra que transcende a posição de meros espectadores do jogo que se desenrola entre as quatro linhas.



Foto 11- Batucada torcida organizada Império Alvinegro. Fonte: pesquisa de campo 2018

Toledo (1996) defende as manifestações e comportamento dos torcedores citando o idealizador da teoria sobre a carnavalização:

Satíricos, jocosos, ofensivos, grotescos, engraçados, alguns criativos, enfim, estes cantos e gritos de guerra traduzem uma série de visões do outro expressas nesse padrão de comportamento típicos entre torcedores de futebol. Para além da gratuidade e obviedade das agressões disparadas das arquibancadas, como pensam alguns, os duelos travados de torcedores devem ser compreendidos dentro de uma trama ritual de significações simbólicas, filtradas, codificadas em música e verso, retiradas da própria sociedade e de seus temas mais recorrentes. E como bem nos lembra Mikhail Bakhtin, esses palavrões conservam ainda ecos extremamente longínquos de sua acepção antiga com valores e concepções de mundo que, mesmo fragmentadas, trazem vestígios de familiaridade com a praça pública e os festejos nela celebrados. (TOLEDO. 1996, P.65)

Daólio (1997) cita alguns exemplos de comportamentos que são típicos nos estádios de futebol e que, fora dele, seriam considerados descontextualizados. As expressões verbais e xingamentos que os torcedores manifestam nos estádios, nos bares e em todos os locais que torcedores se reúnem pra ver um jogo são considerados deselegantes e abusivos na vida cotidiana. O contraste entre o que se permite falar nos estádios e fora deles é ainda maior quando se trata de mulheres que tem a cumprir na sociedade um papel de delicadeza e boas maneiras.

Também para Cunha (2006) o torcedor de futebol expressa um comportamento quando está torcendo que, muitas vezes, não expressa em outra situação. Ou seja, assim como o povo nas praças públicas na idade média, o torcedor de futebol se permite vivenciar padrões de comportamentos que certamente seriam censurados em outros espaços que não fossem um estádio, um bar ou até mesmo vendo uma partida de futebol em sua casa.

A carnavalização, seja ela de forma ampla ou especificamente a carnavalização presente nas práticas torcedoras, caracteriza-se fundamentalmente pela tendência ao relaxamento das formalidades e tensões que presidem o relacionamento social cotidiano, isto é, as relações sociais entre os agentes que se dispõem a participar das atividades carnavalescas adquirem uma especificidade fundamentada na “liberalização” inerente ao período de carnaval.

Estes momentos de carnavalização, em que a estrutura não é abolida, mas nos quais se pode brincar com ela, pode-se rir dela e da rigidez das posições e identidades que ela prega, são rupturas necessárias da vida cotidiana, no caso particular do Brasil, em uma sociedade altamente segregada e que, ao mesmo tempo, se pretende coesa política e socialmente.

As práticas torcedoras são modos de carnavalização da realidade social que vêm sendo, progressivamente, adotados como legítimos momentos de congregação social para os amazonenses que podem acontecer até mesmo no meio de uma semana “normal” para romper com a ordem das atividades cotidianas.

O momento de uma partida é singular, esperado ansiosamente, vivenciado intensamente e é capaz de transportar os torcedores para outro âmbito, para um espaço limiar de especificidades repletas de simbolismo, e é sobre isso que trataremos no próximo tópico desta seção.

3.3 Carnavalização no futebol: um momento limiar para os torcedores.

Em nossa interpretação a respeito da formulação teórica da carnavalização e de sua presença nas práticas torcedoras dos manauenses de futebol, iremos apresentar agora a viabilidade do encontro dessa concepção com o conceito *liminaridade*, principalmente por seu momento de comunhão, ausência de *status*, hierarquias e possibilidades de (re)significação da realidade momentânea vivida pelos torcedores.

Victor Turner (1969), em *O Processo Ritual*, utiliza o conceito de “liminaridade”, desenvolvido por Van Gennep para os “ritos de passagem”, a fim de designar a transição de status social que é caracterizada neste tipo de ritual. “Van Gennep mostrou que todos os ritos de passagem ou de ‘transição’ caracterizam-se por três fases: separação, margem (ou “limen”, significando “limiar” em latim) e reagregação” (TURNER, 1974 [1969], p. 116). O termo “liminaridade” refere-se à fase espacial e temporal durante a qual “o comportamento e o simbolismo se acham momentaneamente libertados das normas e valores que governam a vida pública dos ocupantes de posições estruturais”.

A liminaridade representa uma transição na qual o espaço e o tempo estão circunscritos e separados, em termos do comportamento e dos simbolismos, do espaço e tempo da vida cotidiana. Turner (1974) classifica a liminaridade em termos dos “ritos de elevação de status”, nos quais o sujeito do ritual é conduzido irreversivelmente de uma posição mais baixa para outra mais alta, em um sistema institucionalizado de posições sociais (na estrutura social). O autor também a classifica em termos dos “ritos de inversão de status”, que geralmente obedecem a datas fixas do calendário, quando ocorre uma inversão momentânea de posições sociais durante a liminaridade: os inferiores simulam a posição e o estilo de vida dos superiores e vice-versa. Tanto num como no outro, temos uma circunscrição do tempo e do espaço em termos de liminaridade.

No capítulo 2 da presente tese fizemos extensivamente nossas considerações do futebol enquanto um ritual de nossa sociedade, por isso não iremos mais nos determos nessas questões.

Para nós é relevante nesse momento sublinhar que a carnavalização nas torcidas de futebol representa momentaneamente uma ausência de estrutura, ou melhor, a estrutura parece estar em suspensão, assim como os anseios do cotidiano, o que leva os indivíduos a uma experiência onírica, com espaço e tempo em outra dimensão, onde o futuro é não planejado, incerto. Tentaremos demonstrar os efeitos do processo de carnavalização e sua junção com a teoria da *liminaridade* de Turner (1974) demonstrados nos elementos empíricos de nosso campo de pesquisa.

Liminaridade seria o momento auge do ritual onde a estrutura se encontra em suspensão, há ausência de “status”, de diferença sexual, de classes, hierarquia, de obrigações de parentesco, anonimia. Os corpos se encontram pairando por um espaço-tempo indizível, mais potencial que se imagina, segundo Turner. O indivíduo se encontra no meio, no entre (*betwixt and between*), no nada da estrutura cotidiana. O que está suspenso é todo o sistema social vigente, tudo que é ordinário, todos os anseios do cotidiano. Turner (1974) chamou, apropriadamente, a *liminaridade* de *prima matéria*: um estado bruto onde não se está nem dentro nem fora da sociedade, está absorto em singularidades, espaço, tempo, inclassificáveis, aliás, ele diz que é transporte para outras realidades. Sobre isso colabora Corbin (1998) que defende que assistir a uma partida de futebol provoca um sentimento que excede os limites da apreensão perceptiva, a qual só pode ser parcial e determinada por práticas de espaço específicas.

Parece que a própria arquitetura do estádio de futebol comprova isso na medida em que isola o espetáculo do mundo ao redor, dotando-o de um caráter autônomo. Tudo o que acontece no interior do “anel” leva à suspensão das motivações cotidianas e de suas respectivas normas, pois lá dentro todos interagem segundo as regras preestabelecidas que compõem o jogo. E essa suspensão chega a todos aqueles torcedores que partilham da mesma paixão e que se sentem serem membros de uma mesma categoria social e cultural que compartilham da mesma representação do futebol como prática carnavalizante.

Tudo isso se deve ao fato de para o torcedor, não obstante a possibilidade bastante plausível da derrota, o torcer é um momento lúdico de festa, verdadeira e autêntica carnavalização. Nas práticas torcedoras essas vivências carnavalizadas são essas

perceptíveis, tornando-se assim um eficaz agente de integração social e de autoconhecimento, pois carrega em si uma enorme força associativa. É a manifestação do lúdico que age e modifica um determinado meio. Apesar de ser um momento de suspensão do cotidiano acaba demonstrando que as diversas facetas da vida humana não estão separadas e a nossa vida “imaginária” e festiva está contemplada em uma partida de futebol, mais a vida “real” também.

Com a intenção de confirmar empiricamente a existência desse momento de igualdade momentânea, dessa ausência de status e diferenças descritas por Turner (1974) no seio das torcidas locais de futebol de profissional e amador, indagamos em nosso questionário de campo se o torcedor sente-se igual a todos os outros que torcem por seu time no momento de uma partida de futebol:

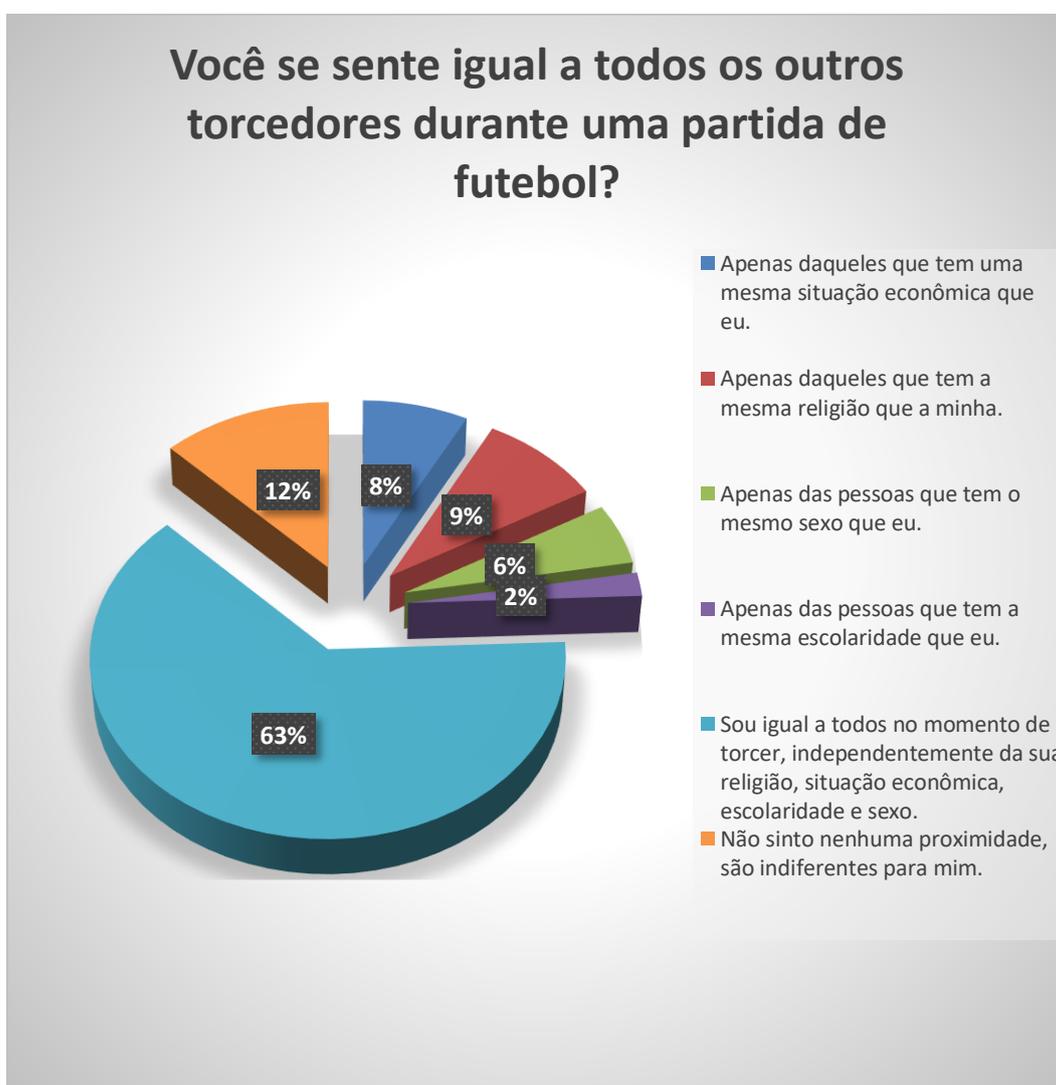


Gráfico 24 – Sentimento de igualdade. Torcedores de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018

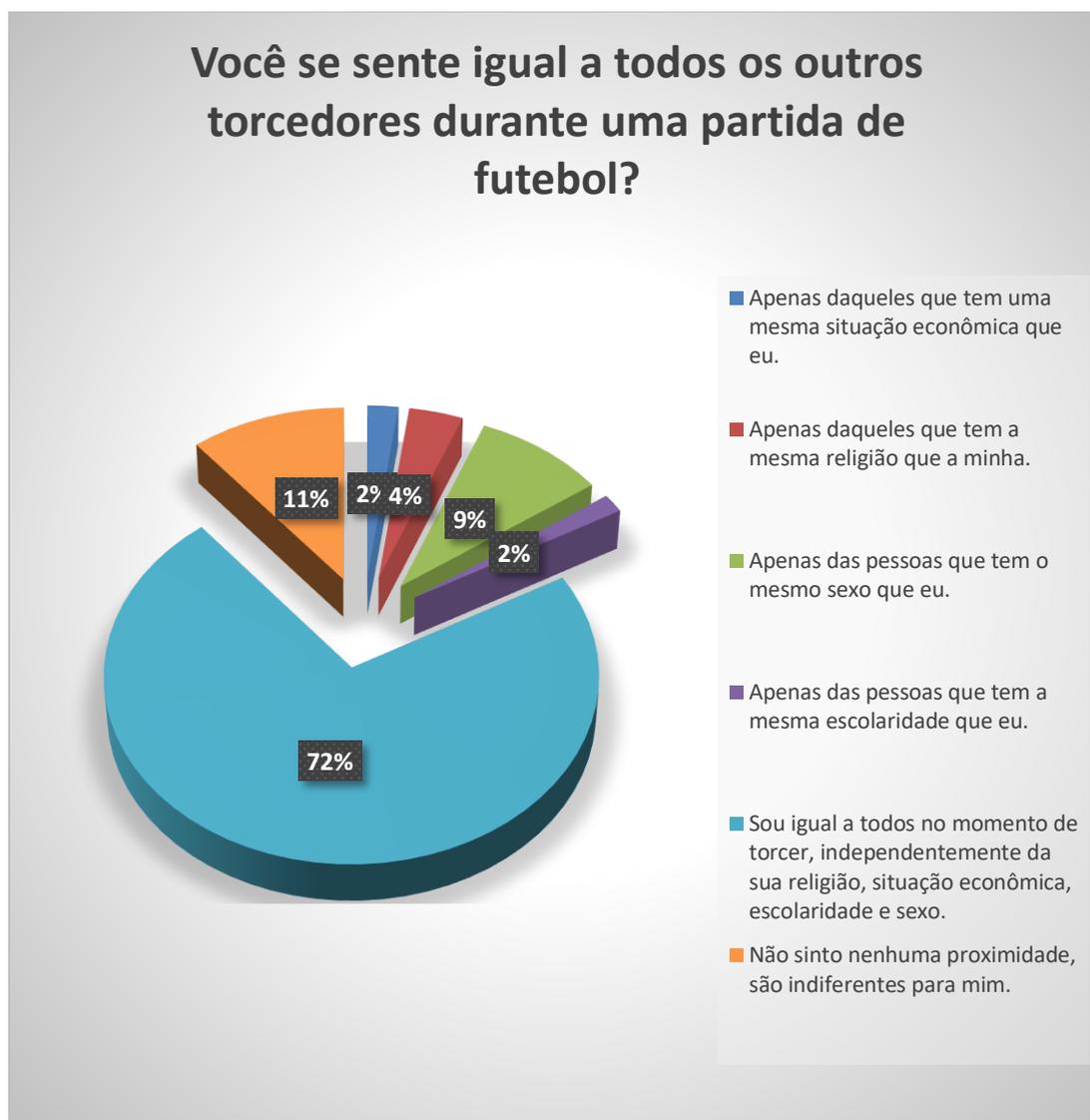


Gráfico 25 – Sentimento de igualdade. Torcedores do Peladão. Fonte: pesquisa de campo/ 2017

Mas como explicar essa sensação de igualdade, mesmo que momentânea compartilhada pela grande maioria dos torcedores participantes de nossa pesquisa?

Apesar de existirem todas as contradições e lutas de classes que envolvem os mais distintos campos sociais, culturais e econômicos, o futebol se apresenta como uma possibilidade para a prática do exercício da igualdade e da alteridade porque as relações sociais vivenciadas nos estádios, bares e em todos locais onde um grupo de torcedores se reúnem para assistir uma partida de futebol, são amparadas pela socialização dialógica e das emoções, em um espaço plural de múltiplas referências identitárias, o que pode reduzir a distância existente nas estruturas sociais de classe de hoje.

No cotidiano, o futebol é uma situação social que possibilita troca de simpatias, diálogos, amizade e confiança entre as pessoas. O futebol como espaço de sociabilidade gera a gera solidariedade entre os homens. O fato de “ser” um time ou torcer por ele, ou

ainda de “pertencer” a uma coletividade esportiva é um instante necessário e saudável do sentimento de inclusão a uma comunidade e a manifestação simbólica da integração e da participação na dinâmica da sociedade maior.

Esse fenômeno acontece pela facilidade de construção dos vínculos de estima e de camaradagem que se estreitam facilmente entre os fiéis a um mesmo time, por mais cruel que tenha sido a luta e seja qual for o resultado. Os torcedores tendem a ficar ligados a pequenos grupos situados ao seu redor, independente da classe social. Num nível de maior abstração eles estão ligados ao clube ou, ainda, ligados ao jogo em si. O futebol pode facilmente congrega os mais diversos tipos de pessoas a fazerem parte de uma comunidade de gostos onde os significados, as práticas e as obrigações são compartilhadas.

No momento de uma partida de futebol os laços (informais) de amizade e de união entre as distintas classes são fortalecidos pelos princípios da igualdade e identidade entre os torcedores/espectadores. É a paixão pelo futebol que promove o estabelecimento de vínculos afetivos e simbólicos com outras pessoas com as quais há um compartilhar de experiências.

Os torcedores no momento da disputa fazem parte do mesmo mundo, o mundo futebolístico. Este vínculo de estima, camaradagem e união momentânea entre as classes constitui uma expressão de igualdade social difícil de ser percebida em outros locais. Sobre isso Bento (1998) defende que o desporto foi sempre o local de exercitação da urbanidade, civilidade, da conviviabilidade e do encontro dos homens: consigo mesmo e com os outros, isto é, com a natureza pessoal e com a natureza social.

Da mesma forma Costa (1997) acredita que o desporto pode constituir um meio excelente para se estudar e melhor compreender a cultura do povo que o pratica e da sociedade onde ele funciona, e estender esse conhecimento aos outros povos da comunidade humana que tem, na prática desportiva, um meio de se encontrar.

Numa época histórica em que a humanidade sonha com projetos de universalidade, o papel cultural do futebol por seu elemento de prazer e do sentimento agradável vivido pelo fato de se estar na companhia dos outros sem qualquer obrigação ou dever para com eles, não pode ser diminuído como um simples divertimento de massas de classes sociais desprovidas de capital econômico e simbólico.

Pode-se compreender o futebol como componente do nosso cotidiano e da cultura, constituindo-se como elemento que tem a capacidade, de pelo menos, momentaneamente,

ordenar a realidade nacional. Se entendermos a sua linguagem, podemos assegurar que o futebol é também um sistema de pensamentos, que transcende as classes sociais, sendo até mesmo uma via comunicação entre elas. Porém o futebol não é apenas um sistema de pensamentos, ele é um dos princípios reais e concretos da organização social brasileira.

Prosseguindo em nossa perspectiva da presença de dimensões da liminaridade nas práticas torcedoras, entendemos que o modelo a que se referiu Turner (1974), de um “rito de elevação de status”, pode muito bem ser coerente com o futebol, pois ocorre a agregação à identidade do torcedor de elementos de pertencimento ao coletivo representado pelo Clube de Futebol e por sua torcida. Neste sentido, a elevação de status, seria apenas porque o coletivo ao qual o sujeito vai se introduzindo possui um status superior ao anterior.

É o que vemos na fala do torcedor de futebol profissional 26 e 138:

“Cara aqui no estádio é o meu lugar, meu melhor momento, sou Naça e nada me importa, apesar de que esse time não me ajuda, mas eu me sinto fora de órbita, não penso em mais nada, aqui todo mundo é Naça e nada mais. pena que essa m... só dura 90 minutos. Depois tenho que voltar pra realidade.” (Torcedor 26, 50 anos / Pesquisa de campo 2018).

“Vou responder tuas perguntas por que o Flamengo está ganhando o jogo kkk. Sou mengo, nós somos os melhores, nossa torcida é melhor e mais bonita, somos superiores em tudo. Nunca fomos rebaixados, temos a maior quantidade de títulos brasileiros, nossa torcida é a maior do Brasil, preciso dizer mais alguma coisa? Agora somos o líder e não tem mais pra ninguém. Por isso saio de casa em pleno domingo pra estar aqui com meus parsas flamenguistas, fazemos a festa, tomamos muitas e ainda por cima bagunçamos com os vascaínos que só tomam peia. Nem sinto tempo passar aqui. (Torcedor 138, 24 anos / Pesquisa de campo 2018).

Apoiando-nos em Turner (1974), verificamos que para os torcedores 12 e 138 o momento do jogo é um momento que ultrapassa os limites do tempo e espaço cotidiano e o leva um tempo e espaço circunscrito, uma liminaridade, além disso, ele sai da esfera individual passando a ter um sentimento de pertencimento, mesmo que momentâneo.

Essa liminaridade é diluída em vários rituais dos quais o sujeito participa e, a cada um deles, ocorre uma transição do sujeito para a condição de torcedor, de pertencimento ao seu Clube de Futebol. Após uma sequência de rituais o torcedor vai, paulatinamente, passando a incorporar à sua identidade o “ser” Nacionalino, Rionegrino, Flamenguista etc., ou “ser brasileiro”.

No imaginário do torcedor, seu Clube de Futebol é sempre o melhor, o mais glorioso, suas cores são sempre as mais bonitas e a sua torcida é sempre a mais influente e poderosa e o fato dele pertencer a este coletivo torna-o também superior. É o que pudemos perceber na fala do torcedor de Futebol amador 128 que constamos em nossa pesquisa de campo piloto:

“Eu sou Central do Coroadó, a gente ganha esse peladão faz tempo, dá uma olhada no Estádio, nossa torcida é a melhor, nós somos os melhores, não discuto isso com ninguém, aqueles eu nem sei quem é. Vamos ganhar mais uma e a festa vai pro Coroadó, e haja cerveja pra matar a sede dessa torcida. Aqui quem manda é a torcida do Central.” (Torcedor 128, 32 anos/ Pesquisa de campo 2017)

Concordando com o Torcedor de Futebol amador 48, trazemos a percepção do Torcedor de futebol profissional 199:

“Esse Manaus futebol clube não sei nem de onde saiu, não tem tradição nem história, daqui a pouco essa m... acaba. Eu sou Nacional e isso é time, não dá nem pra discutir, nem pra comparar com essa porcaria aí. Nossa torcida tem nome: sou Nacionalino e esse grupinho são o que? Manauslino? É uma piada mesmo. kkkk” (Torcedor 199, 57 anos. /Pesquisa de campo 2018).

O modelo de Turner é basicamente o modelo tripartite do *rite de passage* de Van Gennep (1960): separação, margem e incorporação. Crapanzano (2005) entre outros autores ampliaram o modelo dos ritos concernentes a crises na vida de um indivíduo para aqueles da sociedade em geral. Estes incluíam ritos preparatórios para a guerra, cerimônias de primeira frutificação, colheita e chuva, que marcam a passagem da escassez para a abundância, e rituais de posse, como coroações, que, embora centrados em um indivíduo, são eminentemente coletivos na orientação e nos efeitos. Turner (1974, cap. 1) amplia mais ainda o modelo, aplicando-o a períodos de reparação de conflitos sociais, que chama de dramas sociais. O centro de sua atenção é a *liminaridade* – a margem –, que considera uma “situação interestrutural” e é entendida como processo e devir. Não está particularmente interessado em pontuar o liminar – em suas disjunções internas – e em como este efetua e é afetado pelo momento final, definidor da transição.

Para Crapanzano (2005) o limiar foi muitas vezes equiparado ao sonho e ao processo primário de pensamento, mas na verdade ele sugere possibilidades imaginativas que, não necessariamente, estão ao nosso dispor no cotidiano. Essas possibilidades

imaginativas se fazem presente também no futebol. Para o torcedor, apesar de todas as suas dificuldades sociais, quando seu time ganha ele mesmo torna-se um vencedor, junto de outros aquele é seu momento de vitória, de superioridade, onde nada ninguém podem diminuir-lo. Em sua imaginação, ou em seus delírios como alguns afirmam, o torcedor vira o protagonista, apesar da realidade social em que está inserida dizer o contrário.

Os autores consideram esse encontro com o caos necessário para operar as destruições imprescindíveis e mostrar a novidade que não podemos ver na vida ordinária (o “novo” da metáfora). O caos que faz surgir uma visão que o ilumina por um instante, uma *Sensação*.

Em todo o apanhado bibliográfico realizado aqui, as referências são exclusivamente o que se experimenta a flor da pele. Sendo assim, a composição – Carnaval/Liminaridade operam sensações únicas que o discurso não alcança plenamente, sensações essas que buscamos alcançar em nossa pesquisa de campo.

Sob o efeito da carnavalização, o espaço simbólico é deslocado para outra dimensão incomensurável, com um olhar reinterpretado sob a máscara.

Roberto da Matta (1977) diz que “as máscaras indicam uma situação informal, onde as pessoas podem realizar aquilo que desejam porque têm escondidas por trás de um disfarce as suas identidades sociais que operam na vida diária.” Esse componente, portanto, remete a uma situação extraordinária, oposta tanto à vida cotidiana, quanto aos rituais opostos, onde o que domina é a formalização.

O efeito de desmascaramento de si que as máscaras operam, é de desviar o destino previsível do personagem cotidiano, já que o ser humano tem subjetividades nômades e, no entanto, vive no homogêneo. O torcedor deixa o campo das representações do real para pairar por outro espaço/tempo indizível, o lugar do sonho, não menos legítimo que qualquer imagem que a realidade habitual nos ensinou a enxergar.

Torcer para um determinado time e fazer parte de um grupo é para os torcedores uma máscara social, uma das tantas existentes nas sociedades complexas. A partir dela se tem acesso a um universo no qual a brincadeira e a jocosidade são essenciais, pois é por intermédio delas que se expressam sentimentos e pontos de vista, não raros preconceituosos, que dificilmente seriam ditos de outro modo e em outro lugar. Toledo (1996) confirma essa ideia de que a máscara clubística, quando vivenciada coletivamente em espaços públicos, estabelece o anonimato individual. Assim, pode-se xingar a polícia, os torcedores adversários e os atletas e dirigentes do próprio clube.

A máscara para os torcedores é a sua inserção no meio do grupo onde ele não é mais ele, mas muitos. Sua identidade individual é dissolvida e incorporada no grupo. É o suporte necessário para o encontro com a suspensão da vida cotidiana e conseqüentemente tocar o plano das singularidades e uma ultrapassagem do “personagem cotidiano” transformando-se em um compartilhar único. Pois é nesse ambiente comunitário, onde um ator social se integra com o outro sem as separações que a vida ordinária tanto destaca, nesse ambiente aparentemente destronado de hierarquias, que se traspõe as fronteiras do cotidiano e as instâncias da vida se põem a se interligar.

Mas o quê de fato o transporta o torcedor para outra dimensão limiar? A resposta está na própria dinâmica do jogo de futebol que está carregada de intensidade.

É essa dinâmica que absorve e suspende o torcedor do mundo cotidiano. Atletas e torcedores têm no jogo uma experiência de “epifania”. Nesse sentido, a partida adquire um caráter de “evento” em que aquilo que aparece produz não simplesmente uma novidade, mas uma descontinuidade. Trata-se de algo que não existia no momento anterior e nunca fora visto antes daquela forma. Durante a partida, a descontinuidade é dada pela seqüência rítmica de passes e jogadas surpreendentes que fazem com que o indivíduo seja capaz de alterar sua capacidade de conhecimento do mundo e viva uma experiência autônoma, que envolve um outro cenário afastando-se de seus hábitos rotineiros.

Verissimo (1996) afirma que nenhum torcedor diria que se entretém com seu time, que vai ver um jogo como vai a um concerto. Vai para dilacerar ou ser dilacerado, vai para a guerra, mesmo que seja quase sempre uma guerra metafórica. Assim, para ser atraente, o esporte não pode ter nenhum dos atrativos do espetáculo, nenhuma sugestão de montagem ou faz-de-conta. Tem de ser uma séria e quase trágica competição por um cetro (...), “a busca do coração do inimigo e da glória eterna – mesmo que no ano seguinte todos voltem a ter zero ponto” (Veríssimo, 1996).

Por suas características de intensidade, imprevisibilidade e de envolvimento emocional extremo, acreditamos que o ato de torcer remete o torcedor de futebol para outra dimensão do ser, desafiando o tempo que construímos e tanto nos sufoca, o espaço que habitamos e tanto queremos ultrapassar, a rotina que nos tira o vigor. Torcer então é tenso e libertador, é um grito literal da alma que deseja ser muito mais...

No momento de uma partida de futebol, os torcedores deixam suas vidas cotidianas, regradas, planejadas e monótonas para vivenciar um momento, que mesmo

contaminado pela estrutura, sobrepõe-se sobre as regras do politicamente correto, alterando seu status e situação social. Neste instante, rompe-se com a vida codificada para dar voz ao sonho, à fantasia. Vestem a máscara e desnudam o personagem cotidiano, alargando a possibilidade de experienciar um novo olhar para as relações, para o tempo e o espaço socialmente construído e até mesmo para si e para o outro.

O fato do torcedor ingressar no coletivo da torcida já é por si uma espécie de diluição do ego, destronamento do sujeito, da situação e dos deveres sociais. Mistura-se idade, condição social, sexo, direitos, etc.

Para DaMatta (1973), um dos mecanismos utilizados para romper com a rotina da vida diária e se ingressar em um contexto particular “onde tudo é possível” é o da inversão do comportamento cotidiano. Contudo, mais do que a inversão, que é apenas um dos elementos utilizados no ritual carnavalesco, trata-se de um abrandamento das normas e do *habitus* que conduzem o comportamento humano, constituintes da estrutura social.

O conceito de *habitus* trabalhado por Bourdieu (2007) explica ter em mente que as disposições psíquicas são duráveis, mas não estáticas, posto que elas formam a estrutura social que conformam as ações práticas e as reflexões sobre essas atividades pelos sujeitos, a partir da herança familiar, das ideias que construiu de si e dos “outros”, das expectativas futuras que ele elaborou, das preferências por determinados tipos de lazer e ocupação, em detrimento de outros, bem como do capital escolar que tem ou teve.

Para tentar conhecer o *habitus do torcedor* é preciso analisar os tipos de capital cultural incorporado por ele nos campos em que se movimenta. Este capital segundo Bourdieu (2005) é encontrado em três estados que não podem ser compreendidos isoladamente:

1) o “estado incorporado”, no qual está ligado ao aprendizado que ocorre no seio da família, pois trata-se de conhecimentos incorporados pelo sujeito lentamente, demandando tempo e dedicação, sendo marcado pela maneira totalmente inconsciente pela qual é feita a sua transmissão;

2) o “estado objetivado”, o qual consiste em aportes materiais tais como escritos, pinturas, monumentos, sendo transmissível em sua materialidade, cujas propriedades são definidas em relação ao capital cultural incorporado e;

3) o “estado institucionalizado”, que se refere aos títulos conquistados ao longo do percurso escolar, que acabam representando uma “certidão de competência cultural” conquistada pelo sujeito, que será mais bem explorada por aqueles que detêm, a partir da

posição social que ocupa na sociedade, um elevado conjunto de relações sociais que lhes permite tirar proveito do status, poder e valor econômico das credenciais que lhes conferem distinção.

Todos esses estados exercem influência na formação de um *ethos* futebolístico, moldado continuamente pelo *habitus do* torcedor que é um facilitador das dinâmicas carnavalizantes e faz parte de uma rede social que é formadora e é também transformada continuamente a partir das mais diversas influências que coexistem nos mais diversos campos.

DaMatta (1973) salienta que o próprio ato de se vestir deixa de ser orientado segundo a posição ou ambiente social, para ser determinado pelo fato de que em estados de carnavalização as pessoas querem brincar, o que exige liberdade de movimentos. Em geral é possível de se observar que a roupa, assim, simplifica-se, assumindo funções mais rudimentares. É exatamente isso que vemos nos estádios e nos bares onde os torcedores estão assistindo uma partida de futebol, até mesmo nas mulheres:

“Mesmo que alguns idiotas fiquem mexendo com a gente, eu sempre uso short curto no estádio. Aqui é permitido, nesse calor, nessa bagunça não pra ficar toda arrumada não, meu namorado é que não gosta muito, mas ele fica sem camisa todo tempo porque eu não posso ficar de shortinho e blusa colada? Direitos iguais meu filho... e se você reparar tem muitas mulheres aqui assim torcendo pelo naça. (Torcedora 62, 27 anos. / Pesquisa de campo 2018)

O ato de diminuir consideravelmente a quantidade de roupa nos estádios e bares pode ser considerado como um soltar-se de sua própria fantasia, um liberar-se, e o corpo passa a ser usado como primeira forma de contato humano. Este contato tende a igualar o valor social dos indivíduos, ao menos por alguns instantes. O futebol, de forma ampla, funciona no sentido de evocar um mundo subjacente, reconstruído e imaginado sob a vida cotidiana que, ao dar espaço para que aflorem identidades diversas, almeja evocar simbolicamente uma identidade mais ampla.

Ao finalizarmos esse capítulo, gostaríamos de ressaltar que não somos ingênuos nem tendenciosos a ponto de afirmar que o processo de carnavalização que ocorre entre os torcedores numa partida de futebol é amplo e irrestrito superando as inúmeras mazelas da sociedade brasileira e em especial as deformações sociais existentes em nossa cidade. O que defendemos é que acontece um afrouxamento da ordem social vigente e um universo de possibilidades de novas vivências e possibilidades de inversões surgem. O

riso prevalece e ganha força. Nem tudo é festa durante o jogo, as derrotas acontecem e machucam os torcedores apaixonados, mas o torcedor sente-se livre para expressar essa dor na frente de todos, não há disfarces. Ele fica puto e pronto. Muitos bebem a isso. É claro que os excessos acontecem e muitas violências decorrem daí. Sobre isso trataremos detalhadamente na próxima seção. Mas nesse momento o que queremos falar é sobre a festa e a possibilidade momentânea de ruptura.

As rupturas colaboram para um cenário de encontros, antes improváveis, que se tornam possíveis em nossa era contemporânea. Nesse contexto, a preocupação com o objeto de estudo se fez indubitavelmente atual, já que o mesmo se caracteriza como a ruptura com o cotidiano, como um ponto de intersecção no modo de olhar cotidiano com outro modo lúdico de olhar presente nas práticas torcedoras.

Nossa cidade de muitos traços desordenados com manauenses repletos de preocupações que a “vida oficial” traz consigo, são capturados pelo processo de *carnavalização*, instrumento privilegiado para transposição do cotidiano e são inseridos num tempo múltiplo e complexo, de significados variados, disponibilizados por uma partida de futebol que, contraditoriamente, liberta e aprisiona o homem, mas tem a incrível capacidade de renovar as suas subjetividades.

Apoiando-nos Turner (1998) ousamos afirmar que para os torcedores durante uma partida de futebol “a sociedade encontra-se em seu *modo subjuntivo*” – tomando emprestado um termo da gramática – um estado de sensações, anseios e desejos, um estado de fantasia, um estado lúdico e jocoso; este se opõe ao modo indicativo, que constitui um estado em que se tenta aplicar a razão à ação humana e sistematizar a relação entre meios e fins. E exatamente isso que verificamos

Mauss (2001) nos chamou de “animais domesticados”, domesticados ou docilizados pelos processos de aprendizagem das regras de sociabilidade, nossos contratos sociais e demais convenções educadamente apreendidas no processo civilizatório. Essa domesticação que pode ser positiva em muitos aspectos e extremamente negativa em outros, nos distanciou de tudo aquilo que nosso inconsciente julga impróprio e nocivo a “moral e os bons costumes”.

Precisamos do riso alto, da cerveja gelada, dar ênfase as sensações e estarmos rodeados de pessoas que não fiquem julgando nossas ações. Precisamos daquilo que nos torna verdadeiramente humanos, com todas as contradições e incoerências que carregamos. Torcendo no estádio, no bar ou em casa com amigos, acreditamos ser

possível viver tudo isso, pois o futebol é signo ideológico multifacetado. Um signo compartilhado visceralmente por uma parcela muito grande de brasileiros, abrindo uma gama de imbricações sociais e culturais que liberta, momentaneamente, o homem dos “trilhos da vida comum”.



Foto 10- Batucada torcida organizada Apaixonada. Fonte: pesquisa de campo 2018

CAPÍTULO IV

4. Gol, o orgasmo do futebol.

“Ver homens e mulheres adultos agitarem-se em lágrimas e abandonarem-se as suas amargas tristezas em público, ou entrarem em pânico dominados por um medo selvagem debaixo do impacto da sua excitação violenta, deixou de ser encarado como normal. Habitualmente é motivo de vergonha ou arrependimento para aqueles que se permitiram ser dominados pela excitação. Para serem considerados normais, espera-se que os adultos vivendo nas nossas sociedades controlem, a tempo, a sua excitação. Em geral, aprenderam a não se expor demasiado. Com grande frequência já não são capazes de revelar mesmo nada de si próprios. O controle que exercem sobre si tornou-se, de certo modo, automático. O controle – em parte – já não se encontra sob o seu domínio. Tornou-se um aspecto da estrutura profunda da sua personalidade.” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 103).

O envolvimento com o futebol no Brasil implica num vínculo de enorme intimidade, entre os torcedores, jogadores e o próprio clube. Tais anseios se projetam para o campo de jogo, fazendo com que os torcedores encarnem simbolicamente os supostos protagonistas do espetáculo (os jogadores), através de uma espécie de representação lúdica. Nesse período, todos os envolvidos, sejam eles jogadores, ou espectadores, parecem estar sujeitos à mesma carga emocional, que os leva a dividir as mesmas reações e angústias em relação aos acontecimentos do jogo.

É essa temática que trataremos nesse capítulo. Considerando o ato de torcer como atividade de lazer e como prática mimética e de catarse, iremos apresentar na parte final de nossa tese a percepção do torcedor sobre aquilo que consideramos o ápice da partida de futebol: o momento do gol e todos seus possíveis desdobramentos.

Também no presente capítulo iremos falar sobre a violência no futebol. A violência, lamentavelmente, é um fenômeno presente em praticamente todos os grupos sociais e possui ocorrências significativas no seio das torcidas, sempre com grande repercussão nos meios de comunicação de nosso país.

4.1 Práxis de Lazer, prelúdios de um Clímax.

Como já comentamos nas páginas introdutórias da presente tese, estabelecemos a partir das orientações acadêmicas recebidas durante todo o processo de doutoramento, bases epistemológicas em cada seção desenvolvida. A partir desses aportes conceituais fizemos a conjugação com os dados empíricos encontrados em nossas práticas de campo. Dessa forma iremos apresentar na presente seção algumas formulações teóricas acerca do lazer e sua relação com as práticas carnavalizantes dos torcedores manauenses de futebol profissional e amador. Ressaltamos que não é nossa intenção esgotar todas as concepções formuladas referentes a essa temática, mas expor aquelas que, em nosso entendimento, são as mais relevantes e mais se aproximam do nosso próprio entendimento de lazer.

De acordo com Vaz (2003), "a palavra lazer provém do verbo francês *loisir*, que tem origem por sua vez, na forma infinitiva latina de *licere*, que significa 'o permitido'. O francês *loisir* dá origem à expressão inglesa *leisure*, que se utiliza tecnicamente para significar tempo livre".

Uma das esferas da vida é o lazer, que assim como toda as abstrações, também é construído culturalmente. Em linhas gerais, podemos dizer que as formulações sobre o lazer que iremos considerar em nossa tese giram em torno de três eixos que de forma combinada constroem o sentido destes conceitos: o tempo, a atitude e as manifestações culturais.

Ressaltamos aqui que vivemos em uma fase evolução tecnológica, na qual os aparelhos eletrônicos alteram nossos hábitos e comportamentos, impondo-lhes uma velocidade impressionante. A nossa relação com o tempo e com o espaço modificou-se radicalmente trazendo consequências para todas as dinâmicas sociais, incluindo as formas de divertimento e lazer.

Marcellino (1987) descreve o lazer como cultura, no seu sentido mais amplo, vivenciada no tempo disponível. Para esse autor o mais importante traço definidor é o caráter desinteressado dessa vivência, não buscando outra recompensa além da própria satisfação na atividade. A opção pela prática também é essencial para o entendimento do conceito de lazer e para sua contradição com o trabalho. A vivência do lazer não pode ter um caráter obrigatório, sendo de "livre" vontade a escolha pelo indivíduo. Dessa forma, contrapõe-se ao trabalho, por ser este de caráter obrigatório, bem como as diversas outras atividades do "tempo das obrigações" (MARCELLINO, 1987).

Marcelino (1997) defende que qualquer atividade pode ser considerada lazer, dependendo de quem a executa e das circunstâncias que cercam sua realização, como a livre adesão e a capacidade de a atividade escolhida proporcionar descanso, prazer, divertimento e desenvolvimento a quem a pratica. Na concepção desse autor algumas obrigações como jardinagem e pintura tornam-se lazer para quem gosta de cuidar do jardim ou pintar a casa e essas atividades proporcionem descanso e prazer para aqueles que a realizam. Ressalta também que o conceito de lazer é mais amplo não devendo ficar restrito somente jogos ou brincadeiras, podendo ser até ser a não-atividade, o ócio, como, por exemplo, o repouso em uma rede. O mais importante de acordo com o autor é o prazer que a atividade escolhida proporciona. Assinala ainda que para se entender melhor o conceito de lazer deve-se dividi-lo em duas grandes categorias: tempo e atitude.

No que se refere ao tempo, são consideradas atividades de lazer aquelas desenvolvidas no tempo liberado do trabalho e das obrigações sejam elas familiares, sociais ou religiosas. O lazer dentro de uma perspectiva de atitude, presume-se a relação entre o indivíduo e a experiência vivida, principalmente a satisfação provocada pela atividade.

Marcellino (1997) apresenta ainda a ideia de integração do lazer considerando tempo e atitude combinados:

- a) Cultura vivificada (praticada ou fruída) no tempo disponível das obrigações profissionais, escolares, familiares, sociais, combinando os aspectos de tempo e atitude.
- b) Fenômeno gerado historicamente, e do qual emergem valores questionadores da sociedade como um todo e sobre o qual são exercidas influências da estrutura social vigente.
- c) Um tempo que pode ser privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural, necessários para solapar a estrutura social vigente.
- d) Portador de um duplo aspecto educativo - veículo e objeto de educação, considerando, assim, não somente suas possibilidades de descanso e diversão, mas também de desenvolvimento pessoal e social.

Rolin (1989) desenvolveu seu entendimento do lazer a partir de um viés psicossocial, conceituando-o como um tempo livre, empregado pelo indivíduo na sua realização pessoal como um fim em si mesmo. Para esse autor o sujeito se libera à vontade do cansaço, repousando; do aborrecimento, divertindo-se; da especialização funcional, desenvolvendo de forma intencional as capacidades de seu corpo e espírito.

Gomes (2004) apresenta o lazer como fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento. Para esse autor essa é uma dimensão da sociocultural constituída por meio da vivência lúdica de manifestações em um tempo e espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.

Carmo (2000) também interpretou o lazer a partir de uma perspectiva cultural, afirmando que o lazer é uma invenção da sociedade, fruto da soma de comportamentos apreendidos e compartilhados, sob diversas condições geográficas e sociais. Na abstração do referido autor, o lazer é determinado pela cultura e é decorrente das conquistas sociais, principalmente da conquista de tempo livre, que, por sua vez, permite a efetivação do lazer.

Dumazedier (1976) define o lazer como um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

O lazer em Peñalba (1999) apresenta-se como formas de expressão ou atividades amplas cujos elementos são tanto de natureza física como intelectual, social, artística ou espiritual. O referido autor assinala que existem formas de lazer ativa e passiva. A forma de lazer ativa refere-se às atividades de natureza física, com predominância da utilização da motricidade do corpo humano. As formas de lazer passivas referem-se aquelas onde não existe uma demanda energética muito grande e onde motilidade dos músculos esqueléticos seja diminuta.

Padilha (2004) constrói um conceito sobre lazer ser realizado em um tempo livre que estaria sempre impregnado das obrigações sociais nos mais diversos contextos onde o sujeito está inserido. O autor assinala que tempo algum pode ser tratado como verdadeiramente livre das coações, da lógica do capital ou de normas sociais e são essas coações que determinam as formas de lazer que o indivíduo utiliza.

Norbert Elias e Eric Dunning (1992) provavelmente foram os autores que desenvolveram construções teóricas e os estudos mais singulares sobre o esporte e o lazer, dentro da perspectiva de excitação e de emoção compensadora. Essa perspectiva sobre a importância social do lazer contestava as correntes sociológicas de seu tempo, que enxergava no lazer um elemento secundário no conjunto de mecanismos sociais. Os

autores discordavam daqueles que consideravam o lazer uma atividade do tipo não séria e sem grande relevância e, assim sendo, não merecedora de estudos mais aprofundados.

Com uma abordagem diferente e mais interdisciplinar em relação aos conceitos precedentemente referidos acerca do lazer, Elias e Dunning (1992) defendem que para um maior entendimento sobre esse fenômeno não se deve restringir a um único campo da ciência, lembrando que o seu desenvolvimento dentro da sociedade é estabelecido por meio de necessidades sociais e individuais, estando estas últimas ainda se dividem em psicológicas e biológicas. Por essas razões iremos nos aprofundar um pouco mais sobre a abordagem interdisciplinar de lazer que aponta perspectivas convergentes com as construções teóricas anteriormente apresentadas, que em nossa compreensão é mais completa e norteou a elaboração do presente capítulo tendo se constituído uma bússola para nossas vivências de campo.

Elias e Dunning (1992) divergem de grande parte das correntes teóricas dentro da sociologia, que apresentam categóricas tendências a considerar o lazer como um mero acessório do trabalho. Neste sentido, o que predomina é uma tradição de pensamento estabelecida pela dicotomia trabalho/lazer, na qual se baseia no entendimento de que a satisfação agradável proporcionada pelas atividades de lazer se apresenta apenas como um meio para aliviar a tensão do dia-a-dia e melhorar a capacidade das pessoas para o próprio trabalho. Os autores acreditam que a solidez dessa corrente de pensamento, justificada pelo predomínio desse tipo de abordagem, reflete-se, fundamentalmente em função de um sistema de valores e de crenças pré-estabelecidas que se submetem à ideia de que as pessoas procuram no lazer o alívio para a fadiga dos esforços do trabalho.

Contrapondo e ultrapassando essa maneira tradicional de interpretação do lazer, Elias e Dunning (1992) desenvolveram um estudo buscando alcançar o verdadeiro sentido desse acontecimento social. Numa concepção mais ampliada, não em termos de causas e efeitos que envolvem e estão envolvidos no contexto do lazer, mas sim no contexto de uma teoria das configurações e do desenvolvimento, Os autores defendem que o lazer corresponde a uma necessidade existencial para as sociedades do momento em que vivemos.

Isso significa dizer que esses conceitos concretizados quebram com o já relatado paradigma da dicotomia trabalho/lazer. Não obstante, os autores sugerem que a emergência daquilo que se tornou o foco básico das preocupações da sociologia moderna foi um processo que não se encontrava isento de influências, ou, em outras palavras, seria

como se os sociólogos atuais revelassem os seus valores de compromisso em virtude da limitação de seu campo de visão provocada pela aderência aos paradigmas dominantes. Nesse sentido, o seu campo de visão se restringe a um conjunto comparativamente estreito de atividades sociais, apesar do empenho da maioria quanto ao ideal de neutralidade ética e da ideia de sociologia enquanto ciência que trata das sociedades em todas as suas dimensões. Por essas razões os autores condenam o não afastamento dos paradigmas atuais e da não isenção em relação a tais influências. Esses seriam os motivos pelos quais os sociólogos teriam ignorado o esporte e conseqüentemente o lazer enquanto objeto de reflexão sociológica.

Na perspectiva Elias e Dunning (1992) o esporte e o lazer, uma vez que o primeiro está contido na esfera do segundo, parecem ter sido ignorados como objeto de reflexão sociológica e de investigação porque é considerado como algo que se encontra situado no lado que se avalia de modo negativo no "complexo dicotômico de sobreposição convencionalmente aceite como, por exemplo, entre os fenômenos de 'trabalho' e 'lazer', 'espírito' e 'corpo', 'seriedade' e 'prazer', 'econômico' e 'não econômico'". Isto é, no quadro de tendência que orienta o pensamento reducionista e dualista ocidental contemporâneo.

A construção teórica de Elias e Dunning (1992) possibilita uma avaliação do significado social do esporte, e conseqüentemente do lazer, e nessa linha se esforça, entre outras coisas, por estabelecer os fundamentos da teoria sociológica das emoções. Esta teoria procura também sublinhar o controle individual e social da violência e os processos de longa duração que podem ser observados a este respeito. Em síntese, é uma teoria do desenvolvimento.

Os autores afirmam que as deficiências nas pesquisas sociológicas que se destinam a encontrar respostas para as abordagens sobre o lazer, tendem a ser elucidadas pela considerável confusão que existe na utilização de certos termos. A abordagem de Elias e Dunning, no entanto, abandonando as limitações impostas à teorização e investigação do lazer, rompem com a herança da tradicional dicotomia trabalho-lazer. A relação de antítese entre trabalho e lazer já não é capaz de dar suporte às investigações devido à sua limitação teórica.

Diante desse tipo de problema e procurando formular respostas para as questões que permeiam os conceitos de lazer, criaram os autores um quadro teórico, uma tipologia que servisse como um ponto de partida para elucidações teóricas. O primeiro quadro, de caráter provisório, foi denominado atividades de tempo livre. Neste quadro inicial, as

atividades de tempo livre foram classificadas da seguinte forma por Elias e Dunning (1992):

1. Trabalho privado e administração familiar: enquadram-se aqui as atividades voltadas para a administração familiar, incluindo as provisões da casa.
2. Repouso: estar sentado sem fazer nada, ou estar a fumar ou a tricotar e, acima de tudo, dormir.
3. Provimento das necessidades biológicas: comer, beber, defecar, fazer amor, assim como dormir.
4. Sociabilidade: relacionadas ou não com o trabalho, enquadram-se aqui as atividades como uma excursão, a ida a um bar, um clube, restaurante ou festa, estar com outras pessoas.
5. A categoria das atividades miméticas ou jogo: as discussões acerca das atividades de lazer têm grande incidência em atividades desse tipo; são atividades que produzem nas pessoas uma agradável excitação-prazer e, que representam assim, ao mesmo tempo, o complemento e a antítese da tendência habitual diante da banalidade emocional verificada nas rotinas racionais da vida.

O quadro referenciado anteriormente realça de forma esclarecedora alguns pontos em relação ao tempo livre e ao trabalho e em relação ao tempo de lazer e o de não lazer. Mostra de forma ímpar que parte considerável de nosso tempo livre não é destinada a atividades de lazer, colocação que contraria a polarização entre lazer e trabalho em sua forma tradicional, a qual sugere que todo o tempo que não é despendido a uma forma remunerada de trabalho, ou seja, todo o tempo livre pode ser dedicado ou ainda compreendido como tempo de lazer.

Esta tipologia também elucida que o trabalho não é a única esfera social a subordinar de forma regular e equilibrada os sentimentos pessoais. Elias e Dunning (1992) esclarecem ainda que em sociedades como as nossas, o manto das restrições é estendido até mesmo ao campo das atividades de tempo livre, pois, ainda que com diferenças relativas de grau, estende-se a todas as relações humanas, até mesmo os familiares.

É possível explicar com esse modelo que nas sociedades industriais avançadas as atividades de lazer, sobretudo as do tipo miméticas, constituem um dos poucos senão o único meio aprovado no quadro social, desencadeadores de um comportamento

moderadamente excitado, em público. A esfera mimética é parte integrante da realidade da sociedade moderna:

A estimulação emocional peculiar e a renovação de energias proporcionada pelas atividades de lazer da categoria mimética, culminando numa tensão agradável, representam um equivalente mais ou menos institucionalizado face ao poder e à uniformidade das restrições emocionais exigidas por todos os tipos de ações intencionais dos indivíduos nas sociedades mais diferenciadas e civilizadas. A agradável excitação-prazer que as pessoas procuram nas suas horas de lazer representa assim, ao mesmo tempo, o conhecimento e a antítese da tendência habitual perante a banalidade das valências emocionais que se deparam nas premeditadas rotinas “racionais” da vida; enquanto a estrutura das próprias organizações e das instituições miméticas representa a antítese e o complemento das rotinas formalmente impessoais e das instituições orientadas para o trabalho, que deixam pouco espaço às emoções apaixonadas ou às oscilações de disposição [...] A esfera mimética é distinta e integral da “realidade” social. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 115-116).

Sobre essa esfera mimética iremos nos deter mais adiante no próximo tópico dessa seção.

A conformação dessa polarização é tida pelos autores como ponto de partida e, segundo eles, possibilita enxergar, com maior clareza, o problema básico com que se deparam aqueles que se dedicam a estudar o lazer. Duas questões interdependentes são colocadas pelos autores de forma a traçar o caminho em direção à resolução do problema: Quais as características das necessidades individuais de lazer desenvolvidas em nossa sociedade? E quais as características das atividades específicas de lazer desenvolvidas na sociedade para a satisfação das referidas necessidades?

Nas sociedades contemporâneas, inclinações para expor em público excitações do tipo sérias, que ameacem a ordem estabelecida, estão cada vez mais reduzidas. Para serem considerados normais, os adultos dessas sociedades devem controlar a tempo a sua excitação. Espera-se desses um comportamento adequado e igualmente condizente com o nível organizacional atingido pela atual sociedade. O efeito disto é um comportamento padronizado e um estilo de vida rotineiro, sem riscos para si e para os outros.

Os autores destacam algumas características estruturais que permitem distinguir atividades de tempo livre, atividades de tempo não livre e trabalho profissional. Os principais tipos de atividades de tempo livre das sociedades contemporâneas estão indicados no quadro de classificação que compõe o espectro do tempo livre:

- a) Rotinas do tempo livre: provisões rotineiras como necessidades biológicas e cuidados com o próprio corpo, as rotinas familiares e o governo da casa.
- b) Atividades intermediárias de tempo que servem, principalmente, para as necessidades de formação e, ou também, autossatisfação e autodesenvolvimento: trabalho não profissional como, por exemplo, participação em questões locais, atividades de caridade, estudo privado com vista a progressos profissionais, passatempos do tipo hobby, atividades religiosas, leituras de jornais, visão de programas de jornais informativos.
- c) Atividades de lazer: atividades pura ou simplesmente sociáveis, que podem ser mais formais ou menos formais, atividades de jogo ou miméticas, com participação em nível de membro da organização, como espectador ou como ator e uma miscelânea de atividades de lazer menos especializadas, como viajar nos finais de semana, banho de sol e outras.

Elias e Dunning (1992) afirmam que algumas atividades de tempo livre têm o caráter de trabalho, mesmo que sejam facilmente distinguidas do trabalho profissional; algumas atividades de tempo livre são voluntárias, contudo muitas não o são e, em grande parte delas, não se observa a alegria do fazer. Os autores salientam que, além do trabalho profissional, há ainda, dentro do chamado "tempo livre", atividades de não lazer que são altamente rotineiras. É neste aspecto que o espectro do tempo livre contribui para uma melhor compreensão dos problemas do lazer.

Nosso entendimento acerca do lazer se aproxima bastante dos conceitos apresentados até aqui. Para nós o lazer é antes de tudo uma questão de sobrevivência. É uma necessidade tão vital para o ser humano quanto o trabalho e todas as suas obrigações e mais, entendemos que não deveria ser negligenciado por nenhum ser humano.

Perpetua-se um momento onde o pragmatismo e o utilitarismo são sempre as principais pautas das discussões consideradas mais relevantes socialmente. Somos incentivados a todo instante a depositarmos o máximo de energia no trabalho e/ou atividades utilitárias e a não desperdiçarmos nosso precioso tempo em coisas não sérias. E é isso que de fato acontece. Nossos momentos de lazer são raros e muito facilmente descuidados.

Não queremos aqui propor uma nova hierarquização sobre as formas como tratados o trabalho e o lazer, mas é nossa defesa que os momentos de trabalho e de lazer

são momentos contínuos, porém com características específicas. Para nós não existe uma dissociação do homem que se diverte do homem que trabalha. Existe sim uma zona de encontro e mediação, onde os momentos de trabalho e lazer devem ser considerados como continuidade e descontinuidade do homem, tornando-se dessa forma um essencial ao outro.

Vivemos numa realidade onde se valoriza o indivíduo “multiuso”, aquele que consegue fazer diversas atividades ao mesmo tempo, sem perder seu poder de concentração, mas também sem sair de sua superficialidade. Parece ser imperativo que o homem precisa se adaptar ao ritmo frenético da era tecnológica e estar sempre conectado sem saber direito a que e a quem. Muitas são as pessoas que não conseguem se “desconectar” dessa realidade nem mesmo quando entram e, férias, ou então quando se aposentam. Algumas práticas de lazer acabam se transformando e obedecendo a essa lógica onde as atividades precisam ser dinâmicas, rápidas e instantâneas.

Ressaltamos além do momento onde o pragmatismo e o utilitarismo se impõem, e da era tecnológica já estabelecida que dificulta enormemente as práticas de lazer dos indivíduos, existem ainda os opositores morais do lazer. Para eles nada deve escapar da realidade nem servir como alienante e entorpecente da razão, sendo o único tipo de vida correta aquela que nunca se afasta do fardo da vida adulta. Consideram infantilização e alienação tudo que afasta o homem de suas “necessidades reais”. As prioridades sempre serão as questões econômicas, as eleições e os problemas sociais de toda ordem.

Evidentemente que essas pautas são essenciais para vida de nosso país e de todos os brasileiros, mas o que queremos salientar é que nossas vidas não devem ser somente de obrigações, restrições e dores. Existe espaço para o prazer e a ludicidade e estas são também essenciais ao desenvolvimento e ao bem-estar do homem e conseqüentemente da nação. O tempo que se “perde” assistindo um filme, uma peça de teatro, lendo um bom livro, conversando despreocupadamente com amigos ou com familiares, tomando uma cerveja jogando dominó, ou qualquer outro tipo de divertimento, não são tempos perdidos ou improdutivos, mas exercem uma importante função social para os brasileiros. E ainda tem o tempo que “perdemos” assistindo uma partida de futebol...

Sobre o ato de torcer por uma equipe de futebol e sua valiosa possibilidade de lazer, discutiremos a seguir.

4.1.2 O ato de torcer por uma equipe de futebol, uma paixão fonte de lazer, prazer e de sofrimento também como todas as paixões que se prezem!

Salles (1998) defende que para o brasileiro o futebol é referencial de lazer, seja na possibilidade de prática ou como torcedor. Para o autor o futebol conquistou o referencial de lazer, espetáculo como espaço aceitável para liberação das tensões que no seu mundo real não é permitido. As razões para isso devem-se ao fato da busca das emoções que são vivenciadas através das polaridades existentes no jogo de futebol.

Marcellino (1996) também afirma que o futebol é uma fértil possibilidade de lazer e que deve ser compreendido como a relação estabelecida entre o indivíduo e a experiência vivenciada por ele coletivamente. Para o autor o futebol contempla dimensões que vão muito além do observável, assumindo diferentes sentidos e significados para os milhares de torcedores espalhados Brasil.

Souza Neto e Campos (2011) sustentam que as práticas de divertimento possibilitadas no "campo" do futebol, seja como experiência física, sejam como fruição contemplativa posta na torcida (que nunca é, de fato, apenas contemplativa), representam um importante canal de vazão da cultura brasileira. Jogar futebol e/ou torcer por um time expressam sentimentos poderosos, vivenciados individual ou coletivamente no tempo disponível das pessoas; são, portanto, objetos fundamentais de análise da nossa dinâmica social e cultural.

Reis (2006) ressalta que ao longo dos anos, o futebol ganha importância no tempo destinado ao lazer da população em geral, como uma atividade que proporciona prazer e inúmeras emoções. Logo, acaba sendo muito presente no tempo destinado ao lazer, tanto em relação à sua prática, quanto em relação à assistência, chegando a ser um fenômeno social muito representativo. Uma das causas desse fenômeno segundo a autora, é o fato de o futebol ser uma das atividades de lazer esportivo mais veiculada hoje em dia na televisão brasileira, tanto em canais abertos como nos canais fechados.

Por sua vez, Davis (2015) defende que o torcer é uma atividade de lazer, sendo este entendido por ele como um fenômeno social em que os sentimentos de alegria e pertencimento são a busca do indivíduo e assim, os torcedores podem se expressar, apoiar seu time e se identificar com o clube. Para esse autor o ato de torcer enquanto vivência de lazer, possui um conteúdo psicológico e um social. Essas afirmações são no sentido de que a necessidade da satisfação humana de contatos sociais pode ser contemplada. Além

da própria vivência nestes grupos, as relações interpessoais oferecem aos sujeitos a oportunidade de expressão individual, de se satisfazerem em algo e de se orgulharem.

Sobre essa capacidade socializante do futebol Da Matta (1986) também concorda:

O futebol é um formidável código de integração cultural. Se uma pessoa não tem assunto o futebol engendra uma boa conversa. Ela faculta a comunicação dentro de uma coletividade altamente dividida. Ademais, permite que essa coletividade se leia como capaz de ação concertada ou corporada. Trata-se de uma forma de sociabilidade rara no Brasil, um mundo cuja (sic) instituições públicas tem (sic) sido desmoralizadas pelo clientelismo, pela corrupção galopante, por um legalismo protetor dos poderosos e por incompetência (DAMATTA, 1986, p. 34).

É essa capacidade socializante e esse compartilhamento emocional vivenciado intensamente, que faz do ato de torcer por uma equipe de futebol uma referência de lazer carregada de significados para milhares de brasileiros.

Conforme estamos salientando no decorrer dessa tese, o futebol é uma manifestação cultural, um catalisador de processos de identificações, construído por diferentes agentes em interação. Sua configuração na sociedade nos permite caracterizá-lo como grande criador de redes de confraternização, de amizade, disputas ou rivalidades, imprescindíveis para a interpretação práticas torcedoras.

Uma das características mais importantes do futebol é a sua capacidade de criar significados diversos, propiciando pelo menos temporariamente, a igualdade de oportunidades e assimilação de regras, seja dentro ou fora do campo de jogo, criando uma junção do individual ao coletivo, permitindo trocas sociais entre o real e o simbólico que um time de futebol pode representar.

Especificamente no caso dos torcedores manauenses de futebol o ato de torcer é uma referência importante de lazer e de entretenimento?

Para respondermos a essa indagação, no item 6 do nosso formulário de campo perguntamos sobre relevância do futebol enquanto fonte de lazer e divertimento para os torcedores manauenses de futebol profissional e amador e obtivemos as seguintes respostas:



Gráfico 26 – Importância do Futebol na sua vida. Profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.

Os dados encontrados estão bem próximos dos autores anteriormente mencionados que defendem ser o futebol uma expressão do lazer, pois do universo de 234 torcedores de futebol profissional, 91% respondeu que o futebol está como importante, muito importante e a principal fonte de divertimento de sua vida, e apenas 9% consideraram o futebol sem importância em suas vidas.

Resultados semelhantes encontramos quando fizemos a mesma pergunta para 187 torcedores manauenses do futebol amador (Peladão):



Gráfico 27 – Importância do Futebol na sua vida. – Peladão. Fonte: pesquisa de campo/ 2018.

Em nossa realidade manauense, verificamos que assistir a uma partida futebol em bares, nos estádios, em sua própria casa ou em outro espaço comunitário é uma vivência de lazer de compartilhamento emocional e uma possibilidade de carnavalização, de suspensão do cotidiano bastante frequente, conforme podemos verificar nas falas dos torcedores de futebol profissional 39, 53 e do torcedor de futebol amador 77:

“Minha semana de trabalho é cheia, dia inteiro na batalha no distrito, quase não tenho pra nada, só tenho a quarta e o domingo pra eu curtir meu futebol. não tenho televisão a cabo pra assistir os jogos do meu Flamengo. Então venho aqui pro Eldorado, peço uma cerveja, dou uma enrolada e vejo meu time jogar, é bom e barato. Como sou solteiro não tenho mulher pra me encher o saco sobre isso. Kkk” (Torcedor de futebol profissional 39, 29 anos/ Pesquisa de Campo 2018)

“Gosto muito de vir ao estádio com meus amigos nacionalinos. O ingresso é acessível, meu filho ainda nem paga, e apesar do nosso futebol está na série D, acho que temos algumas partidas muito boas de assistir. Dá pra tomar uma cerveja tranquilamente, falar umas besteiras e voltar pra casa a tempo de ir a missa com a patroa” (Torcedor de futebol profissional 53, 32 anos/ Pesquisa de Campo 2018)

“Sempre acompanho as partidas do Unidos da Cidade Nova, mesmo nos campos de terra onde ocorrem ante das fases principais. É bem melhor que ver os jogos do Amazonense.

Não pago nada, me divirto e no final tem sempre uma barca recheada de cerveja e tira gosto. Aí eu dou aquela esticadinha pra algum bar próximo e nem sei ao certo a hora que chego em casa, minha noiva fica puta, mas já disse pra ela que esse é meu lazer, era assim antes dela me conhecer. Mas também saio com ela, mas nunca nos dias de jogos...rsrs” (Torcedor de futebol amador 77, 25 anos/ Pesquisa de Campo 2017)

Verificamos dessa forma que o futebol é uma significativa expressão de lazer e divertimento para os torcedores manauenses oportunizando uma rede ampliada de sociabilidade muito importante população cujo cotidiano não se caracteriza exatamente pelo gozo pleno dos direitos constitucionais plenos das práticas do lazer. Dito de outra forma, o torcedor se diverte torcendo, mas esse lazer se potencializa a partir do ajuntamento de pessoas que dividem a mesma representação social. Conforme podemos perceber nas respostas dos torcedores manauenses de futebol profissional sobre onde costumam assistir as partidas de futebol do seu time de coração:

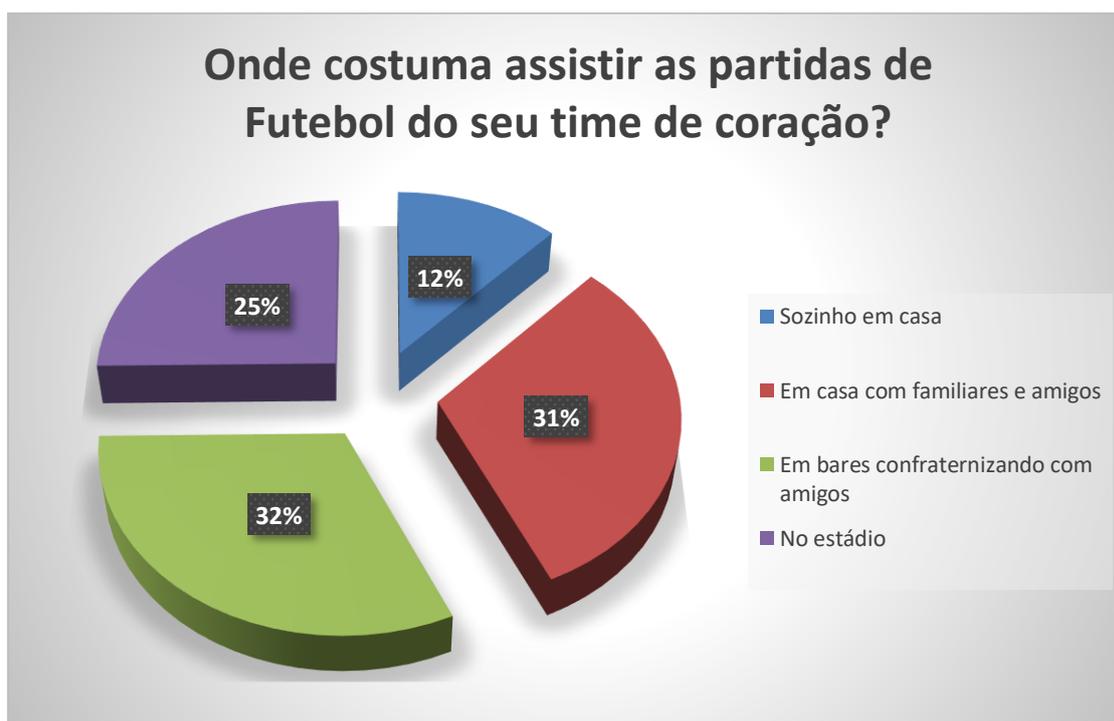


Gráfico 28 – Onde costuma assistir as partidas de futebol do seu time de coração. Torcedores de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018

De acordo com as respostas obtidas no gráfico 26, podemos verificar que apenas 12% dos torcedores pesquisados preferem ver os jogos de futebol de sua equipe do coração sozinhos. Os motivos são diversos conforme podemos constatar nas observações dos torcedores 220, 132 e 200:

“Quase não venho no Eldorado ver meu Vasco, sou mulher e os caras acham que uma mulher que fica em uma mesa de bar está atrás de homem, e tentam puxar papo e colocam pra cima. Eu quero ver é o jogo, torcer, tomar minha cerveja e nada mais. Sou separada, meus filhos já são estão todos crescidos e tenho meu trabalho e não sou nenhuma gatinha. Mas por causa dessa chatice desses caras prefiro ver sozinha em casa sem ninguém pra me perturbar. Hoje vim porque estou cercada de amigos como você pode ver e aí ninguém me enche o saco.” (Torcedora 220, 51 anos. / Pesquisa de campo 2018.)

“Apesar de você estar me vendo aqui no estádio, eu não gosto de ver o jogo perto de ninguém. Gosto de vir para o estádio ver o jogo do Nacional de perto, mas não quero ninguém do meu lado falando besteira e puxando conversa fiada e me atrapalhando de ver o jogo. Talvez seja a velhice, mas eu venho aqui pra ver futebol e tomar cerveja e não pra conversar. Meus filhos quando me acompanham já sabem que não gosto muito de papo. Depois do jogo sim eu gosto de comentar sobre a partida, mas antes e durante não. Eu já ia ser grosso com você e te mandar entrevistar outro, mas como você disse que era uma pesquisa de doutorado da UFAM e sou professor aposentado de lá eu resolvi te atender. Isso porque ainda não começou o jogo. Kkk.” (Torcedor 132, 67 anos. / Pesquisa de campo 2018)

“desde que inventaram o tal do pay-per-view nunca mais quis saber de assistir uma partida de futebol do meu Fluminense longe de casa. Gosto de estar no conforto e segurança do meu lar, vendo meu time. Fico no meu quarto, no geladinho do ar-condicionado torcendo pelo meu time que esse ano só tem me feito raiva, mas mesmo assim ainda me divirto. Fico tranquilo porque estou perto da minha família mesmo estando sozinho no meu quarto. Prefiro estar só, não perturbo ninguém e ninguém me perturba. Prefiro assim, é mais tranquilo, hoje não dá pra sair de casa pra se divertir que você corre risco de ser assaltado e até morrer.” (Torcedor 200, 48 anos)

Outro fator que para nós é determinante para o ato de torcer por uma equipe de futebol um referencial de lazer para uma parte significativa do planeta terra é o fato dessa prática está inserida nas categorias das atividades miméticas ou jogo apresentadas por Elias e Dunning (1992).

Como já apresentamos anteriormente as atividades de lazer desse tipo produzem nas pessoas uma agradável excitação-prazer e, que representam assim, ao mesmo tempo, o complemento e a antítese da tendência habitual diante da banalidade emocional verificada nas rotinas racionais da vida.

Para entendermos como mais propriedade como foram construídas as categorias miméticas desenvolvidas Elias e Dunning (1992) teremos que abordar brevemente a obra “O Processo Civilizador” onde Elias (1994) retrata a maneira como a sociedade no transcorrer de seu desenvolvimento transformou a coação externa em auto coação,

salientando que não existe atitude natural no homem, o qual teria passado por um condicionamento e um adestramento. Na percepção do autor o processo civilizador se constitui em mudanças na estrutura da personalidade do homem. Elias (1994) defende que em processo de longo prazo, o homem refreou suas pulsões, aumentando seu autocontrole por meio de mecanismos externos expressos na forma de lei e de mecanismos internos a partir mudança das vivências de sentimentos de vergonha e delicadeza.

As consequências dessas mudanças resultaram nas maneiras “civilizadas” como passaram a sentir e se comportar os humanos. O desenvolvimento humano se daria, então, pela capacidade social e psicológica de controlar emocionalmente. Elias (1994) buscou refazer a trajetória histórica deste processo e as suas consequências. Para o autor esse movimento não foi planejado nem houve intenção quanto a seu rumo. Mas aconteceu de maneira geral, como decorrência de uma rede de relacionamentos envolvendo ações de pessoas isoladas. Elias (1994) sublinha que o caminho dos processos sociais de longo prazo tem como causa o entrelaçamento de diversos conjuntos de atos individuais, nos quais podendo até haver intencionalidade, porém, a direção do processo social de longo prazo, o resultado coletivo não é planejado.

Ao estabelecer um modelo de interpretação da sociedade a partir do jogo competitivo e com regras, Elias (1994) procurou demonstrar como se estruturam as configurações sociais, entendidas como redes de interdependência que envolvem poder e, indissociavelmente, ações de autores, racionalidade da irracionalidade, indivíduos da sociedade, tempo do espaço. Ou seja, um grupo ou indivíduo regula seu comportamento e emoções de acordo com o tipo de relação que estabelece com outros, com o momento e com o local. Desta forma o autor define que as configurações não podem ser programadas ou planejadas, sendo o conceito de poder fundamental para sua análise. A ação dos indivíduos, bem como seus interesses e objetivos no interior das configurações sofrem influências de forças compulsivas ao mesmo tempo em que as influenciam.

Elias (1994) defende a necessidade de se explorar as ligações entre a biologia, a psicologia, a sociologia e a história dos seres humanos. Essa maneira de entendimento da sociedade, segundo o autor, representaria um avanço em qualquer investigação no campo das ciências humanas, pois que todas envolvem o homem, sendo preciso considerar os elementos que constituem a “natureza humana”, a fim de compreendê-lo em todas as suas dimensões.

Fizemos essa breve apresentação do processo civilizador descrito por Elias (1994) para localizarmos o papel das atividades miméticas vivenciadas no ato de torcer por uma equipe de futebol como uma resposta a esse controle das emoções que nasceu a partir de um controle externo até se tornar um autocontrole. Ressaltamos que não consideramos essa teoria de forma totalitária e que sabidamente teve como tempo e lugar, sociedades europeias. Isso, porém, não interferiu em nossa adequação teórica as práticas torcedoras bares, principalmente pela realidade empírica encontrada em nossas práticas de campo.

Como um antídoto contra o autocontrole vigente e o conseqüentemente represamento das emoções, Elias e Dunning (1992) apontam desporto como expressão do lazer devido as suas propriedades e especificidades. Para os autores o desporto como possibilidade de vivência de lazer, é um campo propício para um controlado descontrole das emoções, para a liberação das tensões provenientes do stress diário e a simultânea manifestação intensa de sentimentos, sem colocar em risco a integridade (física ou moral) das pessoas, ou ameaçar à ordem social estabelecida.

“O desporto permite às pessoas a experiência da excitação total de uma luta sem os seus perigos e riscos. O elemento do medo na excitação, ainda que não desapareça por completo, é bastante reduzido, e o prazer da excitação do combate é, por esse motivo, elevado. A partir daí, se falarmos dos aspectos miméticos do desporto, referimo-nos ao fato de que ele imita, de forma seletiva, uma luta da vida real. O esquema de um jogo desportivo e a destreza de um homem ou de uma mulher desportista permitem que o prazer do confronto se desenvolva sem ferimentos ou mortes. [...] Os confrontos do desporto permitem alcançar a vitória sobre os outros através de uma luta física, sem provocar danos físicos. O desfecho da tensão do confronto e o esforço para atingir a vitória podem ter um efeito alegre e purificador. É possível usufruir da confirmação do seu próprio valor sem má consciência”. (ELIAS, N; DUNNING, E. p.94-95.)

Bento (2013) também as destaca as funções benéficas e importantes do Desporto:

O desporto é “a conduta que o homem normalmente adota durante os momentos breves em que a penosidade e as urgências da vida o deixam de oprimir, [permitindo-...] a um jogo no qual joga com to da vida, isto é, ao sério e doloroso das palavras, o desporto é um “luxo vital”, que “conserva o limpo humor e o rigoroso cuidado”. (JORGE BENTO 2013, p. 18.)

O efeito catártico que formas miméticas de lazer proporcionam às pessoas e o fato de cada vez mais elas buscarem essas formas de lazer, não consiste apenas em atenuar

das tensões e sim é motivado pela busca de uma tensão específica, uma forma de excitação geralmente evitada em outras esferas, mas pode ser experienciadas no desporto.

Elias e Dunning (1992) consideram que a agradável excitação desencadeada pelo confronto é a satisfação de uma necessidade básica, particularmente se o confronto exige esforços corporais como se verifica no caso do desporto. Os autores advertem que uma sociedade precisa oportunizar a seus membros, especialmente aos mais jovens, a participação, seja como “atores” ou “espectadores” em atividades de lazer desportivas, a fim de que possam vivenciar o tipo de “luta” e a agradável excitação que ela provoca.

A carência dessas vivências pode levar ao entorpecimento da vida desses membros pela impossibilidade de se aliviarem do “stress provocado pelas tensões que podem surgir se as operações de controle lutarem, temporária ou permanentemente, contra os impulsos, e os impulsos contra os controles. Bento (2013) defende que o desporto tem a capacidade de promover esse alívio por ter sua base na filosofia:

“Desporto e filosofia são atividades promotoras de felicidade para quem as exercita, por não estarem presas a um imediatismo utilitário. Mais, o desporto é uma categoria antropológica fundamental (e fundadora do humano); é uma atividade contingente, consubstanciada na “emocionalidade corpórea” de quem a vive como uma aventura ou viagem, procurando apreender-se e conjugar-se em situações de intenso empenho com a tarefa, com o contexto, com as suas estruturas energéticas e simbólicas, para formar-se e melhorar-se a si mesmo.” (JORGE BENTO 2013, p.17)

Elias e Dunning (1992) defendem que deve haver um equilíbrio entre os momentos de vivências de tensões não excitantes inerentes às rotinas regulares da vida social e os momentos de excitações relevantes. Essas agradáveis excitações proporcionadas pela “luta” mimética são complementares às restrições da vida, sendo tão indispensáveis à existência da vida em sociedade quanto à primeira.

O fato de as lutas entre seres humanos serem consideradas excitantes e agradáveis para as pessoas, conforme pondera Elias, é uma descoberta que, como cientista, ele não pode modificar; ainda que não seja do seu agrado apresentá-la:

“descobri que os seres humanos, tal como eu os posso observar, para além da excitação agradável do sexo também necessitam de outras formas de excitação deleitante, sendo a excitação da luta uma delas, e que, na nossa sociedade, quando se atingiu um nível razoavelmente elevado de pacificação, esse problema foi até certo ponto resolvido pela provisão de combates miméticos, confrontos realizados por meio do jogo num contexto que pode originar uma excitação

agradável, desencadeada pelo combate, com o mínimo de ferimentos nos seres humanos. Tal como a quadratura do círculo, é uma tarefa quase impossível. Apesar disso, foi resolvida sem planejamento, como se fosse por acidente” (ELIAS, N; DUNNING, 1992. p.95.).

Em nossas práticas de campo podemos constatar a existência dessa busca de excitação, desse controle descontrolado, de um descontrolado controlado, dessa busca por tensões que não podem ser vivenciadas de forma segura no cotidiano. É o que podemos verificar nas falas dos torcedores 16, 77 e 111 de futebol profissional e na fala dos torcedores de futebol amador 34 e 60:

“O futebol é importante pra mim porque apesar de eu ficar bastante tenso na hora do jogo, angustiado e muitas vezes até triste mesmo, eu me sinto vivo cara. Minha mulher diz que eu sou masoquista, mas ela fica chorando vendo novela e eu não posso chora pelo meu time? Choro mesmo e f.” (Torcedor de futebol profissional 70, 35 anos/ Pesquisa de Campo 2018)

“Meu amigo eu já estou velho, já não tenho tantas opções assim de me divertir e me emocionar e mesmo que tivesse não abriria mão de ver futebol. Sou viúvo, meus filhos estão criados, isso aqui é uma das poucas que me resta e que me acompanharam a vida toda. Meu Nacional já me deu muitos domingos inesquecíveis, e mesmo nosso futebol estando nas últimas eu não paro de sofrer pelo meu querido time” (Torcedor de futebol profissional 16, 65 anos/ Pesquisa de Campo 2018)

“Nunca deixei de vir ao estádio, só não vinha quando estava doente, sou torcedor do Galo e acho qualquer dia esse time me mata de raiva. Pensei que esse ano a gente ia pras cabeças com o Lana no comando, mas não deu. Ano que vem volto de novo, pra sofrer, e beber muito. Rsr.” (Torcedor de futebol profissional 111, 51 anos/ Pesquisa de Campo 2018)

“Acompanho os jogos do peladão sempre, as vezes meu time muda de nome, mas é sempre a galera aqui da Cidade Nova. Eu me amarro no peladão porque muitos jogos acabam em pênalti e aí tudo pode acontecer, o coração sai pela boca só falta morrer cara.” (Torcedor de futebol amador 34, 28 anos/ Pesquisa de Campo 2017)

“Gosto de acompanhar mais as partidas finais do Peladão, isso quando minhas amigas estão jogando, venho pro estádio e fico bem apreensiva torcendo para que tudo dê certo, mas tem vezes que não dá. Volto pra casa sem energia parece que eu que estava jogando. Por incrível que pareça isso me faz muito bem, coisa de doido né?” (Torcedora de futebol amador 60, 25 anos/ Pesquisa de Campo 2017)

Como podemos verificar nas elaborações teóricas de Elias e Dunning (1992) e em nossas práticas de campo o ato de torcer enquanto atividade mimética permite aos indivíduos a vivência de fortes emoções, sendo que estas não costumam trazer, a princípio, riscos para os mesmos. A derrota do time do coração é vivida visceralmente com emoções de frustração, tristeza e até de desespero, podendo levar os torcedores do time que perdeu ao choro, ao grito de ódio pela perda. Quando acontece a vitória os torcedores sentem tanta alegria a ponto de soltar gritos de emoção. Sentimentos de empoderamento, de grandeza e de força são experienciados e um grande número chega a chorar de felicidade quando o triunfo era muito esperado e desejado.

Algumas vezes, porém essas emoções compartilhadas podem gerar atos de violência com consequências graves para os torcedores de futebol com grandes repercussões. Infelizmente esses episódios de violência existem e são os estraga prazeres...

4.2 Violência no futebol, o estraga prazeres.

Entendemos e defendemos que o torcer por seu time não é apenas assistir. Apenas em pouquíssimos casos o torcedor se comporta no estádio, num bar, enquanto assiste a uma partida de futebol da mesma forma como quando assiste um filme, uma peça de teatro, ou qualquer outro tipo de espetáculo. De semelhante talvez apenas as palmas.

Não é uma tarefa simples explicar o envolvimento tão visceral dos torcedores com seu time do coração e o que isso pode ocasionar, pois existe uma repercussão social visível e invisível desse comprometimento emocional nas dinâmicas torcedoras.

Toledo (2000) defende que quando dois times de futebol entram em campo, não são apenas alguns jogadores que lutarão desesperadamente durante alguns minutos para tentar passar, o maior número de vezes possível, uma bola por dentro de um de dois retângulos colocados em extremidades opostas do campo. Quem entra em campo são as cores, a tradição, a história, o jeito de ser de um grupo, ou mesmo de uma classe social, representadas através da simbologia das camisas envergadas pelos atletas. Para os torcedores, quem ganha ou perde não são os jogadores (*eles*), mas eles mesmos torcedores (*nós*).

Tamanho envolvimento é fonte de prazer, angústia, e toda sorte de expressões que retratam toda nossa humanidade que a racionalidade científica, muitas vezes, não consegue explicar. E entre elas também a de violência.

A tematização da violência tem implicado em um grande mal estar no imaginário coletivo, dada à indefensabilidade que parece se tornar dominante, repercutindo assim na formação dos laços sociais que se estabelecem a partir dessa realidade. A rotineira veiculação da violência na mídia reforça a vulgarização no tratamento do tema, diminuindo assim as possibilidades de um tratamento mais crítico do fenômeno:

A violência vem ganhando parte significativa na agenda social, em especial nos veículos de comunicação de massa, parecendo assumir o epicentro das preocupações do poder público e do homem contemporâneo. No entanto, merece ser observada por outros ângulos cada vez menos policiaiscos ou midiáticos, para evitar que seja utilizada, apenas, como cenário de “espetáculo” e “banalização” humana (PIMENTA, 2000, p. 122).

É essa criticidade e uma contextualização menos espetacularizada sobre a violência enquanto fenômeno social e sua relação com o universo futebolístico que iremos desenvolver no decorrer desse tópico. Também não temos a pretensão apresentar essa temática apresentando soluções simplistas e parciais recheadas de senso comum. O que pretendemos apresentar é nossa percepção a partir de uma conjugação de teorias e a realidade encontrada por nós em nossas práticas de campo.

É fato que podemos perceber a violência social no cotidiano, tanto física, relacionada à desigualdade estrutural e à miséria social, quanto moral, como preconceitos de toda ordem. Se a delimitarmos para universo esportivo e mais especificamente o futebolístico, a conclusão é que ela encontrou um círculo bastante favorável para se manifestar.

Reis (1998) cita duas categorias fundamentais de violência relacionadas ao futebol, a "afetiva" e "racional". A violência afetiva ou simbólica e aquela em que os indivíduos se manifestam com o intuito de demonstrar seus sentimentos, que em estádios de futebol pode ser observada a partir dos gestos e de algumas canções e hinos cantados por torcedores de futebol. Normalmente é emocionalmente satisfatória e agradável. A violência racional e aquela em que os indivíduos, ou um determinado grupo, tem a intenção, premeditada ou não, de gerar confrontos violentos, sendo que quem a utiliza tem um objetivo a atingir.

A autora explica que os confrontos violentos ocorrem quando há um desequilíbrio entre a violência afetiva e racional, vista que o indivíduo pode perder o controle durante

manifestações do tipo afetiva e desencadear a violência manifesta. Nesse caso temos a transformação de um tipo de violência em outra (de afetiva a racional).

Maurício Murad (2007) assinala que enquanto fenômeno social é muito difícil conceituar e/ou detectar as causas primeiras da violência. Isso se deve ao fato de a violência assumir variações quanto a sua natureza e formas de manifestação na organização de coletividades. Por vezes, a violência toma forma própria de relação pessoal, política, social e cultural; e por outras; resulta de interações sociais; ou ainda por um componente cultural naturalizado.

Apenas para citar os casos mais recentes dessa violência racional, apoiamo-nos no levantamento feito pelo sociólogo Maurício Murad (2007), um dos principais pesquisadores da violência no futebol que descreve que em 2017 os confrontos entre torcidas, ou entre torcedores e a polícia, haviam matado nove pessoas até a semana passada, contagem que agora subiu para 12. Com isso, na metade da temporada o Brasil já está a uma morte de igualar o número registrado no ano passado, quando 13 seres humanos foram assassinados em confrontos ligados ao futebol.

Todas essas mortes tem um rosto e uma história as quais iremos apresentar sucintamente: Mateus Lira da Silva, 19 anos, Torcedor do Sport Recife, e integrante da Torcida Jovem do clube pernambucano por membros da Inferno Coral, organizada do Santa Cruz, em noite de jogou contra o Brasil de Pelotas, pelo Brasileiro da Série B; Davi Rocha Lopes, 26 anos, torcedor do Vasco, levou um tiro no peito durante uma confusão ocorrida nos arredores do Estádio São Januário pouco depois do clássico entre o time vascaíno e o Flamengo pelo Campeonato Brasileiro; Leandro de Paula, idade não revelada, torcia pelo Palmeiras e fazia parte da torcida organizada Mancha Verde, foi assassinado horas depois do clássico entre o clube alviverde e o Corinthians, pelo Campeonato Brasileiro, jogo em que apenas torcedores palmeirenses puderam entrar no Allianz Parque.

Como podemos perceber, a maioria das mortes estão relacionadas às torcidas organizadas, mas isso não significa que essas mortes não ocorram também entre os torcedores comuns.

Na cidade de Manaus os casos de violência entre os torcedores são pouco frequentes, talvez isso esteja relacionado ao fato de que nossos times não participem dos campeonatos nas principais divisões do futebol brasileiro, como já informamos anterior

mente, o clubes de futebol profissional do Amazonas participam há mais de 10 anos da série D do campeonato brasileiro, que é a última divisão do Brasil.

Mas existem ocorrências nesse sentido. No dia 29 de junho de 2015, uma briga generalizada entre torcedores do Vasco e Flamengo terminou com dois torcedores do Clube de Regatas Flamengo e feridos e 34 torcedores do Vasco da Gama detidos no 6º Distrito Integrado de Polícia (DIP), na Zona Norte de Manaus. As vítimas não quiseram registrar boletim de ocorrência e os participantes da briga foram liberados logo depois que o clássico já havia terminado. Os grupos de torcedores estavam a caminho para assistir, pela TV, o jogo que ocorreu em Cuiabá. A confusão foi iniciada antes mesmo de a bola rolar na Arena Pantanal, na capital de Mato Grosso. Por volta das 14h30, os vascaínos, em maior número, se encontraram com os flamenguistas no Terminal de Ônibus (T3), na Zona Norte da Capital Amazonense. O encontro entre esse grupo de torcedores de equipe rivais foi acidental. O confronto teve início 14h30, nada foi premeditado. Ambas torcidas estavam indo ver o jogo, em locais distintos, em telões de bares na zona norte com grandes aglomerações de torcedores, o que é bastante habitual, na referida zona e em todas as zonas urbanas de nossa cidade. Não houve registro de lesões corporais graves resultantes dessa briga e vale ressaltar que dos 34 torcedores detidos, nove eram adolescentes.

Outro caso de brigas entre torcedores de futebol no Amazonas que repercutiu na imprensa local e nacional ocorreu no dia 21 de janeiro de 2015 em jogo válido pelo torneio dos campeões realizado na Arena da Amazônia, em Manaus, entre torcedores de Flamengo e Vasco. O confronto aconteceu no anel que dá acesso à arquibancada do estádio durante o intervalo do jogo. Durante pouco menos de cinco minutos, torcedores do Flamengo e Torcedores do Vasco se enfrentaram com direito a lixeiras voando e morteiros explodindo. Não havia policiamento no local no momento da confusão. Quem não estava envolvido precisou entrar nos banheiros do estádio para se proteger. Alguns torcedores se machucaram e dois torcedores, em um primeiro momento, foram detidos pelos policiais, que só apareceram quando a confusão já tinha começado, e pelo CIOPS - Centro Integrado de Operações e Segurança.



Foto 13- Briga de torcedores no intervalo do jogo Flamengo e Vasco do dia 21.01.2015. Fonte: Site Globo esporte.com/Am.

Podemos verificar que os casos de violência anteriormente mencionados estão diretamente relacionados à enorme preferência dos manauenses pelos times de futebol de outros Estados, sobretudo os do Rio de Janeiro.

Nos estádios de futebol e nos bares onde torcedores se reúnem para assistir as partidas também acontecem ocorrências relacionadas à violência e sobre isso procuramos saber em nossa pesquisa de campo conforme iremos descrever mais adiante, mas elas ocorrem com bem menos frequência do que as que ocorrem nos estádios das regiões onde as rivalidades clubísticas locais são mais viscerais.

Salientamos ainda que nos Estados anteriormente mencionados, os casos de violência são mais frequentes e estão quase sempre relacionados as torcidas organizadas de futebol. No capítulo I de nossa tese, apresentamos uma descrição detalhada dos mais diversos tipos de torcedores e por isso não iremos mais falar sobre torcidas organizadas e todo seu processo de construção social e histórico.

Mas de fato a violência se faz presente no futebol e assim como em outros grupos sociais é causa de enorme preocupação e, lamentavelmente, tem a capacidade de estragar a festa. Como estamos afirmando no transcórre do desenvolvimento de nossa tese, futebol é paixão e a paixão amplifica tudo, altera tudo, desloca a realidade, provoca reações hiperbólicas, para bem e para o mal. O futebol é uma paixão coletiva dos brasileiros, uma verdadeira cultura das multidões, uma festa das massas.

As multidões são vulneráveis à irracionalidade abrindo as portas assim para o exagero, a agressão verbal e física e a todo tipo de violência. Murad (2008) explica que no contexto de aglomerações de grandes grupos, os indivíduos se sentem protegidos pelo anonimato que a multidão lhe confere, por isso acreditam que podem fazer certas coisas que em outras circunstâncias, não fariam. O autor pondera, com certa dose de ironia que o torcedor no meio da multidão sente-se mais forte do que na verdade são, apoiando-se no grupo, sendo um fenômeno essencialmente humano.

Capez (1996) também considera que as formas de violência observadas em estádios de futebol são similares às ocorridas em eventos de multidões em geral. As causas dessas formas de violência são classificadas quanto a número, sugestão, contágio, novidade, anonimato, expansão de emoções reprimidas e imitação. O autor entende as manifestações dos torcedores de futebol, como uma necessidade deles expandirem emoções reprimidas. Capez (1996) assinala que em eventos de multidão, o grande número de pessoas reunidas para o mesmo objetivo, dá aos seus integrantes a sensação de poder e segurança. As ideias se propagam por sugestão e são transmitidas por contágio, sem maiores reflexões acerca das propostas dos membros influentes. Pode-se observar ainda que nem sempre as condutas em grandes grupos são as habituais do indivíduo no seu cotidiano.

Faz-se necessário buscar as causas da violência além dos estádios, mas como já dissemos anteriormente ela encontra correspondência no indivíduo torcedor, sendo, portanto, tributária do contexto social vivido e objetivo, é ressignificada pela dinâmica subjetiva das práticas torcedoras. Com o objetivo de conhecer a realidade sobre as ocorrências de situação de violência vivenciadas pelos torcedores manauenses de futebol nos locais onde assistem as partidas de seu time do coração, perguntamos em nosso questionário de campo sobre isso e encontramos a seguinte realidade:

Você costuma presenciar cenas de violências nos locais onde costuma assistir os jogos de futebol?

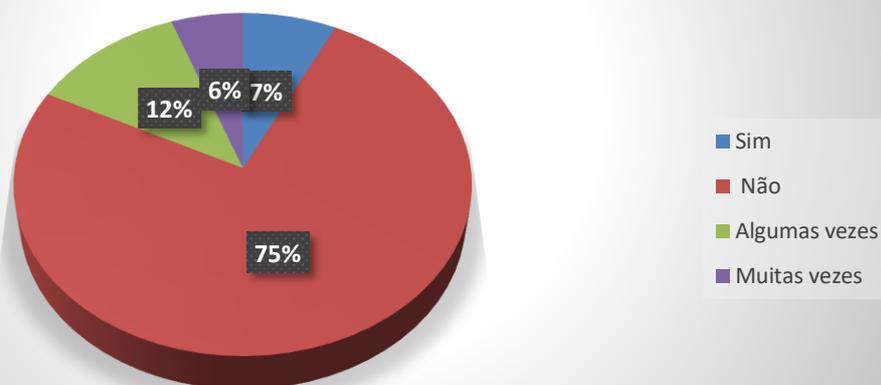


Gráfico 29 – Costuma presenciar cenas de violência no futebol. Torcedores de time de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018

Você costuma presenciar cenas de violência nos locais onde costuma assistir as partidas de futebol?

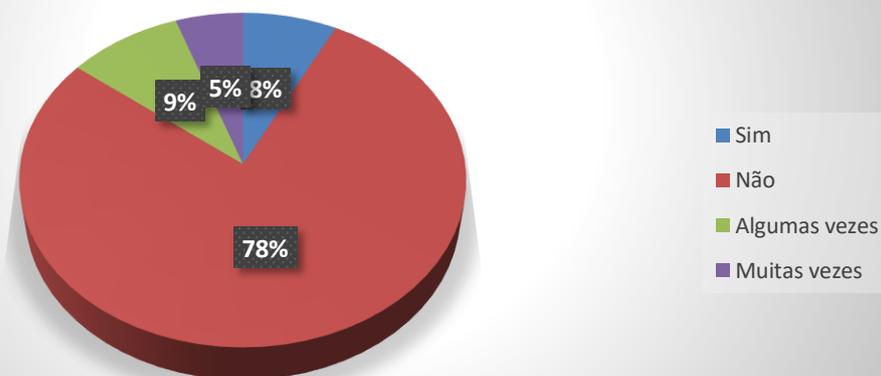


Gráfico 30 – Costuma presenciar cenas de violência no futebol. Torcedores de time de futebol amador. Fonte: pesquisa de campo/ 2017

Conforme os dados de campo apresentados nos gráficos 28 e 29, são pequenos os números de ocorrências de violência entre os torcedores manauenses de futebol, nos estádios e bares onde assistem as partidas de seus times de coração. O que é bastante comum são determinadas formas de violência verbal que algumas vezes ficam muito próximas de um ato de violência física propriamente dita. Conforme podemos perceber nos relatos dos torcedores de futebol profissional 141, 218 e 220:

“Não venho pro estádio pra brigar ou fazer confusão, mas também não vou ouvir calado qualquer idiota falando mal do meu time não. Se falar mal vai ter que ouvir. Já até chamei um babaca torcedor do São Raimundo pra porrada por causa disso. Não mexa com meu filho, minha mulher e meu time, se não a porrada canta.” (torcedor de futebol profissional 141/ Pesquisa de campo 2018)

“Gosto de assistir futebol falando alto e bagunçando com os outros. Se fosse pra ficar calado eu assistia em casa, aqui quero falar alto, não quero nem saber quem se ofende ou não gosta, estou no bar, pago minha cerveja e meu tira-gosto, então não venha me frescar a paciência e dar uma de educadinho aqui não. Se não quer barulho fica em casa.” (torcedor de futebol profissional 218/ Pesquisa de campo 2018)

“Você me pegou em um dia raro, pois estou aqui no Eldorado com meu compadre para assistir o jogo do Flamengo. Não gosto muito não, vim por ele, aqui os caras se alteram fácil e por nada sai confusão, não todos, mas alguns. Sei torcer e bebo pouco, mas quando meu time perde eu fico puto e acabou, passa rápido, não vou fazer confusão nem brigar por causa de futebol, isso é diversão pra mim, não é pra estragar meu dia.” (torcedor de futebol profissional 220/ Pesquisa de campo 2018)

O cenário relacionado com a violência e sua presença em torno dos estádios de futebol e nos mais diversos locais onde os torcedores se reúnem para assistir a partida, tem levado à criação de leis que regulamentam não somente o exercício profissional do futebol, mas também suas respectivas torcidas, aqui no Brasil e em vários outros países pois a violência no futebol não é uma exclusividade de nosso país. Para se ter uma ideia do que estamos e do quanto a violência no futebol se faz presente em outros países, Na França, no dia 15 de julho de 2018, nas comemorações do título do da Copa Mundo de futebol, houve cenas de violência entre os torcedores franceses, saques e depredações de lojas.

Com o objetivo de aumentar o nível segurança nos estádios e diminuir os índices de violência relacionados ao espetáculo futebolístico e aumentar a segurança nos estádios brasileiros, foi elaborado o Estatuto do Torcedor, como conhecida a Lei 10.671/03, sendo sancionada pelo governo do Presidente Lula em 15 de Maio de 2003.

O Estatuto do torcedor passou a considerar crime atos de violência praticados nos estádios de futebol e nos seus arredores, bem como, manipulação dos resultados dos jogos

e venda de ingressos através de cambistas. Com a aprovação da lei, o torcedor envolvido em atos violentos pode chegar a ser punido até com pena de reclusão.

No Estatuto do Torcedor, existe uma espécie de prolongamento do Código de Defesa do Consumidor na área das práticas desportivas, na realização das partidas, e todo o procedimento e logística que tais eventos necessitam. Essa lei procurou atingir toda modalidade de esporte que tenha e seus respectivos torcedores, não sendo exclusiva para os torcedores de futebol, porém na prática verificamos que toda vez que o estatuto é abordado e reivindicado, refere-se ao a prática do futebol e de seu respectivo público.

As principais questões levantadas pelo Estatuto do torcedor segundo Santos (2008) são:

- A acessibilidade às informações indispensáveis para o acesso aos jogos;
- Disponibilidade dos ingressos às partidas, não omitindo a abordagem da questão da meia entrada e seus destinatários;
- Segurança necessária nos estádios;
- Higiene a ser mantida em todas as dependências dos estádios;
- Comercialização de gêneros alimentícios, sendo que aspectos ligados a este, como conservação dos mesmos, será assunto diretamente ligado ao Código de Defesa do Consumidor.
- Assistência média para todos os presentes no evento esportivo em curso;
- a criação da figura do ouvidor pelo mesmo estatuto, incumbido de receber reclamações e sugestões por parte dos torcedores, dirigidas aos organizadores dos eventos;
- Ampla informação e orientação acerca de cada ponto do estádio, além de pontos de atendimento aos torcedores para esclarecimento de qualquer informação de cunho mais trivial (esta última norma sendo obrigatória para estádios com mais de 20 mil assentos);

A lei 10.671/03 inovou ainda por trazer amplos dispositivos tratando da segurança nos estádios, no maior fomento às divisões inferiores e de base de todos os esportes de público, tornando-os mais competitivos, de melhor qualidade e capazes também de atrair um público espectador. Garantiu ainda o cumprimento do princípio da publicidade aos Tribunais de Justiça Desportivas, órgãos, que por determinações de entidades como a FIFA (a organização superior do futebol mundial) acabam por ter um certo distanciamento das demais instâncias da justiça em nosso país.

Infelizmente, apesar do Estatuto do Torcedor trazer uma série de inovações e benefícios para o futebol brasileiro, podendo vir a ser um instrumento bastante eficiente

na diminuição dos casos de violência entre torcedores, verifica-se que sua execução ocorre de forma muito débil. Assim como ocorrem em muitas outras leis importantes para o bom funcionamento de nosso país, é a falta de fiscalização do poder público o principal problema que impede sua plena execução. É inegável, porém que a existência de um Estatuto do Torcedor demonstra o tamanho da relevância do futebol para nosso país e serve pelo menos como um freio para determinadas situações abusivas relacionadas ao espetáculo de futebolístico.

Gostaríamos de finalizar esse tópico enfatizando que apesar de ser inegável e perceptível a existência da violência nas práticas torcedores, assim como em todos os grupos sociais, não são regra, nem talvez mesmo a exceção. São sim momentos onde os instintos mais primitivos do ser humano aparecem. De acordo com Freud (2011) o indivíduo não é naturalmente bom, isto é, o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele possui, entre seus dotes instintuais, um forte poder de agressividade.

Apesar dessas constatações, torna-se incabível reduzir o futebol, um fenômeno da nossa vida cultural, tão rico de possibilidades, às violências eventuais de um pequeno número de torcedores quando comparados a sua totalidade. É verdade que esses pequenos grupos tendem a se multiplicar na ausência da lei, na falta de melhores condições de vida e de oportunidades, no descaso do poder público, à semelhança do que ocorre com quase todos os outros setores em que a violência se manifesta e assusta a sociedade. Galeano (2001) em seu livro *Futebol ao sol e à sombra* também fala sobre esse grupo de torcedores aos quais ele chama de fanáticos:

(...) “O fanático chega ao estádio embrulhado na bandeira do time, a cara pintada com as cores da camisa adorada, cravado de objetos estridentes e contundentes, e no caminho já vem fazendo muito barulho e armando muita confusão. Nunca vem sozinho. Metido numa turma da barra-pesada, centopeia perigosa, o humilhado se torna humilhante e o medroso mete medo. A onipotência do domingo exorciza a vida obediente do resto da semana, a cama sem desejo, o emprego sem vocação. Em estado de epilepsia, olha a partida, mas não vê nada. Seu caso é com a arquibancada. Ali está seu campo de batalha. A simples existência da torcida do outro time constitui uma provocação inadmissível. O Bem não é violento, mas o Mal obriga. O inimigo, sempre culpado, merece que alguém torça o seu pescoço. O fanático não pode se distrair, porque o inimigo espreita por todos os lados. Também está dentro do espectador calado, que a qualquer momento pode chegar a dizer que o rival está jogando corretamente, e então levará o castigo merecido”. (...) (GALEANO, 2010 p.16)

Mas não podemos esquecer que são minorias comparadas aos milhões de torcedores que vão aos estádios, que se reúnem nos bares e na casa de amigos, apenas para torcer, se alegrar e sofrer por seus times de coração. Não dizemos isso para minimizar o problema, mas para situá-lo e contextualiza-lo em seu devido lugar.

As causas e os efeitos da presença da violência no futebol são bastante complexos e não pretendíamos, de forma alguma, esgotar e finalizar uma discussão sobre esse tema tão complexo. O que queríamos era mostrar como o conflito da dualidade de sentimentos da razão e emoção que fazem presentes nas práticas torcedores podendo gerar como consequência a violência, impossíveis de se pré-determinar, num ato que serviria apenas como um conagraçamento entre as pessoas.

A violência é um estraga prazeres podendo realmente atrapalhar a festa, o coito, o gozo. Sobre esse orgasmo coletivo iremos falar no próximo tópico da presente seção.

4.3 Gol, o orgasmo coletivo no futebol.

Ao apresentar as mudanças ocorridas em longo prazo, tanto nas emoções, quanto nas estruturas de controle das pessoas, Elias e Dunning (1992) esclarecem o papel central que as reações emocionais têm no lazer, isto porque elas desempenhariam funções desrotinizadoras, e gerariam uma tensão/ excitação agradável. A excitação que as pessoas procuram no seu lazer é singular, tratando-se em geral de uma excitação agradável. Em se tratando de sociedades industriais mais avançadas, verifica-se uma menor frequência de situações críticas sérias que originam comportamentos de excitação nos indivíduos.

Elias e Dunning (1992) apresentam uma pequena lista de atividades de lazer que pertencem à categoria mimética, tais como a ida ao teatro ou a um concerto, às corridas ou ao cinema, à caça, à pesca, jogar bridge, fazer montanhismo, apostar, dançar ou ver televisão. Mas é o ato de torcer e a evidente manifestação corporal onde ocorre claramente a mimese e a catarse o foco de nosso estudo. Além disso, é a conjugação da mimese e da catarse com a carnavalização defendida por Bakhtin (2008) que iremos demonstrar no presente tópico a partir da sua expressão mais carnavalizada mais visceral: o momento do gol.

Para os torcedores de futebol, é no momento do gol que a catarse pode chegar a um nível de expressão hiperbólico, levando os apaixonados por uma equipe a terem comportamentos que nunca se permitiriam em outros lugares, liberando-se das amarras

sociais vigentes. O ajuntamento de pessoas serve como um facilitador e como máscara social do sujeito que muitas vezes se abriga atrás de um símbolo (seu time), onde o grupo se apropria coletivamente do papel de torcedor esquecendo momentaneamente todas as outras posturas sociais, como pai, filho, marido, trabalhador, empresário, operário.

A partir de Aristóteles, Elias e Dunning (1992) encontraram um conceito bastante sugestivo, o conceito de catarse. Aristóteles formulou a sua interpretação a partir de fatos estudados na fisiologia. A palavra catarse vem do conceito médico ligado ao expulsar de substâncias nocivas do corpo, uma limpeza do corpo por meio de uma purga. Aristóteles propunha em sua tese, num sentido figurado, que a música e a tragédia provocavam algo similar nas pessoas.

O termo mimético, no seu sentido literal é imitativo. É utilizado pelos autores num sentido mais ampliado e figurado. Dessa forma constitui-se em uma característica comum em todas as atividades de lazer classificadas com essa denominação. A excitação mimética, na perspectiva individual e social, é desprovida de perigo e pode ter um efeito catártico de suma importância para aqueles que a vivenciam. Em concordância com Elias e Dunning (1992), Cavichioli (2004) assim explica a categoria mimética:

A categoria mimética não pode ser considerada fantasia, pois faz parte integral da realidade social, sendo o polo oposto da uniformidade das restrições emocionais. Os sentimentos acabam fluindo nesse contexto simbólico, aliviando-se o fardo inerente à vida cotidiana. Na vida cotidiana os seres humanos se esforçam para conter suas emoções decorrentes de procedimentos que foram desenvolvidos durante várias gerações, e isso não é uma atitude “natural”, há realmente um empenho para manter esse controle. Viver em sociedade e conservar esse amplo controle dos sentimentos de acordo com padrões desenvolvidos só é possível se ocorrer a aprendizagem; para se tornar humano, os impulsos primários são colocados sob controle, ajustados a cada situação social construída. A aprendizagem do autodomínio passa a ser uma condição humana universal. (CAVICHIOOLI, 2004, p. 186).

Vale destacar aqui, que as observações sobre o efeito catártico que formas miméticas de lazer proporcionam nas pessoas, e a busca cada vez maior por essas formas de lazer, acentuam o entendimento que as pessoas procuram nas atividades de lazer não o atenuar das tensões, mas sim, uma tensão específica, uma forma de excitação, normalmente evitada na vida cotidiana.

Antes de falarmos especificamente das vivências das emoções catárticas entre os torcedores de futebol, iremos apresentar brevemente algumas definições epistemológicas acerca das mesmas e seus desdobramentos fisiológicos e corporais.

Rezende (2010) assinala que as emoções básicas do ser humano são a raiva, o medo, a tristeza, a alegria e o afeto. Diante de um estímulo, o nosso corpo reage de acordo com a circunstância e intensidade, desencadeando uma das cinco emoções básicas. Desde a detonação da carga emocional até seu efeito corporal, podemos identificar três momentos da emoção, sendo eles o sentir, o expressar verbal e o atuar corporal.

Rezende (2010) defende que no primeiro momento ocorre o sentir que é um processo intrapsíquico. Todo ser humano vem programado para sentir as cinco emoções básicas. É biologicamente natural e normal que tanto os homens quanto as mulheres sintam em diferentes momentos de sua vida essas emoções.

No segundo momento ocorre o expressar verbal. É a tentativa de traduzir a emoção em palavras. É uma característica que somente os seres humanos possuem. É a possibilidade de tradução dos sentimentos através do processo verbal, é o grande diferencial do homem para os animais. Partindo do pressuposto de que as palavras são símbolos mentais, a expressão verbal é algo excepcional que pode determinar diversos estados de espírito. Existem as palavras que alegram e as que entristecem, algumas fomentam o medo, a raiva, o rancor. Algumas palavras servem para aclamar, outras para apupar. Ocasionalmente certas palavras trazem dúvidas ou esperança, outras negam e outras afirmam determinados sentimentos. Toda palavra traz em si um universo substancialmente simbólico representando o fio de ouro do pensamento, das crenças dos sentimentos.

O momento final da emoção para Rezende (2010) é o atuar corporal. É a maneira como a emoção sentida ou verbalizada se exprime através da linguagem do corpo. A energia produzida pela descarga emocional se espalha por todo o corpo, atingindo todos os sistemas, e ao alcançar o sistema muscular produz movimentos diversos dependendo do tipo de emoção desencadeada. Se for uma emoção de raiva, esta induz movimentos intensos de ataque ou defesa, aumentando o recrutamento de fibras musculares e conseqüentemente da força corporal para superar aquilo que ocasionou esse tipo de emoção. Essa espécie de resposta é considerada pelo autor um tipo de força vital fundamental na preservação da espécie humana. As facetas da raiva se manifestam de diversas formas no homem tornando-o agressivo, crítico, irado, histérico, invejoso,

rabugento, decepcionado, chocado, exasperado, frustrado, arrogante, ciumento, hostil, vingativo, sentido, indignado, entre outras formas que estão presentes na idiosincrasia humana.

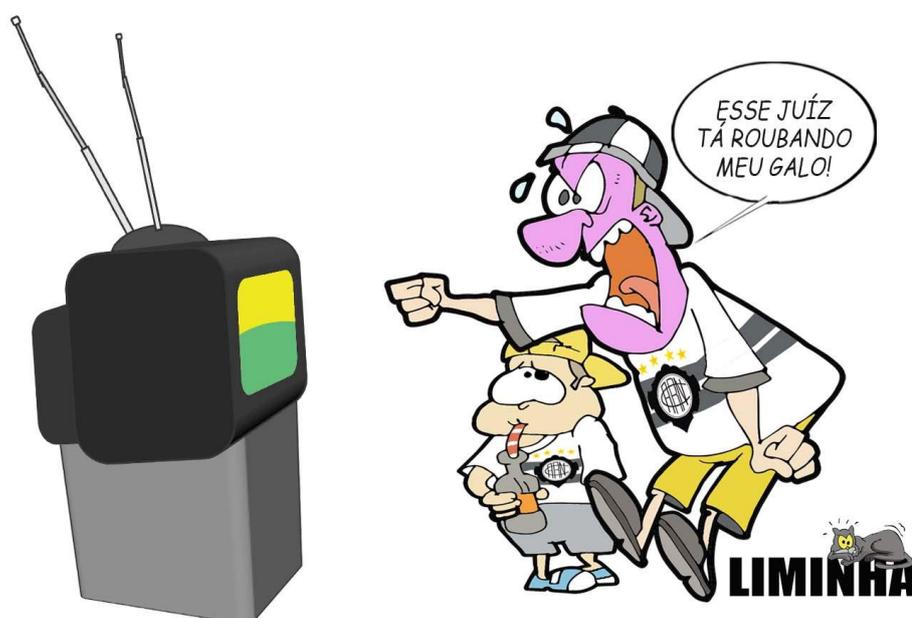


Figura 3 – Torcedor do Rio Negro enfurecido – charge Liminha/ 2018

Outra emoção que se faz presente frequentemente nos indivíduos e que é vivenciado veladamente é o medo. Admitir esse tipo de sentimento publicamente é quase como assumir-se fraco, mesmo sabendo que é uma emoção que todos sentem. A grande ironia é que apesar da luta diária para se livrar dessa emoção, é exatamente ela que nos protege de ultrapassarmos os limites perigosos para nossa existência nos conduzindo a prudência, ao bom senso e a cautela. Algumas das manifestações do medo é o pavor, a desconfiança, a incredulidade, a vergonha, a culpa, a prudência, a indecisão, o constrangimento, a ansiedade e muitas outras manifestações.

Na contramão das intensidades das manifestações corporais ocasionadas pelas emoções, está a tristeza que na maioria das vezes leva a cessão dos movimentos. Queremos ressaltar aqui que a tristeza não é depressão. Os limites entre depressão e tristeza ainda não são muito claros. Bowlby (1985) explica que a tristeza é uma reação natural e saudável do cérebro em situações de estresse: perda de um ente querido, perda

do emprego, perda do amor, doença, frustração ou quando seu time do coração perde o jogo. O autor afirma que a tristeza geralmente tem uma causa determinada. O sujeito sabe por que se encontra triste, sabe exatamente qual é a causa da sua dor. Removendo-se a causa, a tristeza vai embora. A depressão também gera tristeza. A tristeza do deprimido, por outro lado, manifesta-se difusa. Não tem uma causa certa. É de longa duração, geralmente passa dos seis meses e as crises evoluem algumas vezes por anos, sem tratamento por vezes dura muito tempo (BOWLBY, 1985).

Malta 2014 defende que a tristeza pode até ser criativa quando não paralisa e encontra sentido, pode se transformar num motor para a realização do ser e de projetos pessoais mais diversos. A angústia resultante da tristeza pode gerar arte, música, literatura, espiritualidade, produção etc. Para o autor:

“A angústia possibilita a movimentação do Ser em busca de um sentido, não estamos nos referindo à angústia paralisante presente em muitos quadros clínicos de depressão, e sim à angústia provocativa, a que incomoda o Ser. A que faz o ser se dirigir ao seu modo mais autêntico de existir. A sensação de vazio impulsiona a procura por significações. Para despertar essa peregrinação é necessária a angústia, mas para senti-la não é necessário se enveredar pelos caminhos de busca de sentido.” (MALTA, 2014, p. 179).

Dessa forma, apesar de inicialmente a tristeza causar essa imobilidade ela pode ser extremamente saudável e uma ponte para a renovação de objetivos e metas e do autodescobrimento de potencialidades e possibilidades. Outro aspecto importante que queremos salientar é que as expressões corporais demonstradas na tristeza são menos evidentes do que as demais emoções. Alguns traços que podem evidenciar sua presença é a postura curvada, o semblante fechado, o caminhar lento, o choro, as mãos no rosto, o franzir da testa e etc.



Figura 4 – Torcedor do Nacional entristecido – charge Liminha / 2018

A alegria é a emoção mais estimada por todos e possui propriedades que tem a capacidade de se expandir para todos os seguimentos da vida do homem. Pedreira (1997) assinala que os efeitos da alegria são impulsos fortalecedores da energia biológica geral do ser humano e por seu efeito contagiante proporciona a aproximação física, expressando-se corporalmente em sorrisos, toques, abraços, afagos e beijos.

Já a emoção do afeto está presente nos estados amorosos em suas diversas formas, podendo ser o amor maternal, paternal, filial, fraternal romântico e no caso específico de nosso estudo, o amor por uma equipe de futebol. O afeto expande a alma engrandecendo-a, correlaciona-se ao prazer, sexo e ao amor, induzindo-nos a uma aproximação física tão grande que permite ou traz proteção e reprodução. (PEDREIRA, 1997).

Wagner (1998) apresenta uma definição conceitual acerca das emoções que se aproxima bastante das construções teóricas apresentadas até o momento. Para o autor a emoção é considerada um estado mental de prontidão, que se inicia a partir de avaliações cognitivas e é acompanhada por processos fisiológicos e, normalmente, também é expressa fisicamente. O diferencial desse construto teórico é que as emoções devem ser interpretadas dentro do campo das representações sociais. O autor defende que primeiramente as emoções devem ser consideradas como um conhecimento elaborado e partilhado socialmente dentro de uma realidade comum. Wagner (1998) assinala ainda que o sentir emocional envolve aspectos cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico e é produto e processos de uma atividade mental onde se reconstrói o real e se atribui uma significação particular.

A relevância das emoções nas representações sociais é também destacada por Moscovici (2000) quando ele afirma que todas as nossas experiências afetivas expressas em condutas, respostas corporais e verbais são consequência não de uma excitação exterior, mas sim da representação que construímos dela. Além disso, as emoções são indispensáveis para mobilizar as pessoas, para criar vínculos e representar o futuro.

Damásio (2004) analisa as emoções a partir de uma categorização tipológica dividida em três grupos: emoções de fundo, primárias e sociais. As emoções de fundo são aquelas em que o sujeito tem a capacidade de decodificá-las rapidamente em diferentes contextos, sendo elas agradáveis ou desagradáveis. As emoções primárias ou universais são facilmente identificáveis entre seres de uma mesma espécie, como, por exemplo, raiva, tristeza, medo, zanga, nojo, surpresa, felicidade. E por fim as emoções sociais ou secundárias que, de acordo com o autor, são influenciadas pela sociedade e cultura, como a vergonha, o ciúme, a culpa, compaixão, embaraço, simpatia e orgulho.

Lazarus (1991) defende que cada emoção possui seu próprio padrão de mudança psicológica, mesmo nas condições mais herméticas. Para ele o que as pessoas afirmam sobre suas emoções quando sentem orgulho, raiva, tristeza, inveja, ansiedade, estão descrevendo na verdade são as condições em que estas emoções surgem (ambiente) e quando relacionam objetos e crenças particulares às suas reações. O autor faz a seguinte classificação das emoções:

* Emoções resultantes de danos, perdas e ameaças: incluem a raiva, a ansiedade, o medo, a culpa, a vergonha, a tristeza, o ciúme, o desgosto e a inveja. São emoções negativas porque o seu processo de surgimento foi baseado na contrariedade.

* Emoções resultantes dos benefícios, definidas, por exemplo, como a conquista de um determinado objetivo ou um movimento racional subjetivo em direção a ele, que incluem: a felicidade, a alegria, o orgulho, a gratidão e o amor. Tais emoções são consideradas positivas.

* Casos incertos, como a esperança, a satisfação, o alívio, a compaixão e emoções estéticas.

* Não emoções, que se dividem em várias subcategorias: complexos estados de depressão e aflição; estados positivos ambíguos como expansividade, desafio, confiança e determinação; estados negativos ambíguos como frustração, desapontamento, e insignificância; confusão mental; excitação contida, nervosismo, ansiedade, tensão,

agitação ou transtorno; pré-emoções como o interesse, a curiosidade, a antecipação, a prontidão e a surpresa.

Já Harris (1996) diferencia as emoções entre simples e complexas pelo fato de existir uma expressão facial reconhecível ou não. As emoções de raiva, medo, tristeza e alegria teriam expressões faciais mais facilmente reconhecíveis, sendo consideradas emoções simples. Segundo o autor as emoções complexas não teriam uma figura facial ou expressões comportamentais tão óbvias como vergonha, orgulho e culpa. Ainda segundo Harris (1996), tanto emoções simples como emoções complexas podem ser positivas, negativas ou mistas. As emoções positivas seriam oriundas de situações agradáveis; as negativas oriundas de situações desagradáveis. Com o passar do tempo, a criança aprende que determinadas situações de sua vida podem provocar o surgimento de emoções positivas e negativas ao mesmo tempo. Esta diversidade de emoções que abrange sentimentos de ambivalência relacionados a uma única situação é chamada de emoções mistas.

As construções teóricas acerca das emoções e suas formas de expressões desenvolvidas no presente tópico, podem ser verificadas facilmente em nossa própria experiência individual, assim como também nos diversos grupos sociais e nos microuniversos existentes. Elas também estão presentes no futebol e nas práticas torcedores.

É de fácil comprovação que o mundo do futebol possibilita a vivência das emoções para seus torcedores e todos os envolvidos sendo eles os jogadores, árbitros, dirigentes, por sua característica de jogo, de prática de lazer e por suas propriedades catárticas. É perceptível igualmente que durante uma partida de futebol as emoções se fazem presente de forma ampliadas e agudas, sejam elas a raiva, o medo, a tristeza, a alegria e o afeto.

Mas afinal de contas o que nos faz defender o ato de torcer como uma expressão carnavalizada extremamente importante na vida dos manauenses mesmo sabendo que universo futebolístico não é composto apenas pelas emoções de gozo e de alegria?

Essas indagações nortearam sempre o desenvolvimento dessa tese, em especial naqueles momentos em que o time do coração daquele que a escrevia perdia. Vale lembrar também que a parte final da presente tese foi escrita no ano de 2018 no qual foi realizada a copa do mundo de futebol na Rússia e nossa seleção brasileira acabou sendo eliminada pela seleção da Bélgica perdendo por 2 a 1, o que causou uma tristeza muito grande para os brasileiros.

Mas existem paixões que são somente alegres? Não é exatamente a possibilidade da tristeza e frustração que faz das paixões algo tão visceral à espera da alegria e do gozo? É essa a nossa defesa e crença e sobre isso nos ajuda Bento (2013):

O que é que nos dá a paixão? Podemos viver sem paixões? Devem ou não ser cultivadas, mesmo correndo o risco de passarem, de vez em quando, a fronteira dos instintos? É concebível um modelo de vida e de pessoa fria, esquemática, programada sem o calor das paixões? O que se ganharia e perderia com isso? O que seríamos se abafássemos completamente o bicho medular que nos constitui? Para que serviria então o “processo civilizatório”, eloquentemente ilustrado no desporto por Norbert Elias e os seus colaboradores e seguidores? Como seriam as segundas-feiras sem o futebol dos fins de semana? Quem lucraria com isso, a não ser as clínicas privadas de psiquiatria? (JORGE BENTO, 2013. Pag. 23).

O processo dinâmico de polarizações emocionais catárticas e as paixões que ele carrega, é o que faz do futebol uma prática de lazer tão atrativa para milhares de brasileiros. Foram essas características que nos possibilitaram uma conjugação com o processo de carnavalização de Bakhtin (2008), por verificarmos claramente um momento limiar de suspensão da vida rotineira e dos mais diversos elementos carnavalizantes. Nesse contexto, o ápice desse momento é a hora do gol onde desaparecem momentaneamente em milhões de pessoas ao redor do mundo as amarras do autocontrole emocional e de suas expressões. Mas mesmo antes desse momento a carnavalização catártica se expressa e se faz presente e nos tira dos trilhos comuns de nossa vida nos dando outras possibilidades de existência.

Acreditamos que todos aqueles que já iniciaram a sua vida sexual devem saber que o prazer do sexo não se encontra apenas no orgasmo e no epílogo da relação. Existem demandas de prazer no antes, no durante e no depois principalmente pela tensão agradável gerada em todos esses momentos. Essa analogia enquadra-se perfeitamente em uma partida de futebol. Elias e Dunning (1992) argumentam que uma partida de futebol gera tensão a partir das polaridades globais de ataque e defesa dos times envolvidos na disputa. Para os autores existem ainda as polaridades de cooperação e de tensão, além disso, há a polaridade entre identificação afetiva e rivalidade hostil com os oponentes. Entre o prazer da agressão e a limitação imposta por tal prazer e, por fim, a polaridade entre a flexibilidade e a rigidez das regras.

Toda essa dinâmica do jogo de futebol associada a uma elevada paixão transforma o momento do gol em um orgasmo coletivo dos torcedores, uma explosão de alegria e de

prazer, repleta de manifestações físicas carnavalizadas. Enfatizamos que assim como ocorre em algumas relações sexuais, nem todas partidas de futebol tem o poder de produzir essas emoções catárticas e esse sobe e desce emocional nos torcedores. Muitos são os fatores que corroboram nesse sentido. Algumas vezes o seu time de coração está em uma posição na tabela de classificação onde não poderá ser campeão nem rebaixado essa partida é próxima do fim da competição. Outro motivo que pode ocasionar um marasmo emocional durante a duração da partida é o fato sua equipe não está participando de nenhuma competição relevante nacionalmente, entre outros motivos.



Figura 5 – Torcedor do Manaus comemorando um gol – charge Liminha / 2018

Uma observação importante que queremos fazer e que também tem uma analogia nas relações sexuais, principalmente para as mulheres, é que quanto mais demorado for o momento do gol, mais prazer ele proporciona. Um gol acontecido aos 45 minutos do segundo tempo causa muito mais emoção e expressões corporais do que os que ocorrem no início ou no meio da partida.

Verificamos em nossas vivências de campo que de uma maneira geral as pessoas expressam as suas emoções durante uma partida de futebol principalmente através de demonstrações faciais e da postura das mãos. Essas formas de comportamentos livres e não verbais acontecem no decorrer de praticamente todo jogo sempre de acordo com os momentos emocionais que esse desporto proporciona. Com a intenção de sabermos se o

torcedor manauense de futebol também experimenta essa liberdade comportamental assistindo futebol, perguntamos em nosso questionário de campo se durante uma partida de futebol ele se sente livre para se expressar da forma que deseja sem se importar com as outras pessoas vão dizer, e obtivemos as seguintes respostas:

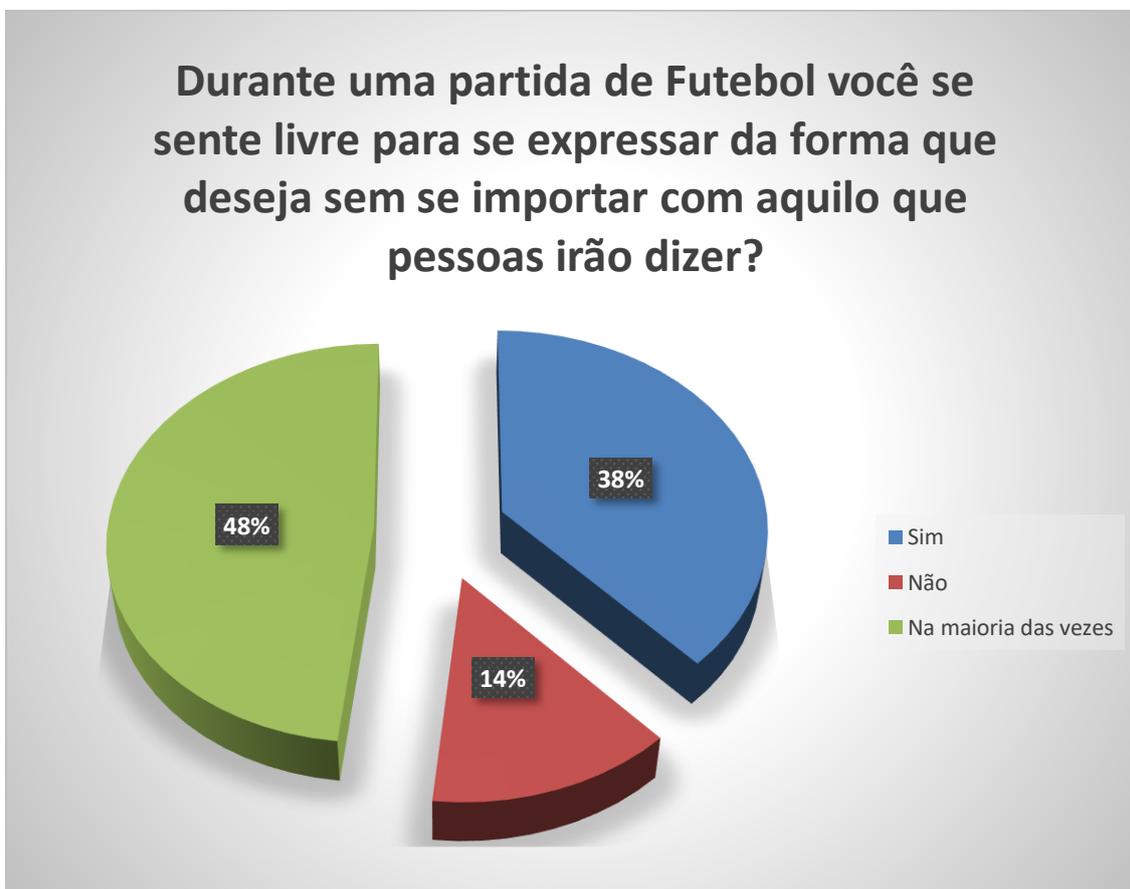


Gráfico 31 –Durante uma partida de futebol você se sente livre para se expressar. Torcedores de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018

Durante uma partida de futebol você se sente livre para se expressar da forma que deseja sem se importa com aquilo que as pessoas irão dizer?

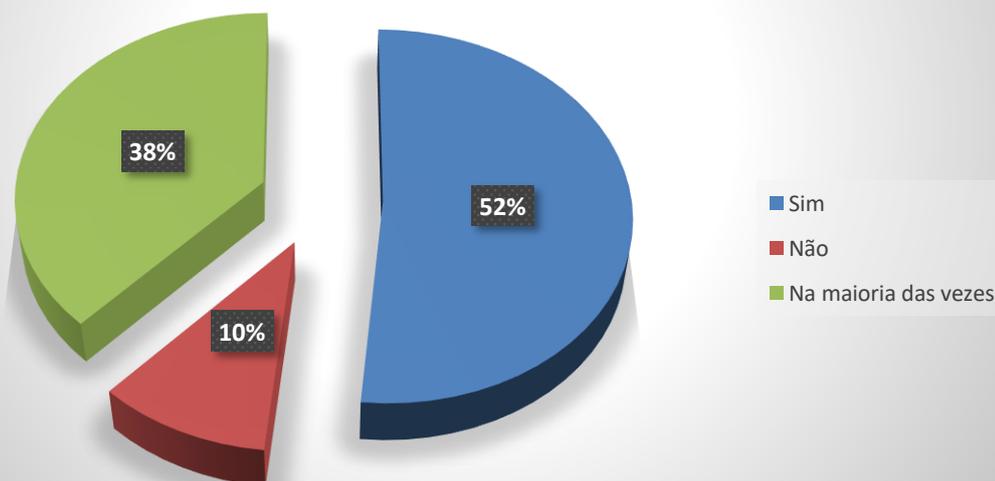


Gráfico 32 –Durante uma partida de futebol você se sente livre para se expressar. Torcedores do Peladão profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2017

A sensação de liberdade de expressão é compartilhada pela grande maioria dos torcedores pesquisados, sejam eles de futebol profissional ou amador, conforme podemos retratar nos extratos das falas dos torcedores de futebol profissional 161 e 11:

“É claro que eu me sinto livre pra me expressar e dizer o que quiser, não estou nem aí se alguém fala algo pra mim eu mando logo se f..., aqui não é a igreja não, chega de hipocrisia. Não dá pra assistir uma partida de futebol sentadinho sem falar nada, a graça está em poder falar um monte de merda, ninguém leva á sério, só os idiotas mesmo. kkkk” (Torcedor 161, 37 anos. /Pesquisa de campo 2018).

“Bicho futebol sem palavrão e sem cerveja não existe. Por isso eu venho pro estádio, aqui ninguém pode me censurar, se fizer isso é porque é veadinho cheio de frescura. Eu não ofendo ninguém, mas sem nem aqui eu poder tocar o foda-se, então eu estou lascado mesmo.kkkk”. (Torcedor 11, 29 anos. / Pesquisa de campo 2018).

Agora no momento do gol, esses comportamentos, que já não eram nada convencionais se elevam a sua potência máxima de liberdade e diferenciação daqueles comportamentos rotineiros da vida. No gol ocorre o ápice da liminaridade momentânea

dos torcedores de futebol, e isso também ocorre entre os manauenses conforme podemos captar em nossa pesquisa de campo:

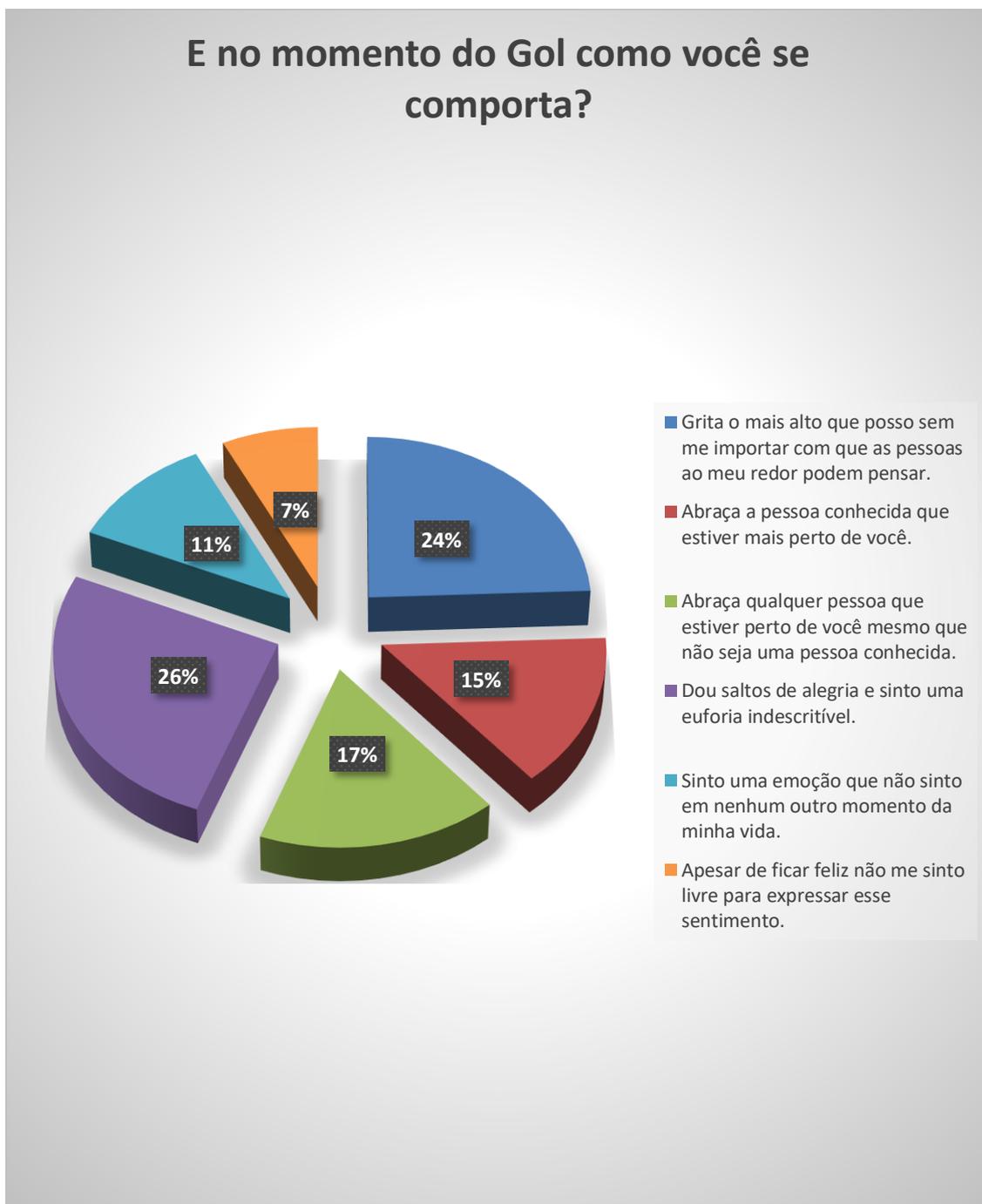


Gráfico 33 – No momento do gol como se comporta?. Torcedores de futebol profissional. Fonte: pesquisa de campo/ 2018

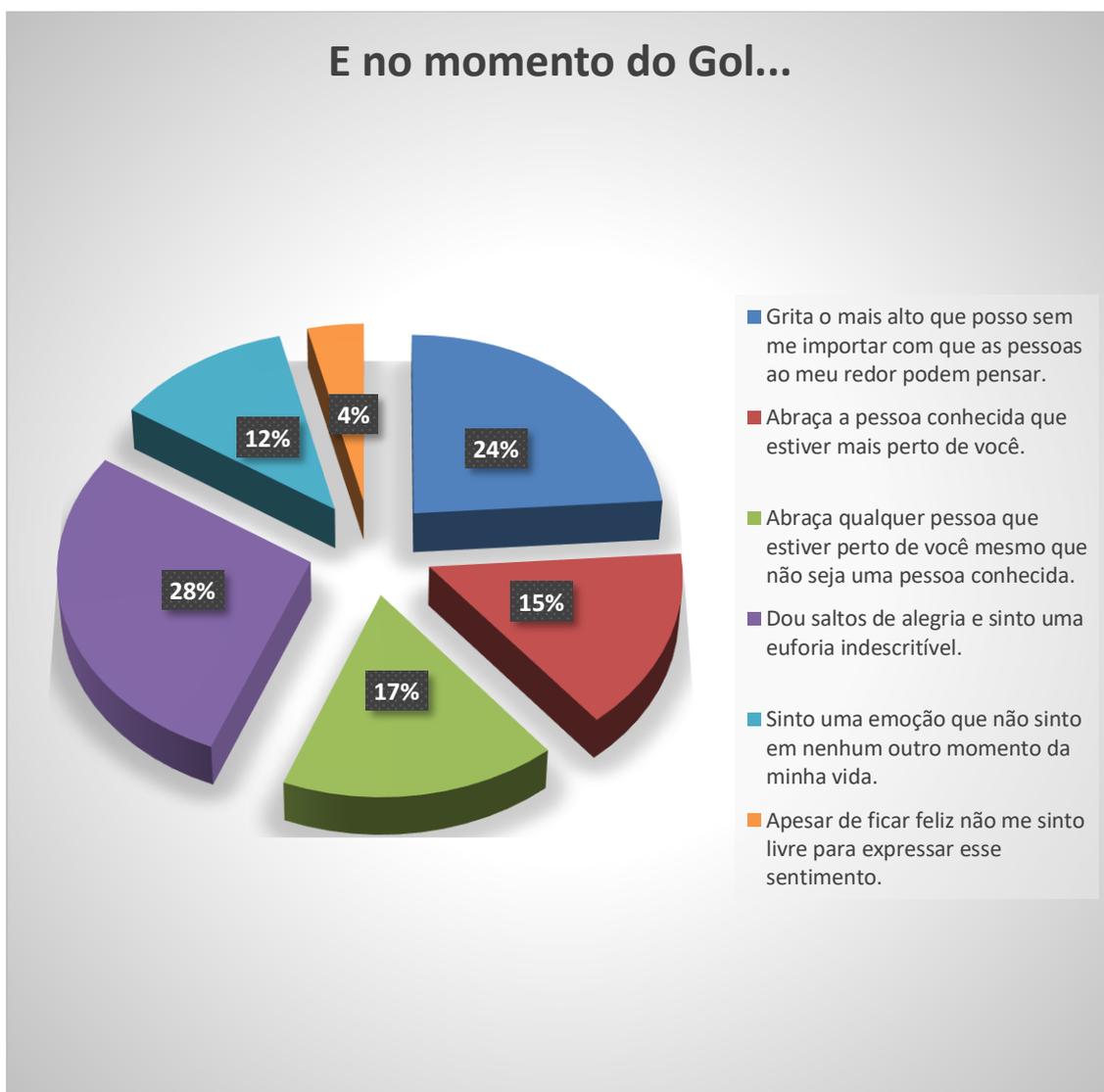


Gráfico 34 – No momento do gol como se comporta? Torcedores de futebol amador. Fonte: pesquisa de campo/ 2017

Essas expressões corporais extremamente efusivas ficam bastante evidentes nas falas dos torcedores de futebol profissional 51, 58 e 153:

“Rapaz na hora do gol nem sei te dizer o que sinto e o que faço, acho que eu fico é doido de tanta felicidade. Grito muito, pulo como criança, sei lá nem sei o que faço, só sei dizer que é uma coisa boa demais, quero morrer assim, na hora de um gol do Flamengo, e ainda se for em cima do Vasco. Kkk..” (Torcedor 51, 54 anos. /Pesquisa de Campo 2018).

“Caralho, a hora do gol é bom demais, eu fico maluco, grito, chamo um monte de palavrão, abraço meus parceiros botafoguenses, fico pulando e ainda cometo o crime de jogar minha cerveja pro alto. Mas isso não importa, eu compro outro. Tenho que aproveitar esses momentos que são tão raros atualmente do meu

fogão.” (Torcedor 58, 40 anos. /Pesquisa de campo 2018).

“Velho, eu sou um cara meio calado e tímido, mas não na hora do gol. Aí me transformo, grito, pulo, tenho coragem pra abraçar meus amigos e não tenho vergonha de nada, é muito bacana. Minha mãe diz que nem me reconhece quando estou vendo futebol, porque eu mudo demais, só assim consigo não ter vergonha de agir como eu quero. E dá-lhe mengão. Rrsrs.”(Torcedor 153, 19 anos./Pesquisa de campo 2018)

O ato de torcer se apresenta como uma atividade que envolve comportamentos, expressões faciais e gestuais, além de abranger uma simbologia associada à uma festa ritualística e espiritualista, constituindo-se, assim, como um espetáculo capaz de recrutar uma diversidade de emoções e de forma especial no momento do gol. Em nossas práticas de campo enquanto assistíamos às partidas de futebol junto a um grupo de torcedores, facilmente observávamos essa realidade festiva vivenciada através das polarizações de tensões, que juntamente com o forte engajamento emocional característico do pertencimento clubístico, tornava favorável a verbalização dos seus sentimentos através de cantos, gritos, choros e até de orações.

A ligação afetiva entre o time e o torcedor e a liberdade de se expressar emocionalmente de forma coletiva, acontece quando as representações sociais dos torcedores se agrupam. Esses valores e percepções comuns foram construídos e incorporados pelos sujeitos ao longo da sua própria existência e se constitui como um importante elemento identitário, socializante e festivo na vida dos mesmos. Nos momentos em que os torcedores se juntam para assistir aos jogos de futebol, quer seja no interior dos estádios ou em qualquer outro ambiente, há uma única representação social que se sobrepõe a qualquer outra, independente da classe social ou econômica. Ocorre uma convergência dos interesses do grupo, estes sujeitos se reúnem com a mesma paixão na esperança de ver seu time sair vencedor.

Mesmo diante de uma grande reunião de torcedores que pode ser em um estádio, em bares ou em qualquer outro ambiente propício para se assistir a uma partida de futebol, existe um reconhecimento no outro, um processo de identificação com o outro. O ato de torcer nesse caso serve como estimulação social, enquanto fonte fundamental da atividade de mimese catártica e, por consequência, do prazer. A estimulação agradável deste gênero, que se percebe por estar reunido com outros que fazem parte da mesma

comunidade, de fato ou por meio da própria imaginação, é um dos elementos mais comuns da satisfação nas atividades de lazer.

Para os torcedores o futebol é um jogo fascinante que tem a capacidade de subverter e expandir a lógica dos comportamentos comuns e rotineiros. O esporte mais popular do mundo possui propriedades simbólicas que nos auxilia no trato de uma diversidade de emoções e sentimentos que muitas vezes são negligenciados no cotidiano rotineiro. Por isso e para além das percepções superficiais o futebol é uma fonte acessível de prazer para milhares de manauenses.

Uma partida de futebol é mais que um simples jogo, são 22 pessoas tentando mostrar que a arte existe, imaginação, sonho e desejo podem se concretizar. Milhares de torcedores unem-se em torno de um time, diferentes ficam iguais. Todos têm a liberdade de se expressar da forma que não fariam normalmente em suas vidas, isso é o espírito e a beleza carnavalizante do ato de torcer. Nos 90 minutos de bola rolando céu e o inferno encontram-se em uma linha tênue, onde a vitória e a derrota podem ser definidas em um chute, um drible, um descontrole, uma malandragem, ou em um simples apito. A terapia e a festa dos torcedores é torcer, pular, gritar, abraçar, bater palmas, vaiar e até xingar a mãe do arbitro. É o carnaval e a festa que não precisa esperar fevereiro, mas que acontece a cada quarta-feira e domingo.

O futebol para os torcedores é isso, um pouco de tudo, como a vida, onde cada um quer vencer a sua batalha diária, com muita arte, imaginação, festa e sentimento. E de preferência tomando cerveja!

Algumas considerações de uma “segunda-feira de cinzas” após o jogo.

Todos os grupos sociais possuem suas especificidades no que se refere a valores, normas comportamentais, identidades, representações toda a base imaterial a qual chamamos de cultura estabelecida sobre uma determinada estrutura. Essas abstrações dão suporte a tudo aquilo que fazem a sociedade funcionar em conformidade com as idiossincrasias culturais de cada grupo.

A estrutura social existe e pode ser observada concretamente e é facilitadora para compreensão dos mecanismos de seus elementos constituintes. A estrutura consiste, em termos práticos, em um modelo de funcionamento auto impositivo da sociedade de onde emergem as diretrizes que a organizam. É manifesto que não seria possível a coexistência de uma diversidade tão grande de indivíduos sem normas e leis para orientar e limitar os comportamentos e estabelecer valores universais que atingissem toda essa infinidade de pessoas. O que se verifica, portanto, é que na vida todos nós sofremos vários tipos de coerção e está se faz presente de forma permanente. Por mais que queiramos uma liberdade e uma espontaneidade do agir e do expressar, sabemos que a vida do homem é sempre limitada e constrangida por princípios que orientam a vivência coletiva.

Em todos os tempos existem possibilidades, mesmo que de forma provisória, do homem agir por si, diferente do que é estabelecido pela estrutura, construindo a realidade com liberdade dissociando o significante do significado. Sobre uma dessas possibilidades é que se tratou a presente tese, sobre a carnavalização no âmbito das práticas torcedores dos manauenses e as suas possibilidades de festa e ressignificação temporária das realidades sociais.

O homem, dentro de seus atributos de ser cultural, elaborou de forma libertária inúmeras possibilidades de manifestações carnavalizadas, sendo o carnaval a mais magnificente de todas. Mas como já demonstramos no transcorrer de nossa proposição de tese, além do carnaval, outros modos de carnavalização da realidade social vêm sendo progressivamente adotados como legítimos momentos de congregação e liberação social simultâneas. Dessa maneira é que ao longo deste trabalho apresentamos o ato de torcer como uma forma de carnavalização da realidade de significativa importância para uma parcela expressiva dos manauenses.

Em nossas práticas de campo e na elaboração de nossa asserção, tivemos como suporte várias construções conceituais que apresentavam fenômenos que tinham como

pontos convergentes a capacidade de promover a descontinuidade da vida oficial e viabilidade provisória de uma vida não oficial. Ressaltamos isso porque o principal objetivo de nossa tese foi demonstrar a presença da carnavalização entre os torcedores manauenses e uma das características principais desse fenômeno é a interrupção dos elementos ordinários da existência.

Uma dessas abstrações que nos ajudaram a evidenciar nossa tese foi a concepção do futebol como um jogo que transcende as necessidades imediatas da vida e confere sentido a ação. Verificamos em nossas práticas de campo que uma partida de futebol para os apaixonados torcedores tem a capacidade de fazer com que os problemas e as preocupações do cotidiano se interrompam até o fim do jogo, ou até bem mais que isso dependendo do resultado da peleja.

Muito embora as teorias sobre o jogo tenham sido elaboradas tendo como elemento principal o jogador que realiza a ação de determinado jogo, entendemos que o torcedor de futebol, apesar de não realizar as ações técnicas relacionadas ao jogo, é parte integrante quando se insere no universo futebolístico e se deixa absorver inteiramente por sua paixão. É nessa fascinação e intensidade que reside a essência e a característica principal do universo lúdico do jogo, no qual o torcedor torna-se mais do que um ser racional, tornando-se também um ser irracional, pois apresenta comportamentos e atitudes que normalmente não costuma apresentar, ultrapassando as esferas lógicas e de congruências. Este universo lúdico habita um campo imaterial, pois reconhecer o jogo é reconhecer o espírito que ultrapassa os limites da realidade física.

Dentre os fenômenos que demonstraram a carnavalização dos torcedores manauenses, destacamos suas condutas ritualísticas constatadas em nossas vivências de campo. Além disso verificamos que essa perspectiva tem a capacidade de remeter seus apaixonados para uma esfera religiosa, e ao mesmo tempo recreativa e lúdica, fazendo com os aficionados por um time abandonem o mundo real transcendendo-se a um outro no qual suas superstições se alargam.

As perspectivas acerca do lazer também encontraram uma conjugação factual em nosso trabalho de campo e foram também fundamentais na visualização da presença do espírito carnalizante nos contextos dos torcedores barés. A partir das respostas dos questionários e de nossas observações de campo, podemos perceber que o efeito catártico das formas miméticas apresentadas pelos autores está presente no ato de torcer e não consistem apenas em um atenuar das tensões, sua motivação é a procura de uma tensão

específica, uma forma de excitação geralmente evitada em outras esferas, mas que pode ser experienciadas em uma partida de futebol. Para os torcedores barés e muito provavelmente para todos torcedores do planeta, a agradável excitação desencadeada pelo confronto percebido em um jogo, satisfaz uma necessidade básica inerente ao indivíduo, seja ele um torcedor ou não. O ato de torcer pode significar um antídoto contra a carência dessas vivências e isso foi evidenciado na fala de muitos torcedores em nossas práticas de campo. Essa escassez de vivências catárticas pode impossibilitar o alívio do “stress” provocado pelas tensões que podem surgir se as operações de controle lutarem, temporária ou permanentemente, contra os impulsos, e os impulsos contra os controles.

Uma vez que o propósito principal de nossa tese doutoral consistiu na demonstração da presença da carnavalização no ato de torcer por equipe de futebol nos momentos relacionados a uma partida, salientamos que esse fenômeno foi significativamente comprovado. Já tínhamos observado em nosso estudo de mestrado de 2013 que os torcedores manauenses se comportavam de forma bastante jocosa quando assistiam aos jogos do seu time de coração e essas observações foram fundamentais na construção e desenvolvimento de nossa tese. Sem que muitos percebam, esse período relacionado ao jogo, é um momento no qual as regras sociais vigentes na vida diária são temporariamente interrompidas, neutralizadas ou invertidas. Configurando-se um período de contraversão de valores ordinários; momento onde quase tudo é permitido; esquecimento provisório das regras; descaso sobre a estrutura, etiqueta, etc. O ato de torcer constitui-se em uma conduta libertária e extravagante, tornando-se em um salutar escoamento emocional. O domínio das práticas torcedoras possui propriedades de um mundo às avessas com o potencial para abolir os abismos sociais que separam os seres humanos para substituí-los por uma atitude carnavalesca especial: um contato livre e familiar entre os homens. Torcendo a vida oficial dá lugar a vida não oficial.

Os resultados de nossa pesquisa demonstraram que a carnavalização seja ela de forma ampla ou parcial, se faz presente no ato de torcer por equipe de futebol profissional ou amador, caracterizando-se principalmente pela tendência ao relaxamento das formalidades e tensões que presidem o relacionamento social cotidiano. As relações sociais entre os agentes que assistem as partidas de futebol, nos bares ou nos estádios, adquirem uma especificidade fundamentada na “liberalização” inerente ao período de carnaval.

Mas destacamos aqui um paradoxo: mesmo as práticas carnavalescas dos torcedores só se dão mediante uma “autorização social”, para aqueles momentos e lugares, e no qual todos os participantes se autorizam e conhecem as regras, mesmo que as regras signifiquem a sua própria inexistência formalizada.

Estes momentos de carnavalização entre os torcedores, em que a estrutura não é abolida, mas nos quais se pode brincar com ela, pode-se rir dela e da rigidez das posições e identidades que ela prega, são rupturas necessárias da vida cotidiana dos manauenses, vida esta que é altamente segregada e sobrecarregada de inúmeras lutas e sem muitas possibilidades de diversão.

O ato de torcer no futebol é um ato de paixão, emoção, doação, encontro, trocas e convívio social, que se desenvolve em um modo carnavalesco em encontros nos bares e estádios onde podem ter esse compartilhamento emocional limiar, visibilidade e identificações coletivas, por meio de suas práticas torcedoras.

Constatamos ainda que os elos de identificação entre torcida, time e jogadores são construídos segundo características peculiares, particulares e de caráter subjetivo e vão muito além de uma partida e que algumas vezes são interpretados superficialmente pela ciência, não levando em consideração os impactos sociais e socializantes dessa identificação e que a condição de torcedor abre a possibilidade de determinadas vivências, tipos de sociabilidades, formas de identificação e imagens simbólicas que transcendem aquelas do cotidiano.

É seguro afirmar que na atualidade vivemos um esplendor tecnológico e científico, nunca se soube tanto sobre tudo. Os paradigmas acadêmicos estão repletos de expressões exatas cheias de sentido e razão, mas vazias de sensações e sentimentos. É preciso, por um momento, investigar a função do riso e da brincadeira na vida social em geral, pois temos que admitir que em nosso cotidiano faltam aventuras pra viver e histórias pra contar, emoções e paixões para compartilhar e tão desprovidos e famintos estamos disso.

Talvez o futebol mate essa nossa fome, talvez não! Muito provavelmente depois do jogo o vazio e a fome voltem, mas inegavelmente enquanto o jogo se desenrola existe a possibilidade de sentir a sublime e incontrolável felicidade de gritar Gol!

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Ernest. **Fundamentals of Game Design**. New Riders: 2009
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da Prática Escolar**. 13.ed. Campinas/SP: Papirus, 2007
- AUGÉ, Marc. "**Lugares de deporte, lugares de rituales**" in BARREAU, J.J. e MORNE, J.J., *Epistemologia y Antropologia del deporte*, Madrid, Alianza Editorial. 1991
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 2008.
- _____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- _____. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARRETO, Túlio Velho; MORAIS, Jorge Ventura de. **Aprendizes de futebol recriam as regras do jogo**. Revista Coletiva, v. 1, p. 1-4, 2010.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1999. Original de 1966.
- BENTO, Jorge Olímpio. **Desporto e Humanismo**. *O campo do possível*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- _____. **Futebol: sonhos, paixões e cultura**. Ensaio. Revista USP • São Paulo • n. 99 • P. 11-30 • novembro de 2013.
- _____. **Pedagogia do desporto: Definições, conceitos e orientações**. In G. Tani, J. O. Bento, & R. Peterson (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 3-90). Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. 2006.
- BOOF, Leonardo. **O futebol como religião secular mundial**. Artigo publicado 18.06.2014. Blog do autor. Acesso em 23.05.2018
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Trad. Mariza Corrêa. 4ª ed. Campinas: Papirus, 2003.
- _____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1989.

_____. **Programa para uma sociologia do esporte.** In: BOURDIEU, P. Coisas ditas. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise M. Pegorin; e revisão técnica de Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220.

_____. **O habitus e o espaço dos estilos de vida.** In: BOURDIEU, Pierre. A Distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP: 162-211. 2004

_____. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **Esboço de auto-análise.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOWLBY, Edward J. M. *Tristeza e depressão.* Apego e Perda. Tradução: Vantensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1985, v. 3.

BYINGTON, C. **A riqueza simbólica do futebol.** Psicologia atual, v.5, n.25, p. 20-32, 1982.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens. A máscara e a vertigem.** Lisboa: Cotovia, 2001.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito.** São Paulo: Palas Athena, 1993

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. **Uma Geografia do Futebol Amador:** espaços de representação do futebol amazonense a partir do “peladão”. 2009. 366 pg. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná.

CAPEZ, F. **Violência no futebol.** In: São Paulo (Estado), Secretaria de Estado da Justiça e de Defesa da Cidadania. A violência no esporte. São Paulo, 1996.

_____. **Violência no futebol.** In: LERNER, J. (Org.). A violência no esporte. São Paulo: Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania/IMESP, 1996. p. 49-52.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAVES, Alexandre Marco Araújo. **Paixões e Cores da Torcida Baré.** Significados sociais do ato de torcer por uma equipe de futebol profissional em Manaus. 2013. 110 págs. Dissertação de Mestrado. Manaus: PPG Sociedade e Cultura na Amazônia.

CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. **A cidade do futebol:** etnografia sobre a prática futebolística na metrópole manauara. 2014. 209 pg. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

CHANLAT, Jean-François (Coord.). **O indivíduo na organização:** dimensões esquecidas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996. v. 1.

CLARCK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

- COLLINS, Randal (1992). **Sociological insight**. New York, Oxford University Press
- _____.(2004). **Interaction Ritual Chain**. New Jersey: Princeton University Press
- _____.(2009). **Quatro Tradições Sociológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes.
- CONDE, Alexandre Ferreira. **Aspectos da construção das novas relações sociais**. Taubaté: Vogal, 2005.
- COSTA, A. (1997). **À Volta do Estádio**. Porto: Campo das Letras Editores S. A.
- COSTA, André Lucirton. **A organização cordial** – Ensaio de cultura organizacional do Grêmio Gaviões da Fiel. (in.) RAE – Revista de Administração de Empresas. São Paulo. v. 35, n. 6. P.40-54. Novembro/Dezembro 1999.
- CRAPANZANO, Vicent. **Horizontes imaginativos e o aquém e o além**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2005. Acesso www.revistas.usp.br/ra/article/view em 02.12.2017.
- CUNHA, F. A (2006). **Torcidas no Futebol: Espetáculo ou Vandalismo?** São Paulo: Scortecci.
- DaMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- _____. Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In: DaMATTA, Roberto (org.). **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.
- _____. **Explorações: ensaio de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- _____. “**Antropologia do obvio**”. São Paulo: Revista USP, n. 22, p. 10-17, jun/jul/ago. 1994.
- _____. **Torre de Babel**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- _____. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher**. Rio Janeiro: Rocco, 1997.
- _____. **O Carnaval como um Rito de Passagem**. In: **Ensaio de Antropologia Estrutural**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. **Ensaio de antropologia estrutural**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- _____. 2006. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre o futebol**. Rio de Janeiro: Rocco.

_____. **“Uma antropologia da sociedade brasileira: entrevista com Roberto Damatta”**. Revista de sociologia e política: Curitiba, n.10 e 11, p. 195-211(entrevista concedida a Marcos Lanna e Pedro Rodolfo Bodê de Moraes)”. 1998 a.

_____. **“Vitória na Copa não terá dono”**. Jornal do Brasil: Rio de Janeiro, p. 14, 10 de Jun. 1998 b

_____. **“O que diz o Carnaval?”** : entrevista com Roberto Damatta. Revista Época: :Rio de Janeiro. Coluna Roberto Damatta. Em 10.02.2013

_____. **O esporte e o jogo como formadores de comportamentos sociais**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ESPORTE E SOCIEDADE, 2003, São Paulo. Ações socioculturais para a cidadania. Anais... São Paulo: SESC, 2003. Acesso em www.boletimef.org em 17/05/2018.

DAMASIO, A. **Em busca de Espinosa: Prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo, SP: Companhia das Letras. 2004

DAMO, Arlei Sander. **Do Dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderal & Rotschild Ed., Anpocs, 2007.

_____. **"Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro."** *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, FGV, v.13, n.23, 1998,

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: Educação Física e Futebol**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUNNING, E. **Football in Civiling Process**. In: Anais do V Encontro de história do Esporte, Lazer e Educação Física. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo, Paulus. 1996.

_____. **Educação e Sociologia**. Lisboa: Edições 70. 2008.

_____. **Sociologia e Ciências Sociais**. Trad. Inês D. Ferreira. São Paulo, DIFEL, 1978.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Tratado de história das religiões**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 1 v.

ELIAS, N., DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.

_____. **Os Alemães**: a luta pelo poder e evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

FALEIROS, Maria Izabel. **Repensando o lazer**. Perspectivas, São Paulo, v.3, p.51-65, 1980.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FIGUEIREDO, Aguinaldo Nascimento. **História Geral do Amazonas**. Manaus: 2001.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FOUCAULT, M. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978. p.363.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2011.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GALINDO, Wedna Cristina Marinho. **A construção da identidade profissional docente**.

GASTALDO, Édison (org.) (2004). **Erving Goffman – desbravador do cotidiano**. Porto Alegre, Tomo Editorial

_____. **“O país do futebol” midiaticizado**: mídia e copa do mundo no Brasil. Porto Alegre, **Sociologias**, 2009.

_____. **“O complô das torcidas”**: futebol e performance masculina em bares. Porto Alegre, Horizontes Antropológicos, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

GENNEP, Van A. **Os ritos de passagem**. 2 edições., Tradução Mariano Ferreira. Petrópolis :Vozes 2011.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer – Concepções**. In: _____. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos**: notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Tradução de Fábio Rodrigues R. da Silva. Petrópolis, Vozes. 2010.

- _____. *Manicômio, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. (2011). **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues R. da Silva. Petrópolis, Vozes
- HABERMA.S, Jurgen 1998 – **Teoria de la acción comunicativa**. Madrid, Taurus, Vol.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HARRIS, P. L. **Criança e emoção**: O desenvolvimento da compreensão psicológica. São Paulo, SP: Martins Fontes. 1996.
- HELAL, R. **Passes e Impasses**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HOLANDA, Bernardo Borges. **Futebol, Arte e Política**: a catarse e seus efeitos na representação do torcedor. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2009.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- Husserl, Edmund, 2001. **Meditações Cartesianas: introdução à fenomenologia**. São Paulo: Madras.
- JODELET, Denise. **Representações sociais**: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: UERJ. 2001
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000, 232p.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- Lazarus, R. S. (1991a). **Cognitive-motivational-relational theory of emotion**. *American Psychologist*, 8, 819-834.
- LEACH, Edmundo. **Cultura e comunicação**: a lógica pela qual os símbolos estão ligados; uma introdução ao uso da análise estruturalista em antropologia social. Tradução: Carlos Roberto Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. **Nascimento virgem**. Procedimento do Instituto Real Antropológico da Irlanda.p.39-49, 1966.
- LEFÉVRE, Fernando; LEFÉVRE, Ana Maria. **Depoimentos e Discursos**. Uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

_____. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Nacional, (2. ed.) 1997. Original de 1962.

MACHADO, Murilo d`Almeida. **O êxtase no futebol**: a comunicação ritual e suas experiências sensoriais. 2005. 289 págs. Tese de Doutorado. Campinas: Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas,

MAFFESOLI, M. **A sombra de Dionísio**. São Paulo: Zouk, 2005.

_____. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MALTA, Dâmaris Cristina de Araújo. **Angústia, fé e sentido da vida na pós-modernidade**. In: GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. *Eclipse da alma*. A depressão e seu tratamento sob o olhar da psicologia, da psiquiatria e do aconselhamento pastoral solidário. 2 ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996

MASCARENHAS, G. **Globalização e espetáculo**: o Brasil dos megaeventos esportivos. In: DEL PRIORE, Mary & MELO, Victor Andrade. (Org.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. 1 ed. São Paulo: UNESP, 2009, v. 1, p. 505-533.

_____. **Teoría de la acción comunicativa**. Madrid, Taurus, Vol.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MINICUCCI A. **Relações Humanas**: psicologia das relações interpessoais. 6. ed. São Paulo: Atlas. 2001

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo (2003). **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar**: Raça Rubro-Negra! Rio de Janeiro: Editora FGV

MORAIS, Jorge Ventura de; LEMOS, Glauber ; BARRETO, Túlio Velho. **“Ritual e Dramatização nas Interações Sociais de Jogadores de Futebol em Categorias de Base”**. Política & Trabalho (UFPB. Impresso), v. 33, p. 187-209, 2010.

MORRIS, Desmond. **A tribo do futebol**, s.l., Publicações Europa América, 1981

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *Attitudes and opinions*. Annual Review of Psychology, 14, p.231 – 260, 1963.

_____. **Representações Sociais**: investigação em psicologia social. Petrópolis: Vozes,

_____. **Lo social em tiempos de transición** / Diálogo com Serge Moscovici. Revista SIC (Caracas, Venezuela), 2000.

MURAD, Mauricio. **A violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2007

_____. **Dos pés à cabeça. Elementos básicos de Sociologia do Futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 92.

NETO, Virgílio Franceschi. **Emoção e Comportamento Corporal dos Espectadores de Futebol Durante o Jogo**. Lisboa. 2009. 97 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana.

NOGUEIRA, Claudio José Gomes. **Educação Física na Sala de Aula**. 3ª ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 2000.

NORMANDO, T. S. **Jogos de Bola, Projetos de Sociedade**. Por uma História Social do Futebol na Belle Époque Manaura. Dissertação de Mestrado. Manaus: PPG Sociedade e Cultura na Amazônia, 2007.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico**: como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez, 2004.

PANZERI, Dante – **Fútbol, dinámica de lo impensado**. Buenos Aires, 1967

PEDREIRA, A. **A hora e a vez da competência emocional. Levando inteligência as emoções**. 2. ed. Salvador: CASA DA QUALIDADE, 1997.

PEIRANO, Marisa. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

PEÑALBA, J. L. **Teoría y práctica de la educación en el tiempo libre**. Madrid, CCS, 1999.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Sociologia da juventude**: futebol, paixão, sonho, frustração, violência. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006.

_____. **Torcidas organizadas de futebol**: violência e autoafirmação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

RADCLIFFE BROWN A. R. 1973. **Estrutura e Função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Editora Vozes. (pp. 147-268).

REIS, Heloísa Helena Baldy dos (2006). **Futebol e violência**. Campinas, Armazém do Ipê (Autores Associados) / São Paulo: Fapesp. Paulo, Contexto.

_____. **Futebol e sociedade:** as manifestações da torcida. Campinas. 1998. 127f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

REZENDE, Cláudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das emoções.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como um outro.** Trad. Lucy Moreira César. Campinas: Papirus, 1991.

RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos.** Tradução: Guilherme João Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1996.

RODRIGUES, F. X. F. **O Fim do Passe e as Transferências de Jogadores Brasileiros em uma Época de Globalização.** Sociologias (UFRGS), v. 24, p. 338-380, 2010.

_____. CAETANO, S. M. COMÉRCIO INTERNACIONAL DE JOGADORES BRASILEIROS DE FUTEBOL. Tomo (UFS), v. 15, p. 167-190, 2009. SANTOS, Tarcyanie Cajueiro (2004). **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol.** São Paulo: Annablume.

RODRIGUES FILHO, Mário. **Histórias do Flamengo.** Rio de Janeiro: Gernasa, 1964.

ROLIM, Liz Cintra. **Educação e lazer, a aprendizagem permanente.** São Paulo: Ática, 1989.

SALLES, J.G.C. **Futebol:** Um lazer mágico da cultura brasileira. Motus Corporis, v. 5, n. 1, 1998.

SEABRA, Daniel. **Futebol como Ritual.** Revista ANTROPOLÓGICA n.2. Porto ISSN 0873-819X15-34. 1998. Acesso <https://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/view/976> 18.02.2018.

SANTOS, Sérgio Rodrigues. **Comentários ao Estatuto do Torcedor.** Belo Horizonte: Del Rey, 2008.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos.** Rio Janeiro: FGV, 2002.

SCHECHNER, Richard. **Performance Studies: An Introduction.** Routledge, 2011. Págs. 45-78. O que é performance? Tradução de R.L. Almeida, publicado sob licença *creativecommons*, classe. Abril de 2011. Do original em inglês SCHECHNER, Richard. Performance studies: an introduction, second edition. New York & London: Routledge, 2012. p. 28-51.

SIMÕES, A. C.; CONCEIÇÃO, P. F. M. **Gestos e expressões faciais de árbitro, atletas e torcedores em um estádio de futebol:** uma análise das imagens transmitidas pela televisão Revista brasileira de educação física e esporte, Rio de Janeiro, v.18, n°4, p.343-361, out. 2004.

SOARES, Artêmis de Araújo. SILVA, Almir Liberato da. NETO, José Cardoso. LIMA, Diagnóstico **Esporte e Lazer na Região Norte Brasileira**. Manaus: Edua, 2011

SOBRINHO, David Alma Cintra. **Do espetáculo ou público pagante?** Uma análise culturológica sobre as representações do torcedor de futebol na mídia esportiva impressa / Dissertação de Mestrado. Bauru: [s.n.], 2005. 234 f.

SOERENSEN, Claudiana. **O MEZ DA GRIPPE: A BABEL CARNAVALIZADA**. 2008. 133 pg. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Pós-Graduação em Letras, Faculdade Federal do Paraná.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara (2003). **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume

_____. **Torcidas jovens e novos movimentos de torcedores no Rio de Janeiro**. Paper apresentando no I Simpósio de Estudos sobre Futebol. Museu do Futebol: São Paulo, 2010.

TEIXEIRA, Joaquim de Souza. 2004 - **Ipseidade e alteridade. Uma leitura da obra de Paul Ricoeur**. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda.

TRIVINUS, A.N.S **Introdução a pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987

TODOROV, Tzevetan. **A vida em comum: Ensaio de antropologia geral**, São Paulo: Papirus, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique (1994). “**Transgressão e violência entre torcedores de futebol**” in Revista USP, n. 22, p. 92-101

_____. (1996). **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados, Anpocs.

_____. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Huicitec; Fapesp, 2000

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURTELLI, Sandra Regina. **Estudo da linguagem de um evento esportivo numa abordagem qualitativa**. Rio de Janeiro: Artium Editora, 2002

VARGAS LLOSA, MARIO 1996 "**O vazio prazer do futebol**" in Semanário lá, no 13, 13 de Junho.

VAZ, A.F. **Teoria crítica do esporte: origens, polêmicas, atualidades**. *Esporte e sociedade*: Rio de Janeiro. V.1, n.1, p.1-23, 2005.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. “**Um dilema**”. *Jornal do Brasil*, 30/11/1996.

VILHENA, Maria Ângela. *Ritos expressões e propriedades*. São Paulo: Paulinas, 2005.

VOGEL, Arno. “O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional” *In*: DAMATTA, Roberto (org.) **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.

WAGNER, W. (1998). **Sócio gênese e características das representações sociais**. In A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Eds.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 3-25). Goiânia, GO: AB.

WOODWARD, Katrin. Tomas Tadeu Silva: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ZAMITH, Carlos. **Baú Velho**. 2ª ed. Manaus: Ed. Valer, 2008.

ANEXOS

ANEXO I

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - ICHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA PPGSCA

CARNAVALIZAÇÃO NO FUTEBOL: “espaços e tempos de liberação social nas
manifestações das torcidas manauenses de futebol”.

Questionário torcedor de futebol Profissional

Doutorando: Alexandre Marco Araújo Chaves

1) **Nome:** **XX**

2) **Estado Civil:** _____ **Sexo:** _____ **Idade:** _____

3) **Bairro:** _____

4) **Time do Coração:** _____

5) **Renda Mensal:**

() Nenhuma Renda () Até 3 Salários Mínimos () Acima 3 Salários Mínimos

6) Nível de Escolaridade:

() Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Fundamental Completo

() Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo () Ensino Superior

Incompleto () Ensino Superior Completo () Especialista () Mestrado () Doutorado

7) Qual a importância do Futebol como fonte de divertimento e lazer na sua vida?

Sem importância () Importante () Muito importante () É a principal fonte de
 divertimento da sua vida ()

Gostaria de comentar sua resposta?

8) Aproximadamente, quanto tempo você gasta com o futebol semanalmente, seja assistindo partidas, programas esportivos, debatendo com amigos, entre outras coisas?

- () Até 1 Hora () 2 Horas () 3 Horas
 () 5 Horas () Mais de 5 Horas

Dê exemplos de como passa as horas gastas com o futebol durante a semana

9) Onde costuma assistir as partidas de Futebol do seu time de coração?

- 1 – Sozinho em casa () 2 – Em casa com familiares e amigos () 3 – Em bares confraternizando com amigos () 4- No Estádio ()

Gostaria de justificar a sua resposta acima mencionada?

10) Como você classificaria o futebol a partir da definição de Jogo?

- a) Um simples Jogo. ()
 b) Um jogo envolvente onde a sorte e o azar desempenham um fator determinante no resultado da partida. ()
 c) Um Jogo que envolve questões que vão além uma explicação meramente racional, contemplando situações sobrenaturais e divinas. ()
 d) Um Jogo que é jogado pelos atletas que estão em campo e por seus torcedores que desempenham um papel muito importante no resultado da partida ()

Justifique sua resposta por gentileza.

11) Que tipo de sentimento você tem por aqueles torcem pelo mesmo time que o seu?

- a) São meus amigos ()
 b) Pertencem a mesma Nação/Comunidade que eu. ()
 c) Apesar de não os conhecer sinto que somos ligados pelo fato de torçermos pela mesma equipe. ()
 d) Nenhum tipo de sentimento ou proximidade. ()

Gostaria de justificar sua resposta?

12) Você associa o futebol ao Carnaval?

1 – Sim () 2 – Não () 3 – Algumas vezes ()

13) Justifique sua resposta anterior ressaltando as possíveis semelhanças entre o Carnaval e o Futebol!

14) Durante uma partida de Futebol você se sente livre para se expressar da forma que deseja sem se importar com aquilo que as pessoas irão dizer?

1 – Sim ()

2 – Não ()

3 – Na maioria das vezes ()

Exemplifique alguns desses comportamentos!

15) O seu comportamento como torcedor pode ser comparado ao seu comportamento no período de Carnaval?

1 – Sim. () 2 – Não. () 3– Raramente. () 4 – Em alguns aspectos. () Em muitos aspectos. ()

16) Justifique a sua resposta anterior relatando quais seriam esses comportamentos comparáveis ao Carnaval.

17) Você se sente igual a todos os outros torcedores no momento de uma partida de futebol?

1 - Apenas daqueles que tem uma mesma situação econômica que eu. ()

2 – Apenas daqueles que tem a mesma religião que a minha. ()

3 – Apenas das pessoas que tem o mesmo sexo que eu. ()

4 – Apenas das pessoas que tem a mesma escolaridade que eu. ()

4 – Sou igual a todos no momento de torcer, independentemente da sua religião, situação econômica, escolaridade e sexo. ()

5 – Não sinto nenhuma proximidade, são indiferentes para mim. ()

Gostaria de justificar sua resposta?

18) E no momento do Gol como você se comporta?

1- Grita o mais alto que posso sem me importar com que as pessoas ao meu redor podem pensar. ()

2- Abraça a pessoa conhecida que estiver mais perto de você. ()

3- Abraça qualquer pessoa que estiver perto de você mesmo que não seja uma pessoa conhecida.

4- Dou saltos de alegria e sinto uma euforia indescritível. ()

5- Sinto uma emoção que não sinto em nenhum outro momento da minha vida ()

6- Apesar de ficar feliz não me sinto livre para expressar esse sentimento. ()

Gostaria de justificar sua resposta?

19) Você tem algum tipo de comportamento supersticioso quando está torcendo pelo time? () Sim () Não () Algumas Vezes

20) Quais são? Acredita que isso pode ter alguma influência no resultado da partida?

21) Você costuma presenciar cenas de violências nos locais onde assiste uma partida de Futebol?

() Sim. () Não. () Algumas vezes. () Muitas vezes.

Gostaria de fazer algum comentário a respeito dessas situações?

22) Comente sobre o que o futebol significa na sua vida?

ANEXO II

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - ICHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA PPGSCA
CARNAVALIZAÇÃO NO FUTEBOL: “espaços e tempos de liberação social nas
manifestações das torcidas manauenses de futebol”.
Roteiro de Entrevista torcedor de futebol Amador
Doutorando: Alexandre Marco Araújo Chaves

- 6) **Nome:** XXX
- 7) **Estado Civil:** _____ **Sexo:** _____ **Idade:** _____
- 8) **Bairro:** _____
- 9) **Time do Coração:** _____
- 10) **Renda Mensal:**
 Nenhuma Renda Até 3 Salários Mínimos Acima 3 Salários Mínimos
- 11) **Nível de Escolaridade:**
 Ensino Fundamental Incompleto Ensino Fundamental Completo
 Ensino Médio Incompleto Ensino Médio Completo Ensino Superior Incompleto Ensino Superior Completo Especialista Mestrado Doutorado
- 12) **Qual o time Amador de preferência?** _____
- 13) **Qual a importância do Futebol como fonte divertimento e lazer na sua vida?**
 Sem importância Importante Muito importante É a principal fonte de divertimento da sua vida
Justifique sua resposta!

- 14) **Aproximadamente, quanto tempo você gasta com o futebol semanalmente, seja assistindo partidas, programas esportivos, debatendo com amigos, entre outras coisas?**
 Até 1 Hora 2 Horas 3 Horas 5 Horas Mais de 5 Horas
Gostaria de comentar como passa essas horas gastas com o futebol?

15) **Você acompanha sempre o seu time no campeonato amazonense de peladas (Peladão)?**

- a) Não acompanho
- b) Sim, na maioria dos jogos ()
- c) Não, só quando as partidas ocorrem perto de onde moro ()
- d) Organizo-me para acompanhar as partidas em qualquer lugar que elas aconteçam. ()

16) **A sua escolha por esse time amador foi determinada por qual razão?**

- a) Faz parte do seu bairro ou comunidade ()
- b) É o time que representa um grupo de amigos ou o seu local de trabalho ()
- c) O time tem o nome e as cores da sua equipe de futebol profissional do coração ()
- d) Foi por influência de seus pais ou amigos. ()

17) **Como você classificaria o futebol a partir da definição de Jogo?**

- a) Um simples Jogo. ()
- b) Um jogo envolvente onde a sorte e o azar desempenham um fator determinante no resultado da partida. ()
- c) Um Jogo que envolve questões que vão além uma explicação meramente racional, contemplando situações sobrenaturais e divinas. ()
- d) Um Jogo que é jogado pelos atletas que estão em campo e por seus torcedores que desempenham um papel muito importante no resultado da partida ()

Justifique sua resposta!

18) **Que tipo de sentimento você tem por aqueles torcem pelo mesmo time que o seu?**

- e) São meus amigos ()
- f) Pertencem a mesma Nação/Comunidade que eu. ()
- g) Apesar de não os conhecer sinto que somos ligados pelo fato de torcemos pela mesma equipe. ()
- h) Nenhum tipo de sentimento ou proximidade. ()

Por Gentileza explique sua resposta!

19) **Você associa o futebol ao Carnaval?**

- a) Sim ()
- b) Não ()
- c) Algumas vezes ()

20) **Justifique sua resposta anterior ressaltando as possíveis semelhanças entre o Carnaval e o Futebol!**

21) **Durante uma partida de Futebol você se sente livre para se expressar da forma que deseja sem se importar com as outras pessoas vão dizer?**

- a) Sim ()
- b) Não ()
- c) Na maioria das vezes ()

Exemplifique alguns desses comportamentos!

22) **O seu comportamento como torcedor pode ser comparado ao seu comportamento no período de Carnaval?**

1 – Sim. () 2 – Não. () 3 – Raramente. () 4 – Em alguns aspectos. () Em muitos aspectos. ()

23) **Justifique a sua resposta anterior relatando quais seriam esses comportamentos comparáveis ao Carnaval.**

24) **Você se sente igual a todos os outros torcedores no momento de uma partida de futebol?**

- 1 - Apenas daqueles que tem uma mesma situação econômica que eu. ()
- 2 – Apenas daqueles que tem a mesma religião que a minha. ()
- 3 – Apenas daqueles que tem a mesma escolaridade que tenho. ()
- 4 – Apenas das pessoas que tem o mesmo sexo que eu. ()

5 – Sou igual a todos no momento de torcer, independentemente da sua religião, situação econômica, escolaridade e sexo. ()

6 – Não sinto nenhuma proximidade, são indiferentes para mim. ()

Gostaria de explicar essa sua resposta?

25) E no momento do Gol como você se comporta?

7- Grita o mais alto que posso sem me importar com que as pessoas ao meu redor podem pensar. ()

8- Abraça a pessoa conhecida que estiver mais perto de você. ()

9- Abraça qualquer pessoa que estiver perto de você mesmo que não seja uma pessoa conhecida.

10- Dou saltos de alegria e sinto uma euforia indescritível. ()

11- Sinto uma emoção intensa que não sinto em nenhum outro momento da minha vida ()

12- Apesar de ficar feliz não me sinto livre para expressar esse sentimento. ()

26) Você tem algum tipo de comportamento supersticioso quando está torcendo pelo time? () Sim () Não () Algumas Vezes

27) Quais são? Acredita que isso pode ter alguma influência no resultado da partida?

23) Você costuma presenciar cenas de violências nos locais onde assiste uma partida de Futebol?

() Sim. () Não. () Algumas vezes. () Muitas vezes.

Gostaria fazer algum comentário a respeito dessas situações?

24) Comente sobre o que o futebol significa na sua vida?

ANEXO III



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (UFAM)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS (ICHL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA (PPGSCA)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente temos a satisfação de convidar V. Senhoria para participar da Pesquisa **CARNAVALIZAÇÃO NO FUTEBOL: “espaços e tempos de liberação social nas manifestações das torcidas manauenses de futebol”** sob a responsabilidade do pesquisador Alexandre Marco Araújo Chaves, Doutorando do PPG SOCIEDADE E CULTURA DA AMAZONIA do ICHL- UFAM.

Nessa pesquisa pretendemos demonstrar formas de liberação carnavalizadas expressas nas manifestações culturais do torcedor manauense de futebol.

Sua participação na pesquisa será voluntária e ocorrerá por meio de questionário com perguntas fechadas e abertas e registro em audiovisual.

Não há riscos previsíveis decorrentes de sua participação na pesquisa, porém aqueles que ocasionalmente surgirem serão tratados e minimizados pelo pesquisador.

Ao aceitar participar da pesquisa, o (a) Sr (Sra.) estará contribuindo de forma decisiva para a compreensão das manifestações carnavalizadas dos torcedores manauenses do futebol amador e profissional e sua importância social na vida dos mesmos.

Mesmo depois de consentir em sua participação esclarecemos que o (a) Sr (a) tem o direito e a liberdade de desistir em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr. (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM), na Av. General Rodrigo Octávio Jordão

Ramos, 3000, Campus Universitário, Coroado I - Manaus/Amazonas, telefone (92) 3305-4580, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador deseja fazer e porque precisa da minha colaboração, tendo entendido todas as explicações. Por isso eu concordo em participar da pesquisa sabendo que não vou receber nada em troca e que posso desistir quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ___/___/___

Assinatura do Torcedor

Assinatura do Pesquisador Responsável